

PATRÍCIA CHITTONI RAMOS REUILLARD

**NEOLOGISMOS LACANIANOS
E EQUIVALÊNCIAS TRADUTÓRIAS**

PORTO ALEGRE

2007

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
ÁREA: ESTUDOS DA LINGUAGEM
ESPECIALIDADE: TEORIAS DO TEXTO E DO DISCURSO
Linha de Pesquisa: LEXICOGRAFIA E TERMINOLOGIA: RELAÇÕES
TEXTUAIS**

**NEOLOGISMOS LACANIANOS
E EQUIVALÊNCIAS TRADUTÓRIAS**

PATRÍCIA CHITTONI RAMOS REUILLARD

ORIENTADORA: PROFa. DRa. MARIA DA GRAÇA KRIEGER

Tese de Doutorado em Teorias do Texto e do Discurso, apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

**PORTO ALEGRE
2007**

Para Cecília, minha luz.

Agradecimentos

Agradeço

à Profa. Dra. Maria da Graça Krieger, por ter aceito a orientação deste trabalho e acreditado em minha capacidade de fazê-lo, por ter compreendido meus impasses e me ajudado a superá-los;

à Profa. Dra. Armelle Le Bars, por ter orientado meus estudos em Paris, por me ter recebido como uma amiga e acompanhado minha trajetória desde então;

ao Programa de Pós-Graduação em Letras da UFRGS e à Capes, pela bolsa de Doutorado-sanduíche;

aos membros do Cartel de Tradução da *Association Lacanienne Internationale* – Ângela Jesuíno, Luiz Alberto de Farias, Celina Garcia, Gilles Garcia, Maria Roneide Cardoso Gil e Otávio Nunes –, que me acolheram em seu grupo, compartilharam seu conhecimento e me proporcionaram sábados inesquecíveis de estudo e de *partage*;

à Denise Sainte Fare Garnot, pela gentil acolhida em Paris, a Charles Melman e Oussama Chérif pelo acesso ao conjunto de palavras dos *Seminários*, meu primeiro *corpus* de trabalho;

a Carolina Huang e Henrique Cano, que, numa demonstração de carinho e preocupação, coletaram e me ofereceram o *corpus* completo dos *Seminários*;

a todos os colegas e bolsistas do Projeto Termisul da UFRGS, que generosamente me substituíram e ajudaram em todos os momentos;

aos colegas do Setor de Francês da UFRGS, que autorizaram as licenças para Doutorado-sanduíche e para a conclusão da tese; um agradecimento especial à Profa. Elsa Maria Nietzsche Ortiz, que me substituiu nas atividades de estágio;

a Almuth Grésillon, que gentilmente me enviou sua obra, um marco na literatura sobre os neologismos;

às minhas queridas colegas de Doutorado, com quem compartilhei as alegrias e as angústias desse período de estudos; um carinho muito especial para Cristiane Kilian, minha “companheira de barco”;

às minhas amigas de todas as horas, Ana Maria Lisboa de Mello, Cleci Bevilacqua, Angélica Mello, Erica Schultz, Heloisa Monteiro Rosário, Marisa Magnus Smith, Sandra Dias Loguercio e Sonia Taborda;

à minha querida mãe, “fiel escudeira”, sempre presente na minha vida e, agora, também na de Cecília;

ao Pascal, pela compreensão, pelo companheirismo e pelo amor, que me alimenta.

Lutar com palavras
é a luta mais vã.
Entanto lutamos
mal rompe a manhã.
São muitas, eu pouco.
Algumas, tão fortes
como o javali.
Não me julgo louco.
Se o fosse, teria
poder de encantá-las.
Mas lúcido e frio,
apareço e tento
apanhar algumas
para meu sustento
num dia de vida.

O lutador, Carlos Drummond de Andrade.

RESUMO

O psicanalista francês Jacques Lacan desenvolveu, a partir de uma releitura de Freud, um aparato conceitual inovador e denso, em que se sobressaem uma sintaxe incomum e a abundante criação de neologismos. Essa produtividade neológica terá conseqüências sobre a tradução de sua obra, levantando problemas de difícil solução.

Em que pese a receptividade ao lacanismo na América Latina e sua importância, há, ainda hoje, enorme carência de reflexões teóricas sobre a neologia lacaniana e de material terminográfico que responda às necessidades dos profissionais que se confrontam com essa obra, sobretudo os psicanalistas e os tradutores.

O objetivo deste trabalho é, portanto, estudar a constituição dos neologismos lacanianos em língua francesa, com vistas a propor critérios para sua tradução para a língua portuguesa. Fundamenta-se nos estudos relativos à neologia (ALVES, 1994; BOULANGER, 1979), às modalidades tradutórias (AUBERT, 1998) e à neologia tradutória (HERMANS; VANSTEELANDT, 1999) Busca igualmente subsídios teóricos nos estudos voltados à psicanálise lacaniana (ALLOUCH, 1984; ARRIVÉ, 1999).

O *corpus* de trabalho é formado pelos 25 *Seminários* de Jacques Lacan, dos quais coletamos 300 neologismos. Com o aplicativo *WordSmith Tools* extraíram-se os contextos de cada neologismo, que forneceram dados para a análise de seus processos de formação. Os neologismos foram, então, classificados quanto a seus aspectos formais e analisados quanto a seus aspectos funcionais. A classificação formal compreende os processos de derivação, composição, empréstimos, decalques, palavras-valise, criações por associação, semânticos e lexicalização de nome próprio. A classificação funcional compreende as funções denominativa, estilística, analógica, de adequação, de terminologização e de destermnologização.

Concluída a etapa de classificação, analisamos as traduções dos neologismos dos *Seminários* publicados no Brasil, de acordo com essas classificações e com as modalidades de tradução, na busca de um padrão de critérios tradutórios. Por fim, baseando-nos nas análises feitas e na neologia tradutória, propomos princípios de equivalência para a tradução dos neologismos lacanianos em português.

Palavras-chave: neologismos lacanianos; neologia tradutória; equivalência.

RÉSUMÉ

Partant d'une relecture de l'œuvre de Freud, le psychanalyste français Jacques Lacan a développé un appareil conceptuel innovateur, dense et qui se distingue de par la syntaxe singulière et la création de très nombreux néologismes. Cette productivité néologique aura des conséquences sur la traduction de son œuvre, entraînant des problèmes difficiles à résoudre.

En dépit d'une bonne réceptivité du lacanisme en Amérique latine et de son importance, aujourd'hui encore les réflexions théoriques sur la néologie lacanienne font largement défaut, de même que des ouvrages terminologiques qui puissent répondre aux besoins des professionnels confrontés à l'œuvre de Lacan – en particulier les psychanalystes et les traducteurs.

L'objectif du présent travail est d'analyser la constitution des néologismes lacaniens en langue française, afin de proposer dans un second temps des critères pour leur traduction en langue portugaise. Il se base sur les travaux relatifs à la néologie (ALVES, 1994 ; BOULANGER, 1979), aux modalités de traduction (AUBERT, 1998) et à la néologie traductive (HERMANS ; VANSTEELANDT, 1999). D'autre part, il s'appuie sur les études portant sur la psychanalyse lacanienne (ALLOUCH, 1984 ; ARRIVÉ, 1999).

Le *corpus* de la recherche se compose des 25 *Séminaires* de Jacques Lacan, à partir desquels furent recueillis 300 néologismes. L'utilisation du logiciel *WordSmith Tools* a permis d'extraire les contextes de chaque néologisme, qui ont fourni des données pour l'analyse de leurs processus de formation. Il a ensuite été procédé à une classification de ces néologismes en fonction de leurs aspects formels et à une analyse de leurs aspects fonctionnels. La classification formelle comprend les processus de dérivation, de composition, les emprunts, les calques, les mots-valises, les créations par association, les néologismes sémantiques et la lexicalisation de noms propres. Quant à la classification fonctionnelle, elle englobe les fonctions dénominative, stylistique, analogique, d'adéquation, de terminologisation et de déterminologisation.

Sur la base de cette classification et des modalités de traduction, le travail analyse les traductions des néologismes des *Séminaires* publiés au Brésil, afin de voir si elles sont régies par des critères particuliers. Au vu des analyses et de la néologie traductive, des principes d'équivalence pour la traduction portugaise des néologismes lacaniens sont finalement proposés.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
1 A OBRA E A LINGUAGEM DE JACQUES LACAN.....	18
1.1 A obra.....	20
1.2 Os <i>Seminários</i>.....	21
1.3 O estilo.....	23
1.4 O significante lacaniano e os neologismos.....	31
2 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS DA NEOLOGIA.....	36
2.1 Neologia e neologismo.....	39
2.2 Classificação formal.....	53
2.2.1 <i>Derivação</i>	53
2.2.1.1 Derivação sufixal.....	53
2.2.1.2 Derivação prefixal.....	54
2.2.1.3 Derivação parassintética.....	54
2.2.2 <i>Palavra-valise</i>	55
2.2.3 <i>Composição</i>	55
2.2.4 <i>Criação por associação</i>	56
2.2.5 <i>Empréstimo</i>	57
2.2.5.1 Interno.....	57
2.2.5.2 Externo.....	57
2.2.6 <i>Decalque</i>	58
2.2.6.1 Lexical.....	58
2.2.6.2 Fonológico.....	58
2.2.7 <i>Semânticos</i>	59
2.2.8 <i>Lexicalização de nome próprio</i>	59
2.3 Classificação funcional.....	59
2.3.1 <i>Função denominativa</i>	62
2.3.2 <i>Função estilística</i>	62
2.3.3 <i>Função de adequação</i>	63
2.3.4 <i>Função analógica</i>	63
2.3.5 <i>Função de terminologização</i>	64
2.3.6 <i>Função de desterminologização</i>	64
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	65
3.1 Constituição e <i>corpus</i> de análise.....	65
3.2 Metodologia de análise.....	67
4 ANÁLISE DOS NEOLOGISMOS LACANIANOS.....	70
4.1 Derivação.....	70
4.1.1 <i>Sufixal</i>	71
4.1.2 <i>Prefixal</i>	102
4.1.3 <i>Parassintética</i>	108
4.2 Palavras-valise.....	110
4.2.1 <i>Apócope e aférese</i>	110
4.2.2 <i>Apócope simples</i>	118
4.2.3 <i>Aférese simples</i>	124

4.2.4 Síncope e apócope.....	126
4.2.5 Dévalisés.....	130
4.3 Composição.....	131
4.3.1 Subordinativa e coordenativa.....	132
4.3.2 Entre bases não-autônomas.....	141
4.4 Criação por associação.....	144
4.5 Empréstimo.....	154
4.5.1 Externo.....	155
4.5.2 Interno.....	157
4.6 Decalque.....	157
4.6.1 Lexical.....	158
4.6.2 Fonológico.....	159
4.7 Semânticos.....	160
4.8 Lexicalização de nome próprio.....	161
4.9 Neologismos dicionarizados.....	161
4.10 Formação anômala.....	164
4.11 Conclusões.....	164
5 A TRADUÇÃO DE NEOLOGISMOS.....	169
5.1 Modalidades de tradução: o modelo de Francis Henrik Aubert	170
5.2 Neologia tradutória	173
6 ANÁLISE DAS TRADUÇÕES DE NEOLOGISMOS	178
6.1 <i>O Seminário: livro 1: Os escritos técnicos de Freud (1953-1954)</i> . Tradução de Betty Milan, 1986	179
6.2 <i>O Seminário: livro 2: o eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise (1954-1955)</i> . Tradução de Marie Christine Laznik Penot com colaboração de Antonio Luiz Quinet de Andrade, 1985	180
6.3 <i>O Seminário: livro 3: As psicoses (1955-1956)</i> . Tradução de Aluísio Pereira de Menezes, 1985	180
6.4 <i>O Seminário: livro 4: A relação de objeto (1956-1957)</i> . Tradução de Dulce Duque Estrada, 1995	183
6.5 <i>O Seminário: livro 5: As formações do inconsciente (1957-1958)</i> . Tradução de Vera Ribeiro, 1999	183
6.6 <i>O Seminário: livro 7: A ética da psicanálise (1959-1960)</i> . Tradução de Antonio Quinet, 1988	185
6.7 <i>O Seminário: livro 8: A transferência (1960-1961)</i> . Tradução de Dulce Duque Estrada, 1992	186
6.8 <i>O Seminário: livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise</i> . Tradução de M.D. Magno, 1979	189
6.9 <i>O Seminário: livro 17: o avesso da psicanálise (1969-1970)</i> . Tradução de Ary Roitman; consultor, Antonio Quinet, 1992	190
6.10 <i>O Seminário: livro 20: mais, ainda</i> . Versão brasileira de M. D. Magno, 1985	192
6.11 Escritos. 1998	195
6.12 Outros Escritos. 2003	195
6.13 Neologia tradutória lacaniana: princípios	200
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	212
REFERÊNCIAS.....	217
ÍNDICE DE AUTORES CITADOS.....	228

INTRODUÇÃO

Nossa atividade profissional como tradutora de textos científicos de língua francesa proporcionou-nos, nos últimos vinte anos, um contato aprofundado com textos especializados de diversas áreas do conhecimento, sobretudo das Ciências Humanas e Sociais. Porém, aos poucos, nosso interesse direcionou-se para uma área mais específica, a psicanálise e, mais particularmente, a psicanálise de orientação lacaniana. De início, nossas traduções incidiam sobre publicações de autores que relembram a obra lacaniana com o intuito de retomar seu aparato conceitual e explicitá-lo; para tanto, serviam-se, muitas vezes, de excertos dessa obra para corroborar suas explicações. Posteriormente, deparamo-nos com a necessidade de traduzir textos produzidos pelo próprio Lacan, transcritos de seus *Seminários*.

Dois características dessa área chamaram-nos a atenção desde o início: por um lado, a natureza do discurso psicanalítico no qual, “diferentemente de outros discursos teóricos que estabelecem significações transparentes, o referente significado pela psicanálise é a própria linguagem do inconsciente, isto é, o não-dito, o *nonsense*” (tradução nossa) (LADMIRAL, 1994, p. 259). Por outro, tratando-se de uma linguagem de especialidade, o discurso lacaniano também apresenta especificidades no que diz respeito à presença de uma sintaxe diferenciada – que mimetiza, através de frases incompletas, de orações relativas incessantes, de jogos de palavras, entre outros, a linguagem do inconsciente –, de termos e de neologismos.

Esses traços peculiares do discurso lacaniano – sobretudo a abundância de neologismos – acarretam sérios problemas de tradução. De fato, entre o aparecimento de uma nova palavra ou termo e seu registro nos dicionários, nos glossários ou mesmo nos bancos de dados, há um lapso de tempo relativamente grande. No entanto, em que pese essa assincronia, o tradutor, sempre premido pelo tempo e pelas circunstâncias de sua atividade

profissional, é obrigado a oferecer na língua de chegada um equivalente para o neologismo da língua de partida.

Para fazer face aos problemas encontrados, esse profissional necessita, então, recorrer aos especialistas, pois estudos teóricos e obras terminográficas que contemplem o par de línguas francês e português são praticamente inexistentes nessa área.

Assim, buscando embasar nossos conhecimentos empíricos e otimizar nossa atuação no domínio da tradução especializada, valemo-nos dos estudos da terminologia – área que compila termos, analisa-os, descreve-os e produz material terminográfico a partir das reflexões desenvolvidas. Tais conhecimentos revelam-se essenciais para o tradutor que busca aperfeiçoar sua atividade tradutória e produzir um texto de chegada terminologicamente preciso, além de fiel ao conteúdo, adequado ao registro, correto gramaticalmente e coerente discursivamente.

Do aprofundamento desses conhecimentos, surgiu a idéia – que originou o projeto de tese – de produzir um glossário bilíngüe francês-português com todos os termos técnicos criados ou reaproveitados por Jacques Lacan a partir dos *Seminários* –, que pudesse ser útil aos dois principais profissionais que se deparam com a terminologia lacaniana: aqueles que estudam os processos mentais do ser humano (psicólogos, psicanalistas, psiquiatras, entre outros) e aqueles que lidam com a linguagem, sobretudo os tradutores. Intenção legítima quando se conhece a carência de obras terminográficas no Brasil.

No entanto, fomos levada a rever nossa meta inicial, sobretudo dada a inexistência, até o início da etapa de análise, de um *corpus* digitalizado dos *Seminários*¹, sem o qual seria impossível um tratamento informático e o uso de aplicativos de busca como *Wordsmith Tools*. A isto somava-se a impossibilidade de proceder ao escaneamento manual desse material. Embora

¹ A *Association Lacanienne Internationale* (ALI) procedeu à digitalização deste *corpus* e disponibiliza, hoje, um CD-Rom com todos os *Seminários*. Agradecemos à ALI, na pessoa da Dra. Anne Sainte-Phare Garnot, que nos possibilitou o acesso a esse material, e a Oussama Chérif Idrissi El Ganouni, que teve a gentileza de nos receber e prepará-lo.

tenhamos tido acesso a uma listagem em ordem alfabética de todas as palavras presentes nos *Seminários*, esse material revelou-se insuficiente para o estudo dos termos devido à ausência de contextos, sem os quais não poderíamos apreender o termo em toda sua complexidade.

Esse desvio obrigatório da meta inicial teve, entretanto, conseqüências positivas, pois levou a uma reflexão mais aprofundada sobre as dificuldades reais do leitor dos textos lacanianos. Debruçando-nos sobre essa questão, percebemos mais claramente a existência de dois grandes grupos de palavras no discurso laciano: um grupo de termos consagrados e um grupo de neologismos.

O primeiro grupo engloba todos os termos da psicanálise empregados por Jacques Lacan, desde aqueles cunhados por Freud até os que migraram de outras áreas do conhecimento. Podem-se citar, a título de exemplo, as noções de significante/significado e metáfora/metonímia, oriundas da Lingüística; forclusão, do Direito; toro e fita de Moebius, da Topologia; melancolia, da Psiquiatria; estrutura, do Estruturalismo, entre tantas outras. Lembremos que muitos desses termos incorporaram, na releitura laciana, um ou mais traços semânticos.

O segundo grupo, significativo em termos de quantidade e, à primeira vista, inusitado em um discurso científico, é formado por palavras novas criadas por Jacques Lacan. Diante desta peculiaridade lexical que integra a linguagem laciana e, baseada nas dificuldades que encontramos em nossa atividade tradutória profissional no que diz respeito a esse segundo conjunto de palavras, decidimos nos dedicar ao seu estudo. Ao mesmo tempo, levamos em consideração que tais neologismos ainda não receberam, por parte da comunidade lingüística ou psicanalítica, um tratamento sistematizado.

O objetivo desta tese é, portanto, o estudo aprofundado da constituição dos neologismos lacanianos em francês em seus aspectos formais com vistas a oferecer critérios de equivalência para sua tradução para o português.

Para a consecução desse objetivo, buscamos fundamento nos estudos mais relevantes relativos à neologia (GUILBERT, 1975; BOULANGER, 1979; ALVES, 1994, 1999, 2001, 2006), às modalidades tradutórias (AUBERT, 1998, BASTIANETTO, 2002) e à neologia tradutória (HERMANS; VANSTEELANDT, 1999). Voltamo-nos igualmente para as reflexões teóricas sobre a construção do discurso psicanalítico laciano (ALLOUCH, 1984; ARRIVÉ, 1999).

Esta pesquisa desenvolve-se a partir de dois *corpora* – a obra *789 Néologismes de Jacques Lacan* e uma versão digitalizada dos *25 Seminários de Jacques Lacan* –, nos quais é feita a coleta dos neologismos e seus contextos para a análise posterior de seus processos de formação. A metodologia de análise e a constituição dos *corpora* serão detalhadas no capítulo três.

A tese compreende seis capítulos e organiza-se como segue.

No primeiro capítulo, *A obra e a Linguagem de Jacques Lacan*, esboçamos um breve histórico da vida e da obra do psicanalista francês, detendo-nos, sobretudo, nos *Seminários* e em suas peculiaridades, enquanto obra oral construída a partir da releitura dos conceitos freudianos, com as dificuldades conseqüentes de transcrição e estabelecimento. Abordamos também questões que tangem ao estilo desse autor, como a sintaxe diferenciada e a criação abundante de neologismos, foco deste trabalho. Por essa razão, retomamos brevemente a noção de inconsciente, o conceito laciano de significante e a implicação dessa visão no processo de criação neológica.

No segundo capítulo, *Pressupostos Teóricos da Neologia*, traçamos, em primeiro lugar, um panorama dos estudos mais relevantes em neologia. À luz

desses estudos, propomos, em um segundo momento, uma grade de classificação formal e funcional para a análise dos neologismos lacanianos.

No terceiro capítulo, *Procedimentos Metodológicos*, explicitamos a constituição do *corpus* de trabalho, composto de um *corpus* inicial e de um *corpus* principal, e a metodologia de análise empregada, que compreende o levantamento dos neologismos e seus contextos, por meio de uma ferramenta informática de busca, e a análise dessas inovações lexicais.

No quarto capítulo, *Análise dos Neologismos Lacanianos*, os itens selecionados em francês – num total de 298 – são analisados a partir de seus contextos e classificados de acordo com a proposta estabelecida no segundo capítulo. Essa análise deverá propiciar a compreensão do processo de criação neológica em Jacques Lacan e fornecer os elementos suscetíveis de orientar, posteriormente, os princípios de tradução dessas inovações. Cabe justificar, aqui, por que tais contextos não são traduzidos para o português: traduzi-los significaria optar por uma solução, antes mesmo de concluídas as análises e considerações de ordem teórica e metodológica.

No quinto capítulo, *A Tradução de Neologismos*, retomamos a proposta de modalidades de tradução de Aubert (1998), sua aplicação específica para itens neológicos apresentada por Bastianetto (2002) e a neologia tradutória de Hermans; Vansteelandt (1999) para embasar nossas escolhas de tradução.

O sexto capítulo, *Análise das Traduções de Neologismos*, analisa, primeiramente, as traduções propostas para os neologismos presentes nos dez *Seminários* publicados em português e que também constem de nosso *corpus*. Essa análise tem o objetivo de averiguar se existem critérios consagrados de tratamento dos neologismos. Por fim, a partir das duas análises e das contribuições teóricas à questão dos neologismos e de sua tradução, fazemos uma proposta de princípios de uma neologia tradutória especificamente lacanianiana, que respeite as especificidades desse texto, mas que demonstre também coerência com a língua portuguesa e consideração pelo leitor.

Por fim, salientamos que este trabalho surgiu tão-somente de nossa necessidade, como tradutora, de compreender melhor o funcionamento dos textos com os quais trabalhamos, bem como de suas especificidades lexicais. Não temos, portanto, nem a pretensão, nem a intenção de aprofundar questões atinentes à Psicanálise; ao contrário, nela adentramos, buscando traçar um percurso de investigação capaz de proporcionar maior conhecimento da linguagem lacaniana.

1 A OBRA E A LINGUAGEM DE JACQUES LACAN

Bastam dez anos para que o que escrevo se torne claro para todos, como vi com minha tese onde, no entanto, meu estilo ainda não era cristalino. É, pois, um fato de experiência. Não obstante, não o estou remetendo para as calendas.

Lacan, *Televisão*

Jacques Lacan é considerado, hoje, o maior intérprete da doutrina freudiana, pois lhe deu “uma estrutura filosófica e a [retirou] de seu ancoramento biológico, sem com isso cair no espiritualismo” (ROUDINESCO, PLON, 1998, p. 445). Para tanto, promoveu um retorno aos textos de Freud e reinterpretou quase todos os conceitos freudianos, assim como os grandes casos, acrescentando ao *corpus* psicanalítico seu próprio aparato conceitual.

Seu ensino deu origem a uma nova corrente de pensamento, o lacanismo, na filiação direta do freudismo. Assim, Lacan dizia ser “freudiano”, cabendo a seus seguidores serem “lacanianos”, se assim o quisessem.

Cabe lembrar, contudo, que o lacanismo romperá com as instituições que representam o freudismo, particularmente com o lugar da legitimidade em psicanálise. A primeira crítica que impedirá a Sociedade Francesa de Psicanálise, por ele fundada, de se filiar à *International Psychoanalytical Association* (IPA), diz respeito à prática das sessões curtas. Nessa prática, teorizada sob o nome de “escansão”, a sessão é interrompida pelo psicanalista em um momento que ele julgar oportuno, para pontuar, destacar algo que tenha valor significativo. Para os adeptos ortodoxos do freudismo, essa prática contradiz a regra que interdita ao psicanalista qualquer ação em direção a seu analisante.

Lacan fez, inicialmente, estudos de medicina e se especializou em neurologia e psiquiatria, defendendo, em 1932, a tese *Da psicose paranóica em suas relações com a personalidade*, sobre um caso de erotomania e de paranóia de autopunição, que passou a ser conhecido como o caso Aimée. Segundo Vanier (2000, p. 29), foi por intermédio da psicose, com os estudos sobre o narcisismo, que Lacan entrou na psicanálise.

A esses estudos associou um interesse pelas Letras, pela Filosofia – estudou em profundidade Hegel e Heidegger e seguiu os *Seminários* de Alexandre Kojève e Alexandre Koyré² –, pela Matemática, Lógica, Arte, além de ter freqüentado os surrealistas.

Nos dez anos (de 1953 a 1963) em que realizou, duas vezes por mês, um seminário no Hospital Sainte Anne, comentou sistematicamente todos os grandes textos do *corpus* freudiano. Sobre isso, disse, quando da publicação dos Escritos: “Eu sou aquele que leu Freud” (tradução nossa), (VANIÉR, 1998, p. 12).

Naqueles anos, seu projeto era conferir cientificidade à Psicanálise. Para isso, apoiou-se essencialmente em duas referências: na Lingüística estrutural, tal como proposta por Ferdinand de Saussure, e nos trabalhos antropológicos de Claude Lévi-Strauss sobre as estruturas elementares do parentesco.

É o que confirma Chemama, Vandermersch (1998, p. 190):

É apoiando-se nas formulações da Lingüística de F. de Saussure e de R. de Jakobson que Lacan mostra que podem ser encontrados, nas leis que regem o inconsciente, os efeitos essenciais que se descobrem no nível da cadeia do discurso efetivo: o inconsciente é estruturado como uma linguagem, o que não significa como uma língua. (tradução nossa)

² Alexandre Koyré e Alexandre Kojève são filósofos franceses de origem russa. Koyré escreveu sobre História e Filosofia da Ciência, ensinou na *École pratique des hautes études*, em Paris, e foi colega de Alexandre Kojève. Este renovou o estudo de Hegel na França e ocupa um lugar singular na Filosofia francesa do século XX. Através dele, Hegel vai ser lido pelas elites francesas, graças aos cursos que dará de 1933 a 1939 na *École*, onde substituiu Alexandre Koyré.

1.1 A obra

Quando se fala na obra de Lacan, deve-se fazer uma distinção entre as obras que foram escritas – em geral a partir de conferências proferidas – e publicadas em vida pelo autor, e as obras que foram estabelecidas a partir de uma transcrição, ou seja, de textos produzidos a partir “[...] do que foi ouvido do que Lacan disse ou, mais precisamente, do que foi lido como tendo sido texto naquilo que foi ouvido”. (ARNOUX, 1984, p. 79) (tradução nossa).

Dentre as primeiras, encontram-se os *Escritos*³, considerados como seu opus magnum. Trata-se de 34 artigos reunidos pelo editor François Wahl e publicados em 1966. Segundo nos informa Roudinesco (1994, p. 324), a questão da publicação era problemática para Lacan, pois

esse homem genial manifestava uma espécie de terror à idéia de que sua obra pudesse escapar à interpretação que ele próprio queria lhe dar. Assim só aceitava ver o traço escrito de sua fala no círculo restrito das instituições e das revistas freudianas.

Assim foi até encontrar Wahl: paciente, ouvinte do *Seminário* e interlocutor intelectual, ele “reunia todas as qualidades para vencer as fobias de Lacan e fazê-lo parir sua grande obra escrita.” (ROUDINESCO, 1994, p. 326). A partir de 1965, Lacan e Wahl passam a trabalhar juntos para a publicação dos *Escritos*. O editor inventou uma pontuação para os textos e fez uma série de modificações – sempre com o consentimento de Lacan – para tornar o texto mais legível. O título foi escolhido por Lacan, para distinguir a obra escrita da obra falada dos *Seminários*.

Quanto aos *Seminários*, eles foram e continuam sendo motivo de controvérsia e, passados mais de vinte anos da morte de Lacan, ainda despertam vivas discussões. O principal motivo de divergência diz respeito ao

³ LACAN, Jacques. *Écrits*. Seuil: Paris, 1966. Em língua portuguesa, LACAN, Jacques. *Escritos*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

estabelecimento do texto a partir das transcrições disponíveis. Foi desses textos, muito contestados e cujas dificuldades repercutem na tradução, publicados pelas Éditions du Seuil, que partiu a tradução brasileira, publicada pela editora Zahar⁴.

Todavia, na verdade, as dificuldades de estabelecimento e de tradução da obra de Lacan começam bem antes de sua publicação. A questão da transcrição e a maneira como o próprio Lacan percebe e utiliza a linguagem vão ter incidências sobre o estabelecimento do texto, seja ele oficial ou “pirata”⁵. Para ajudar a compreender melhor esta problemática, traçaremos um breve histórico a fim de delimitar a origem dos problemas.

1.2 Os Seminários

De 1951 a 1980, Lacan ministrou vinte e cinco *Seminários* orais e um *Seminário* “silencioso”⁶, ao longo dos quais fez escola. Nos dois primeiros

⁴ Foram publicados no Brasil 10 *Seminários*: LACAN, Jacques. *O Seminário*: livro 1: Os escritos técnicos de Freud (1953-1954). Tradução de Betty Milan. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986; LACAN, Jacques. *O Seminário*: livro 2: O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise (1954-1955). Tradução de Marie Christine Laznik Penot com colaboração de Antonio Luiz Quinet de Andrade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985; LACAN, Jacques. *O Seminário*: livro 3: As psicoses (1955-1956). Tradução de Aluísio Pereira de Menezes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985; LACAN, Jacques. *O Seminário*: livro 4: A relação de objeto (1956-1957). Tradução de Dulce Duque Estrada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995; LACAN, Jacques. *O Seminário*: livro 5: As formações do inconsciente (1957-1958). Tradução de Vera Ribeiro; revisão de Marcus André Vieira. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999; LACAN, Jacques. *O Seminário*: livro 7: A ética da psicanálise (1959-1960). Tradução de Antonio Quinet. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988; LACAN, Jacques. *O Seminário*: livro 8: A transferência (1960-1961). Tradução de Dulce Duque Estrada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992; LACAN, Jacques. *O Seminário*: livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Tradução de M.D. Magno. Rio de Janeiro: Zahar, 1979; LACAN, Jacques. *O Seminário*: livro 17: o avesso da psicanálise (1969-1970). Tradução de Ary Roitman; consultor, Antonio Quinet. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992; LACAN, Jacques. *O Seminário*: livro 20: Mais, ainda / Jacques Lacan; texto estabelecido por Jacques-Alain Miller; versão brasileira de M. D. Magno. 2.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

⁵ Existem em circulação, tanto na França quanto no Brasil, inúmeras versões dos *Seminários* de Lacan feitas a partir de transcrições pessoais de seus ouvintes. Tendo em vista que os direitos sobre a obra de Lacan pertencem a seu genro, Jacques-Alain Miller, essas versões circulam apenas internamente, no âmbito das associações psicanalíticas, e não podem ser vendidas.

⁶ Na época do último *Seminário*, Lacan já não podia falar devido a distúrbios cerebrais e a uma afasia. Cf. ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. *Dicionário de psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

anos, este ensino dava-se no âmbito da Sociedade Psicanalítica de Paris (SPP). Posteriormente, inscrevia-se na Sociedade Francesa de Psicanálise (SFP), que ele fundara em 1953 com outros psicanalistas, e ocorria no Hospital Sainte Anne, de Paris, duas vezes por mês. Em 1964, ano da dissolução da SFP devido a divergências internas sobretudo quanto à prática psicanalítica, os *Seminários* se transferiram, então, para a *École Normale Supérieure*, onde passam a ser públicos. De 1969 até sua morte, em 1981, serão ministrados na Faculdade de Direito do Panthéon.

Para seus *Seminários*, Lacan não trazia textos preparados, apenas notas e esquemas que desenvolvia ao longo do ensino. Dos dois primeiros *Seminários* – *L’Homme aux Loups* (1951-1952) e *L’Homme aux Rats* (1952-1953) – não há nenhuma transcrição, apenas notas do próprio Lacan e de alguns de seus ouvintes. No ano de 1953, contrataram-se⁷ respectivamente estenógrafos e estenotipistas para a transcrição. A partir do *Seminário VI, Le désir et son interprétation* ou do *VIII, Le transfert*, começa-se a proceder a uma gravação magnética, mas é somente a partir de 1969 que se dispõe de gravações completas. Ao lado disso, há também as notas tomadas pelos participantes. Nos primeiros anos, circulavam, portanto, com o conhecimento de Lacan, várias versões dos *Seminários*, feitas a partir desse material gravado, das estenotipias e das notas dos ouvintes.

Em 1972, contudo, Lacan celebra um contrato que estipula que seu genro, Jacques-Alain Miller, passa a ser co-autor e responsável pelo estabelecimento e pela publicação dos *Seminários*. Tal contrato torna ilegais, a partir dessa data, todas as outras versões em circulação, o que leva as *Éditions du Seuil* a processar alguns dos detentores das outras versões que circularam, durante 25 anos, sem problemas legais e vendidas em livrarias e nos congressos da *École Freudienne de Paris* (ROUDINESCO, 1994, p. 415).

⁷ Ainda hoje, há divergências sobre quem teria contratado esses profissionais: alguns autores dizem que fora o próprio Lacan; para outros, foi a SFP.

Em 1980, pouco antes de sua morte, Lacan nomeia Miller o executor testamentário de sua obra publicada e não-publicada, sem, contudo, deixar instruções sobre sua apresentação.

A análise desse material, assim como de outros textos de Lacan transcritos de conferências ou entrevistas realizadas, revela dois tipos de problemas ligados à transcrição dessa enunciação. Em primeiro lugar, os decorrentes da própria situação de enunciação: qualidade das gravações magnéticas, fidelidade da estenotipia (seria isso realmente possível em se tratando de Lacan?), tomada de notas pelos ouvintes; em segundo lugar, as dificuldades relacionadas aos problemas desencadeados pela própria transcrição.

1.3 O estilo

Os *Seminários* de Jacques Lacan apresentam uma série de peculiaridades que tornam difícil sua caracterização. Se, por um lado, não se questionam seu rigor científico e aparato conceitual, por outro, sua linguagem complexa foge à apresentação habitual dos textos científicos em geral. De fato, ele mimetiza a linguagem do inconsciente, que se manifesta em e no significante.

Qualificando-se de “gongórico”, o próprio Lacan (2002, p. 61) afirma:

[...] tenho a impressão [...] de que a linguagem é verdadeiramente o que só pode avançar torcendo-se e enrolando-se, **contornando-se de uma maneira da qual não posso dizer que não dou aqui o exemplo.** (grifo nosso).

Ao descrever Lacan, Althusser (apud ROUDINESCO, PLON, 1998, p. 450) afirmou:

Tendo que ensinar a teoria do inconsciente a médicos, analistas ou analisados, Lacan lhes dá, na retórica de sua fala,

o equivalente mimético da linguagem do inconsciente, que é, como todos sabemos, em sua essência última, Witz, trocadilho, metáfora, bem ou mal sucedida: o equivalente da experiência vivida em sua prática, seja ela de analista ou de analisado.” (grifo nosso)

A característica mais marcante do texto lacaniano é a estrutura de suas frases, a qual quase sempre escapa à estrutura convencional de língua francesa e que faz com que o leigo – e, muitas vezes, até mesmo o iniciado – encontrem grandes dificuldades para entender o enunciado. O parágrafo a seguir, extraído do posfácio escrito por Lacan aos *Quatre Concepts Fondamentaux de la Psychanalyse*, ilustra bem seu estilo:

Bref qu'il pourrait y avoir profit pour ce qui est de faire consistant le discours analytique, à ce que je me fie à ce qu'on me relise. Le mettre à l'heure de ma venue à l'École normale n'étant là que prendre note de la fin de mon désert. (LACAN, 1973, p. 309-310).

Haroldo de Campos (1995, p. 179) que também se debruçou sobre a obra do psicanalista francês, afirma que Lacan é um “exímio manipulador da sintaxe francesa até seus extremos limites de diagramação frásica”. E é essa “manipulação” que causa estranheza e dificuldade de compreensão.

Durante a preparação dos Escritos, essa dificuldade encontrada pelo leitor de Lacan foi uma das preocupações do editor François Wahl, que tentou minimizá-la, sem sucesso. De acordo com Roudinesco (1994, p. 330): “Wahl quis às vezes pôr ordem nas subordinadas maneiristas e Lacan não cedeu – era seu estilo, sua sintaxe, sua coisa”.

Ainda segundo Roudinesco (1994, p. 374), foi a partir do *Seminário Le sinthome* (1975-76), dedicado ao comentário da vida e da obra *Finnegans Wake* de James Joyce, que

ele se pôs a escrever e a falar no estilo de *Finnegans Wake*. Era como se, após ter buscado nessa obra a fonte secreta da loucura humana, o próprio Lacan cedesse a um exercício languageiro da psicose [...]. Assim como Lacan sempre havia imitado, com sua fala, o discurso do inconsciente, assim também, a partir de 1975, ele se apodera da escrita joyciana a

ponto de dissolver seu ensino numa língua feita quase que exclusivamente de trocadilhos, alógrafos, palavras-valise e neologismos que não deixavam de lembrar os significantes fundamentais de sua doutrina e de sua história.

Arrivé (1999, p. 201) afirma que “o estilo de Lacan surpreende. Sempre surpreendeu” e retoma, a título de ilustração, os comentários feitos por Edouard Pichon em 1939:

[...] seria do interesse de todos os psicopatologistas que ele se livrasse de uma certa couraça em que seu espírito se aprisiona: couraça feita ao mesmo tempo de um jargão de seita e de um preciosismo pessoal. Suas obras não se adornam com isso.

assim como os comentários de Georges Mounin, em 1969, no artigo *Alguns traços do estilo de Jacques Lacan*:

Sua marca mais visível é que ele tem um escrito de cacoetes; e para a maioria dos leitores não pedantes, é um estilo irritante logo de início (ARRIVÉ, 1999, p. 203).

O próprio Arrivé (1999, p. 209) elenca alguns traços desse estilo, como o preciosismo e o “retorno obstinado da metáfora”. Porém não deixa de salientar que a linguagem concebida por Lacan não se confunde com a linguagem tal como a encaram os lingüistas:

O essencial da diferença está, em resumo, no fato de que a linguagem, ‘condição do inconsciente’, não é mais do que acessoriamente, para Lacan, instrumento de comunicação. Acessória e imperfeitamente.

Cabe salientar, no entanto, que nem todos os que se debruçam sobre a obra de Lacan concordam com a avaliação feita pela maioria de seus leitores. Chemama (1998, p. 224), afirma:

Seria necessário ainda dizer ao menos uma palavra sobre seu estilo, considerado obscuro. Um dia se perceberá que se trata de um estilo clássico de uma grande beleza, isto é, sem enfeites e regido pelo rigor: é este que é difícil apreender. (tradução nossa)

Outra marca do texto lacaniano que chama a atenção do leitor é a concomitância – que demandará posteriormente, no processo tradutório, uma atenção particular à adequação estilística – dos registros coloquial e culto, ilustrada pelo exemplo a seguir:

Ce n'est pas parce que nous nous trouvons devant un emploi d'Entfremdung qu'on trouve également dans Hegel que nous allons nous mettre, comme ça, à sauter à pieds joints et à dire que la signification que Freud implique dans ce terme d'Entfremdung est une signification hégélienne justement là. (LACAN, 1999, p. 400, *Objet de la psychanalyse*).

Nesse trecho, concomitantemente a uma discussão sobre um termo em alemão empregado por Freud e Hegel, verifica-se a ocorrência de uma estrutura que indica o emprego do registro coloquial: “...*nous allons nous mettre à sauter à pieds joints*”. Essa passagem mostra como Lacan joga com os registros disponíveis em sua língua. Além disso, sabe-se que ele dominava perfeitamente o alemão, tendo até mesmo traduzido alguns textos freudianos para o francês. Assim, partia do princípio de que seus ouvintes conheciam tanto quanto ele a obra do mestre no original e em profundidade. Isso o levava, inúmeras vezes, a inserir, em suas alocações, palavras, expressões ou frases alemãs, sem fornecer para elas nenhuma tradução. Referências a outras línguas – grego, latim, italiano – também são usuais nos *Seminários*.

É o que nos diz sobre o texto lacaniano Oseki-Depré (2004, p. 68), lingüista e tradutora:

Neste texto inteiramente “dialógico”, encontram-se, entre outras, sem falar dos diferentes registros, referências a saberes distintos (jurídicos, médicos, filosóficos), citações em língua estrangeira, uma língua repleta de imagens intraduzíveis, que busca no “isso fala” ou nos subentendidos culturais exemplos, ilustrações para sua fala, para os quais a nota do tradutor (a N.T.), “vergonha do tradutor”, é indispensável. (tradução nossa)

Outra característica da linguagem dos *Seminários* é a referência – sem que haja, muitas vezes, qualquer indicação – a nomes da literatura, das artes, das ciências, a obras científicas, literárias e plásticas de todas as épocas e

lugares. Saint-Drôme (1994, p. 166-169) lista, por exemplo, as oitenta e oito obras às quais Lacan faz referência apenas no *Seminário L'éthique de la psychanalyse*, algumas das quais podendo passar despercebidas para o ouvinte/leitor desavisado.

Há também, com bastante frequência, frases interrompidas e não retomadas, devido a uma mudança, de início temporária, de assunto, ou a interferências do auditório, que o levam a seguir outro caminho e não concluir a frase iniciada. Ao comentar, por exemplo, o *Seminário VI* de Lacan, Melman (2002, p. 205), afirma:

Este *Seminário* tem um estilo absolutamente sensacional, pois não se sabe nunca onde está o ponto final das frases, ele é feito de encaixes incessantes, de subordinadas que, sem parar, se desdobram, se completam, não se completam. Creio que não há, em Lacan, equivalentes para esse texto, e essa reticência em pôr um ponto no fim de suas frases está indiscutivelmente ligada, justamente, à suspensão, à colocação em suspensão do sentido tal como, vou esclarecer isso num instante, a topologia propõe. (tradução nossa).

Segundo Allouch (1984, p. 119), as diversas transcrições resolvem este problema de maneiras diferentes: algumas indicam com sinais tipográficos a interrupção [...], ao passo que outras ignoram o problema e propõem uma nova pontuação do texto.

Por essa razão, a pontuação se revela um dos principais problemas relacionados ao processo de transcrição dos *Seminários*. Com efeito, sendo um texto oral, caberá ao ouvinte/transcritor pontuar o texto que transcreve. O próprio Miller (apud LACAN, 1973, p. 308), afirma, na advertência à transcrição do primeiro *Seminário* por ele estabelecido – *Les quatre concepts fondamentaux de la psychanalyse* –, que “O mais escabroso é inventar uma pontuação, já que toda escansão – vírgula, ponto, travessão, parágrafo – decide o sentido”, pois, para pontuar, é preciso interpretar (tradução nossa).

Outro problema enfrentado pelos ouvintes dos *Seminários* diz respeito à impossibilidade de ouvir perfeitamente, algumas vezes, a palavra, expressão

ou frase pronunciada, devido a um ruído externo, a uma má pronúncia ou uma má articulação. Em outras situações, a dificuldade tange a um desconhecimento ou engano daquele que transcreve. Assim, por exemplo, ao comentar o texto *Alice no País do Espelho*, de Lewis Carroll, Lacan faz referência ao personagem Humpty-Dumpty. A estenotipista encarregada da transcrição escreve em sua máquina *un petit d'un petit* [um pequeno de um pequeno], o que leva a outra interpretação. Isso se deve ao fato de que, na língua francesa, as palavras estrangeiras são geralmente pronunciadas de acordo com as normas fonéticas dessa língua; isso explica como esse nome próprio de origem inglesa pôde ser confundido com uma locução em língua francesa. Assim, apenas o ouvinte familiarizado com o assunto que está sendo desenvolvido consegue resgatar a que se refere Lacan. Arnoux (1984) cita também outros exemplos, que dão a medida de alguns dos problemas criados pela transcrição: a sigla R.S.I., que se refere a *Réel, Symbolique e Imaginaire* [Real, Simbólico e Imaginário], transcrita como *des récits* [narrativas]; ou *petit tas* [pequeno monte] por *petit a* [pequeno a].

Em que pesem todos os documentos escritos e sonoros dos *Seminários*, o trabalho de estabelecimento do texto revela a grande dificuldade em transcrever o que Lacan dissera, visto que era grande a variação das versões de um mesmo *Seminário*, ou seja, cada participante ouvia de maneira distinta o que era dito. A transcrição é, pois, o resultado dessas diferentes audições/interpretações. Em outras palavras, os *Seminários* transcritos de Lacan não são necessariamente o que ele disse. De fato, cada um que teve a tarefa de transcrever fez, sem saber, ou sabendo, escolhas. Cada um seguiu sua inclinação e colocou algo de si, descartando as outras escolhas possíveis e ignorando "... sua parcela de criação no mal-entendido." (tradução nossa) (ARNOUX, 1984: 80). E essa transcrição "[...] testemunhará, e valerá, no futuro, pelo original, que não existe" (MILLER apud LACAN, 1973, id.).

Assim, embora muitas vezes, uma frase ou expressão não faça sentido, os transcritores do texto insistirão na necessidade de manter aquele significante que lhes parece ter sido pronunciado pelo mestre, influenciados que estão por essa sintaxe diferenciada e por esse "delírio do significante".

Na biografia que consagrou a Jacques Lacan, Elisabeth Roudinesco reproduz uma declaração de Houada Aumont, que mostra claramente a prevalência do significante lacaniano:

Havia um verdadeiro delírio em torno do significante, uma espécie de ‘beatificação’ do significante. Comia-se Lacan, ele estava em nós, e se íamos, por exemplo, ao campo [à la campagne], não podíamos nos impedir de evocar ‘Lacanpagne’!⁸.

Será precisamente a importância que ele também atribui ao significante que fará com que Lacan recorra, a todo momento, aos processos de criação lexical de sua língua para sustentar o novo aparato teórico. Embora a maioria dos neologismos criados se limite a uma única ocorrência, sua profusão e inventividade deixam uma marca indelével no discurso psicanalítico.

Uma das razões para explicar essa abundância neológica é fornecida por Alves (2003). Em estudo dedicado à neologia e à língua falada, esta autora diz⁹ que, embora os processos de inovação neológica empregados na língua falada pareçam corresponder àqueles empregados na modalidade escrita da língua, a neologia, na língua falada, caracteriza-se por uma tendência à espontaneidade:

Desse modo, o falante, de maneira geralmente inconsciente, vai associando radicais a afixos, compondo novas unidades lexicais a partir de outras já empregadas e atribuindo novos sentidos a unidades já integradas ao acervo lexical de uma língua. Essa espontaneidade não impede, no entanto, que o falante interprete suas eventuais criações e, sobre elas, teça comentários.

Sablayrolles (2000, p. 197-199) denomina essa reação do falante em relação às suas produções neológicas de auto-interpretação e afirma que ela pode variar e depender da qualidade e do número dos interpretantes, reais ou

⁸ ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. *Jacques Lacan*. esboço de uma vida, história de um sistema de pensamento. São Paulo: Companhia das Letras, 1994. p. 394.

⁹ No artigo em questão, a autora salienta, contudo, que o *corpus* oral restrito de que dispõe no momento não lhe permite estabelecer generalizações sobre a neologia falada, mas apontar tendências.

imaginários, e até de sua ausência. A presença de um interpretante vai desempenhar, então, um importante papel na elocução do locutor e na interpretação que ele constrói de sua própria elocução. Essa operação adquirirá uma importância particular no caso da criação neológica e deixará vestígios: no primeiro caso, o locutor percebe ter proferido uma palavra estranha, interrompe sua fala momentaneamente e se interroga sobre ela; no segundo caso, o locutor se interroga em voz alta, retifica sua palavra, substitui-a por outra, decidindo, por fim, explicá-la; no terceiro caso, o locutor antecipa as reações ou condenações de seus interpretantes e “pede indulgência (ou a impõe com um belo imperativo): ‘perdoem-me a palavra’.

Lacan parece encaixar-se perfeitamente nesse tipo de reação, pois quase sempre acompanha suas criações neológicas, seja de uma indicação:

[...] il faudra, pour laisser à Jakobson son domaine réservé, forger quelque autre mot. J'appellerai cela la linguisterie. (Seminário Encore) (grifo nosso)

Seja de uma “desculpa”:

En effet, on peut s'apercevoir, dans les marges de la fonction proverbiale, que la signifiance est quelque chose qui s'éventaille, si vous me permettez ce terme, du proverbe à la locution. (Seminário Encore) (grifo nosso)

Pour tout être parlant, la cause de son désir est strictement, quant à la structure, équivalente, si je puis dire, à sa pliure, c'est-à-dire à ce que j'ai appelé sa division de sujet. (Seminário Encore) (grifo nosso)

Ou de uma explicação:

*J'ai annoncé sur l'affiche LE **SINTHOME**. C'est une façon ancienne d'écrire ce qui a été, ultérieurement, écrit 'symptôme'. [...] La faute dont c'est l'avantage de mon **sinthome** de commencer par là. Sin, en anglais, veut dire ça, le péché, la première faute. (Seminário Le Sinthome, Lição 18/11/1975) (grifo nosso).*

1.4 O significante lacaniano e os neologismos

A Psicanálise constitui-se a partir da pressuposição da existência do inconsciente, cuja condição é a linguagem. É porque o ser humano é um ser falante que pode haver um pensamento inconsciente, e é a estrutura de linguagem que permite dar conta da organização desse inconsciente (CHEMAMA, 1998, p. 225).

O método psicanalítico desenvolvido por Freud se interessa particularmente pelas formações do inconsciente – irrupções involuntárias no discurso, de acordo com processos lógicos e internos à linguagem, que permitem demarcar o desejo –, onde conflitos latentes se encontram representados. Tais conflitos são regulados por encadeamentos de linguagem: o lapso, o esquecimento, o ato falho, o chiste e o sonho (CHEMAMA, 1998, p. 396).

O inconsciente se diz sem que prestemos atenção na maioria das vezes. E ele o faz principalmente no nível do ‘duplo sentido’ das palavras, ou melhor, no nível da polissemia dos significantes. (CHEMAMA, 1998, p. 225)

A Psicanálise dá, portanto, atenção especial ao papel da palavra, reexaminando a linguagem e seus elementos formais constitutivos, os significantes.

Ao propor uma releitura do texto freudiano, Lacan vai sistematizar essa problemática à luz da lingüística saussuriana, de onde extrai o conceito de significante, e das formulações antropológicas de Lévi-Strauss, a partir da noção de estrutura.

Sobre isso, Nasio (1992, p. 72) afirma que o aforismo lacaniano – o inconsciente é estruturado como uma linguagem – nasceu sob a influência da lingüística estrutural: como a linguagem respondia muito bem aos critérios que regem uma estrutura, ela se tornou o arquétipo de toda estrutura.

Essa referência à obra saussuriana é explicitada em “A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud” (Escritos, p. 500):

Para marcar o surgimento da disciplina lingüística, diremos que ela se sustenta, como acontece com toda ciência no sentido moderno, no momento constitutivo de um algoritmo que a funda. Esse algoritmo é o seguinte:

$$\frac{S}{s}$$

onde se lê significante sobre significado, correspondendo o “sobre” à barra que separa as duas etapas.

O signo assim redigido merece ser atribuído a Ferdinand de Saussure [...]. Eis por que é legítimo lhe rendermos homenagem pela formalização S/s em que se caracteriza, na diversidade das escolas, a etapa moderna da lingüística.

A temática dessa ciência, por conseguinte, está efetivamente presa à posição primordial do significante e do significado, como ordens distintas e inicialmente separadas por uma barreira resistente à significação.

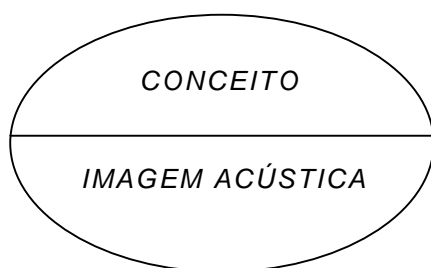
Eis o que tornará possível um estudo exato das ligações próprias do significante e da amplitude da função destas na gênese do significado.

Roudinesco (1998), informa-nos que essa leitura do inconsciente freudiano será complementada por aquela do artigo *Dois aspectos da linguagem e dois tipos de afasia* de Roman Jakobson, que destaca a estrutura bipolar da linguagem, graças à atividade de seleção e de contigüidade das unidades da língua. A partir daí, Lacan desenvolverá os conceitos de metáfora e metonímia.

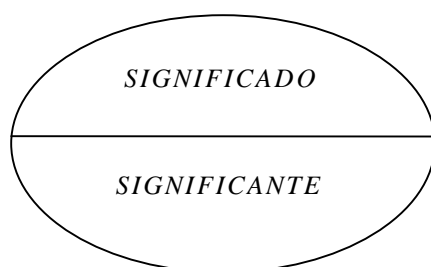
Cléro (2002, p. 6) salienta que, além da inventividade sintática de Lacan, sua originalidade se manifesta melhor “na marca que ele impõe, sob a máscara da ‘leitura’, a várias noções já existentes, sejam essencialmente filosóficas ou compartilhadas pela filosofia e psiquiatria”.

Retomemos brevemente o que afirma Saussure (1995, p. 80). Segundo ele, o signo lingüístico é uma unidade que associa um significado, ou conceito, a um significante, imagem acústica:

O signo lingüístico une não uma coisa e uma palavra, mas um conceito e uma imagem acústica. [...] é, pois, uma entidade psíquica de duas faces, que pode ser representada pela figura:



O autor salienta que, embora chame de signo a combinação do conceito e da imagem acústica, o termo signo geralmente se refere apenas à imagem acústica. Assim, para evitar a ambigüidade, Saussure propõe que se mantenha o termo signo para designar o total, e se substitua “conceito e imagem acústica respectivamente por significado e significante” (SAUSSURE, p. 81).



Lacan vai desfazer essa unidade, suprimindo a elipse e invertendo a posição do significante e do significado. Vai igualmente insistir sobre a barra que os separa e reescrever a fórmula:

SIGNIFICANTE

SIGNIFICADO

Ao modificar, assim, o conceito saussuriano de significante, Lacan acentua sua autonomia. O significante, no sentido psicanalítico, é separado do referente mas definível além de qualquer articulação com o significado. O que

o algoritmo lacaniano permite escrever é a existência de uma barra que afeta o sujeito humano devido à existência da linguagem e que faz com que, falando, ele não saiba o que diz. A própria possibilidade do inconsciente é condicionada pelo fato de que um significante pode insistir no discurso de um sujeito, sem estar associado à significação. Também o sintoma diz algo de uma maneira indireta e pode ser considerado o significante de um significado inaccessível para o sujeito (CHEMAMA, 1998, p. 396-397).

Sendo concebido como autônomo em relação à significação, o significante pode assumir uma função diferente daquela de significar: a de representar o sujeito e determiná-lo. Assim, segundo Lacan, “um significante é o que representa o sujeito para um outro significante”.

Nasio (1992, p. 21-22) explica que um lapso, um sonho, o relato de um sonho, um sintoma, um gesto, um som, até mesmo um silêncio são manifestações que podem ser qualificadas como acontecimentos significantes desde que respondam a três critérios: o significante é sempre a expressão involuntária de um ser falante, isto é, não há intencionalidade nem saber consciente; um significante é desprovido de sentido; o significante é um entre outros significantes com os quais se articula.

É o que também afirma Saint-Drôme (1994, p. 184) quando diz:

não devemos deter-nos no significado enviado sob a barra, mas devemos encorajar o significante a fazer a cadeia, de acordo com o seguinte princípio: um significante remete sempre a outro significante. (tradução nossa).

Essa prevalência dada ao significante, aliada a todas as demais características do texto lacaniano – o estilo “gongórico”, a extrema “manipulação sintática”, a concomitância de variados registros de língua, as inúmeras referências literárias e culturais, o empréstimo de conceitos de áreas distintas, as frases inconclusas, as inflexões, a pontuação duvidosa, posto que sujeita à interpretação de seus ouvintes, o “delírio do significante”, a abundância neológica –, acarreta grandes dificuldades para o

“estabelecimento” do texto na própria língua francesa, haja vista a variedade de versões dos *Seminários* e a inexistência, até nossos dias, de consenso em relação a inúmeros conceitos e termos. Essas dificuldades se acentuarão na tradução, que enfrentará, além do mais, outros tipos de problemas. Por exemplo, que solução dar a essa sintaxe ímpar ou a cada um dos neologismos criados, mimeses do inconsciente?

Sem ignorar todas essas questões, optamos, neste trabalho, por tentar compreender a dinâmica de criação dos neologismos lacanianos, porque consideramos os neologismos deste autor uma das maiores dificuldades com que pode deparar-se um tradutor dessa área.

2 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS DA NEOLOGIA

Cette forme spéciale de discordance avec le langage commun qui s'appelle néologisme.

Lacan, *Les Psychoses*.

O léxico de uma língua, independentemente dos lugares e das épocas, está sempre em movimento: ora busca palavras em outras línguas, ora as busca no acervo lexical da própria língua e lhes empresta novos sentidos, ora cria novas palavras, ora descarta outras, caídas em desuso. Essa capacidade de renovação contínua revela a competência lexical dos falantes nativos, isto é, o conhecimento de uma lista de entradas lexicais, da estrutura interna dos itens lexicais e de suas inter-relações bem como a capacidade de formação de entradas lexicais gramaticais novas (BASÍLIO, 1980, p. 9). Ela revela igualmente a vitalidade de um idioma, que busca novos recursos lingüísticos para dar conta de seu desenvolvimento técnico e científico e, ainda, para aprimorar a comunicação da comunidade lingüística consigo mesma e com as outras comunidades.

Na língua geral, basta abrir jornais e revistas para confirmar, diariamente, o vigor desse processo: na revista *Veja* de 7 de fevereiro de 2007¹⁰, por exemplo, encontramos um neologismo que vem sendo empregado nos meios políticos quando não se deseja nomear explicitamente alguém a quem se faz referência, em geral negativa. Roberto Abdenur, ex-embaixador brasileiro nos Estados Unidos, quando questionado sobre suas relações com o ministro Celso Amorim, responde: “Não quero *fulanizar* essa discussão”. O leitor brasileiro, já familiarizado com a palavra *fulano*, que indica um sujeito indeterminado, sem importância, não terá dificuldade em resgatar o sentido desse novo item lexical.

¹⁰ Revista VEJA, 7 fev. 2007, páginas amarelas.

Nas áreas técnicas e tecnológicas mais produtivas, a criação lexical é imperativa e contínua. Os especialistas e os terminólogos, no intuito de acompanhar e difundir o conhecimento, tomam palavras de outras línguas, recorrem ao próprio acervo e atribuem novo significado a palavras em desuso, criam outras, fazendo uso dos recursos disponíveis.

Esse processo de renovação das palavras sempre interessou aos estudiosos. Alves (2001, p. 54) cita, entre outros, o exemplo do gramático português Duarte Nunes de Leão que, já em 1606, referia-se às inovações vocabulares voluntárias. Também Assis Rocha (1998, p. 24), em obra sobre as estruturas morfológicas da língua portuguesa, afirma que esta preocupação em descrever e classificar o componente morfológico das línguas vem desde a Antiguidade, com a gramática descritivista greco-latina. Salienta igualmente que qualquer gramática de língua portuguesa dedica “um capítulo especial ao estudo da morfologia”

No entanto, os estudos sobre o processo de criação e de renovação lexical só se desenvolveram com maior vigor a partir da segunda metade do século XX. Para os estudiosos da neologia, contudo, essa área do conhecimento é ainda negligenciada e, em 2000, um teórico como Gaudin (apud MEJRI; SABLAYROLLES, 2007) lamentava a ausência de uma reflexão atual sobre esse fenômeno.

Essa opinião é compartilhada por Boulanger (2003), ao afirmar que a década de 1990 não foi muito fecunda em matéria de produção de livros, artigos ou comunicações sobre a neologia, salientando ainda que poucos encontros científicos especificamente consagrados a esse tema foram organizados.

Apesar disso, conforme afirmam Sablayrolles; Mejri (2007), tanto na Europa quanto na América do Sul, existem equipes refletindo sobre o fato neológico, coletando neologismos e analisando-os, embora de pontos de vista

variados¹¹. Todavia, segundo esses estudiosos, nem sempre esses trabalhos são bem difundidos na comunidade lingüística.

Em que pese essa dificuldade de difusão e de compartilhamento das pesquisas empreendidas, um grande número de teóricos já se debruçou e continua se debruçando sobre a neologia a fim de deslindar todos seus processos.

Para melhor situar o fenômeno neológico, traçaremos um panorama das pesquisas mais relevantes neste sentido, sem pretender à exaustividade. Salientamos, no entanto, que não se trata aqui de apresentar a neologia de acordo com as diferentes teorias lingüísticas, mas apenas de rever os posicionamentos teóricos e metodológicos que consideramos mais relevantes.

Algumas das definições aqui apresentadas serão retomadas e aprofundadas no próximo capítulo, acompanhando e exemplificando os neologismos analisados.

2.1 Neologia e neologismo

Na obra de referência que consagra à criatividade lexical em língua francesa, Guilbert (1975, p. 31) define a neologia como a “possibilidade de

¹¹ Importa citar o projeto de investigação NEOROM, no âmbito da Rede Panlatina de Terminologia (REALITER), que se propõe a analisar contrastivamente a neologia nas línguas românicas. Esse projeto criou, a partir de uma proposta de Maria Teresa Cabré, uma rede de bancos de dados neológicos, formada pelos grupos: Observatori de Neología del Institut Universitari de Lingüística Aplicada da Universidade Pompeu Fabra (OBNEO), que estuda o catalão e o espanhol; Observatorio de Neoloxia da Universidade de Vigo, galego; Osservatorio neologico della lingua italiana (ONLI) do Instituto per il lessico intellettuale europeo e storia delle idee (ILIESI-CNR) da Universidade La Sapienza de Roma, italiano; NEOFRAN, Observatoire de Néologie du français de France, da Universidade Paris VII-Jussieu de Paris, para o francês; Observatório de neologismos do português contemporâneo do Brasil, da Universidade de São Paulo, português, variante brasileira; Observatório de Neologia do Português (ONP), do Instituto de Lingüística Teórica e Computacional (ILTEC) de Lisboa; Observatoire de Néologie du français du Québec, da Universidade Laval e Office Québécois de la Langue Française; Observatoire de Néologie du français de Belgique, do Instituto Marie Haps de Bruselas; ONEROM, Observatorul neologic român, do Institutul de Lingvistică “Iorgu Iordan – Al. Rosetti” din Bucuresti al Academiei Române cf. CABRÉ, 2006, p 245-246. ALVES, 2006, p. 131 lembra que, no início da década de 60, Bernard Quemada criou, em Besançon, o primeiro observatório de análise da neologia lexical.

criação de novas unidades lexicais, em virtude das regras de produção incluídas no sistema lexical”, presente tanto na língua geral quanto nas línguas de especialidade. Esse autor salienta, porém, que a essência da neologia é diferente no léxico geral e nos vocabulários científicos e técnicos: no léxico geral, ela seria potencial e o lugar natural da criação lexical em seu aspecto morfológico, dependendo das regras do sistema da língua e da imaginação criativa dos leitores, ao passo que nos vocabulários especializados “estaria estritamente ligada à realidade expressa” e culminaria em uma “soma finita e exaustiva de denominações” (GUILBERT, 1973, p. 8).

Guilbert (1975, p. 40) distingue três tipos de criação lexical: neologia denominativa, neologia estilística e neologia de língua. Segundo ele, a neologia denominativa tange à necessidade de nomear um objeto, um novo conceito e visa à exata adequação do nome ao objeto ou conceito, buscando evitar qualquer ambigüidade na designação. Chama esse neologismo de ‘denominação’ ou de ‘neologismo de coisa’.

Já a neologia estilística funda-se na busca da expressividade da palavra em si mesma ou da frase pela palavra para expressar, seja idéias não originais de uma maneira nova, seja uma visão pessoal do mundo. Essa forma de criação, também chamada de ‘neologismo de fala’ ou de ‘neologismo de autor’, estaria ligada especialmente

à originalidade profunda do indivíduo falante, à sua faculdade de criação verbal, à sua liberdade de expressão, independentemente dos modelos estabelecidos ou contra os modelos estabelecidos. Ela é própria de todos aqueles que têm algo a dizer, que consideram como algo bem pessoal, e que querem dizer com suas palavras, seus arranjos de palavras, ela é própria dos escritores”. (GUILBERT, 1975, p. 41). (tradução nossa)

Não faltam exemplos de escritores reconhecidos pela criação de neologismos para corroborar a afirmação de Guilbert. Para citar apenas alguns, lembremos James Joyce e Lewis Carroll¹² na língua inglesa; Heinrich

¹² Na enciclopédia Wikipedia, levanta-se a seguinte hipótese sobre Lewis Carroll e as palavras-valise: “Quanto à gagueira, talvez ela seja a causa das famosas ‘palavras-valise’, com dupla significação. A pressa em se expressar, combinada à sua

Heine, na língua alemã; os simbolistas, Guimarães Rosa – entre os brasileiros, o mais citado e estudado nesse aspecto –, Millôr Fernandes, João Cabral de Melo Neto, no português do Brasil; Mallarmé, Baudelaire, Rimbaud e Ionesco na língua francesa, etc.

Apesar dos importantes efeitos expressivos dos neologismos literários, estes se caracterizam por serem passageiros; é o que sustenta Cardoso (2004, p. 160), para quem

as criações lexicais literárias ou estilísticas se comportam de maneira diferente das demais criações. Apresentam apenas um valor expressivo naquele momento e naquele texto. Cumprido seu papel expressivo, tendem ao esquecimento. Motivam-se a cada leitura. Dificilmente passam a integrar o léxico da língua.

Também Alves (1999, p. 161) faz referência ao caráter espontâneo e lúdico que podem assumir os neologismos gíriáticos, literários, publicitários e jornalísticos, mas afirma que sua duração é freqüentemente efêmera.

O terceiro tipo de criação, para Guilbert (1975, p. 44), é o dos neologismos de língua, ou seja, as formações verbais que não se distinguem das palavras comuns do léxico e não chamam a atenção quando usadas pela primeira vez. É a virtualidade do neologismo que o define.

Se tomarmos como exemplo o neologismo lacaniano *endoctrination*, formado pela adição simultânea do prefixo *en-*, indicativo de aquisição de nova qualidade, e do sufixo *-ation*, indicativo de ação, ao substantivo *doctrine*, vemos, com Guilbert, que essa criação lexical está totalmente de acordo com o sistema lexical da língua francesa: uma base, um prefixo e um sufixo¹³. Ressaltamos assim a importância dessa visão de regularidade nas formações neológicas.

deficiência de elocução, teria levado a criança a fundir involuntariamente duas palavras em uma só». É o que explica o personagem Humpty-Dumpty, em *Alice no país das maravilhas*: «É como uma valise, veja bem: há três significações contidas em uma única palavra.» (Disponível em: <fr.wikipedia.org/wiki/Lewis_Carroll> Acesso em: 03 jul. 2007.

¹³ GUILBERT, 1975, p. 43-44 ilustra seu raciocínio com a palavra *indécorable*, usada como modelo de criação lexical por Saussure.

Por outro lado, Rondeau (1984 apud ALVES, 1999, p. 159) e Boulanger (1990) fazem uma distinção entre os neologismos da língua geral e os neologismos das línguas de especialidade. Para o primeiro, aqueles pertencentes às línguas de especialidade seriam os neônimos e aqueles pertencentes à língua geral, os neologismos. Para Boulanger (1990, p. 234-235), a neologia se reporta, de um lado, às línguas de especialidade – de origem científica, técnica ou tecnológica – ou às ciências humanas e sociais; a esses neologismos, ele dá o nome de neotermos (Boulanger, 1989 apud ALVES, 1999, p. 159); de outro, à língua geral, e ambas são suscetíveis de “alimentação, de renovações ou de metamorfoses contínuas e reiteradas”

Alves (1999, p. 162) denomina esses dois tipos de criação de neologismos e neologismos terminológicos, mas salienta que os processos que determinam sua criação são os mesmos: derivação, composição, transferência semântica, truncação, formação sintagmática e por siglas, e empréstimos de outros sistemas lingüísticos.

Boulanger (1979, p. 66) conceitua o neologismo como “uma unidade lexical de criação recente, uma acepção nova de uma palavra já existente, ou uma palavra emprestada há pouco de um sistema lingüístico estrangeiro e aceita na língua francesa.” Este autor estabelece uma classificação formal e afirma que essas novas unidades lexicais podem ser formadas a partir de três grandes modos: neologismos de forma, de sentido e de empréstimo. Os neologismos de forma dividem-se, por sua vez, em quatro grandes grupos: as palavras criadas por derivação, composição, siglação e outros processos, os quais englobam as modificações ortográficas, as palavras-valise, as criações *ex-nihilo*, o decalque, a redução, a truncação e a lexicalização de nomes próprios. Exemplifica cada uma dessas categorias com dados extraídos das áreas técnicas.

Para Dubuc (1992), o neologismo é uma inovação nos hábitos lexicais de uma língua. Para ele, existem dois grandes tipos de formação de neologismos: formação indireta e formação direta.

Na formação indireta (DUBUC, 1992, p. 91-95), um novo sentido é dado a um item lexical já existente. Este processo compreende três procedimentos: extensão semântica, mudanças gramaticais e empréstimo. A extensão semântica supõe a ampliação do sentido de um termo, de modo a recobrir uma realidade análoga. Existe, por conseguinte, um parentesco entre o sentido original e o sentido novo, estabelecido por deslizamento da relação lógica, por analogia ou por assimilação. No processo de deslizamento, há mudança de sentido por deslocamento do ponto de vista a partir do qual se considera a relação de um termo com sua noção. Existem seis tipos de deslizamento: passagem do concreto ao abstrato ou do abstrato ao concreto; da matéria ao objeto; do signo ao significado; da parte ao todo; da causa ao efeito; e do continente ao conteúdo. No processo de analogia, uma palavra recebe uma nova acepção porque seu primeiro referente lembra, por sua forma ou função, uma outra realidade. A analogia pode ser de função ou de forma. Por fim, na assimilação, há transferência da denominação de um objeto a uma nova forma desse objeto, acarretando uma mudança no conteúdo semântico. Nas mudanças gramaticais, Dubuc inclui as mudanças de categoria – de substantivo para adjetivo; de adjetivo, verbo, particípio passado ou particípio presente para substantivo –, de gênero, de número e de estatuto, quando um nome próprio se torna um nome comum. No procedimento do empréstimo, o autor prevê dois tipos: externo – recurso a outro sistema lingüístico – e interno – recurso a diferentes subsistemas do sistema lingüístico de referência.

A formação direta (DUBUC, 1992, p. 95-100) diz respeito à criação de um novo item lexical, simples ou complexo, e pode ocorrer por derivação ou por composição. Na derivação, a criação se dá pelo acréscimo de um sufixo a um radical – que Dubuc chama de derivação própria ou normal –, ou pela supressão de um elemento terminal de uma palavra, chamada de derivação regressiva ou imprópria. No processo de composição, encontram-se a composição por prefixos autônomos e não-autônomos e a composição por palavras com sentido pleno, a qual se subdivide em outros quatro grupos: por coordenação, por subordinação, por meio de raízes greco-latinas e, por fim, por junção de elementos franceses. Neste último conjunto, que agrupa vários

procedimentos, está incluída, entre outros, a palavra-valise, que se caracteriza pela redução de uma seqüência de palavras a uma única palavra.

Alves (2006, p. 132) define neologismo como

uma nova forma, uma nova acepção atribuída a uma unidade lexical ou um estrangeirismo recebido de uma outra língua. O neologismo, fortemente vinculado ao caráter social da linguagem, é sempre resultante de um fato social, que, em um determinado momento da história da sociedade, determina a criação de uma nova unidade lexical.

Em estudo dedicado aos processos neológicos mais produtivos do português contemporâneo (ALVES, 1994), esta autora ressalta que a formação de neologismos deriva de mecanismos provenientes da própria língua ou de outros sistemas lingüísticos (p. 5) e os divide em neologismos fonológicos, sintáticos, semânticos, por conversão, por empréstimo e por outros processos – truncação, palavra-valise, reduplicação e derivação regressiva.

Os neologismos fonológicos dizem respeito à criação de uma palavra cujo significante seja totalmente inédito, criada sem base em nenhuma palavra existente (ALVES, 1994, p. 11). A autora exemplifica com a palavra *gás*, que tem sido interpretada como oriunda do grego *khaos*. Os neologismos sintáticos – que abrangem a derivação e a composição –, ao contrário, dizem respeito à combinação de elementos já existentes na língua e são assim chamados porque a combinação de seus membros concerne não somente ao âmbito lexical, mas também ao nível frásico, já que

o acréscimo de um sufixo pode alterar a classe gramatical da palavra-base; a composição tem caráter coordenativo e subordinativo; os integrantes da composição sintagmática e acronímica constituem componentes frásicos com o valor de uma unidade lexical. (ALVES, 1994, p. 14)

Os neologismos por conversão – ou derivação imprópria – referem-se aos itens lexicais que apresentam alterações em sua distribuição sem que ocorram mudanças formais (ALVES, 1994, p. 60). A autora afirma que adjetivos e verbos empregados substantivamente são bastante freqüentes em

língua portuguesa, como no caso do adjetivo *consociado*, que pode ser empregado também como substantivo.

Já os neologismos semânticos ou conceptuais ocorrem quando há uma transformação semântica em um item lexical, sem alteração formal. Essa transformação pode ser provocada por mudança no conjunto de semas referentes a uma unidade léxica, através de processos como a metáfora, a metonímia, a sinédoque, entre outros, ou por extrapolação de um termo para outra língua de especialidade, de um termo para a língua geral e de uma palavra da língua geral para uma língua de especialidade (ALVES, 1994, p. 62-65). A autora cita o caso do adjetivo *baixinho* cujo significado básico é o de uma pessoa muito baixa, e que, tendo passado por um mecanismo de transposição metafórica, hoje também significa *criança*.

Na neologia por empréstimo, estão previstos os casos em que se recorre a outros sistemas lingüísticos para a ampliação do acervo: os estrangeirismos e os decalques. Estrangeirismo é o que corresponde à fase neológica da unidade estrangeira, caso de *pole-position*, ao passo que o empréstimo representa a fase em que essa unidade já “não é mais percebida como estrangeira e passa a ser dicionarizada” (ALVES, 2004, p. 117), como na palavra *turnê*, oriunda do francês *tournee*. Quanto ao decalque, trata-se da versão literal da palavra estrangeira para a língua receptora, exemplificada por *alta tecnologia*, tradução literal de *high technology*.

Dos outros processos (ALVES, 1994, p. 68-71), fazem parte a truncção, a palavra-valise, a reduplicação e a derivação regressiva. Na truncção, uma parte da seqüência lexical é eliminada, como em *euro*, forma reduzida de europeu. Na criação de uma palavra-valise, uma ou duas bases perdem uma parte de seus elementos e constituem um novo item léxico, como ocorre em *brasiguai*, fusão de *brasileiro* e *uruguaio*. O processo em que uma base é repetida duas ou mais vezes é chamado de reduplicação: por exemplo, a palavra *trança-trança*. Na derivação regressiva, um elemento de caráter sufixal é suprimido, como ocorre em *amasso*, do verbo *amassar*.

A partir de trabalhos desenvolvidos sobre o par de línguas espanhol e catalão, Estopà (2000, p. 3) define a neologia como um “processo prático de criação de unidades léxicas novas através de recursos conscientes ou inconscientes, de criatividade lingüística habituais em uma língua”. Para esta autora e para os pesquisadores do *Observatori de Neologia*¹⁴, neologismo é qualquer palavra nova não documentada em obras lexicográficas de referência, chamadas de *corpus* de exclusão. Esses pesquisadores classificam os neologismos em formais – prefixação, sufixação, composição, composição culta, sintagmatização, conversão, truncação, entre outros –, empréstimos e semânticos.

Em recente trabalho publicado sobre o estudo dos neologismos nesse Observatório, Cabré (2006) propõe, no âmbito de suas pesquisas, uma nova classificação, “mais adequada à diversidade dos dados e de formato multivariante” (p. 229) (tradução nossa): neologismos de forma, sintáticos, semânticos, empréstimos e outros.

Nos neologismos de forma, encontram-se: sufixação, prefixação, interferências entre sufixação e prefixação, composição, composição culta, lexicalização, conversão sintática, sintagmatização, siglação, acronímia, abreviação e variação. Os neologismos sintáticos dizem respeito aos casos em que há uma mudança de categoria gramatical: gênero, número, regência verbal, etc. A modificação do significado de uma base léxica ou a utilização de um nome próprio utilizado como nome comum é o que caracteriza um neologismo semântico. O grupo dos empréstimos – “unidades importadas de outra língua” (CABRÉ, 2006, p. 234), é dividido em empréstimos não-adaptados e empréstimos adaptados ortograficamente. Por fim, na categoria outros, estão previstas as palavras simples, dialetais, gíriáticas, cultismos e casos difíceis de classificar, embora nitidamente neológicos.

¹⁴ Este Observatório pertence ao IULA – Institut Universitari de Lingüística Aplicada – da Universidade Pompeu Fabra, de Barcelona.

Correia et al. (2004), do Observatório de Neologia do Português (ONP), que estuda a variante do português europeu, adota a definição de neologismo proposta por Alain Rey (1976, p. 1):

um neologismo é uma unidade lexical cuja forma significante ou cuja relação significado-significante, caracterizada por um funcionamento efectivo num determinado modelo de comunicação, não se tinha realizado no estágio imediatamente anterior do código da língua.

Segundo os pesquisadores portugueses, a neologia pode ser denominativa – necessidade de nomear novas realidades anteriormente inexistentes –, ou estilística – “procura de maior expressividade do discurso, para traduzir idéias não originais de uma maneira nova, ou para exprimir de modo inédito certa visão de mundo” (CORREIA, 2004, p. 2). Citam, ainda, a neologia de língua, que se refere a itens lexicais que correspondem apenas à atualização da competência derivacional dos falantes.

Pruvost; Sablayrolles (2003), a partir de uma análise comparativa das inúmeras classificações existentes de neologismos, referem a existência de diferenças significativas entre elas e constataam disparidades no número de classificações (de duas a dezenas) e nas relações das matrizes elencadas, ou seja, dos processos de criação. Por esta razão, propõem um quadro recapitulativo das matrizes agrupadas por afinidades (p. 118). Para eles, há uma matriz externa (o empréstimo) e quatro conjuntos de matrizes internas: morfossemânticas, sintático-semânticas, morfológicas e pragmática.

As matrizes morfossemânticas compreendem as matrizes por construção – afixação (prefixação, sufixação, derivação inversa, flexão, parassintética) e composição (composição, sinapse, quase-morfema) – e aquelas por imitação e deformação – onomatopéia, falso recorte, jogo gráfico e paronímia.

As matrizes sintático-semânticas compreendem as mudanças de função (conversão, combinatória sintático-lexical) e de sentido (metáfora, metonímia, outras figuras). As matrizes morfológicas compreendem a redução da forma (truncação e siglação). Por fim, a matriz pragmática diz respeito ao

desvio de uma unidade lexical, locução “longa e complexa”, locução ou seqüência memorizada por inúmeros sujeitos falantes, que combina o que é fixo e o que é memorizado, inovando na modificação. Significa, por exemplo, tomar uma expressão cristalizada e nela produzir uma modificação¹⁵.

Diante do panorama geral apresentado, vale destacar, como bem salientam Sablayrolles (2000) e Cabré (2006), que as classificações propostas por todos esses estudiosos partem de critérios diferentes e se adaptam a seus *corpora* de estudo, tornando possível a sistematicidade no trabalho de análise.

Os autores citados partem do estudo de *corpora* da língua geral ou das linguagens especializadas, o que explica por que a maioria deles, embora se refira ao processo de formação de palavras-valise, não se detém nessa formação, haja vista ser um processo mais produtivo na literatura.

Todavia, em Lacan, este é o segundo processo mais produtivo de formação, o que corrobora, mais uma vez, a afirmação de que essa linguagem guarda características afeitas à linguagem literária.

Retomemos, então, alguns autores – Boulanger (1979), Clas (1987), Sandmann (1988, 1992, 1993) e Grésillon (1984) – que dedicam a essa formação algumas páginas.

Para Boulanger (1979), palavra-valise¹⁶ é uma palavra oriunda da redução de uma seqüência de palavras a uma só: a parte inicial da primeira palavra é conservada assim como a parte final da última. O autor salienta ainda que o corte dessas partes nem sempre corresponde a cortes morfológicamente naturais e exemplifica com a palavra *chocomousse*, em que *chocolat* é cortado após *choco* e acrescido de *mousse*, e que “o sistema da

¹⁵ Como nesta paródia de O Corvo, de Edgar Allan Poe: **Matando medo a grito**, Meto a mão na maçaneta, E só a noite testemunha o que fui capaz. “Deixar o bem ouvido pelo maldito? Isso nunca, jamais!” (grifo nosso), LEMINSKI, Paulo. POE, Edgar Allan. O corvo. São Paulo: Expressão, 1986. (apêndice).

¹⁶ Existem inúmeras designações para este tipo de criação lexical: *mots porte-manteau*, *mots-centaures*, *contamination words*, *blending words*, *crossing words*, *telescoped words*, *porte-manteau words* cf. CLAS, 1987, Meta XXV; palavras-valise, cruzamento vocabular, contaminação, cf. ALVES, 1994; palavra-ônibus (cf. HOUAISS); composição haplológica, mistura, cf. MARTINS, 2004.

língua fica perturbado e obscurecido por tais criações” (BOULANGER, 1979), opinião compartilhada por Josette Rey-Debove (apud BOULANGER, 1979, p. 81) para quem esse processo atrapalha gravemente a morfologia, levando a pensar que as partes de palavras são morfemas. Segundo ele, tais criações são muito usadas nas terminologias técnicas e científicas e funcionam como marcas registradas.

Clas (1987) lembra que esse processo – que ele denomina *braquigrafia de encaixe*¹⁷ – é utilizado simultaneamente pela língua técnica e, de modo menos sério, pela língua corrente, concluindo que essas criações só podem ser efêmeras e ter apenas um *status* estilístico. Com efeito, das 76 palavras-valise encontradas nos *Seminários*, mais da metade revelou-se uma palavra hápax, ou seja, apresenta uma única ocorrência, indicando uma necessidade momentânea de criação, como o próprio Lacan afirma: “*si je puis m’exprimer ainsi et si vous me permettez de m’amuser un peu*” (LACAN, apud PÉLISSIER, 2002). Dentre os processos habituais de criação de palavras-valise estabelecidos por Clas – apócope e aférese, apócope e apócope, aférese e aférese, apócope simples, aférese simples e apócope e síncope –, o mais produtivo em Lacan é o primeiro, o que vem ao encontro da afirmação (CLAS, 1987, p. 348):

Se teoricamente todos os modelos são possíveis, deve-se entretanto observar que a produtividade dos modelos é variável e que o modelo canônico parece ser o primeiro [apócope e aférese], que é o mais produtivo. (tradução nossa)

Este autor (CLAS, 1987, p. 347) afirma também que se trata de um processo econômico e lúdico de formação de palavras, uma matriz terminológica, universal, que pode responder a necessidades de criatividade. Assim, analisa essas formações sob dois aspectos: a) formal: utilização

¹⁷ Em francês, *brachygraphie gigogne*. “Diante da diversidade das denominações dos mesmos processos de abreviação, decidimos intitular nosso estudo de braquigrafia de encaixe para mostrar que se trata de escritas truncadas que se encaixam e para evitar os termos mais ou menos marcados tais como *hapaxépie*, haplogia, acronímia, crase, paronomásia, cruzamento, amálgama, engavetamento, encaixe, ou ainda palavra-valise, palavra centauro, palavra de encaixe, palavra contaminada, palavra fusionada, palavra *portemanteau*”. (tradução nossa) CLAS, 1987, Meta, XXXII, 3, p. 347.

combinada de apócope, aférese e síncope¹⁸; b) sintático-semântico: os componentes A e B dão o resultado C, que pode ser, por sua vez, de dois tipos. No primeiro deles, o resultado C é um A e um B; por exemplo, *stagflation*, que é ao mesmo tempo *stagnation* e *inflation*; no segundo, o resultado C é modificado por A ou por B, como em *progiciel*, um *logiciel* com um *programme*. Clas salienta que a decomposição semântica pode ser muito variada, mas *nem sempre convincente, havendo várias possibilidades para uma mesma formação* (grifo nosso) Conclui, por fim, que a *brachygraphie gigogne* não passa de um caso particular da composição¹⁹ e nisso se apóia em Jean Tournier (apud CLAS, 1987, p. 351-352):

Morfologicamente, a única diferença é que os elementos do amálgama são mais ou menos encaixados uns nos outros ou, como se diz, ‘engavetados’, ao passo que são justapostos nos outros compostos. (tradução nossa)

Sandmann (1992, p. 58-60), na obra que dedica à morfologia lexical, compartilha da mesma opinião, quando afirma que

O tipo de formação de palavras chamado ‘cruzamento vocabular’ é, no fundo, um tipo de composição, diferenciando-se desta, porque no cruzamento vocabular as bases que entram na formação de nova unidade lexical, ou ao menos uma, sofrem diminuição, não sistemática ou regular, de seu corpo fônico.

Acrescenta ainda que, assim como os compostos, os cruzamentos vocabulares podem ser *copulativos* – adição de elementos de mesmo nível – ou *determinativos* – adição de dois elementos de nível diferente (SANDMANN, 1993, p. 76).

Para ele (SANDMANN, 1988, p. 151), há dois tipos de cruzamentos vocabulares: homófonos e não-homófonos. Os constituintes dos cruzamentos homófonos têm uma parte comum mais ou menos longa, como em *Hospitaú*,

¹⁸ Para CLAS, 1987, 348, há seis modelos de combinações: apócope e aférese, apócope e apócope, aférese e aférese, apócope simples, aférese simples e apócope e síncope.

¹⁹ Em língua portuguesa, distingue-se a composição por justaposição ou por aglutinação. Desse ponto de vista, as palavras-valise seriam formadas pelo processo de aglutinação, em que os elementos componentes se juntam num só vocábulo gráfico e sofrem perda de sua integridade silábica (cf. CUNHA, 1978, p. 77).

de Seguro Hospitalar Itaú; os cruzamentos não-homófonos não contêm segmento fonético comum, como em *showmício*, de show e comício. Essa classificação formal se aproxima muito daquela proposta por Clas, embora seja mais sucinta.

No que tange à especificidade semântica dos cruzamentos vocabulares, Sandmann (1988, p. 152) salienta que são muitas vezes marcados pela jocosidade, ironia ou despreço e que “a relação que une [seus] elementos deve, antes, ser atribuída a fatores pragmáticos ou históricos”.

Nesse sentido, acreditamos poder afirmar, com Gérard Gorcy (apud BORDIER, 2004), que “*Toutes ces créations sont plus appelées à faire mouche qu'à faire souche*”²⁰, posto que a maioria das palavras-valise criadas por Lacan parece se originar de uma necessidade estética de criação, preenchendo uma função estilística. Ao colocar o significante no centro da cena, Lacan busca atingir o ouvinte/leitor por meio de suas criações.

Segundo Barbosa (2000, p. 182), nos neologismos que surgem nos universos de discurso jornalístico, humorístico, publicitário, dentre outros,

[...] se nota uma ação que o emissor procura exercer sobre o receptor. O emprego do neologismo passa, então, a ter como função dominante outra que não a referencial: **a busca de um efeito, de uma ação produzida sobre o destinatário**. É a função conativa. (grifo nosso)

Esse recurso às palavras-valise é bastante empregado na literatura por grandes escritores. A título de exemplo, seguem algumas criações em língua francesa, por ordem de surgimento: *hypocritiquement* (Rabelais, 1483-1553); *mélancolise* (Honoré de Balzac 1799-1850); *caméléopard* (Charles Baudelaire 1821-1870); *concubiste* (Louis Aragon, 1897-1982); *cordoléances* (Ionesco, 1909-1994); *parlementeur* (Boris Vian, 1920-1959), entre muitos outros.

²⁰ “Mais do que um ponto de partida, todas essas criações têm um alvo definido”.

Também na literatura brasileira, em épocas diferentes, os escritores recorrem a essas formações. É o caso de Cruz e Souza e de Millôr Fernandes, ambos estudados detalhadamente por Martins (2007; 2004). Tais formações acabam, muitas vezes, por ser a marca registrada de um autor, cujo exemplo clássico é Guimarães Rosa.

Porém, Martins lembra, com acerto, que a criação neológica não é apanágio dos escritores, visto que essas formações surgem igualmente nas línguas de especialidade ou no cotidiano. A diferença consiste no fato de que os neologismos de determinadas áreas de conhecimento são incorporados nos dicionários de língua, o mesmo não acontecendo com os neologismos literários.

Grésillon (1984, p. 24-25), em obra consagrada ao estudo das palavras-valise de Heinrich Heine, define-a como a produção de uma forma totalmente singular, obtida pela fusão de dois termos que podem ser foneticamente próximos, que compartilham um segmento homófono, mas entre os quais não existe em geral nenhum vínculo semântico natural. Segundo a autora, a palavra-valise caracteriza-se formal e semanticamente por sua dupla natureza. Sua classificação comporta cinco tipos de palavras-valise: com segmento homófono (*uburbanisme = Ubu + urbanisme*), é o mais usual; com truncação, afetando um ou dois constituintes (*grammaniaque = grammair + maniaque*); com segmento homófono e truncação (*mélancolisé = mélancolique + alcoolisé*); com encaixe, mais raro (*ubiamourquité = ubiquité + amour*); palavras *dévalisés* (*usurepassion = usure + passion = ? usurpation*).

A intenção deste trabalho não é propor uma nova classificação que abranja todos os tipos de neologismos, tendo em vista que esse tipo de trabalho já foi feito por estudiosos – mais experientes – que analisaram *corpora* mais abrangentes de língua geral e de línguas de especialidades, mas classificar os neologismos lacanianos encontrados nos *Seminários*. Vale ressaltar que a fecundidade neológica de Lacan não se restringe a esta obra em especial, mas perpassa toda sua produção.

Para tanto, a partir das propostas desses autores, retomaremos aqui brevemente as definições desses processos que melhor recobrem as realizações neológicas de nosso *corpus*, acompanhando-as de alguns exemplos. Proporemos uma nova categoria de classificação formal apenas para os casos não previstos na literatura. A par dessa classificação formal, será igualmente proposta uma tipologia funcional, explicitada abaixo. Importa salientar que a função é aqui entendida não como submissa a determinados padrões, mas como forma de criação com determinadas características. Esses processos serão estudados detalhadamente no capítulo de análise.

Na classificação formal, que recupera as classificações propostas por vários autores, encontram-se os processos mais produtivos dos *Seminários*. São eles, em ordem de frequência: derivação, palavras-valise, composição, criação por associação, empréstimo, decalque, semântico e lexicalização de nome próprio.

A classificação funcional que propomos visa a estabelecer o que norteou a criação neológica, configurando sua função predominante, mas não exclusiva, haja vista que as funções podem se sobrepor. Encontramos seis funções: denominativa, estilística, analógica, de adequação, de terminologização, de destermnologização.

2.2 Classificação formal

A ordem de apresentação desta classificação está de acordo com os processos formais mais produtivos nos *Seminários*.

2.2.1 Derivação

A derivação é o processo de criação que recorre ao acréscimo de um prefixo ou de um afixo – ou ambos simultaneamente, – a uma base pertencente ao sistema morfológico da língua ou a sistemas estrangeiros antigos ou atuais.

2.2.1.1 Derivação sufixal

No processo de derivação sufixal, a maioria dos autores concorda em dizer que não há mudança de categoria gramatical, mas há variação de sentido. O substantivo neológico *psychiatrie* exemplifica tal afirmação: é formado pelo também substantivo *psychiatrie* acrescido do sufixo *-erie*, indicativo de atividade ou de depreciação, conforme veremos na análise.

[...] je ne sais pas s'il conviendrait de faire là-dessus quelques remarques, quelques remarques inspirées de ma vieille expérience, celle que je viens d'évoquer précisément, et de distinguer, à cette occasion entre la Psychiatrie et la psychiatrie. La question des malades mentaux ou de ce qu'on appelle, pour mieux dire les psychoses, c'est une question pas du tout résolue par l'anti-psychiatrie, quelles que puissent être là-dessus les illusions qu'entretiennent quelques entreprises locales. (Seminário Le Savoir du Psychanalyste, Lição 14/11/1971) (grifo nosso).

Já na criação de *chosique*, formado pelo substantivo *chose* acrescido do sufixo *-ique*, indicador de referência (ALVES, 1994, p. 33), temos uma mudança de classe gramatical de substantivo para adjetivo. Voltaremos a essa questão no próximo capítulo.

C'est aussi que l'évidence peut être creuse, et qu'il vaut mieux sans doute désormais raccorder le mot au participe passé : évidé. Le sujet est parfaitement chosique. Et de la pire espèce de chose ! La chose freudienne, précisément. (Seminário La Logique du Fantasma, Lição 22/02/1967) (grifo nosso).

2.2.1.2 Derivação prefixal

Na derivação prefixal, o acréscimo de um prefixo provoca uma mudança de sentido, mas não de categoria gramatical. Tomemos o exemplo do substantivo *illecture*, formado pelo prefixo de negação *il-* adicionado ao substantivo *lecture*, indicando a ausência de leitura.

Nous sommes peu fier, qu'on le sache, de ce pouvoir d'illecture que nous avons su maintenir inentamé dans nos textes pour parer ici par exemple à ce que l'historialisation d'une situation offre d'ouverture, bénie, à ceux qui n'ont de hâte qu'à l'histrioniser pour leurs aises. (Seminário L'Acte Psychanalytique, Resumo, 07/1969) (grifo nosso).

2.2.1.3 Derivação parassintética

Para que haja derivação parassintética, a adição do sufixo e do prefixo à base deve ocorrer simultaneamente.

Encontram-se poucas ocorrências de formação parassintética em Lacan. O substantivo *délibidination* é um exemplo: formado pelo prefixo de negação *dé-* e pelo sufixo *-ation*, que indica resultado de uma ação, ambos acrescentados concomitantemente ao adjetivo *libidinal*.

Je dois dire que c'est quelque chose de très difficile à concevoir, une délibidination de la libido, une désagressivation de l'agressivité. (Seminário La Relation d'Objet, Lição 03/07/1957) (grifo nosso).

2.2.2 Palavra-valise

Oriunda da redução de duas ou mais palavras a uma só, a palavra-valise recorre às combinações entre apócope, aférese e síncope para a formação de novas palavras. Eis alguns exemplos, que serão analisados no próximo capítulo: *circulature* [*circularité* + *quadrature*], *affreud* [*affreux* + Freud], *mensionge* [*dimension* + *mensonge*], *jalouissance* [*jalousie* + *jouissance*].

[...] *cette parole fondatrice se heurtera à ce que j'appellerai, puisque nous sommes en présence d'un carré, le problème non pas de la quadrature du cercle, mais de la circulature des métonymies, qui restent bel et bien distinctes, même dans le conjungo le plus idéal.* (Seminário *Les Formations de l'Inconscient*, Lição 18/12/1957) (grifo nosso).

Joyce est un affreud, je dirai; avec le jeu de mot sur affreux. Il est un aJoyce. (Seminário *Le Sinthome*, Lição 16/03/1976) (grifo nosso).

Ça a un avantage, cette façon d'écrire. C'est que ça permet de prolonger mension en mensionge et que ça indique que le dit n'est pas du tout forcément vrai. (Seminário *Le Sinthome*, Lição 11/05/1976) (grifo nosso).

2.2.3 Composição

Quanto ao processo de composição, trata-se de duas ou várias bases, oriundas da reunião de termos individuais preexistentes ou também novos na língua, cuja união constitui uma nova seqüência lexical. A união desses termos funciona como uma unidade simples, expressando uma única realidade, uma única noção (BOULANGER, 1979, p. 68). Pode-se apresentar sob a forma de palavras compostas – *inter-dit* – ou sob a forma de sintagmas, como em *sujet supposé savoir*. Encontramos muitas palavras formadas por composição, constituindo uma única palavra, caso de *passibête*, formada pela negação *pas*, pelo advérbio *si* e pelo adjetivo *bête*, dando origem a um adjetivo:

On peut même dire que le verbe se définit d'être un signifiant pas si bête - il faut écrire cela en un mot - passibête que les

autres sans doute... (Seminário *Encore*, Lição 19/12/1972).
(grifo nosso)

2.2.4 Criação por associação

As criações por associação são palavras provenientes de combinações inéditas na língua, no que se aproximam das criações *ex-nihilo*, também chamadas de neologismos fonológicos (ALVES, 1994), palavras oriundas de novas combinações, jamais encontradas anteriormente, de sons ou de letras.

Porém, diferentemente destas, desmotivadas no plano morfossemântico e neutralizadas nos planos gráfico e fonético nas principais línguas do mundo ocidental, a exemplo das marcas registradas *Kodak* e *Lycra* (BOULANGER, 1979, p. 82), as criações lacanianas por associação partem de locuções ou frases já existentes na língua e formam uma nova palavra, homófona à estrutura de partida. Em outras palavras, há uma associação entre a estrutura original e novo item lexical, o que impede considerá-las “novidades formais *absolutas*” (BOULANGER, 1979, p. 82).

Vejamos, por exemplo, o verbo *gniakavoir*: origina-se na frase *il n’y a qu’avoir* [basta ter], reduzida para *ny a quavoir* e transformada numa única palavra, um verbo, *gniaka*, passível de flexão – *il gniakavait* – aqui conjugado no Pretérito Imperfeito do Indicativo.

*[...] après tout, je n'ai pas de raison de vous refuser l'anecdote, cette forme empruntée au langage d'un petit garçon qui était très intelligent puisque c'était mon frère - il "gniakavait", me dit-il, conjuguant ainsi bizarrement un verbe dont le radical serait "gniaka". Eh bien, un registre du "gniaka" est absolument essentiel. (Seminário *L'objet de la psychanalyse*, Lição 08/06/1966) (grifo nosso).*

2.2.5 Empréstimo

Trata-se da adoção de uma palavra pertencente a uma língua estrangeira ou ao acervo da própria língua.

2.2.5.1 Interno

Será interno o empréstimo que se origina no acervo da própria língua, recorrendo a uma palavra arcaica, a variedades regionais ou dialetais, a gírias ou a línguas de especialidade. O termo lacaniano *sinthome*, cuja origem é explicitada pelo próprio Lacan, ilustra bem este tipo de empréstimo.

*La faute dont c'est l'avantage de mon **sinthome** de commencer par là. Sin, en anglais, veut dire ça, le péché, la première faute. (Seminário *Le Sinthome*, Lição 18/11/1975). (grifo nosso)*

2.2.5.2 Externo

O empréstimo é considerado externo quando se recorre a uma língua estrangeira viva ou morta. A palavra inglesa *split* [lasca, pedaço] que recebe de Lacan um sufixo verbal em francês exemplifica esse tipo de empréstimo. Observe-se, entretanto, que Lacan não só toma a palavra estrangeira, mas também acrescenta uma marca da língua francesa, seja através de um acento, seja através de um processo de derivação.

*[...] c'est-à-dire de la question du signifié justement de cette addition de lui-même à son propre nom, c'est immédiatement de **splitter**, de diviser en deux, de faire qu'il ne reste qu'une moitié de, littéralement de ce qu'il y avait en présence. (Seminário *L'Identification*, Lição 10/01/1962) (grifo nosso).*

2.2.6 *Decalque*

O decalque é a tradução literal, por meio de um ou de vários significantes, do significado de uma palavra estrangeira. Pode ser lexical ou fonológico.

2.2.6.1 *Lexical*

O decalque lexical define-se como a tradução literal, por meio de um ou vários significantes, do significado de uma palavra de outro sistema lingüístico, como ocorre em *quintéité*, tradução literal da palavra alemã *Fünfheit*.

*[...] comment, au-delà de ces trois termes, deux autres nous seront nécessaires qui sont le même et l'autre et le terme d'une **quintéité**, une Fünfheit primitive assez ici avancée.* (Seminário *Problèmes Cruciaux pour la Psychanalyse*, Lição 09/06/1965) (grifo nosso).

2.2.6.2 *Fonológico*

O decalque fonológico parte igualmente de uma palavra oriunda de outro sistema lingüístico, mas, ao invés de ser sua tradução literal, produz uma “tradução” calcada no som da palavra original. É o caso de *couinée*, que se origina na palavra grega *koinè*, segundo explica o próprio Lacan.

*Ce langage, déjà les Anciens, les Grecs, l'avaient appelé dans leur langue la koïnè. On peut tout de suite traduire ça en français - la **couinée**. Ça couine. Je ne méprise pas du tout la koïnè.* (Seminário *L'Envers de la Psychanalyse*, Lição 09/04/1970) (grifo nosso).

2.2.7 Semânticos

Nesse tipo de neologia, um significante existente na língua recebe um novo significado: um termo da língua geral passa para uma língua de especialidade e vice-versa; um termo passa de uma língua de especialidade para outra; um termo pode tornar-se polissêmico em seu próprio campo de aplicação; um termo passa de uma categoria gramatical a outra (BOULANGER, 1979, p. 89-94). Encontramos apenas dois neologismos semânticos em nosso *corpus*: *secondé* e *panser*. Voltaremos a eles no próximo capítulo.

2.2.8 Lexicalização de nome próprio

É o processo que toma um nome próprio e o transforma em nome comum, como a palavra *flacelière*, oriunda de R. Flacelière.

*Ça peut servir par les temps qui courent ! Ne tire pas trop sur la **flacelière** ! Je vous laisse à trouver ça.* (Seminário *D'un Autre à l'autre*, Lição 25/06/1969) (grifo nosso).

2.3 Classificação funcional

Segundo Basílio (2004, p. 66-67), os mecanismos de formação de palavras teriam duas funções: “fornecer novos rótulos para novas categorizações, ou seja, efetuar novas denominações”, o que ela chama de “função de denominação”, que corresponde a necessidades semânticas, e “adequar a idéia contida em um item lexical às necessidades de utilização daquela idéia [...] para a formação de um determinado tipo de enunciado”, o

que caracterizaria a função de adequação ao enunciado, subdividida em função de adequação discursiva e função de adequação sintática.

Ao analisar a função dos neologismos criados por Guimarães Rosa em *Grande sertão: veredas*, Mendes (1991 apud BASTIANETTO, 1998, p. 29) acrescenta a essas duas funções – que chama de *semântica* e *mista* – a função estilística, que seria a necessidade estética de criação vocabular aliada à necessidade de adequação a um determinado registro. Quando “essa necessidade estilística [é] a única motivação para a criação lexical”, ela é denominada “*função estilística pura*” quando ela coexiste com a necessidade de expressar também uma nova idéia, é chamada de “*função mista e estilística*”. É o que Guilbert denomina, como já vimos, neologia estilística.

Embora Mendes analise apenas os neologismos literários criados por Guimarães Rosa, os neologismos lacanianos, dadas as suas especificidades, também poderiam ser analisados desse ponto de vista. Com efeito, o discurso laciano compartilha algumas características com o discurso literário, como a criatividade e a importância atribuída ao significante. Poderíamos qualificá-lo de discurso de “entremeio”, entre literatura e língua de especialidade.

Rio Teixeira (2005) afirma que o texto literário e o texto científico se situam em registros totalmente diversos. Mas lembra que, embora este último tenha como primeiro plano a necessidade de transmitir uma determinada informação e o apagamento do sujeito,

o texto psicanalítico [...] herda da psicanálise um estatuto mais complexo; se por um lado ele tem em comum com o texto científico a transmissão de uma informação e a busca da exatidão teórica, ele deve contar sempre com a irrupção do sujeito e com a equivocidade do significante – o que, por outro lado, o aproximaria do texto literário.

Assim, Lacan inova lingüisticamente para marcar um pensamento psicanalítico novo que busca criar sua própria linguagem. E o faz mesclando recursos do discurso científico, do discurso literário e da língua geral. A criação dos neologismos desempenha então, além de uma função referencial,

uma função conativa – atribuída em geral ao discurso jornalístico, humorístico, publicitário –, em que há orientação para o destinatário, intenção de causar sobre ele um efeito. Barbosa (2000, p. 182) denomina este mecanismo de criação neológica-ação sobre o destinatário e afirma:

Trata-se de uma criação consciente, da parte do locutor, que estabelece uma espécie de cumplicidade com o destinatário do discurso. Há, nessa criação neológica, uma dupla informação: a informação do novo *designatum* e, ao mesmo tempo, uma informação crítica, ideológica, satírica, acentuando-se a segunda informação em relação à primeira.

O “diálogo” entre os participantes da comunicação também pode ser percebido na metalinguagem sobre a criação empregada por Lacan nos *Seminários*. Sobre isso, Pélissier (2002) nos informa que Lacan emprega pelo menos trezentos e cinquenta locuções para indicar suas criações: “*par une espèce de néologisme qui présente aussi bien une ambiguïté*”, “*ce que nous oserons écrire...*”, “*l’écrire de cette orthographe baroque*”, entre tantas outras.

Inspirando-nos nas funções propostas por Basílio (2004) e por Mendes (1991 apud BASTIANETTO, 1998), propomos uma tipologia funcional, que busca estabelecer a função predominante de cada um dos processos neológicos em Lacan: função denominativa, estilística, de adequação, analógica, de terminologização e de destermnologização. Salientamos, todavia, que as funções podem se sobrepor em alguns casos e que as funções denominativa e estilística perpassam todas as demais funções.

2.3.1 Função denominativa

A criação de um neologismo responde, neste caso, a uma necessidade de preenchimento de uma lacuna vocabular: ainda não existe na língua um significante para determinado conceito. É a denominação por excelência. A palavra *mâlité* é criada, por exemplo, porque não havia na língua francesa, até

aquele momento, no entender de Lacan, nada que expressasse a qualidade de *mâle* [macho, masculino].

Ce serait intéressant de poser la question de savoir si l'un quelconque des deux termes masculinité, "mâlité" ou "femellité", féminité, est une qualification recevable en tant que prédicat. (Seminário D'un Autre à l'autre, Lição 12/03/1969) (grifo nosso).

2.3.2 *Função estilística*

Neste caso, a necessidade de criação é estética, levada pela intenção de se demarcar do discurso científico psicanalítico usual²¹. Pode ser ilustrada pela maioria das palavras-valise, como *dieu-lire*, cruzamento de *dieu* e *délire*. No entanto, acreditamos que essa função estilística não pode ser desvinculada de uma necessidade conceitual, pois a nova palavra nasce quase espontaneamente da necessidade de denominar algo novo.

Or tout ce qui s'énonce, jusqu'à présent, comme science, est suspendu à l'idée de Dieu. La science et la religion vont très bien ensemble. C'est un Dieu-lire! (Seminário L'Insu que Sait de l'Une Bévvue s'Aile à Mourre, Lição 17/05/1977) (grifo nosso).

2.3.3 *Função de adequação*

Preenche uma necessidade pontual de adequar uma palavra existente ao contexto discursivo e sintático: são os casos de nominalização, verbalização, adjetivação, etc. de palavras já existentes na língua francesa. Embora exista o verbo *plier* [dobrar, curvar], por exemplo, o contexto sintático requer um

²¹ A este respeito, Marcel Bénabou diz: “Todos devem concordar conosco que a invenção verbal não é o que melhor se compartilha no mundo. Não é dado a todos criar vocábulos novos, menos ainda vocábulos destinados a durar. [...] Logo ilustraremos a que extremo vai em Lacan, a efervescência neologizante. [...] Neste caso, existe uma **preocupação estética** incontestável. Lacan se deixou levar por isso, chegando a fazer disso o próprio arcabouço de seu método teórico” (apud PÉLISSIER, 2002, p. VIII-IX). (grifo e tradução nossa)

substantivo, que é criado com os recursos do processo de derivação oferecidos pela língua: *pliation*.

*C'est ce qu'on prend au dehors quand on n'a rien compris (il faut dire que les psychanalystes ne s'expliquent pas très bien), ce qu'on prend pour la **pliation** à tout sens de l'interprétation. Elle n'est pas pliable à tout sens. (Seminário Les Quatre Concepts Fondamentaux de la Psychanalyse, Lição 27/05/1964) (grifo nosso).*

2.3.4 Função analógica

Entendemos analogia como o processo em que um modelo preexistente interfere na criação de uma nova palavra, ou seja, a criação neológica busca adaptar-se a uma palavra existente. Por exemplo, o neologismo *mathème*, símbolo matemático, é criado a partir da analogia com *phonème* e *mythème*.

*[...] l'introduction d'un nombre de plus en plus élevé, de plus en plus élaboré de ce qu'il nous faut bien à ce niveau appeler **mathème** et pour savoir qu'assurément les dits mathèmes ne comportent nullement une généalogie rétrograde, ne comportent aucun exposé possible pour lequel il faudrait employer le terme d'historique. (Seminário Le Savoir du Psychanalyste, Lição 02/12/1971) (grifo nosso).*

2.3.5 Função de terminologização

Trata-se da atribuição de um cunho terminológico a uma palavra da língua geral. Ao acrescentar, por exemplo, o sufixo *-isme*, indicativo de doutrina ou sistema à *plagiat*, Lacan empresta-lhe um cunho terminológico.

[...] l'aborder à l'intérieur du registre symbolique pour un analyste dans une occasion comme celle du plagiariste, doit être centré sur l'idée que d'abord le plagiarisme n'existe pas, à savoir qu'il n'y a pas de propriété symbolique, que le

symbole est à tous [...]. (Seminário *Les Psychoses*, Lição 11/01/1956) (grifo nosso).

2.3.6 Função de desterminologização

Ao contrário da função anterior, aqui a intenção seria eliminar um dos traços do item lexical, justamente aquele que o enquadraria na categoria de termo técnico. Pode ser ilustrada pelo adjetivo *masochien*, formado pela mesma base de *masochiste*, termo psicanalítico, e que se diferencia deste por um sufixo não marcado que indica origem.

Il part d'abord de Sacher Masoch... qui a tout de même son petit mot à dire quand il s'agit du masochisme l Je sais bien qu'on a un petit peu tranché sur son nom, que maintenant on dit . "maso", (rires). Mais qu'enfin, il dépend de nous de marquer la différence qu'il y a entre "maso" et "masochiste", même "masochien" ou "masoch" tout court. (Seminário *La Logique du Fantasma*, Lição 19/04/1967) (grifo nosso).

Essas funções podem evidentemente sobrepor-se, mas, por razões metodológicas, são apresentadas em categorias distintas. Por exemplo, um neologismo pode surgir, inicialmente, de uma necessidade de denominação. Se o item lexical for específico de uma determinada área de conhecimento, o que o caracteriza como um termo técnico, também entra em jogo a função de terminologização. Do mesmo modo, acreditamos que a função estilística está presente em todas as criações lacanianas.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Le lacanien est une langue toute en finesse, qui permet d'appréhender de façon unique la richesse des rapports humains et les coulisses de la vie.

Corinne Maier, *Le Lacan dira-t-on*.

3.1 Constituição e *corpus* de análise

Conforme esclarecemos na introdução deste trabalho, esta pesquisa se organiza a partir de dois corpora: a obra *789 Néologismes de Jacques Lacan*, de Yan Péliissier *et alii* (sem tradução em língua portuguesa) – doravante denominada *corpus* inicial – e uma versão digitalizada dos 25 *Seminários*, coletada na Web, chamada de *corpus* principal²².

No *corpus* inicial, os neologismos são apresentados em ordem alfabética e acompanhados de um pequeno contexto e da indicação da obra em que se encontram. Os autores também fornecem várias listas na parte final da obra, organizadas de acordo com tipologias distintas: formal, como a lista movalise; temática, como a lista Finnlacans wake; por campo lexical, tal como a lista pai, entre outras. Do total de 789 neologismos, encontramos 483 neologismos registrados como provenientes dos *Seminários*.

Partindo dessa listagem, buscamos coletar, com o aplicativo de busca *WordSmith Tools*²³, os contextos desses neologismos no *corpus* principal.

²² O *corpus* principal é assim composto: os *Seminários* 1, 3, 4, 6, 7, 9, 10, 11, 12, 13, 15, 16, 18, 19, 21, 22, 23, 24 e 25 são versões da ex-Associação Freudiana Internacional (AFI), atualmente Associação Lacaniana Internacional (ALI); os *Seminários* 2, 5, 17 e 20 são as versões da editora Seuil; o *Seminário* 8 é uma versão da Escola Lacaniana de Psicanálise e o *Seminário* 14 é uma versão de origem não-identificada.

²³ O *WordSmith Tools* é um *software* que reúne programas buscadores de palavras, auxiliando na compreensão do comportamento das palavras nos textos. É possível usar ferramentas para encontrar uma determinada palavra ou frase em seu contexto no *Concord*, ou então a listagem de todas as palavras no texto com o *WordList*, podendo

Encontramos 298 itens lexicais. Essa diferença entre o número de neologismos registrados no *corpus* inicial e aqueles encontrados no *corpus* principal se deve a dois fatores principais.

Primeiramente, lembremos que os *Seminários* publicados de Jacques Lacan coexistem com as diferentes versões que circulam na Web. Isso significa que, dependendo da origem do *Seminário* – publicação estabelecida por J.A. Miller e autorizada da editora francesa Seuil, cópia “pirata” em circulação na rede, cópia “pirata” distribuída internamente em associações de psicanálise, etc. –, um mesmo item lexical pode ter sido grafado de maneiras distintas²⁴. Os autores do *corpus* inicial não fornecem bibliografia detalhada, indicando apenas que os neologismos foram coletados em diferentes textos, “em suas diferentes versões disponíveis” (PÉLISSIER, 2002, p. v)²⁵, ao passo que o *corpus* principal se compõe do conjunto de 25 textos dos *Seminários* coletados na internet. Salientamos que não se trata da versão definitiva dos *Seminários*, mas de uma versão selecionada entre outras.

Em segundo lugar, a questão das flexões teve um peso importante nessa diferença. Tomemos um exemplo para esclarecer melhor o problema: quando se trata de um verbo, o *corpus* inicial indica apenas a forma infinitiva, seguida de um pequeno contexto. Nesses casos, durante a coleta dos contextos, buscamos três possibilidades de flexão, que consideramos as mais correntes: primeira e terceira pessoas do singular e primeira pessoa do plural, no *indicatif présent*. Não sendo encontrado nenhum contexto que registrasse essas formas, a palavra era descartada. Houve também situações em que o glossário repertoriava um neologismo – *abhorrique*, por exemplo – inexistente no *corpus* principal.

realizar a ordenação alfabética, estatística ou por frequência. Pode-se, ainda, encontrar as palavras-chave de um texto ou *corpus* com o uso do *KeyWords*.

²⁴ Em alguns casos, a mesma palavra foi grafada de maneiras diferentes de um *Seminário* a outro, ou em um mesmo *Seminário*. É o caso, por exemplo, do termo lacaniano *nom-du-père*: aparece com ou sem hífen, em minúsculas ou maiúsculas, no singular ou no plural. Em geral, Lacan indicava a presença de um neologismo através de uma locução introdutória ou soletrando-o para os ouvintes. Segundo, PÉLISSIER, 2002, p. 64-65, restam poucos neologismos atualmente cuja grafia ainda seja incerta.

²⁵ *Seminários*, resumos de *Seminários*, artigos, prefácios, posfácios, conferências, entrevistas, introduções e conclusões de congressos ou de colóquios, intervenções em comunicações, cartas, telegramas, correspondências e notas (PÉLISSIER, 2002).

Em que pese essa diferença entre os neologismos assinalados no *corpus* inicial e aqueles coletados posteriormente no *corpus* principal, há uma coincidência de ocorrência da ordem de 70%. Considerando que este trabalho não busca a exaustividade, mas o estabelecimento de critérios para a classificação e para a equivalência dos neologismos lacanianos, acreditamos que o conjunto levantado é suficientemente abrangente para a análise que propomos.

Por fim, para estabelecer o *corpus* definitivo de análise, o critério final para considerar se uma criação lacaniana era realmente um neologismo foi a ausência de registro no *corpus* de exclusão: o dicionário *Le Grand Robert*, e o *Trésor de la Langue Française Informatisé*²⁶. Nesse *corpus* de exclusão, encontramos o registro de sete neologismos, como veremos no próximo capítulo, os quais foram descartados da análise.

3.2 Metodologia de análise

Os neologismos confirmados foram, então, analisados a partir dos contextos disponíveis e classificados de acordo com uma tipologia funcional e formal, explicitada no capítulo anterior. Cada neologismo é seguido de um pequeno contexto que permite acompanhar a evolução do processo de criação. Considerando o número significativo de contextos e as dificuldades levantadas pela tradução do texto laciano – entre elas, a proposta de uma solução prematura para os neologismos lacanianos –, optamos por não traduzi-los. São eles, por ordem de frequência: neologismos formados por derivação sufixal, prefixal e parassintética, palavras-valise, neologismos formados por composição, criações por associação, decalques lexicais e

²⁶ O *Trésor de la Langue Française*, em versão eletrônica, é um dicionário de referência dos séculos XIX e XX em 16 volumes, com 100.000 palavras com sua história, 270.000 definições, 430.000 exemplos, produzido pela unidade mista de pesquisa ATILF (*Analyse et Traitement Informatique de la Langue Française*), Institut National de la Langue Française (INALF – CNRS) e *Langue Discours Cognition - Université Nancy 2 (LANDISCO)*.

fonológicos, empréstimos externos e internos, semânticos e lexicalização de nome próprio.

Ressaltamos que quase metade das ocorrências – 147 neologismos – é formada por palavras hápax, ou seja, por palavras que aparecem uma única vez (ALVES *et al*, 2004, p. 116). Quanto às outras, a maioria ocorre apenas uma ou duas vezes. Apenas vinte criações lexicais apresentaram mais de dez ocorrências; outras vinte, entre cinco e nove ocorrências (ver quadro I). Alguns dos neologismos mais recorrentes passaram por um processo de terminologização²⁷ e são, hoje em dia, estudados e empregados pelos discípulos e estudiosos de Lacan, mas vale salientar que nem todas as criações de natureza terminológica se perpetuaram (ver o caso dos adjetivos terminados em *-ique* no capítulo de análise).

Por fim, é importante salientar que a análise é efetuada a partir da observação empírica dos neologismos em seus contextos originais e se apóia em estudos lingüísticos sobre a formação de palavras em geral – em língua francesa e em língua portuguesa – e sobre os neologismos em particular. Isso significa precisamente que o ponto de partida da análise é, sempre, lingüístico, e não psicanalítico. Essa visão estritamente lingüística do fato neológico em Lacan se explica pelos limitados conhecimentos em psicanálise desta autora.

Quadro 1 – Neologismos mais freqüentes

<i>nom-du-père</i>	216
<i>sujet supposé savoir</i>	180
<i>unaire</i>	169
<i>lalangue</i>	107

²⁷ Segundo KRIEGER; FINATTO, 2004, p. 70, “a terminologização é o processo [...] por meio do qual palavras da língua comum sofrem uma ressignificação, passando a alcançar estatuto de termo. Nessa passagem, palavras comuns adquirem significados especializados, pertinentes a determinado campo de saber científico ou técnico, tornando-se, então, elementos integrantes de repertórios de termos.”

<i>plus-de-jouir</i>	104
<i>sinthome</i>	85
<i>psychanalysant</i>	77
<i>stécriture</i>	37
<i>parlêtre</i>	32
<i>pas-de-sens</i>	31
<i>mathème</i>	17
<i>un-en-plus</i>	15
<i>demansion</i>	14
<i>étourdit</i>	12
<i>hommelle</i>	12
<i>dit-mansion</i>	11
<i>y a d'l'un</i>	10
<i>enforme</i>	10
<i>désêtre</i>	10
<i>ternarité:</i>	9
<i>objectalité</i>	9
<i>hun</i>	8
<i>linguisterie</i>	8
<i>endoctrination</i>	8
<i>entre-je</i>	7
<i>poubellication</i>	7
<i>dit-mansion</i>	6
<i>famillionnairement</i>	6
<i>panse(r)</i>	6
<i>pas-je</i>	6
<i>kalimeros</i>	5
<i>hommoizin</i>	5
<i>omnitude</i>	5
<i>père-version</i>	5
<i>personnaison</i>	5
<i>tychique</i>	5
<i>plagiarisme</i>	5

<i>portioncule</i>	7
<i>quatrêsse</i>	5

4 ANÁLISE DOS NEOLOGISMOS LACANIANOS

*Que ça n'ait rien à faire, moi je m'en fous.
Je ne me soumetts pas forcément à l'étymologie
quand je me laisse aller à ce jeu de mots dont
on fait à l'occasion le mot d'esprit, le contrepét,
en l'occasion évident, m'en revenant aux lèvres
et le renversement à l'oreille.*

Lacan, *D'un Discours qui ne serait pas du semblant*

Vamos empreender, neste capítulo, a análise detalhada dos neologismos encontrados nos *Seminários*. Tal análise se fundamentará na classificação formal – derivação, palavras-valise, composição, criação por associação, empréstimo, decalque, neologia semântica e lexicalização de nome próprio – e na classificação funcional – funções denominativa, estilística, de adequação, analógica, de terminologização e de desterminologização – propostas no capítulo 2. Buscaremos, desta maneira, compreender melhor a formação de cada neologismo e o papel que desempenham no contexto em que se inserem. A classificação formal será útil, portanto, para embasar a escolha posterior dos equivalentes em língua portuguesa, no que diz respeito à sua formação. A classificação funcional demonstrará melhor a relação da linguagem lacaniana com os padrões morfossintáticos e semânticos da língua francesa.

4.1 Derivação

Conforme dissemos anteriormente, nos *Seminários* lacanianos, a derivação é o processo de formação mais produtivo. Identificamos 124 neologismos assim formados, divididos em derivação sufixal, prefixal e parassintética.

4.1.1 Sufixal

No processo de derivação sufixal, o acréscimo de um sufixo a uma palavra-base lhe atribui um sentido acessório, provocando, muitas vezes, a mudança de classe gramatical (ALVES, 1994).

A maioria dos casos preenche uma lacuna vocabular – função denominativa – e uma necessidade estética – função estilística. Vejamos os casos de natureza nominal a partir dos sufixos *-ité/-éité*, *-itude*, *-ade* e *-aison*:

internité: *interne* + *-ité*

*Ce qui nous intéresse dans ceci, une serrure, qui est une composition signifiante, c'est l'**internité** de cette composition avec la polyvalence, le choix, l'énigme à l'occasion du chiffre qui lui permettra de fonctionner. (Seminário Les problèmes cruciaux pour la psychanalyse, Lição 05/05/1965) (grifo nosso).*

objectalité: *objectal* + *-ité*

*Ce lieu où nous avançons un peu plus loin cette année, avec notre discours sur l'angoisse, c'est ce lieu où je vous démontre comme ? se forme, ?, l'objet des objets, objet pour lequel notre vocabulaire a promu le terme d'**objectalité** en tant qu'il s'oppose à celui d'objectivité. (Seminário L'Angoisse, Lição 08/05/1963) (grifo nosso).*

ternarité: *ternaire* [a partir de *ternarius*] + *-ité*

*C'est de cette équivalence, de cette identification à l'autre comme imaginaire que la **ternarité** du surgissement de l'objet s'institue. (Seminário L'Identification, Lição 21/03/1962) (grifo nosso).*

tertiarité: *tertiaire* + *-ité*

*On va donc entrer dans une série de discussions dans ce que peut bien représenter ce nom, gimel. [Ici, Lacan fait un développement sur la **tertiarité** consonantique des langues sémitiques et sur la permanence de cette forme à la base de toute forme verbale dans l'hébreu].(Seminário L'Identification, Lição 10/01/1962) (grifo nosso).*

unarité: unaire + -ité

*[Freud] le montre sur le plan de l'identification collective, de ce qui est en somme une sorte de point de concours de l'expérience, par quoi l'**unarité** du trait si je puis dire, mon trait unaire, c'est ce que je voulais dire, se reflète dans l'unicité du modèle pris comme celui qui fonctionne dans la constitution de cet ordre de réalité collective qu'est, si l'on peut dire, la masse avec une tête, le leader.]. (Seminário L'Identification, Lição 20/06/1962) (grifo nosso).*

femellité: femelle + -ité

*Ce serait intéressant de poser la question de savoir si l'un quelconque des deux termes masculinité, "mâlité" ou "**femellité**", féminité, est une qualification recevable en tant que prédicat. (Seminário D'un Autre à l'autre, Lição 12/03/1969) (grifo nosso).*

hétérotité: hétéro + -ité

*L'Autre est conjoint non point au pareil mais au même, et la question de la réalité de l'Autre est distincte de toute discrimination conceptuelle ou cosmologique, elle doit être pensée au niveau de cette répétition de l'un qui l'institue dans son **hétérotité** essentielle. (Seminário Problèmes Cruciaux pour la Psychanalyse, Lição 03/03/1965) (grifo nosso).*

toricité: tore + -ité

*Soury va vous passer des tores, des tores sur lesquels il y a quelque chose de tricoté. Il y a quelque chose qui me soucie particulièrement, c'est le rapport entre ce qu'on peut appeler **toricité** et le trouage. (Seminário Le Moment de Conclure, Lição 21/03/1978) (grifo nosso).*

dangéité: danger + -éité

Franchissant la caractéristique certaine, il y a là danger objectif, Gefahr, dangéité, Gefährdung, situation de danger, entrée du sujet dans le danger, ce qui, après tout, mériterait arrêt. Qu'est-ce qu'un danger? On va dire que la peur est de sa nature, adéquate, correspondante, entsprechend ? l'objet d'où part le danger. (Seminário L'Angoisse, Lição 06/03/1963) (grifo nosso).

mâlité: mâle + -ité

Ce serait intéressant de poser la question de savoir si l'un quelconque des deux termes masculinité, "mâlité" ou "femellité", féminité, est une qualification recevable en tant que prédicat. (Seminário D'un Autre à l'autre, Lição 12/03/1969) (grifo nosso).

Nos casos acima, recebem o sufixo *-ité/-éité*, indicativo de qualidade, substantivos – *danger, femelle, tore, mâle* [perigo, fêmea, toro, macho] –, adjetivos – *interne, objectal, ternaire* (através do recurso à palavra latina original *ternarius*), *tertiaire* e *unaire* (criado por derivação sufixal a partir do numeral *un*) [interno, objectal, ternário, terciário, unário] –, ou um formante – *hétéro-* –. Observa-se que, embora a palavra *dangérosité* esteja registrada no dicionário²⁸, cuja semântica compreende o caráter perigoso de algo, a situação de perigo, proposta pelo termo concorrente *dangéité*, é um novo conceito, ainda não existente e não denominado lingüísticamente. No caso de *mâlité*, Lacan parece querer evitar o genérico *machisme*, criando um termo com valor semântico positivo, como em *féminité* ou *femellité*.

Sobre o adjetivo *unaire*, Lacan explica seu emprego em duas ocasiões. Primeiramente no *Seminário* de 1961-1962:

L'unique Zug, qui est ce qui donne à cette fonction son prix, son acte et son ressort, c'est ceci qui nécessite, pour dissiper ce qui pourrait ici rester de confusion, que j'introduise pour le traduire au mieux et au plus près ce terme, qui n'est point un néologisme, qui est employé dans la théorie dite des ensembles, le mot unaire au lieu du mot unique. (Lacan, J., Séminaire L'identification).

²⁸ A palavra *dangérosité* tem, no dicionário Le Robert, a seguinte aceção: “*caractère dangereux. La dangérosité d'une maladie.*” LE GRAND ROBERT - Dictionnaire alphabétique et analogique de la langue française – CD-ROM.

E dez anos depois, no *Seminário* de 1971-1972:

C'est même pour ça que j'ai inventé un mot qui sert de titre à ce que je vais vous le dire. Je ne-suis pas très sûr, je suis même sûr du contraire, je n'ai pas inventé l'UNAIRE, le trait unaire qu'en 1962 j'ai cru pouvoir extraire de Freud qui l'appelle "einzig", en le traduisant ainsi, ce qui a paru, à l'époque, miraculeux à quelques-uns. (Lacan, J., Séminaire ...Ou pire)

Pélissier (2002, p. 93) considera essa palavra “neologicamente pobre (e já utilizada pelos químicos com um outro sentido).” Nesse sentido, também poderia ser considerada como um caso de neologismo semântico.

O sufixo *-itude* forma substantivos abstratos que designam a qualidade ou o estado expresso pela base, aqui constituída por um adjetivo autônomo – *intact* e *strict* – ou por um radical latino em *-i*, caso de *omnitude*. Eram os conceitos de estado de intacto – ainda que aqui Lacan crie *intactitude* como um sinônimo de *intouchabilité* – e de qualidade de estrito e de todo que faltavam à língua francesa.

intactitude: *intact* + *-itude*

Mais c'est pourquoi, s'il n'était pas soigneusement préservé de l'intactitude, l'intouchabilité de cette propre image, ce qui surgirait de tout cela serait bel et bien l'angoisse et l'angoisse devant quoi? (Seminário Le Transfert, Lição 14/06/1961) (grifo nosso).

strictitude: *strict* + *-itude*

Ces remarques m'amènent à me demander comment définir en toute strictitude ce désir, de façon à vous faire tout de même bien sentir de quoi nous parlons. (Seminário Les Formations de l'Inconscient, Lição 07/05/1958) (grifo nosso).

No neologismo *omnitude* [*on/omni* + *-itude*], no entanto, há outra noção presente – a do sujeito indeterminado *on* –, o que não poderia ser inferido se não houvesse a explicitação feita por Lacan:

'L'être pour la mort', pour l'appeler par son nom, qui est la voie d'accès par où Heidegger, dans son discours rompu, nous mène à son interrogation présente et énigmatique sur l'être de l'étant, je crois, ne passe pas vraiment par l'angoisse. La référence vécue de la question heideggerienne, il l'a nommée, elle est fondamentale, elle est du 'tout', elle est de 'l'on', elle est de l'omnitude du quotidien humain, elle est le souci. (Seminário L'Angoisse, Lição 14/11/1962) (grifo nosso).

A função denominativa também se encontra presente na criação do substantivo *cosmécologie*, formado a partir de *cosmétique* e do formante *-logie*:

cosmécologie: cosmétique + -logie

Il n'a pas spatialisé le nœud borroméen de la bonne façon. Grâce à quoi, n'est-ce pas, nous en sommes toujours, à être, comme me le disait Heidegger, là, que j'ai extrait tout à l'heure de sa boîte, à être In-der-Welt, à l'In-der-Welt-sein. C'est une cosmécologie, cosméculeuse en plus. (Seminário RSI, Lição 08/04/1975) (grifo nosso).

O mesmo para *personnaison*: formado a partir de *personne* e do sufixo *-aison*, este neologismo expressa, para Lacan,

*Ce que je veux simplement vous dire, c'est que c'est le point de précision essentielle à partir de quoi nous allons pouvoir, la prochaine fois nous poser la question de savoir quel est le rôle de la **personnaison** du sujet, à savoir, de la façon dont le sujet dit "Je " ou dit " moi ", ou dit " tu ", ou dit " il ". Quel est le rôle, quelle est la relation qu'il y a entre cette personnaison et ce mécanisme fondamental, cette relation du signifiant et du signifié? (Seminário Les Psychoses, Lição 06/06/1956) (grifo nosso).*

e se contrapõe aos substantivos já existentes *personnalisation* e *personnification*, que remetem à ação de representar uma abstração sob os traços de uma pessoa ou à ação de tornar algo pessoal. O mesmo se dará com *jouissance*, formado a partir da base verbal *jouir* [gozar], seguida do sufixo *-ade* que, entre outras possibilidades, serve para formar substantivos que exprimem uma noção de conjunto ou de elemento de um grupo, e que geralmente forma numerais como *décade*, *dyade*, *triade*. A noção expressa pelo substantivo *jouissance* significa a ação de *jouir* e o estado daquele que

jouit, ao passo que *jouissade* se refere a uma díade que tem como elementos o bebê e a mãe:

[...] la fusion dont bénéficierait le jouisseur de la "jouissade": le petit baby, dans le sein de sa mère (où nul jusqu'à ce jour, n'a pu nous témoigner qu'il soit dans une position plus commode que n'est la mère elle-même à le porter)... (Seminário La logique du Fantasma, Lição 19/04/1967) (grifo nosso)

Na função denominativa a seguir, o recurso foi a verbalização de substantivos e de um numeral por meio do sufixo verbal *-er*:

âmer: *âme* + *-er*

C'est là que, lalangue, lalangue en français doit m'apporter une aide - non pas, comme il arrive quelquefois, en m'offrant une homonymie, du d'eux avec le deux, du peut avec le peu, voyez ce il peut peu qui est bien tout de même là pour nous servir à quelque chose - mais simplement en me permettant de dire qu'on âme. J'âme, tu âmes, il âme. Vous voyez là que nous ne pouvons nous servir que de l'écriture, même à y inclure jamais j'âmais. (Seminário Encore, Lição 13/03/1973) (grifo nosso).

chariter: *charité* + *-er*

*Ceci grâce à cette histoire à dormir debout de Sodome et de Gomorrhe hein! Il y a des jours, même, où il me viendrait que la charité chrétienne serait sur la voie d'une perversion un peu éclairante du non-rapport. Vous voyez jusqu'où je vais hein! c'est pourtant pas dans ma pente, mais enfin, c'est le cas de le dire, il faut pas charrier...ni **chariter** ! (Seminário RSI, Lição 08/04/1975) (grifo nosso).*

dialectiquer: *dialectique* + *-er*

*Entre ces deux termes qui constituent, si je puis dire, dans leur essence, l'amant et l'aimé, observez qu'il n'y a aucune coïncidence. Ce qui manque à l'un n'est pas ce "ce qu'il a", caché dans l'autre. Et c'est là tout le problème de l'amour. Qu'on le sache ou qu'on ne le sache pas ceci n'a aucune importance. On en rencontre à tous les pas dans le phénomène, le déchirement, la discordance et quiconque n'a pas besoin pour autant de dialoguer, de '**dialectiquer**'*

/dialektikeuesthai/ sur l'amour, il lui suffit d'être dans le coup, d'aimer, pour être pris à cette béance, à ce discord. (Seminário Le Transfert, Lição 30/11/1960) (grifo nosso).

dimenser: *dimension + -er*

[...] il nous faut inventer autre chose que simplement l'indication d'une dimension qui soit zéro, qui ne " dimense " pas. (Seminário RSI, Lição 19/11/1974) (grifo nosso).

isologier: *isologie + -er*

*[...] le texte nous dit : J'ai appris des maîtres... vous le voyez. à parler... [...] (les maures mont appris à parler ainsi par isologie), disons ... jeu de mots, mais ce n'est pas le jeu de mots l'isologie, c'est vraiment une technique. Je vous passe tout ce qui a pu se dépenser d'ingéniosité pour chercher quel maître, est-ce Prodicus, n'est-ce pas Prodicus? N'est-ce pas plutôt Isocrate parce que aussi dans Isocrate il y a iso et ce serait particulièrement iso d'**isologier** Isocrate. Ceci nous mène à des problèmes! vous ne pouvez pas savoir ce que ça a engendré comme recherches! Isocrate et Platon étaient-ils copains... ? (Seminário Le Transfert, Lição 07/12/1960) (grifo nosso).*

métalangagier: *métalangage + i + er*

*C'est tout de même curieux que des linguistes ne voient pas que tout usage du langage, quel qu'il soit, se déplace dans la métaphore, qu'il n'y a de langage que métaphorique, comme le démontre toute tentative de **métalangagier**, si je puis m'exprimer ainsi, qui ne peut faire autrement que d'essayer de partir de ce qu'on définit toujours, chaque fois qu'on s'avance dans un effort dit logicien [...] (Seminário D'un Discours qui ne serait pas du Semblant, Lição 10/02/1971) (grifo nosso).*

métalanguer: *méta + langue + -er*

*[...] j'ai reçu de ce Coornaert un machin qui s'appelle Knots and links, c'est anglais, ce qui veut dire, parce que ce n'est pas tout simple, il faut **métalanguer**, c'est-à-dire traduire, on ne parle jamais d'une langue que dans une autre langue. Si j'ai dit qu'il n'y a pas de métalangage, c'est pour dire que le langage, ça n'existe pas. (Seminário Le Moment de Conclure, Lição 15/11/1977) (grifo nosso).*

potiérer: potier + -er

[...] je vous en parle parce que si c'est le client qui finalement a à juger du pot, faute de quoi le potier, enfin il peut se mettre la ceinture, ça nous démontre quelque chose, c'est que c'est le client qui non seulement achète le pot, mais qui, l'artisan, le "potière", si je puis m'exprimer ainsi. (Seminário Les Non-Dupes Errent, Lição 23/04/1974) (grifo nosso).

réminiscer: réminiscence + -er

*La réminiscence consiste à, à imaginer à propos de, de quelque chose qui fait fonction d'idée, mais qui rien est pas une, on s'imagine qu'on se la **réminisce**, si je puis m'exprimer ainsi. C'est en ça que les deux fonctions sont distinguées dans Freud, parce que il avait le sens des distinctions; c'est en ça que la réminiscence est distincte de la remémoration. (Seminário Le Sinthome, Lição 13/04/1976) (grifo nosso).*

remparder (se): rempart + -er

*[...] dans la vie intime de chaque psychanalyste, l'imposture plane, comme présence à la fois contenue, exclue, ambiguë, contre laquelle le psychanalyste se **remparde**, pourrions-nous dire, d'un certain nombre de cérémonies, de formes, de rites, dont la liaison essentielle avec la question de l'imposture est quelque chose qui est à proprement parler à détecter. (Seminário Les Quatre Concepts Fondamentaux de la Psychanalyse, Lição 24/06/1964) (grifo nosso).*

savanter: savant + -er

*Chacun a sa place: le savant **savante** dans des endroits désignés et on ne va pas regarder de si près si son savamment, à partir d'un certain moment, se répète, se rouille ou même devient pur semblant de savanterie. (Seminário L'Objet de la Psychanalyse, Lição 11/05/1966) (grifo nosso).*

tétraédrrer: tétraèdre + -er

*L'objet a dont je vous ai parlé tout à l'heure, c'est pas un objet c'est ce qui permet de **tétraédrrer** ces quatre discours, chacun de ces discours à sa façon. (Seminário Le Savoir du Psychanalyste, Lição 02/12/1971) (grifo nosso).*

Esses substantivos – *charité, dialectique, dimension, isologie, métalangage, métalangue, plaisir, potier, réminiscence, rempart, savant* e *tétraèdre* [caridade, dialética, dimensão, isologia, metalinguagem, metalíngua, prazer, ceramista, reminiscência, muralha, sábio, tetraedro] –, e o numeral *trois*, ao serem acrescidos do sufixo verbal *-er*, passam a significar ações associadas: fazer caridade, fazer dialética, fazer metalinguagem ou metalíngua, dar prazer, ter reminiscências, levantar muralha, agir como sábio, transformar em tetraedro. Assim, além de uma função denominativa, esses substantivos adaptam-se à estrutura frasal, que requer um verbo e não um substantivo.

No caso do verbo *plaisirer*, há um antecedente: o verbo *plaire*, que significa o mesmo que a derivação de *plaisir*: ‘ser uma fonte de prazer para alguém’, ‘proporcionar uma satisfação psicológica’ (Le Petit Robert, 2002). Nesse caso, pode-se levantar a hipótese de uma busca de aproximação formal com o verbo *désirer*, pertencente ao mesmo campo semântico, o que configuraria uma função analógica:

plaisirer: plaisir + -er

[...] *il s'agit alors de plaisirer, si je puis dire, le plaisir lui-même, de trouver le module du juste ton au cœur de ce qu'il en est du plaisir. (Seminário D'un Autre à l'autre, Lição 15/01/1969) (grifo nosso).*

Essa função também estaria presente na criação das palavras *pathème* e *mathème*. Esta última, consagrada na psicanálise de orientação lacaniana, refere-se à “escritura de aspecto algébrico que contribui para formalizar a teoria psicanalítica” (CHEMAMA; VANDERMERSCH, 1998, p. 241). Formase a partir do termo *mythème* [mitema] de Lévi-Strauss e da palavra grega *mathêma*²⁹, em analogia com o termo *phonème*, a exemplo de *semantème* e *semème*, que recorrem ao sufixo *-ème*, indicador de uma unidade mínima distintiva.

²⁹ Ver Elisabeth Roudinesco, 1994, p.361.

*[...] l'introduction d'un nombre de plus en plus élevé, de plus en plus élaboré de ce qu'il nous faut bien à ce niveau appeler **mathème** et pour savoir qu'assurément les dits mathèmes ne comportent nullement une généalogie rétrograde, ne comportent aucun exposé possible pour lequel il faudrait employer le terme d'historique. (Seminário Le Savoir du Psychanalyste, Lição 02/12/1971) (grifo nosso).*

***pathème**: pater + -ème*

*Ce qui n'empêche pas que si dans l'inconscient il n'y avait pas une foule de signifiants à copuler entre eux, à s'indexer de foisonner deux par deux, il n'y aurait aucune chance que l'idée d'un sujet, d'un **pathème** du phallus dont le signifiant c'est l'Un qui le divise essentiellement, vienne au jour. (Seminário RSI, Lição 11/03/1975) (grifo nosso).*

O recurso ao sufixo verbal *-iser* – que se associa a nomes, adjetivos e radicais latinos – e, a partir dele, ao sufixo *-isation*, acrescido a substantivos, teria a função denominativa. Observe-se, de passagem, que ambos os sufixos se encontram em expansão na língua francesa, fenômeno observado por Grévisse (1959, p. 94) já na metade do século XX. Também J. Dubois (apud GUILBERT, 1969, p. 64), ressalta a produtividade desse par de sufixos. Segundo ele,

A presença dos pares análogos de sufixos em inglês (-ize/-ization*) e até em alemão (*-isieren/isierung*) contribui sem dúvida para reforçar no francês contemporâneo a vitalidade de uma estrutura de que os dicionários de referência não dão conta...” (tradução nossa)*

A mesma inferência pode ser feita em relação à língua portuguesa, na qual esses sufixos se revelam bastante produtivos, conforme atesta Alves (1999, p. 161-162), ao distinguir os neologismos da língua geral e os terminológicos:

*Ambos os neologismos são sujeitos aos modismos que também regem a formação de palavras, ou seja, são constituídos por afixos e modalidades de composição que são produtivos em um determinado período. Exemplos dessa produtividade podem ser demonstrados com os verbos e substantivos formados com *-zar* e *-ização*, respectivamente [...].*

Vejam as criações lexicais lacanianas a partir desses sufixos, que podem ser divididas em dois grupos, verbalização e nominalização:

concentriser: *concentrique* + *-iser*

[...] *je vous ai dit tout à l'heure que c'était tout à fait équivalent que ces trous aient l'air ou n'aient pas l'air de se **concentriser**, si je puis dire, l'un l'autre.* (Seminário L'Objet de la Psychanalyse, Lição 05/01/1966) (grifo nosso).

aniser: *a* + *-iser* (*aïser*)

*Je continue. Toute exigence de ? sur la voie de cette entreprise, disons, puisque j'ai pris la perspective androcentrique de rencontrer la femme, ne peut que déclencher l'angoisse de l'autre, justement en ceci que je ne le fais plus que petit a, que mon désir le **anise**, si je puis dire.* (Seminário L'Angoisse, Lição 13/03/1963) (grifo nosso).

histrioniser: *histrion* + *-iser*

*Nous sommes peu fier, qu'on le sache, de ce pouvoir d'illecture que nous avons su maintenir intact dans nos textes pour parer ici par exemple à ce que l'historialisation d'une situation offre d'ouverture, bénie, à ceux qui n'ont de hâte qu'à l'**histrioniser** pour leurs aises.* (Seminário L'Acte Psychanalytique, Resumo, 07/1969) (grifo nosso).

originaliser: *original* + *-iser*

*C'est autre chose et alors, c'est là qu'il faut faire le saut et nous apercevoir que des signes sont donnés dans une expérience privilégiée, qu'il y a un ordre, un ordre à distinguer, non pas du Réel, mais dans le Réel, et qu'il s'origine, s'**originalise** d'être solidaire de quelque chose qui, malgré nous, si je puis dire, est exclu de cet abord de la vie, mais dont nous ne nous rendons pas compte.* (Seminário Les Non-Dupes Errent, Lição 11/06/1974) (grifo nosso).

titriser: *titre* + *-iser*

*Même l'art abstrait se **titrise** comme les autres - j'ai pas voulu dire titularise parce que ça ne voudrait rien dire - même l'art abstrait a des titres, des titres qu'il s'efforce de faire aussi*

vides qu'il peut, mais quand même ça se titrise. (Seminário L'Insu que sait de l'Une Bévvue s'Aile à Mourre, Lição 19/04/1977) (grifo nosso).

Nos casos acima, o sufixo *-iser* acrescentado ao adjetivo *concentrique*, aos substantivos *a* (redução de *petit a*), *histrion*, *original* e *titre* [concêntrico, pequeno a, histrião, original, título] “[causa] o fato expresso na raiz” (CARVALHO, 2000, p. 193), ou seja, torna ou transforma em concêntrico, em pequeno a, tornar histrião, original (fazendo um jogo com *origine*), dá título.

Na nominalização, o sufixo *-isation*, que indica ação ou resultado da ação, é acrescido a um verbo, respondendo, assim, ao critério indicado por Valente (2000, p. 169): “Há que se ter a base verbal em ‘izar’ para que se possa chegar ao substantivo deverbal com o sufixo *-ção*”. Os substantivos *objectalisation* e *mémorialisation* contam com a intermediação “de um verbo virtual que, mesmo não tendo sido atestado, está na consciência do falante-criador” (PILLA, 2002, p. 27-28): **objectaliser* e **mémorialiser*³⁰.

objectalisation: **objectaliser* + *-isation*

D'où il résultait que l'objet de la pulsion orale en tant que nous le considérons comme le sein primordial, à propos de cette mamme générique de l'objectalisation psychanalytique, la question pouvait se poser, le sein réel, dans ces conditions, est-il mammaire? (Seminário L'Identification, Lição 21/02/1962) (grifo nosso).

mémorialisation : **mémorialiser* + *-isation*

Dans l'effet de remémoration disons-nous, mémorialisation insisté-je, qui consiste à se raconter pour le sujet, à raconter son histoire, il y a là latence de ce qui commande à cette syntaxe, pour avancer, de se faire de plus en plus serrée à ce que Freud au départ de sa description de la résistance psychique nous appelle un 'noyau'. (Seminário Les Quatre Concepts Fondamentaux de la psychanalyse, Lição 19/02/1964) (grifo nosso).

³⁰ O asterisco indica uma forma não atestada.

É também um verbo virtual ou *abstrato* (DUBOIS, 1972) – **ensemblier* – que origina o neologismo *ensemblissement*, formado a partir desse verbo e do acréscimo do sufixo *-ement* – variante de *-ment* –, indicativo de processo. Aqui, estão presentes a função denominativa, visto que há necessidade de uma palavra que indique o processo e não a ação ou o resultado final desse processo, e a função de adequação.

C'est une petite parenthèse destinée à vous rappeler que ça n'est pas sans constituer une très forte innovation logique que tout ce qui se rapporte à ce que j'appellerai l'ensemblissement - pour des raisons de consonance, j'aime mieux ça que ensemblement -, quoiqu'il arrive que la théorie des ensembles s'ensable de temps en temps. (Seminário D'un Autre à l'autre, Lição 11/06/1969) (grifo nosso).

Esse mesmo prefixo marcador de processo será utilizado em duas outras nominalizações, a partir de um verbo (*élider*) e de um substantivo (*savant*), cumprindo funções de denominação e de adequação:

élidement: *élider* + *-ment*

[...] ce qui se passe comme réaction typique de l'organisme, en tant qu'il est réglé par l'appareil neuronique, c'est l'élidement. Les choses sont vermeidet, élidées. Ici, au niveau des Vorstellungsrepräsentanzen, c'est le lieu élu de la Verdrängung. Ici, c'est le lieu de la Verneinung. (Seminário L'Éthique de la Psychanalyse, Lição 16/12/1959) (grifo nosso).

O substantivo *savantement* faz parte de um grupo que reúne três neologismos a partir do substantivo *savant*: o verbo *savanter* e os substantivos *savantement* e *savanterie*. Em todos os casos, estão presentes as funções denominativa e de adequação, mas, no último, o prefixo *-erie* produz ainda um efeito claramente irônico:

savantement: *savant* + *-ement*

Chacun à sa place: le savant savante dans des endroits désignés et on ne va pas regarder de si près si son savantement, à partir d'un certain moment, se répète, se

rouille ou même devient pur semblant de savanterie.
(Seminário *Le Savoir du Psychanalyste*, Lição 11/05/1966)
(grifo nosso).

No mesmo caso parece encaixar-se o substantivo *psychiatrierie*: ambos são vertentes jocosas do conhecimento do *savant* e da *psychiatrie*. A criação se dá por necessidade de diferenciação do sentido original, ao produzir um traço semântico anteriormente inexistente: a psiquiatria como algo digno de zombaria.

[...] je ne sais pas s'il conviendrait de faire là-dessus quelques remarques, quelques remarques inspirées de ma vieille expérience, celle que je viens d'évoquer précisément, et de distinguer, à cette occasion entre la Psychiatrie et la psychiatrierie. La question des malades mentaux ou de ce qu'on appelle, pour mieux dire les psychoses, c'est une question pas du tout résolue par l'anti-psychiatrie, quelles que puissent être là-dessus les illusions qu'entretiennent quelques entreprises locales. (Seminário *Le Savoir du Psychanalyste*, Lição 14/11/1971) (grifo nosso).

Percebe-se que, nesses casos, Lacan se refere aos saberes estabelecidos em um tom mais informal, demonstrando atribuir menos importância a eles.

Já com *linguisterie*, há outro sufixo *-erie*, homófono do anterior³¹, que designa igualmente uma atividade; com efeito, Lacan afirma “*qu’il faudra, pour laisser à Jakobson son domaine réservé, forger quelque autre mot. J’appellerai cela la linguisterie*” (grifo nosso). Considerando que o conceito de lingüística, enquanto ciência da linguagem, está estabelecido, poderíamos dizer que se trata de uma desterminologização desse termo. Com isso, ele indica que, embora a *linguisterie* também trate da linguagem, ela o faz de modo diferenciado.

A função denominativa, com a atribuição de um traço pejorativo à nova palavra, é também o que determina a criação do verbo *éventailier* e dos

³¹ Segundo Rocha (1998, p. 110), sufixos homófonos são aqueles que apresentam a mesma seqüência fonética, mas sentidos e/ou funções diferentes. É o caso dos neologismos *linguisterie* e *savanterie*, que recorrem aos sufixos homófonos *-erie*: no primeiro, o sufixo indica uma atividade; no segundo, indica uma atividade marcada por um valor depreciativo, irônico.

substantivos *plumaille* e *portioncule*. No primeiro caso, o substantivo *éventail*, que encerra a noção de leque em sentido próprio e de conjunto de possibilidades em sentido figurado, recebe o sufixo *-ailler*, que indica uma frequência negativa, conforme se vê no contexto abaixo:

Si le discours universitaire se définit de ce que le savoir y soit mis en position de semblant, c'est ce qui se contrôle, c'est ce qui se confirme de la nature même de l'enseignement où qu'est-ce que vous voyez ? C'est une fausse mise en ordre de ce qui a pu s'éventailier, si je puis dire, au cours des siècles, d'ontologies diverses. (Seminário Le Savoir du Psychanalyste, Lição 04/05/1972) (grifo nosso).

Do mesmo modo, o sufixo *-aille* imprime um valor coletivo pejorativo a *plume* [pluma], em *plumaille*, assim como o sufixo *-cule*, atribui um valor diminutivo pejorativo à palavra *portion* [porção], em *portioncule*.

*[...] depuis très longtemps, depuis le temps qu'il y a des gens qui nous peignent les messagers qui surgissent quelque part, dans l'espace, pourvus de cette **plumaille** ridicule qui rend leur image vraiment, dans tous les tableaux, à proprement parler intolérable - pourquoi est-ce qu'on ne l'appelle pas un ange?... (Seminário Problèmes Cruciaux pour la Psychanalyse, Lição 07/04/1965) (grifo nosso).*

*À la différence d'une sphère qui ne quitte pas sa structure fondamentale, concentrique, à propos de n'importe quelle coupure ou bord fermé que vous pouvez décrire sur sa surface, ici la coupure introduit un changement essentiel à savoir l'apparition d'une bande de Moebius et d'autre part ce lambeau ou **portioncule**. (Seminário L'Objet de la Psychanalyse, Lição 15/12/1965) (grifo nosso).*

Basílio (2004, p. 74-75) lembra que a pejoratividade é o caso por excelência da expressão da atitude subjetiva em relação ao enunciado ou alguma de suas partes e dá como exemplos os palavrões e os diminutivos pejorativos em português. Na língua francesa, os sufixos *-aille/-ailler* e o sufixo diminutivo *-cule* exprimem essa atitude de depreciação em relação ao objeto do enunciado. Para marcar essa depreciação, Lacan recorre então a eles.

No caso de *ânonnation*, *pliation* e *endoctrination*, realiza uma adequação sintática, pois não há variação de conceito, apenas mudança de categoria gramatical, dos verbos *ânonner* [hesitar, titubear], *plier* [dobrar] e *endoctriner* [doutrinar] para o substantivo, a partir do sufixo *-ation* (variante de *-tion*), que indica o resultado de uma ação e se associa a bases verbais.

*Tout de même, ici, un peu à la façon dont je disais tout à l'heure que la montagne du rêve annoncée accouche d'une souris, il y a quelque chose d'analogue, de décelable dans ce que j'appellerais presque les **ânonnations** de l'analyste. (Seminário Le désir et son interprétation, Lição 28/01/1959) (grifo nosso)*

*C'est ce qu'on prend au dehors quand on n'a rien compris (il faut dire que les psychanalystes ne s'expliquent pas très bien), ce qu'on prend pour la **pliation** à tout sens de l'interprétation. Elle n'est pas pliable à tout sens. (Seminário Les Quatre Concepts Fondamentaux de la Psychanalyse, Lição 27/05/1964) (grifo nosso).*

*Toute une **endoctrination**, psychanalytique de titre, peut ignorer encore qu'elle néglige là le point dont toute stratégie vacille de n'être pas encore au jour de l'acte psychanalytique. (Seminário L'Acte Psychanalytique, Anexo III, resumo 07/1969) (grifo nosso).*

Também a partir de bases verbais e adequando-se ao enunciado, utilizam-se os sufixos: *-ure*, indicativo de conclusão de um processo, *-age*, cujos derivados exprimem a ação em si, e *-ance*, como em

failure: *faillir/fail* + *-ure*

*Je voudrais relater quelque chose d'un très grand nombre de patients masculins qui présentent une déficience à achever ou à accomplir leur virilité en relation à d'autres hommes ou à des femmes, et à montrer que leur **failure**, leur manque dans cette occasion, leur achoppement, et de la façon la plus stricte [...] leur attitude de besoin d'abord d'acquérir quelque chose des femmes, quelque chose que pour une bonne raison, ils ne peuvent jamais réellement acquérir (Seminário Le Désir et son Interprétation, Lição 01/07/1959) (grifo nosso).*

Segundo Pélissier (2002, p. 41), esse neologismo deriva do verbo inglês *to fail*, que significa falhar, faltar, o que classificaria esse neologismo como um empréstimo externo. No entanto, existe também a possibilidade de a

origem ser o verbo *faillir*. Ressalte-se também a relação de homonímia entre *failure* e *fêlure*, fissura, falha.

ornure: *orner* + *-ure*

Évoquerais-je ici le titre d'une revue qu'à Vincennes, sous mes auspices, on voit paraître : l'Ornicar. N'est-ce pas un exemple de ce que le signifiant détermine ? Ici il le fait d'être agrammatical - ceci de ne figurer qu'une catégorie de la grammaire. Mais c'est en cela, qu'il démontre la configuration comme telle, celle, si je puis dire, qui au regard d'Icare ne fait que l'orner.

Le langage n'est qu'une ornure. Il n'y a que rhétorique, comme dans la règle X, Descartes le souligne. (Seminário RSI, Lição 21/01/1975) (grifo nosso).

Lacan parece criar a palavra *ornure* em detrimento de *ornement*, elogiosa demais, como uma analogia com *Ornicar*. Além disso, é possível que também haja aqui um deslizamento semântico para *ordure*, lixo.

voyure: *voyeur* + *-ure*

C'est dans le sens de ce secret, d'où je surgirai comme oeil, prenant en quelque sorte émergence de ce que je pourrai appeler la fonction de la voyure. Quelque chose comme une odeur sauvage en émane qui aussi bien dans le texte est ponctué de ce mot même, laissant entrevoir quelque chose comme la chasse d'Artémis à l'horizon, quelque chose dont aussi bien la touche semble s'associer au (Seminário Les Quatre Concepts Fondamentaux de la Psychanalyse, Lição 26/02/1964) (grifo nosso).

écranage: **écranter* + *-age*

Nous remarquerons que - d'une façon qui n'est pas sans comporter, je dois dire, quelque promesse - nous avons tout de même quelque chose de présent dans la théorie, qui conjugue la fonction de l'analyste (je ne dis pas la "relation analytique", sur laquelle je viens de très exactement diriger mon index, pour dire qu'elle a, en cette occasion, une fonction d'écranage) - que la fonction analytique donc, est rapprochée de quelque chose qui est du registre de l'acte. (Seminário La Logique du Fantasma, Lição 08/03/1967) (grifo nosso).

Vale notar que, mais uma vez, Lacan acredita compartilhar com seu ouvinte a consciência da existência de um verbo virtual – *écranter –, que derivaria de *écran*.

frustrage: frustrer + -age

*[...] quand j'ai rappelé que, au niveau de la référence au symbolique, à l'imaginaire et au réel, il convenait de voir qu'il y avait quelque chose, à ces trois niveaux, de radicalement différent, que la frustration, je dirai, simplement à l'analyser de façon sémantique, c'est quelque chose qui porte en soi, dans son centre, son essence et si l'on peut dire son acte, cet en vain, cette chose qui fuit, cette fraude, ce **frustrage** qui en fait incontestablement, de son statut, la déception sous son versant le plus imaginaire, et que ceci n'excluait pas que sa référence objectale fut quelque chose de réel. (Seminário Problèmes Cruciaux pour la Psychanalyse, Lição 17/03/1965) (grifo nosso).*

hameçonnage: hameçonner + -age

*Puis l'impératif vient qui ne nécessite rien, il y a un stade de plus, il y a ce " tu " impliqué par exemple dans cet ordre au futur dont je parlais tout à l'heure, et ce " tu " qui est une sorte d'accrochage de l'Autre dans le discours, cette façon d'accrocher l'Autre, de le situer dans cette courbe de la signification que nous représente de Saussure, qui est la parallèle de la courbe du signifiant. Ce " tu " est cet **hameçonnage** de l'Autre dans l'onde de la signification. (Seminário Les Psychoses, Lição 27/06/1956) (grifo nosso).*

rançonnage: rançonner + -age

*Guillaume de Poitiers [...] un fort redoutable bandit du type de ce que, mon Dieu, tout grand seigneur qui se respectait pouvait être à cette époque. Je veux dire qu'en maintes circonstances historiques que je vous passe, nous le voyons se comporter - selon les normes du **rançonnage** le plus inique des services qu'on pouvait attendre de lui. (Seminário L'Éthique de la Psychanalyse, Lição 10/02/1960). (grifo nosso).*

vivotage: vivoter + -age [viver a duras penas]

[...] nous allons essayer de reprendre au vrai niveau, au niveau où nous avons effectivement affaire à lui, cette essence

*du das Ding. Ou plus exactement ce comment nous avons affaire à lui dans le domaine éthique. Autrement dit, les questions non seulement de son approche, mais de ses effets, de sa présence au cœur même de la menée humaine, à savoir de ce **vivotage** au milieu de la forêt des désirs et des compromis que lesdits désirs font avec une certaine réalité assurément pas si confuse qu'on peut elle-même l'imaginer. (Seminário L'Éthique de la Psychanalyse, Lição 20/01/1960) (grifo nosso).*

brûlance: brûler + -ance

*Ces intentions ne sont pas claires, il n'y a rien de plus saisissant que de voir comment une espèce de voix délirante, c'est-à-dire cette chose qui est surgie d'une expérience originale, incontestablement comporte chez ce sujet cette sorte de **brûlance** de langage qui se manifeste par le respect avec lequel il maintient l'omniscience et aussi les bonnes intentions qu'il est bien forcé sur un certain... (Seminário Les Psychoses, Lição 01/02/1956) (grifo nosso).*

opérance: opérer + -ance

*Mais cela peut tout de même aussi, cette conjonction de deux mots, l'acte psychanalytique, nous évoquer quelque chose de bien différent, à savoir l'acte tel qu'il opère psychanalytiquement, ce que le psychanalyste dirige de son action dans l'**opérance** psychanalytique. Alors là bien sûr, nous sommes à un tout autre niveau. (Seminário L'Acte Psychanalytique, Lição 22/11/1967) (grifo nosso).*

surgence: surgir + -ence

*Exactement, alors qu'il est bien certain que s'il y a une donnée pour nous fondamentale avant même toute émergence du registre de la conscience malheureuse, en donnant comme tout à l'heure la première **surgence**, c'est dans cette distinction de notre conscience et de notre corps, quelque chose qui fait de notre corps quelque chose de factice, dont notre conscience est bien impuissante de se détacher, mais dont elle se conçoit - les termes ne sont peut-être pas les plus propres - comme distincte. (Seminário Les Écrits Techniques de Freud, Lição 07/04/1954) (grifo nosso).*

Neste último neologismo, pode-se perceber a analogia com a palavra *émergence*.

Nos casos de adjetivação, encontramos adjetivos derivados de nomes próprios ou comuns (caso de *bonne*), a partir do acréscimo do sufixo *-ique*, que indica o que é próprio a alguém ou a algo, usado principalmente em adjetivos científicos, do sufixo *-ien*, que marca a origem, e do sufixo *-iste*, que marca a adesão a algo:

archimédique: *Archimède* + *-ique*

*J'ai cru pourtant avoir pu vous faire sentir valablement que, de ce qu'il est du sujet, de ce qu'il est de l'inconscient, cela se passe à la même place, à cette place qui, quant au sujet, a eu par l'expérience de Descartes, une valeur qu'on pourrait dire " **archimédique** " - si tant est que ç'ait été là le point d'appui qui ait permis cette toute autre direction qu'a prise la science et nommé à partir de Newton, réduisant en quelque sorte à un point le fondement de la certitude inaugurale. (Seminário Les Quatre Concepts Fondamentaux de la Psychanalyse, Lição 05/02/1964) (grifo nosso).*

hamlétique: *Hamlet* + *-ique*

*Mais outre qu'il s'y passe des choses bien étranges et en particulier ceci dans lequel à l'époque, au temps où je vous ai déjà si longuement parlé d'Hamlet, je n'ai pas voulu vous introduire parce que cela nous eût orienté dans une littérature dans le fond plus **hamlétique** - vous savez qu'elle existe, qu'elle existe au point où il y a de quoi couvrir ces murs - plus **hamlétique** que psychanalytique et qu'il s'y passe des choses bien étranges ... (Seminário L'Angoisse, Lição 28/11/1962) (grifo nosso).*

piagétique: *Piaget* + *-ique*

*Quoi qu'il en soit, pour ce qui est de l'égoïsme, il peut paraître frappant que le sujet, comme énoncé, y soit tellement souvent éliidé si je rappelle cette référence, c'est peut-être pour vous inciter à reprendre contact et connaissance avec le phénomène dans les textes **piagétiques** à toutes fins utiles pour l'avenir, mais aussi pour vous noter qu'au moins un problème se pose, de situer, de savoir ce qu'est ce monologue hypnopompique et tout à fait primitif par rapport à cette manifestation, comme vous le savez, d'un stade beaucoup ultérieur. (Seminário L'Angoisse, Lição 05/06/1963) (grifo nosso).*

pilatique: Pilate + -ique

*Eh bien! l'inconscient freudien, c'est à ce point, que j'essaie de vous faire viser par approximation, qu'il se situe. L'important n'est pas que l'inconscient détermine la névrose. Là-dessus Freud a très volontiers le geste **pilatique** de se laver les mains. Un jour ou l'autre, on trouvera peut-être quelque chose, des déterminants humoraux, peu importe. Ça lui est égal. (Seminário Les Quatre Concepts Fondamentaux de la Psychanalyse, Lição 22/01/1964) (grifo nosso).*

anaxagorique: Anaxagore + -ique

*Bien, sur ce que veut Aristote qui, lui, fait croire ? ce singulier premier moteur qui vient se mettre à la place du nous **anaxagorique**, qui pourtant ne peut qu'être pour lui un moteur sourd et aveugle à ce qu'il soutient, à savoir tout le cosmos. (Seminário L'Angoisse, Lição 08/05/1963) (grifo nosso).*

bonnique: bonne [empregada] + -ique

*Qui sait, si la bonne n'était pas rentrée, ce qui se serait passé? Alors là Freud a pu rétablir la situation tierce; le surmoi **bonnique** a joué son rôle et lui a permis de rétablir ce qu'il en est dès lors, de la défense naturelle - c'est écrit dans ce rapport - quand une femme au sortir de l'hypnose vous saute au cou, c'est de se dire: "mais je l'accueille comme une fille". (Seminário L'Acte Psychanalytique, Lição 22/11/1967) (grifo nosso).*

karéninien: Karénine + -ien

*C'est proprement ce qui se passe au moment de la rencontre par le couple, de la chevalière de Lesbos et de son objet **karéninien** si je puis m'exprimer ainsi, avec le père. Car il ne suffit pas de dire que le père a jeté un regard irrité pour comprendre comment a pu se produire le passage à l'acte. (Seminário L'Angoisse, Lição 16/01/1963) (grifo nosso).*

masochien: Masoch + -ien

Il part d'abord de Sacher Masoch... qui a tout de même son petit mot à dire quand il s'agit du masochisme. Je sais bien qu'on a un petit peu tranché sur son nom, que maintenant on dit "maso", (rires). Mais qu'enfin, il dépend de nous de

marquer la différence qu'il y a entre "maso" et "masochiste", même "**masochien**" ou "masoch" tout court. (Seminário La Logique du Fantasma, Lição 19/04/1967) (grifo nosso).

morganien: Morgan + -ien

*Dans le Cogito lui-même, qui mérite à cet endroit d'être une fois de plus reparcouru, nous allons trouver les amorces, les amorces du paradoxe qui est celui qu'introduit le recours à la formule **morganienne** telle que je vous l'ai d'abord produite et qui est celle-ci : y a-t-il un être du je hors du discours ? C'est bien la question que tranche le cogito cartésien, encore faut-il voir comment il le fait. (Seminário La Logique du Fantasma, resumo 07/1968) (grifo nosso).*

picassien: Picasso + -ien

*[...] c'est le cas de le dire, à ce nœud, que là (figure XI-il je vous dessine sous sa forme la plus simple, quelqu'un qui m'y voyait en proie, sous des formes plus compliquées, m'a dit que je me démentais en quelque sorte d'avoir avancé dans un temps, (selon une forme qui n'est même pas mienne, qui est **picassienne** comme chacun sait) "je ne cherche pas, je trouve", quelqu'un m'a dit : "Eh ben ! là! je vous vois vachement chercher". (Seminário RSI, Lição 13/05/1975) (grifo nosso).*

séglassien: Séglas + -ien

*Des remarques aussi simples semblent devoir dominer toute la question de l'hallucination psychomotrice dite verbale, et qui peut-être en raison même de son trop d'évidence, passait tout à fait au second plan dans l'analyse de ces phénomènes. En fait bien entendu, cette petite révolution **séglassienne** était loin de nous avoir apporté toute seule le mot de l'énigme; Seglas est resté au niveau de l'exploration phénoménale de l'hallucination... (Seminário Les Psychoses, Lição 23/11/1955) (grifo nosso).*

péguyste: Péguy + -iste

*Cela comporte des conditions un petit peu différentes des choses, c'est ce que Péguy appelait " que les petites chevilles n'allaient plus dans les petits trous ". C'est une définition **péguyste**, c'est-à-dire qu'elle n'est rien moins que certaine... (Seminário L'Identification, Lição 06/12/1961) (grifo nosso).*

Nos exemplos acima, estão presentes as funções denominativa e estilística. Observe-se que o adjetivo referente a Masoch – *masochiste* – é um termo psicanalítico referente a um comportamento sexual desviante; a criação de *masochien* parece indicar, portanto, uma intenção de desterminologizar tal adjetivo. A mesma função terá o adjetivo *éroticien*, em que o sufixo *-ique* marca o agente e o diferencia do termo técnico *érotique*, o que é próprio ao erótico, e os adjetivos *daltoniste*, *plagiariste* e *sadianiste*: recorrendo ao sufixo *-iste*, empregado para designar a adesão a algo, eles não se referem ao indivíduo que sofre de daltonismo (*daltonien*), nem ao que plagia (*plagiaire*), nem àquele que manifesta sadismo, em sua acepção psiquiátrica (*sadique*), mas àqueles que aderem a idéias ou atitudes.

Il faudrait assurément deux mois maintenant pour parler du sadisme. Ce n'est pas en tant qu'éroticien que je vous parlerai de Sade; on peut même dire que sur ce point c'est un éroticien bien pauvre. La voie d'accéder à la jouissance avec une femme, ce n'est pas forcément de lui faire subir tous les traitements que subit la pauvre Justine. (Seminário L'éthique de la psychanalyse, Lição 23/03/1960) (grifo nosso)

*Parce que vous êtes tous, moi-même avec vous, insérés dans ce signifiant majeur qui s'appelle le Père Noël... Le Père Noël, c'est un père... Le père Noël, cela s'arrange toujours, et je dirais plus, non seulement ça s'arrange toujours, mais ça s'arrange bien. Or, ce dont il s'agit chez le psychotique, supposez quelqu'un qui vraiment ne croit pas au Père Noël, c'est-à-dire quelqu'un pour l'instant d'impensable pour nous, quelqu'un qui vraiment a pu se réaliser, par une suffisante méditation dans notre temps, un Monsieur que l'on appelle **daltoniste**, si tant est que cela ait jamais existé. (Seminário Les psychoses, Lição 04/07/1956) (grifo nosso)*

*Pour un analyste, aborder la question du **plagiariste**, doit être centré sur l'idée que d'abord le plagiarisme n'existe pas. (Seminário Les psychoses, Lição 11/01/1956) (grifo nosso)*

*Ce qui est dessiné dont je me suis efforcé de vous montrer la convergence avec l'aspiration **sadianiste** de la mort éternelle, de la mort en tant qu'elle fait partie de l'être même de son détour sans que nous puissions savoir si c'est là sens ou non sens... (Seminário Le transfert, Lição 16/11/1960) (grifo nosso)*

Encontramos um outro grupo de adjetivos e substantivos, igualmente formado pelo sufixo *-ique*, cuja função indica, além do preenchimento de uma

lacuna vocabular, a terminologização do novo item lexical, propiciada e acentuada pela marcação científica desse sufixo:

chosique: chose + -ique

*C'est aussi que l'évidence peut être creuse, et qu'il vaut mieux sans doute désormais raccorder le mot au participe passé : évidé. Le sujet est parfaitement **chosique**. Et de la pire espèce de chose ! La chose freudienne, précisément. (Seminário La Logique du Fantasme, Lição 22/02/1967) (grifo nosso).*

pathique: pathos [sofrimento/sensação] + -ique

*De cet impératif que rien de ce qui est de l'ordre du **pathique** ne doit diriger le témoignage, faut-il déduire que l'homme libre doit dire la vérité au tyran, quitte à lui livrer par sa véracité l'ennemi, le rival ? La réserve que nous inspire à tous la réponse de Kant, qui est affirmative, tient à ce que toute la vérité, c'est ce qui ne peut pas se dire. (Seminário Encore, Lição 20/03/1973) (grifo nosso).*

patrocentrique: patrós [pai] + centre + -ique

*C'est un fait, les femmes s'échangent comme objet entre les lignées mâles, et elles y entrent par un échange qui est celui de ce phallus qu'elles reçoivent symboliquement, et en échange duquel elles donnent cet enfant qui pour elles prend fonction d'ersatz, de substitut, d'équivalent du phallus, et par quoi précisément elles introduisent dans cette généalogie symbolique **patrocentrique**, et en elle-même stérile, la fécondité naturelle. (Seminário La Relation d'Objet, Lição 06/03/57) (grifo nosso).*

stadique: stade + -ique

*Ces deux signes, an pour anal et scop pour scopique, vous rappellent la connexion dès longtemps dénotée du stade anal à la scopophilie. Il n'en reste pas moins que, toutes conjointes que soient, deux à deux, les formes **stadiques** 1, 2, 4, 5, l'ensemble en est orienté selon cette flèche montante, puis descendante. C'est ce qui fait que, dans toute phase analytique de reconstitution des données du désir refoulé, dans une régression, il y a une face progressive, que dans tout accès progressif au stade ici posé par l'inscription même comme supérieur, il y a une face régressive. (Seminário L'Angoisse, Lição 19/06/1963) (grifo nosso).*

tychique: tuché + -ique

Pourquoi sommes-nous forcés ainsi de rappeler que la prétendue maturation des dits " instincts " est en quelque sorte transfilée, transpercée, transfixée de 'tychique' (du mot tuché, encore bien sûr, le tychique est-il une notion opaque) ? (Seminário Les Quatre Concepts Fondamentaux de la Psychanalyse, Lição 19/02/1964) (grifo nosso).

Essa mesma função de terminologização norteia a criação dos substantivos *cosmisme* (de *cosmos*) e *plagiarisme* (de *plagiat*), que, ao receberem o sufixo determinante de doutrina ou sistema, -isme, assumem um traço terminológico.

cosmisme: *cosmos* + -isme

*[...] le propre de notre science [...] laisse ouverte la question que j'ai appelée tout à l'heure le **cosmisme** de l'objet. Il n'est pas sûr qu'il y ait un cosmos et notre science avance dans la mesure où elle a renoncé à préserver toute présupposition cosmique ou cosmicisante. Nous retrouvons ce point essentiel de référence, tellement essentiel qu'on ne peut manquer de s'étonner qu'en restituant sous une forme moderne une espèce de permanence, de perpétuité, d'éternité du **cosmisme** de la réalité de l'objet (Seminário L'Angoisse, Lição 28/11/1962) (grifo nosso).*

plagiarisme: *plagiat* + -isme

[...] l'aborder à l'intérieur du registre symbolique pour un analyste dans une occasion comme celle du plagiariste, doit être centré sur l'idée que d'abord le plagiarisme n'existe pas, à savoir qu'il n'y a pas de propriété symbolique, que le symbole est à tous [...].(Seminário Les Psychoses, Lição 11/01/1956) (grifo nosso).

Nas três criações com o sufixo -esque – os adjetivos *micelangesque*, *agathonesque* e *poesque* –, o contexto indica, no primeiro caso, que a imagem de Eros colocada em discussão por Lacan tem algo “que lembra” Michelângelo, ou seja, é feita “à maneira de” Michelângelo.

Et d'ailleurs si quelque chose frappe comme opposé à la bonne forme, à la belle forme humaine [de] cette femme

*effectivement divine *** là dans cette image, c'est le caractère extraordinairement composite de l'image de l'Eros. Cette figure est d'enfant, mais le corps a quelque chose de **michelangelesque** (Seminário Le Transfert, Lição 12/04/1961) (grifo nosso).*

Nos outros adjetivos, no entanto, a função do sufixo não parece ser a de semelhança, nem tampouco corresponder ao sentido usual de desmedida, seja laudativa ou pejorativa, previsto por esse sufixo, pois eles se referem, respectivamente, ao “discurso de Agathon” e ao “enunciado de Poe”.

*[...] ce caractère dérisoire du discours [d'Agathon] a arrêté depuis toujours ceux qui l'ont lu et commenté. C'est au point que, pour prendre par exemple ce qu'un personnage de la science allemande du début de ce siècle [...] exprime que le discours d'Agathon se caractérise par sa *Nichtigkeit*, sa nullité. [...] Mais la portée du discours **agathonesque** n'en est pas pour autant anéantie. Elle est d'un autre registre, mais elle reste exemplaire. (Seminário Le transfert, Lição 18/01/1961) (grifo nosso).*

*Et j'insiste sur ce virage de ce qui se passe, c'est ce sur quoi se termine cet énoncé **poesque**, c'est que c'est à ce moment-là que la chose apparaît, *monstrum horrendum*, comme on dit dans le texte, ce qu'il avait voulu être pour la Reine, qui bien sûr en a tenu compte, puisqu'elle a essayé de la ravoir, cette lettre, mais enfin avec lui le jeu se tenait. C'est pour notre Dupin, à savoir le malin des malins, celui auquel Poë donne le rôle [...] (Seminário D'un Discours qui ne serait pas du Semblant, Lição 17/03/1971) (grifo nosso).*

Por que Lacan teria escolhido esse sufixo ao invés de recorrer a outros menos marcados semanticamente, como *-iste*, *-ien* ou mesmo *-ique*? No caso da derivação de Poe, poderíamos levantar a hipótese de uma escolha movida pela eufonia, já que **poeien* ou **poeique* não coadunam com os agrupamentos fonéticos usuais da língua francesa. A função predominante é, então, estilística. O mesmo não vale para Agathon, que, a exemplo de *platonicien* e *platonique*, poderia ter originado **agathonique* ou **agathonicien*. A resposta a essa pergunta é importante para o estabelecimento posterior dos critérios para a neologia tradutória, pois a função também vai ditar a escolha do equivalente na tradução.

Os dois adjetivos formados a partir do substantivo *plaisir* e do formante latino *germano-* preenchem mais uma vez uma lacuna vocabular: através do sufixo *-gène*, o adjetivo *plaisirogène* indica que o chiste é gerador de prazer; *germanogène*, por sua vez, faz referência ao fato de que Lacan não ousa criar uma frase em alemão em determinado momento, não sendo portanto alguém “que produz algo em alemão”, como vemos no trecho a seguir:

Et même si je voulais vous faire sentir la différence dans quelque chose qui vous permettrait de voir du même coup une sorte de référence globale à ce qui se répartit dans l'emploi du signifiant d'une façon différente, en allemand et en français, je vous dirais cette phrase que j'avais sur les lèvres la dernière fois, que j'ai retenue parce qu'après tout, je ne suis pas germanogène, et que j'ai dû en faire l'épreuve dans l'intervalle aux oreilles de certains dont c'est la langue maternelle [...] (Seminário L'Éthique de la Psychanalyse, Lição 16/12/1959) (grifo nosso).

*C'est la première étape, nous dit Freud, de la préparation naturelle du mot d'esprit, qui constituera ensuite pour le sujet une sorte de générateur de plaisir, de **plaisirogène**. (Seminário lês formations de l'inconscient, Lição 11/12/1957) (grifo nosso)*

Registramos ainda a criação de quatro adjetivos que buscam seu novo sentido em sufixos distintos. No neologismo *intuitivable*, formado pelo adjetivo *intuitif*, acrescido do sufixo *-able*, indicativo de possibilidade, dá-se uma “transgressão sufixal”. Com efeito, em francês, esse sufixo se une comumente a um verbo ou substantivo, e não a um adjetivo, como é o caso aqui. Rocha (1998, p. 45-46) denomina transgressão sufixal essa violação de uma determinada regra de formação de palavras de uma língua, citando Guimarães Rosa como um dos autores afeitos a essas transgressões:

Repetindo o que foi dito anteriormente, dada uma base com tais e tais características, pode-se prever a existência de um produto com tais e tais características [...] A par dessas formações “regulares”, é possível detectar certas posições de ruptura, o que vem a caracterizar a atitude de transgressão do autor em relação à RFP [regra de formação de palavra] estabelecida.

intuitivable: intuitif + -able

Car il y a quelque chose qui ne saurait correspondre à quoi que ce soit d'intuitivable, et qui pourtant veut être gardé avec sa pleine fonction. (Seminário Le Désir et son Interprétation, Lição 22/04/1959) (grifo nosso).

No adjetivo *orificiel*, formado a partir da palavra *orifice*, Lacan recorre ao sufixo *-el*, bastante produtivo em medicina, para criar adjetivos a partir de uma base designando um órgão, uma parte ou uma substância do corpo humano, como em *artériel*, *lésionnel*, e em psicanálise, para adjetivos a partir de uma base indicando uma característica, tais como *caractériel* e *obsessionnel*³². Ao criá-lo, ele “obedece” à matriz terminogênica dessa área e, simultaneamente, opera uma ruptura com a expressão ‘objeto anal’, formulada por Freud. Além disso, esse novo adjetivo abre a possibilidade à criação da palavra-valise *anificiel* (ver item 4.2.1).

orificiel: orifice + -el

Ce n'est rien d'autre que j'ai visé tout à l'heure en vous faisant ce bref parcours de l'objet (depuis ses formes archaïques jusqu'à son horizon de destruction), de l'objet orificiel, de l'objet anificiel, si j'ose m'exprimer ainsi. (Seminário Le Transfert, Lição 28/06/1961) (grifo nosso).

A necessidade de um novo significante para um novo significado parece ser a origem do adjetivo *pensatoire*, formado por *penser* e *-atoire*. Com efeito, embora a língua francesa conte com três adjetivos relacionados à noção de pensamento [*pensée*] – *pensant*, que possui a capacidade de pensar, *pensif*, que está ocupado com um pensamento ou com uma reflexão, e *penseur*, como sinônimo de *pensif* e de *préoccupé* [preocupado], *songeur* [sonhador] – nenhum deles parece encerrar o sentido de ‘relativo a pensamento’, oferecido pelo sufixo *-atoire*, o que caracteriza uma função de denominação.

pensatoire: penser + -atoire

³² Cf. ATILF.

*Le côté rêverie de ce qui se produit toujours dans toute espèce d'énoncé à prétention **pensatoire** ou qu'on croit telle, il faut toujours en tenir compte et pourquoi pas, lui donner son petit point d'accrochage. (Seminário L'Acte Psychanalytique, Lição 20/03/1968) (grifo nosso).*

Finalmente, o adjetivo *troisé*, que se forma a partir do participípio passado do verbo virtual **troiser*, é criado por analogia com o adjetivo *couplé*, do verbo *coupler* [unir dois a dois] que o antecede, significando 'unir a três'.

troisé: **troiser*

*Si quelque chose existe à quelque chose, c'est très précisément de n'y être pas couplé, d'en être **troisé**, si vous me permettez ce néologisme. (Seminário Les Non-Dupes Errent, Lição 19/03/1974) (grifo nosso).*

No substantivo neológico *torsif*, a partir de *torsion* e do sufixo *-if*, marcador de 'estado', percebe-se que a criação é motivada pela analogia com os substantivos *substantif*, *partitif*, que antecedem essa criação neológica, e busca dar uma idéia de enumeração, proporcionada pela repetição dos sufixos.

torsif: *torsion* + *-if*

*Il pourrait y avoir là une désinence ou une flexion qui indiquerait que c'est le futur, le passé, le substantif, le partitif ou le **torsif**. (Seminário L'Objet de la Psychanalyse, Lição 27/04/1966) (grifo nosso).*

A criação dos advérbios *unitivement* e *fammillionairement* é motivada pela necessidade de adequação ao contexto. No que tange ao primeiro, formado a partir do adjetivo *unitif*, que significa algo que tende a unir, e do sufixo *-ment*, único produtivo no francês atual para a formação de advérbios, também se verifica um efeito estilístico, produzido pela aliteração do verbo e do advérbio.

unitivement: *unitif* + *-ment*

[...] *Éros par où les corps se rejoignent, avec Platon en une seule âme, avec Freud sans âme du tout, mais en tout cas en un seul Éros en tant qu'il unit **unitivement**.* (Seminário *Le Transfert*, Lição 16/11/1960) (grifo nosso).

Quanto a *famillionairement*, devemos lembrar que esse advérbio parte da palavra-valise alemã *famillionär* [*familiär* + *Millionär*] [*famillionnaire*], cunhada por H. Heine e citada por Freud. Lacan se apropria da palavra e a faz sofrer um processo de derivação, transformando-a em um advérbio de modo.

famillionnairement: **famillionnaire* + *-ment*

[...] *au moment où Hirsch Hyacinthe, parlant à l'auteur du Reisebilder qu'il a rencontré aux bains de Lucques, lui dit - Aussi vrai que Dieu doit me donner tout ce qu'il y a de bien, j'étais assis avec Salomon Rothschild, et il m'a traité tout à fait comme un égal, tout à fait **famillionnairement**.*[...] *Voilà donc d'où nous partons, du mot famillionnaire, qui en somme a eu sa fortune.* (Seminário *Les Formations de l'Inconscient*, Lição 13/11/1957) (grifo nosso).

Encontram-se, ainda, os verbos formados pelo acréscimo dos sufixos verbais *-ifier*, *-oir*: *autrifier* e *instantifier*, e *poursoir*. Apesar do emprego do mesmo sufixo – *-ifier* – e a mesma noção de transformação por ele conferida às novas criações, os verbos *autrifier* e *instantifier* têm funções diferentes: este, ao tomar o substantivo *instant*, o transforma em verbo, por analogia com o verbo *présentifier*, imediatamente anterior: “*et que nous appelons le processus de la régression, à se **présentifier**, à **s’instantifier** dans la relation analytique* (Seminário *Problèmes cruciaux pour la psychanalyse*, Lição 10/03/1965), respondendo a uma necessidade de adequação e de denominação. Já *autrifier*, cunhado a partir de *Autre*³³, termo criado por Lacan, é terminologizado e adequado ao contexto sintático.

Autrifier : *Autre* + *-ifier*

*Entre le sujet ici, si je puis dire, **Autrifie** dans sa structure de fiction et l'autre non authentifiable, ce qui surgit, c'est ce*

³³ Para o sentido desta complexa noção, ver CHEMAMA, Roland; VANDERMERSCH, Bernard. (dir.) *Dictionnaire de la psychanalyse*. Paris: Larousse-Bordas, 1998, p. 39-40.

reste a, c'est la livre de chair \$ en A, ce qui veut dire, je pense que vous savez ce que je cite, qu'on peut faire tous les emprunts qu'on veut pour boucher les trous du désir et de la mélancolie [...].(Seminário L'Angoisse, Lição 23/01/1963) (grifo nosso).

instantifier : instant + -ifier

Le besoin peut venir à se présentifier, à s'incarner par un processus que nous connaissons, et que nous appelons le processus de la régression, à se présentifier, à s'instantifier dans la relation analytique, il est clair que le sujet au départ, vient s'installer dans la demande mais que, de cette demande, nous avons à préciser le statut. (Seminário Problèmes cruciaux pour la psychanalyse, Lição 10/03/1965) (grifo nosso)

Partindo de um conceito filosófico sartriano – o *pour-soi*, ser do homem determinado pela consciência –, Lacan toma o sufixo verbal *-oir*³⁴ para criar o verbo *poursoir*, que faz referência à topologia do sujeito. Trata-se de uma criação com função de terminologização. Não se pode, no entanto, ignorar que essa criação também responde a uma necessidade estética de neologizar e de inovar o discurso científico; em outras palavras, encontra-se igualmente presente a função estilística:

C'est un mot nouveau, qui m'est sorti comme ça, le verbe 'poursoir'. Je ne vois pas pourquoi, depuis le temps que l'on parle de l'en-soi et du pour-soi, on ne pourrait pas faire des variations. C'est extraordinairement amusant. [...] Quand je suis tout seul, je m'amuse beaucoup ! (Seminário D'un Autre à l'autre, Lição 15/01/1969) (grifo nosso).

³⁴ Observe-se que o sufixo verbal *-oir* pertence ao que se denomina, em francês, conjugação morta, assim chamada porque não forma verbos novos e se empobrece pouco a pouco. Os verbos terminados em *-oir* ainda presentes na língua originam-se diretamente do latim e não apresentam um sistema regular de formas e desinências (GRÉVISSE, 1959, p. 583). Lacan recorre, então, ao acervo da língua francesa para criar um neologismo, o que poderia ser considerado, com Boulanger, um empréstimo interno (BOULANGER, 1979, p. 104).

4.1.2 Prefixal

A derivação puramente prefixal não é um processo muito produtivo nos *Seminários* lacanianos. De fato, encontramos apenas 20 neologismos formados por prefixação.

Segundo Basílio (2004, p. 67-68), a prefixação, juntamente com a composição, encontra-se entre os casos em que se nota uma função puramente semântica de formação de palavras, considerando que a adição de prefixos não muda a classe das palavras-base e nem mesmo estabelece subclasses, na maior parte dos casos.

Essa afirmação pode ser constatada pelos neologismos *déconnaissance*, *défusion*, *désétagement*, *dé-sens*, *désêtre*, *illecture*, *inhabitant*, *asexe*, *assignifié*, *athérapie*, formados por prefixos indicativos de negação ou de oposição *des-/dé*, *il-/in-*, e *a-*, que correspondem quase à metade dos neologismos prefixados. Essa constatação corrobora a afirmação de Pélissier (2002, p. 120), segundo a qual “Lacan prefixa muito menos do que sufixa e sobretudo para privar”, ou seja, para marcar a oposição. Vejamos os contextos:

***défusion*: dé- + fusion**

*Le Problème économique du masochisme, et qui est nécessité par l’Au-delà du principe du plaisir, à savoir cette étape première où nous devons penser qu’il y a primitivement, au moins pour une part importante, Bindung, liaison, fusion des instincts libidinaux, des instincts de vie, avec les instincts de mort, tandis que l’évolution instinctuelle comporte une **défusion**, Entbindung, plus ou moins précoce de ces instincts. (Seminário Les Formations de l’Inconscient, Lição 12/02/1958) (grifo nosso).*

***désétagement*: dés- + étagement**

*Ce tableau alors avait l’intention de marquer la sorte de décalage, de **désétagement** que représentent les trois termes*

auxquels Freud est arrivé, et qu'il a inscrits dans le titre de son article *Inhibition, symptôme, angoisse*. (Seminário L'angoisse, Lição 26/06/1963) (grifo nosso).

dé-sens : dé- + sens

*J'avais pris à ce propos la référence marxiste - mettre en fonction deux objets de besoin de façon telle que l'un devienne la mesure de la valeur de l'autre, efface de l'objet ce qui est précisément l'ordre du besoin, et l'introduit de ce fait dans l'ordre de la valeur. Du point de vue du sens, cela peut être appelé par une espèce de néologisme qui présente aussi bien une ambiguïté, le **dé-sens**. Appelons-le aujourd'hui simplement le *peu-de-sens*. (Seminário L'Angoisse, Lição 26/06/1963) (grifo nosso).*

désêtre: dés- + être

*Pour désigner ce qu'il en est de l'inconscient, quant au registre de l'existence et de son rapport avec le je, je dirai que - de même que nous avons vu que le Ça, c'est une pensée mordue de quelque chose qui est non pas le retour de l'être, mais comme d'un **désêtre** - de même l'inexistence au niveau de l'inconscient, est quelque chose qui est mordu d'un je pense qui n'est pas je. (Seminário La Logique du Fantasma, Lição 11/01/1967) (grifo nosso).*

illecture: il- + lecture

*Nous sommes peu fier, qu'on le sache, de ce pouvoir d'**illecture** que nous avons su maintenir inentamé dans nos textes pour parer ici par exemple à ce que l'historialisation d'une situation offre d'ouverture, bénie, à ceux qui n'ont de hâte qu'à l'histrioniser pour leurs aises. (Seminário L'Acte Psychanalytique, Resumo, 07/1969) (grifo nosso).*

inhabitant: in- + habitant

*Ce qui de l'heim, ce qui est du Geheimmnis, n'est jamais passé par ces détours, en fin de compte, n'est jamais passé par ces réseaux, par ces tamis, par ces tamis de la reconnaissance, il est resté unheimlich, moins inhabitable qu'**inhabitant**, moins inhabituel qu'inhabitué. (Seminário L'Angoisse, Lição 19/12/1962) (grifo nosso).*

assignifié: a + signifié

*Il y a là coïncidence entre la ligne où s'inscrit la pulsion, la tendance comme telle, et la place assignée au grand Phi dans l'au-delà de la demande - en raison de la nécessité structurale que quelque chose vienne se superposer à l'ensemble des signifiants pour en faire un signifié, c'est-à-dire ce que nous mettons d'habitude en dessous de la barre de notre articulation grand S sur petit s. Ici, le signifié est d'abord un **assignifié**. (Seminário Les Formations de l'Inconscient, Lição 14/05/1958) (grifo nosso).*

athérapie: a + thérapie

*En effet, par la suite je pourrai reprendre [...] à quoi aboutit la notion, la fonction, l'utilisation de la notion de sublimation pour les cliniciens plus ou moins touchés, plus ou moins ralliés aux fonctions kleiniennees comme telles. Ils aboutissent [...] à ce que j'appellerai une notion assez réduite, assez puérile, d'un certain côté de ce qu'on pourrait appeler **athérapie**. (Seminário L'Éthique de la Psychanalyse, Lição 20/01/1960) (grifo nosso).*

São também empregados os prefixos *intra-* [no interior de], *en-* [aquisição de nova qualidade], *ré-* [repetição], *sub-* [sob], *trans-* [que atravessa] e *mi-* [no meio]:

intrasexuel: intra- + sexuel

*Et de même, sur le plan **intrasexuel** par exemple, pourquoi en soi le mouvement de l'amour ou de la haine serait-il exclu, disqualifierait-il l'analyste dans sa fonction? (Seminário Le Transfert, Lição 08/03/1961) (grifo nosso).*

enforme: en- + forme

*[...] ce lieu qui est le grand Autre et dont je pense vous vous souvenez assez qu'à inscrire ainsi ce dont il s'agit, nous ne pourrons faire, au niveau de l'inscription même de S2 que de répéter que pour tout ce qui suit, à savoir tout ce qui peut s'inscrire à la suite, nous devons remettre la marque du A comme lieu d'inscription, c'est-à-dire de voir en somme se creuser de ce que j'ai appelé la dernière fois l'**enforme** de ce a, c'est un nom nouveau que nous ferons à notre usage, l'**enforme** du A, à savoir le a qui le trouve. (Seminário D'un Autre à l'autre Lição 14/05/1969) (grifo nosso).*

réensemblir: ré- + *ensemblir

*C'est une petite parenthèse destinée à vous rappeler que ça n'est pas sans constituer une très forte innovation logique que tout ce qui se rapporte à ce que j'appellerai l'**ensemblissement** - pour des raisons de consonance, j'aime mieux ça que **ensemblement** -, quoiqu'il arrive que la théorie des ensembles s'ensable de temps en temps. Mais elle se **réensemblit** fort allègrement. (Seminário D'un Autre à l'autre Lição 11/06/1969) (grifo nosso).*

repositivation: re + positivation

*Dans un auditoire comme celui-ci, combien de fois, nous, analystes, combien de fois, voyons-nous au point que ça devient une constante de notre pratique que les femmes veulent se faire psychanalyser comme leur mari, et souvent par le même psychanalyste? Qu'est-ce que ça veut dire, si ce n'est que le désir supposé couronné de leur mari, qu'elles ambitionnent de partager le - (- f), la **repositivation** du f qu'elles supposent s'opérer dans le champ psychanalytique, voilà à quoi elles ambitionnent d'accéder. (Seminário L'Angoisse Lição 05/06/1963) (grifo nosso).*

sublogique: sub- + logique

*Cette conjonction d'un point basal pour la logique tout entière, car ce que nous entraînon avec nous dans ce lieu marginal de la pensée, qui est celui - lieu de pénombre, lieu de twilight - où se développe l'action analytique, si nous y entraînon avec nous les exigences de la logique, ce que nous sommes amenés à faire mériter enfin que nous l'épinglions de ce que je pense devoir être son meilleur nom : **sublogique**; tel est ce qu'ici même, cette année, nous essayons d'inaugurer. (Seminário La Logique du Fantasma, Lição 22/02/1967) (grifo nosso).*

transeuclidien: trans- + euclidien

*[...] de même que c'est prétexte quand Gauss ayant aperçu avant Riemann la formulation mathématique moderne de l'espace, permettant l'accès **transeuclidien**, que Gauss se refuse, se refuse de le communiquer, ayant ses raisons d'articuler qu'aucune vérité ne saurait, en quelque sorte, anticiper sur ce qu'il est supportable de savoir. (Seminário Problèmes Cruciaux pour la Psychanalyse Lição 09/06/1965) (grifo nosso).*

mi-métique: mi- + mimétique

*La vérité c'est que on ne peut la dire, puisqu'elle ne peut que se midire. La vérité ne se fonde, je viens de le dire, que sur la supposition du faux : elle est contradiction. Elle ne se fonde que sur le non. Son énoncé n'est que la dénonciation de la non-vérité. Elle se dit rien que par le mi-. Disons le mot, elle est **mi-métique**; elle est de l'imaginaire. (Seminário Les Non-Dupes Errent, Lição 15/01/1974) (grifo nosso).*

Em dois dos neologismos acima, formados pelos prefixos *dé-* e *a-*, percebe-se que à função denominativa podem-se aliar as funções analógica e estilística.

Em *déconnaissance*, Lacan estabelece uma analogia com o substantivo *connerie* [bobagem, absurdo] e com o verbo *déconner* [agir de modo bobo ou absurdo], subjacentes à negação do conhecimento. Além disso, o contexto parece sugerir uma atitude lúdica em relação à língua, acentuando igualmente uma função estilística:

*L'éloge de la **connerie** serait assurément opération plus subtile à mener car, à la vérité, qu'est-ce que la connerie ? [...] Je dirai que ce respect relève d'une fonction particulière, qui est tout à fait liée à ce que nous avons à mettre ici en relief une fonction de "**déconnaissance**" si je puis m'exprimer ainsi, et si vous me permettez de m'amuser un peu, de rappeler qu'" il **déconnait** " dit-on. (Seminário L'acte psychanalytique, Lição 22/11/1967) (grifo nosso)*

A função analógica também se encontra presente no substantivo criado a partir da negação de *sexe*:

*C'est à quoi pare [...] l'interdit de l'inceste. Le savoir, c'est toujours en rapport avec ce que j'écris "**l'asexe** ", à condition de le faire suivre du mot qui est à mettre entre parenthèses "**ualité**" l'asexe (ualité). (Seminário Le Moment de Conclure, Lição 11/04/1978) (grifo nosso).*

O mesmo se dará com *isoréponse*. Esse neologismo se forma pelo prefixo *iso-*, que indica igualdade, e pelo substantivo *réponse*, em analogia com uma série de outros substantivos, que partem de *isobare* e *isotherme*, passando por *isostime* e *isorespe* (ambos sofreram um processo de truncção). O trecho abaixo mostra o caminho seguido para a formação dessas palavras:

L'égalité de stimulation, l'isostime dirai-je - pour imiter l'isobare ou l'isotherme dont je parlais l'autre jour - ou l'isorespe, l'isoréponse. Il est difficile de fonder quoi que ce soit sur l'isostime, car l'isostime n'est plus une stime du tout. L'isorespe, le "tâtage" de l'égalité de résistance, voilà qui, dans le monde, peut définir cette isobare, que le principe du plaisir conduira l'organisme à filer. Rien dans tout cela, en aucun cas, qui pousse (Seminário La Logique du Fantasma, Lição 01/03/1967) (grifo nosso).

Já no neologismo *interversement*, formado pelo prefixo *inter-* [entre], a analogia se faz a partir dos substantivos *reversement* e *déversement*, derivados por sua vez do verbo *verser* [verter, tombar]. Entretanto, se considerarmos – em relação com esses substantivos – o verbo *verser* como a origem do *interversement*, teríamos, na verdade, uma função de adequação de verbo para substantivo.

interversement: *inter* + *versement*

[...] c'est que si c'est dans ce rapport en miroir que se fait le quelque chose d'essentiel qui règle la communication (le reversement ou le déversement ou l'interversement de ce qui se passe entre l'objet narcissique et l'autre objet) est-ce que nous ne devons pas faire preuve d'un peu d'imagination et donner de l'importance à ceci qui en résulte [...]. (Seminário Le transfert, Lição 21/06/1961) (grifo nosso).

Sobre isso, Alves (1994, p. 23) afirma:

Costumam afirmar as gramáticas que os elementos prefixais, ao contrário dos sufixais, caracterizam-se pela não-alteração da classe gramatical das bases a que se associam. Entretanto, vários exemplos atestam que um prefixo, unido a uma base substantiva, pode atribuir-lhe uma função adjetiva e mesmo adverbial.

Embora a categoria gramatical final no caso desses neologismos lacanianos não seja a mesma, podemos afirmar que a criação do verbo *intersubjectiver* também corresponde à função de adequação, pois se origina no substantivo *intersubjectivité*, o qual corresponde à situação de comunicação entre dois sujeitos:

Il suffit que vous preniez comme point de départ quelque chose de simple comme bonjour, de clair comme roche, l'intersubjectivité par exemple. Je t'intersubjective, tu m'intersubjectives par la barbichette le premier qui rira aura un soufflet, et bien mérité! (Seminário Le Transfert, 16/11/1960) (grifo nosso).

4.1.3 Parassintética

Para que se considere que uma palavra responde ao processo de formação parassintética, é necessário que a adição do sufixo e do prefixo à base seja simultânea. Basílio (2004, p. 45) lembra que se trata de

um processo complexo de formação, não só morfologicamente, mas também semanticamente, já que acopla a função semântica do prefixo com a função sintática e/ou semântica do sufixo.

Foram encontrados quatro casos de formação parassintética nos *Seminários*: os parassintéticos nominais (GREVISSE, 1959, p. 105) *délibidination* (adição do prefixo *dé-* e do sufixo *-ation* ao adjetivo *libidinal*) e *rejuvenation* (adição do prefixo *re-* e do sufixo *-ation* ao substantivo *juvenat*³⁵), o parassintético verbal (*idem*) *empersonner* (adição do prefixo *em-* e do sufixo verbal *-er* ao substantivo *personne*) e o advérbio *inexteilhardement*. No caso dos substantivos, estamos em presença da função denominativa, através do sufixo *-ation*, e da função semântica, através dos prefixos *dé-* e *re-*, marca de oposição e de repetição respectivamente. Vale observar que, em *délibidination*, a função de resultado de uma ação ou de um processo conferida pelo sufixo *-ation* é contrariada, de certa forma, pelo prefixo *dé-*, dotado de um significado opositivo.

***délibidination*: dé- + libidinal + -ation**

³⁵ Em francês, a palavra *juvénat* refere-se ao período de estudos e de formação que segue ao noviciado na vida religiosa (cf. ATILF).

*Je dois dire que c'est quelque chose de très difficile à concevoir, une **délibidination** de la libido, une désagressivité de l'agressivité. (Seminário La Relation d'Objet, Lição 03/07/1957) (grifo nosso).*

rejuvénation: re- + juvénat + -ation

*[...] ça peut être aussi considéré comme une **rejuvénation**, et c'est peut-être même ça, essentiellement, la conjonction sexuelle. (Seminário Problèmes Cruciaux pour la Psychanalyse, Lição 12/05/1965) (grifo nosso).*

Além desses casos, encontramos uma formação parassintética de advérbio. Lacan cria o neologismo *inexteillardement* a partir de um nome próprio – o do jesuíta Teilhard de Chardin –, do sufixo formador de advérbios de modo *-ment*, e do prefixo de negação *in-*, que parece, a exemplo de *délibidination*, contrariar a noção conferida pelo sufixo:

inexteillardement: in- + Teilhard + -ment

*Ce n'est pas que je ne croie pas aux anges - chacun le sait, j'y crois inextrayablement et même **inexteillardement** -, simplement, je ne crois pas qu'ils apportent le moindre message, et c'est en quoi ils sont vraiment signifiants. (Seminário Encore, Lição 19/12/1972) (grifo nosso).*

Em *empersonner*, entra em jogo a função analógica, induzida pela vizinhança do verbo *personnifier*, como se vê abaixo:

*Ce n'est pas pareil nous le voyons bien, quand il s'agit de faire accorder les verbes, ou plus exactement de les **personnifier**, de les **empersonner**. " Tu es celui qui m'a suivi " au passé, ou " tu es celui qui m'as suivi ", est évidemment quelque chose qui présente une sorte de diversité analogue [...] (Seminário Les Psychoses, Lição 20/06/1956) (grifo nosso).*

4.2 Palavras-valise

Conforme afirmamos anteriormente, as palavras-valise formam o segundo conjunto mais numeroso de neologismos lacanianos, totalizando 76 ocorrências.

Do ponto de vista formal, e de acordo com a classificação proposta por CLAS (1987)³⁶, as palavras-valise lacanianas subdividem-se nos seguintes grupos, em função do lugar respectivo das aféreses (supressão no início de uma palavra), das apócopes (supressão no fim de uma palavra) e das síncofes (supressão no meio de uma palavra). A classificação *dévalisés*, extraída de Grésillon (1984), será explicitada a seguir.

4.2.1 Apócope e aférese

Combinação em que há supressão do final do primeiro elemento e do início do segundo:

injet: *IN*stinctuelle + *obJET*

En d'autres termes, le phallus au niveau de la mère n'est pas uniquement un objet imaginaire, il est aussi parfaitement bien quelque chose qui remplit sa fonction au niveau instinctuel, comme instrument normal de l'instinct. C'est l'injet, si je puis m'exprimer ainsi - d'un mot qui ne veut pas simplement dire qu'elle se l'y introduit, mais qu'on l'y introduit. Ce in signale également sa fonction instinctuelle. (Seminário Les Formations de l'Inconscient, Lição 29/01/1958) (grifo nosso).

affreud: *AFFREU*x + *freuD*

³⁶ O Institut National de la Langue Française propõe a mesma classificação de Clas (1987) e retoma seus exemplos. In <http://inalf.fr/chroniques/gorcy.htm>, 15 mar. 2001.

*Joyce est un **affreud**, je dirai; avec le jeu de mot sur affreux. Il est un aJoyce. (Seminário Le Sinthome, Lição 16/03/1976) (grifo nosso).*

âmoureux: Äme + aMOUREUX

Mais il se trouve que les femmes aussi sont âmoureuses, c'est-à-dire qu'elles âment l'âme. (Seminário Encore, Lição 13/03/1973) (grifo nosso).

amourir: AMOUR + mourIR

*Ça ne va pas très loin, ce que nous demandons, c'est la petite mort, mais enfin il est clair que nous la demandons, que la pulsion est intimement mêlée à cette pulsion de la demande, nous demandons à faire l'amour, si vous voulez à faire l'**amourir**, c'est à mourir, c'est même à mourir de rire! Ce n'est pas pour rien que je souligne ce qui, de l'amour, participe à ce que j'appelle un sentiment comique. (Seminário L'Angoisse, Lição 29/05/1963) (grifo nosso).*

anificiel: ANus + orIFICIEL

*Ce n'est rien d'autre que j'ai visé tout à l'heure en vous faisant ce bref parcours de l'objet (depuis ses formes archaïques jusqu'à son horizon de destruction), de l'objet orificiel, de l'objet **anificiel**, si j'ose m'exprimer ainsi, du passé infantile à l'objet de la visée foncièrement ambivalente qui reste jusqu'au terme celle du désir. (Seminário Le transfert, Lição 28/06/1961) (grifo nosso)*

anistoter: ÄNe + arISTOTE + -er

*Aristote qui lui, argumente sur l'idée d'âne, pour dire que l'âne est un âne, que c'est bien lui, et qu'il y a pas d'âne majuscule, hein, et ben! il **anistote** lui aussi ! (Seminário RSI, Lição 11/03/1975) (grifo nosso).*

anna-freudonner: ANNA-FREUD + fredONNER

*Mais pourquoi ces hanes-à-liste, à liste d'attente bien entendu, faisaient la queue aux portes de l'Interfamiliale Analytique Association et **anna-freudonnaient** en coulisse le retour au berceau en me bricolant des motions d'ordre gratinées ? (Seminário RSI, Lição 11/03/1975) (grifo nosso).*

anthropie: ANTH- + entrOPIE

[...] au niveau le plus élémentaire, celui de l'imposition du trait unaire, le savoir travaillant produit, disons, une entropie.

Cela s'écrit e-n-t. Vous pourriez l'écrire a-n-t-h, ce serait un joli jeu de mots. (Seminário L'Envers de la Psychanalyse, Lição 14/01/1970) (grifo nosso).

autrucher: AUTRe + austrUCHE + -er

*C'est une sorte de ponte, c'est un O que je vais déposer quelque part dans le champ de l'Autre, pour qu'il y soit là comme un germe, je t'autrifie, ou je t'**autruche** comme vous voudrez. (Seminário Problèmes Cruciaux pour la Psychanalyse, Lição 10/03/1965) (grifo nosso).*

circulature: CIRCULARité + quadraTURE

*[...] cette parole fondatrice se heurtera à ce que j'appellerai, puisque nous sommes en présence d'un carré, le problème non pas de la quadrature du cercle, mais de la **circulature** des métonymies, qui restent bel et bien distinctes, même dans le conjungo le plus idéal. (Seminário Les Formations de l'Inconscient, Lição 18/12/1957) (grifo nosso).*

déjet: DÉjection + obJET

Nous en voyons tout de suite un des effets, c'est que lui-même, le masochiste, apparaît dans cette fonction que j'appellerai celle du déjet, de ce qui est cet objet, le nôtre, le a dont nous parlons, dans l'apparence du déjeté, du jeté au chien, aux ordures, à là poubelle, au rebut de l'objet commun, faute de pouvoir le mettre ailleurs. (Seminário L'Angoisse, Lição 16/01/1963) (grifo nosso).

désidération: DÉSIderare + déconsiDÉRATION

*Je veux dire que le signifiant a sa place dans le donné de la batterie signifiante [...] et qu'il peut toujours déchoir de la fonction que lui constitue sa place, être arraché de cette considération en constellation que le système signifiant institue en s'appliquant sur le monde et en le ponctuant. De là, il tombe de la déconsidération dans la **désidération**, où il est précisément marqué de ceci, qu'il laisse à désirer.*

*Je ne m'amuse pas à jouer sur les mots. Je veux simplement, par cet usage des mots, vous indiquer une direction qui nous rapproche de notre objet, qui est le désir, à partir de son lien avec la manipulation signifiante. L'opposition de la considération et de la **désidération** marquée par la barre du signifiant, n'est, bien entendu, qu'une amorce, et ne résout pas la question du désir, quelle que soit l'homonymie à laquelle se prête la conjonction de ces deux termes qui se rencontrent dans l'étymologie latine du mot désir en français. (Seminário Les Formations de l'Inconscient, Lição 16/04/1958) (grifo nosso).*

extime: EXtérieurité + inTIME

*Cette distribution, sa limite intime, voilà ce qui conditionne ce qu'en son temps et avec bien sûr plus de mots, plus d'illustrations qu'ici je ne peux le faire, ce que j'ai avancé, j'ai désigné comme vacuole, comme cet interdit au centre qui constitue, en somme, ce qui nous est le plus prochain, tout en nous étant extérieur. Il faudrait faire le mot "**extime**" pour désigner ce dont il s'agit. (Seminário D'un Autre à l'autre, Lição 26/03/1969) (grifo nosso).*

extimité: EXtérieurité + inTIMITÉ

*En fin de compte, si nous partons de ce que nous décrivons comme ce lieu central, cette extériorité intime, cette **extimité** qui est la Chose, peut-être ceci éclairera-t-il pour nous ce qui reste encore une question... (Seminário L'Éthique de la Psychanalyse, Lição 10/02/1960) (grifo nosso).*

flatulencelière: FLATULENce + flaCELIÈRE

*Avec ce truc-là, quand je vais vous dire bonsoir, à l'instant, vous allez pouvoir vous éventer ! L'odeur de ce qu'il y a dessus se substituera à celle de la fumée. Ce qui serait bien, voyez-vous, c'est que vous donniez à ça le seul sort que ça puisse avoir véritablement digne de ce que c'est, un sort signifiant. Vous allez trouver un sens à ce mot, la Flacelière. Moi, je mets ça au féminin, comme ça; je ne dirai pas que c'est un penchant, mais enfin ça sonne plutôt féminin, la cordelière, ou la **flatulencelière**! (Seminário D'un Autre à l'autre, Lição 25/06/1969) (grifo nosso).*

hainamoration: HAINe + énAMORATION

*Ce que pour vous aujourd'hui j'écrirai volontiers de l'**hainamoration** est le relief qu'a su introduire la psychanalyse pour y situer la zone de son expérience. C'était de sa part un témoignage de bonne volonté. Si seulement elle avait su l'appeler d'un autre terme que celui, bâtard, d'ambivalence, peut-être aurait-elle mieux réussi à réveiller le contexte de l'époque où elle s'insère.[...]*

*Je ne pense pas, malgré tout ce qu'on a pu raconter par exemple de Lénine, que la haine ni l'amour, que l'**hainamoration**, en ait vraiment étouffé aucun. (Seminário Encore, Lição 20/03/1973) (grifo nosso).*

hontologie: HONte + onTOLOGIE

*Cette carte de visite n'arrive jamais à bon port, pour la raison que pour porter l'adresse de la mort, il faut que cette carte soit déchirée. C'est une honte, comme disent les gens, et qui devrait produire une **hontologie**, orthographiée enfin correctement.*

En attendant, mourir de honte est le seul affect de la mort qui mérite - qui mérite quoi ? - qui la mérite. (Seminário L'Envers de la Psychanalyse, Lição 17/06/1970) (grifo nosso).

horsexe: HORla + SEXE

*L'hors-sexe de cette éthique est manifeste, au point que je voudrais lui donner l'accent que Maupassant donne à quelque part énoncer cet étrange terme du Horla. Le **Horsexe**, voilà l'homme sur quoi l'âme spécula. (Seminário Encore, Lição 13/03/1973) (grifo nosso).*

hystorique: HYStérique + hisTORIQUE

*Alors ceci nous amène à considérer que l'hystérique dont chacun sait qu'il est aussi bien mâle que femelle, l'**hystorique** si je me permets ce glissement, il faut considérer en somme qu'elle n'est - je la féminise pour l'occasion, mais comme vous allez voir que je vais y mettre de l'autre côté mon poids, ça me suffira largement à vous démontrer que je ne pense pas qu'il n'y ait des hystériques que féminines - l'**hystorique** n'a en somme pour la faire consister qu'un inconscient, c'est la radicalement autre. (Seminário L'Insu que Sait de l'Une Bévée s'Aile à Mourre, Lição 14/12/1976) (grifo nosso).*

jalouissance: JALOUSie + jouISSANCE

*On en reste [...] à la notion de la haine jalouse, celle qui jaillit de la **jalouissance**, de celle qui s'imageaillisse du regard chez Saint Augustin qui l'observe, le petit bonhomme. (Seminário Encore, Lição 20/03/1973) (grifo nosso).*

lalanglaise: LA + LANgue + anGLAISE

*Et c'est en quoi la langue, la langue, lalangue que j'ai appelée **lalanglaise** a, a toutes sortes de ressources: I have to tell, j'ai à dire. (Seminário Le Sinthome, Lição 13/04/1976) (grifo nosso).*

mentionge: diMENSIon + mensONGE

*Et on les accroche comment, ces signifiants? Par l'intermédiaire de ce que j'appelle: dit-mension ; là aussi, parce que je suis pas du tout sûr que ça ne vous ait pas échappé. C'est comme ça que je l'écris : mention du dit. Ça a un avantage, cette façon d'écrire. C'est que ça permet de prolonger mention en **mentionge** et que ça indique que le dit n'est pas du tout forcément vrai. (Seminário Le Sinthome, Lição 11/05/1976) (grifo nosso).*

merdeuil: MERDe + MertEIL

*[...] d'être objectivement, réellement, dans une position masochiste, comme la biographie de notre divin Marquis [...] quoi de plus de masochiste que de s'être entièrement remis entre les mains de la Marquise de **Merdeuil**. (Seminário La Logique du Fantasma, Lição 14/06/1967) (grifo nosso).*

miraginaire: MIRAge + imaGINAIRE

*[...] deux personnages se déplacent sur la même scène en nous donnant vraiment le sentiment d'être dans deux espaces différents. Avec une adresse acrobatique, ils passent littéralement l'un au travers de l'autre. Ces êtres s'atteignent à chaque instant par un geste qui ne saurait manquer l'adversaire, et néanmoins l'évite, parce qu'il est déjà ailleurs. Cette démonstration vraiment sensationnelle vous suggère le caractère **miraginaire** de l'espace, mais vous rend aussi bien à cette caractéristique du plan symbolique, qu'il n'y a jamais de rencontre qui soit un choc. (Seminário Le Moi dans la Théorie de Freud et dans la Technique Psychanalytique, Lição 08/06/1955) (grifo nosso).*

opercevoir: OPÉrer + aperÇOIT

*L'aléthosphère, c'est beau à dire. C'est parce que nous supposons que ce que j'ai appelé la vérité formalisée a déjà suffisamment statut de vérité au niveau où elle opère, où elle **operçoit**. Mais au niveau de l'opéré, de ce qui se promène, la vérité n'est pas du tout dévoilée. (Seminário L'Envers de la Psychanalyse, Lição 20/05/1970) (grifo nosso).*

photeuil: PHOto + fauTEUIL

*[...] il y a le fauteuil et qu'il y a la photo (comme d'ailleurs... tenez... en passant... amusez-vous à renverser l'orthographe : ça vous instruira beaucoup sur une dimension tout à fait dissimulée de la relation analytique le **photeuil** (p,h,o) et la fauto (f,a,u), c'est très amusant !)... (Seminário La Logique du Fantasma, Lição 10/05/1967) (grifo nosso).*

poubelliciation: POUBELLE + pubICATION³⁷

*[...] c'est ainsi que par les faits je viens de parler d'un publiciste, chacun sait les jeux de mots que je me suis permis autour de la "**poubelliciation**" - nous voilà donc un certain nombre de par la grâce de qui c'est l'office, réunis dans la même poubelle; on pourrait avoir plus désagréable compagnie ! (Seminário D'un Autre à l'autre, Lição 13/11/1968) (grifo nosso).*

poubelliciant: POUBELLICation + publiANT

poubellicatoire: POUBELLICant + -atoire

*À la vérité, ce qui peut se dire à cette occasion, et que je ne dénie pas puisque c'est sur ce plan que j'ai introduit mon propos de la dernière fois, à savoir ce facteur, le facteur **poubelliciant** ou **poubellicatoire**, comme vous voudrez l'appeler, du structuralisme. (Seminário D'un Autre à l'autre, Lição 20/11/1968) (grifo nosso).*

poubellique: POUBELLE + publiQUE

*[...] je veux dire le mot d'esprit, ça repose sur le non-sens précisément. Parce qu'enfin si on se réfère à quelques autres écrits qui ont été là **poubelliciqués**, on aurait peut-être pu se dire que c'est quand même pas pour rien que j'ai écrit*

³⁷ Note-se que o tradutor da obra Jacques Lacan, 'Esboço de uma vida, história de um sistema de pensamento', de Elisabeth Roudinesco, considerou esta criação como um "Trocadilho com *poubelle*, 'lata de lixo'". (ROUDINESCO, 1994, p. 324).

L'Instance de la lettre dans l'Inconscient. (Seminário D'un Discours qui ne serait pas du semblant, Lição 10/03/1971) (grifo nosso).

raie-sonner: RAISON + e + SONNER

*[...] le nœud a une fonction tout autre, tout autre que de fonder cet ordre, l'ordre quelconque dans lequel vous pourriez enchaîner le Symbolique, l'Imaginaire et le Réel. Ce qu'il nous faut trouver, ce n'est pas la diversité de leur consistance, c'est cette consistance même, à savoir ce qu'on ne peut pas dire, cette consistance même en tant qu'elle ne les diversifie pas, mais seulement qu'elle les noue. Pour vous affranchir, donc, puisque je présume non sans raison vous avoir sonné, il faut que je vous le rai- (r, a, i, e, tiret) **raie-sonne**. C'est-à-dire que j'en remette. (Seminário Les Non-Dupes Errent, Lição 08/01/1974) (grifo nosso).*

rhétification: RHÉTEUR + rectification

rhétifier: RHÉTEUR + rectIFIER

*Le psychanalyste est un rhéteur. Pour continuer d'équivoquer, je dirai qu'il " **rhétifie** ", ce qui implique qu'il rectifie. L'analyste est un rhéteur, c'est-à-dire que rectus, le mot latin, équivoque avec la " **rhétification** ". (Seminário Le Moment de Conclure, Lição 15/11/1977) (grifo nosso).*

stécriture: STÉNOGRAPHIE + éCRITURE³⁸

*Vous ne comprenez pas **stécriture**. Tant mieux, ce vous sera raison de l'expliquer. Et si ça reste en plan, vous en serez quitte pour l'embarras. Voyez, pour ce qui m'en reste, moi j'y survis. Encore faut-il que l'embarras soit sérieux pour que ça compte. (posfácio do Seminário Les Quatre Concepts Fondamentaux de la Psychanalyse, 01/01/1973) (grifo nosso).*

varité: VARIABLE + véRITÉ

*Il faudrait voir, s'ouvrir à la dimension de la vérité comme variable, c'est-à-dire de ce que, en condensant comme ça les deux mots, j'appellerais la **varité**, avec un petit é avalé, la **varité**.*

Par exemple, je vais donner quelque chose qui a bien son prix. Si un sujet analysant glisse dans son discours un néologisme,

³⁸ Segundo Elisabeth Roudinesco (1994, p. 324), essa palavra-valise manifesta "o quanto Lacan parecia desprezar a passagem da fala à escrita".

*comme je viens d'en faire par exemple à propos de la **varité**, qu'est-ce qu'on peut dire de ce néologisme? Il y a quand même quelque chose qu'on peut en dire, c'est que le néologisme apparaît quand ça s'écrit. Et c'est justement bien en quoi ça ne veut pas dire, comme ça, automatiquement, que ce soit le Réel. (Seminário L'Insu que Sait de l'Une Bévüe s'Aile à Mourre, Lição 19/04/1977) (grifo nosso).*

4.2.2 Apócope simples

Processo em que se mantém intacto o segundo elemento.

ajoyce: *Affreud* + *JOYCE*

*Joyce est un affreud, je dirai; avec le, le jeu de mot sur affreux. Il est un **aJoyce**. (Seminário Le Sinthome, Lição 16/03/1976) (grifo nosso).*

aléthosphère: *ALÉTHÉia* + (*O*) + *SPHÈRE*

*Mais en vous servant de l'alétheia d'une façon qui, j'en conviens, n'a rien d'émotionnellement philosophique, vous pourriez, sauf à trouver mieux, l'appeler l'**aléthosphère**. (Seminário L'Envers de la Psychanalyse, Lição 20/05/1970) (grifo nosso).*

âmoralité: *Âme* + *MORALITÉ*

*Les pervers, on a alors commencé à en rencontrer, c'est ceux-là qu'Aristote ne voulait voir à aucun prix. Il y a chez eux une subversion de la conduite appuyée sur un savoir-faire, lequel est lié à un savoir, au savoir de la nature des choses, il y a un embrayage direct de la conduite sexuelle sur ce qui est sa vérité, à savoir son amoralité. Mettez de l'âme au départ là-dedans - l'**âmoralité**... (Seminário Encore, Lição 13/03/1973) (grifo nosso).*

appensée: *APpui* + *PENSÉE*

Ce qu'il y a de frappant, de curieux, c'est que ce nœud, comme ça, que je qualifie de borroméen, vous devez savoir pourquoi, enfin, est un appui à la pensée. C'est ce que je me permettrai d'illustrer du terme, du terme qu'il faut que je l'écrive comme

ça: appensée, ça permet de, d'écrire autrement la pensée. C'est un appui à la pensée. Ce qui justifie l'écriture que je viens de vous mettre là sur cette petite feuille de papier blanc. C'est un appui à la pensée, à l'appensée, mais c'est curieux qu'il le faille, cet appui, si je puis m'exprimer ainsi, c'est curieux que, qu'il faille l'écrire pour en tirer quelque chose. (Seminário Le Sinthome, Lição 11/05/1976) (grifo nosso).

archéophélie: ARCHÉologie + OPHÉLIE

Ce qui est certain, c'est que le critique en question était tout content de trouver cette sorte d'archéophélie pour y retrouver la raison des ambiguïtés du caractère d'Ophélie. (Seminário Le Désir et son Interprétation, Lição 08/04/1959) (grifo nosso).

assujet: ASsujetI + SUJET

[...] l'enfant s'ébauche comme assujet. C'est un assujet parce qu'il s'éprouve et se sent d'abord comme profondément assujetti au caprice de ce dont il dépend, même si ce caprice est un caprice articulé. (Seminário Les Formations de l'Inconscient, Lição 22/01/1958) (grifo nosso).

autron: AUTRe + ON

C'est la demande d'être nourri qui s'adresse à qui, à quoi? Elle s'adresse à cet Autre qui 'entend' et qui, à ce niveau primaire de l'énonciation de la demande, peut vraiment être désigné comme ce que nous appelons le lieu de l'Autre, l'Autre-on, l'Autron dirai-je à faire rimer nos désignations avec des désignations familières en physique. (Seminário Le Transfert, Lição 01/08/1956) (grifo nosso).

cosmétiqueuse: COSmétique + MÉTICULEUSE

Ça n'a jamais abouti à rien. Il n'a pas spatialisé le nœud borroméen de la bonne façon. Grâce à quoi, n'est-ce pas, nous en sommes toujours, à être, comme me le disait Heidegger, là, que j'ai extrait tout à l'heure de sa boîte, à être In-der-Welt, à l'In-der-Welt-sein. C'est une cosméticologie³⁹, cosmétiqueuse en plus. (Seminário RSI, Lição 08/04/1975) (grifo nosso).

³⁹ Ver processo de derivação, item 4.1.1.

crachose: CR^Achat + CHOSE⁴⁰

*Si nous nouons, comme c'est ici représenté [...], le Symbolique avec le Réel, ce qui bien sûr serait l'idéal, à savoir, que puisque les mots font la chose, la Chose freudienne, la **Crachose** freudienne, je veux dire que c'est justement de l'inadéquation des mots aux choses que nous avons affaire. Ce que J'ai appelé la Chose freudienne, c'était que les mots se moulent dans les choses.*

*Mais il est un fait, c'est que ça ne passe pas, qu'il n'y a ni crachat ni **crachose** et que l'adéquation du Symbolique ne fait les choses que fantasmatiquement [...]. (Seminário Le Moment de Conclure, Lição 15/11/1977) (grifo nosso).*

demansion: DEmeure + diMENSION = DEmension + MANSION

*La vérité n'est pas le contraire du semblant, la vérité si je puis dire est cette dimension, ou cette **demansion**, d.e.m.a.n.s.i.o.n, si vous me permettez de faire un nouveau mot, pour désigner ces godets, cette **demansion** qui est strictement corrélative de celle du semblant. Cette **demansion**, je vous l'ai dit qui, cette dernière, celle du semblant, la supporte. (Seminário D'un Discours qui ne serait pas du semblant, Lição 20/01/1971) (grifo nosso).*

dis-corps: DIScordant + CORPS

*L'Un de sens, c'est l'être, l'être spécifié de l'inconscient, en tant qu'il ek-siste, qu'il ek-siste du moins au corps. Car s'il y a une chose frappante, c'est qu'il ek-siste dans le **dis-corps**.*

Il n'y a rien dans l'inconscient s'il est fait tel que je vous l'énonce qui au corps fasse accord. L'inconscient est discordant. (Seminário RSI, Lição 21/01/1975) (grifo nosso).

élangue: Élation + LANGUE

*Mais Joyce, par la succession d'œuvres qu'il a écrites en anglais, y a ajouté ce quelque chose qui fait dire au même auteur qu'il faudrait écrire l'e-l-an-g-u-e, l'**élangue**. L'**élangue** par où je suppose qu'il entend désigner quelque chose comme l'élation. (Seminário Le Sinthome, Lição 18/11/1975) (grifo nosso).*

é-Pater: Épater + PATER

⁴⁰ Sobre este neologismo, diz Roudinesco (1994, p. 374): “*crachose*, para significar ao mesmo tempo a *chose* [coisa] freudiana e o fato de Freud ter inventado uma prática de falar muito (*cracher*, cuspir, salivar)”.

Quand même : c'est la fonction de l'é-Pater. On s'est beaucoup interrogé sur la fonction du "pater familias". Il faudrait mieux centrer ce que nous pouvons exiger de la fonction du père ; cette histoire de carence paternelle, qu'est-ce qu'on s'en gargarise ! Il y a une crise, c'est un fait, c'est pas tout à fait faux ; l'é-Pater ne nous épate plus. C'est la seule fonction véritablement décisive du père. (Seminário Le Savoir du Psychanalyste, Lição 01/06/1972) (grifo nosso).

étourdit: ÉTOURdi + DIT

Mon dire, que l'inconscient est structuré comme un langage, n'est pas du champ de la linguistique. C'est une porte ouverte sur ce que vous verrez commenter dans le texte qui paraîtra dans le prochain numéro de mon bien connu apériodique sous le titre l'Étourdit - d, i, t - une porte ouverte sur cette phrase que j'ai l'année dernière, à plusieurs reprises, écrite au tableau sans jamais lui donner de développements - Qu'on dise reste oublié derrière ce qui se dit dans ce qui s'entend. C'est pourtant aux conséquences du dit que se juge le dire. (Seminário Encore, Lição 10/04/1973) (grifo nosso).

jouiscentre: JOUISsance + CENTRE

Et ce qui s'inscrit dans la non-existence de ce qui pourrait nier la fonction phallique, de même qu'ici j'avais traduit par la fonction de l'ensemble vide de l'existence du "dire-que-non", de même c'est de s'absenter et même c'est d'être ce "jouiscentre", ce "jouiscentre" qui est conjugué à ce que je n'appellerai pas une absence, mais une "dé-sence" [...]. (Seminário Le Savoir du Psychanalyste, Lição 01/06/1972) (grifo nosso).

macranthropos: MACRocosme + ANTHROPOS

Il ne s'agit pas de nous opposer que depuis toujours cet homme dont nous couvrons le monde, ce macranthropos qu'était le macrocosme, on l'a fait, bien sûr, sexué [...]. (Seminário Problèmes Cruciaux pour la Psychanalyse, Lição 19/05/1965) (grifo nosso).

parêtre: PARa- + ÊTRE

Ce à quoi il faut nous rompre, c'est à substituer à cet être qui fuirait le parêtre, soit l'être para, l'être à côté. Je dis le parêtre, et non le paraître, comme on l'a dit depuis toujours, le phénomène, ce au-delà de quoi il y aurait cette chose, noumène - elle nous a en effet menés, menés à toutes

*les opacifications qui se dénomment justement de l'obscurantisme. C'est au point même d'où jaillissent les paradoxes de tout ce qui arrive à se formuler comme effet d'écrit que l'être se présente, se présente toujours, de **parêtre**. Il faudrait apprendre à conjuguer comme il se doit - je par-suis, tu par-es, il par-est, nous par-sommes, et ainsi de suite. (Seminário Encore, Lição 16/01/1973) (grifo nosso).*

parlêtre: PARLer + ÊTRE

*[...] mais s'il n'y avait pas ce diable de symbolique à le pousser au derrière, pour qu'en fin de compte il éjacule et que ça serve à quelque chose, mais il y a longtemps qu'il n'y en aurait plus, n'est-ce pas! de ces **parlêtres**, de ces êtres qui ne parlent pas seulement à être, mais qui sont parlêtres. (Seminário RSI, Lição 17/12/1974) (grifo nosso).*

pensêtrer: PENSer + ÊTRE + -er

*Le je pensêtre peut lui aussi se conjuguer comme un verbe, mais il ne va pas loin, je pensêtre, tu pensêtres, avec l's si vous voulez à la fin, cela peut aller encore, voire il pensêtre. Tout ce que nous pouvons dire c'est que si nous en faisons les temps du verbe d'une sorte d'infinitif **pensêtrer**, nous ne pourrions que le connoter de ceci qui s'écrit dans les dictionnaires que toutes les autres formes, passée la troisième personne du singulier du présent, sont inusitées en français. (Seminário L'Identification, Lição 22/11/1961) (grifo nosso).*

plutomythique: PLUTÔt + MYTHIQUE

*[...] c'est la vérité qui s'offre comme jouissance, et qui sait par là même être défendue, car qui pourrait jouir de la vérité ? Pulsion donc, plutôt mythique; laissez-moi accoler ces deux termes en un seul mot et recevez, psychanalystes, l'investiture de ce qui vous est ici imposé : l'adjectif en un seul mot, la "**plutomythique**". (Seminário L'Objet de la Psychanalyse, Lição 02/02/1966) (grifo nosso).*

polylinguisterie: POLYlogue + LINGUISTERIE

J'aimerais quand même m'informer, auprès de Julia Kristeva, puisqu'elle a fait l'effort, ce matin, de bien vouloir se déranger, comment elle conçoit ce Polylogue. J'aimerais bien qu'elle me dise si ce Polylogue, comme peut-être enfin il m'apparaît pour autant que j'ai pu le lire - car je ne l'ai pas reçu il y a longtemps - si ce Polylogue est une

polylinguïsterie, je veux dire, si la linguistique y est en quelque sorte - ce que je crois qu'elle est, quant à moi -, plus qu'éparse, est-ce que c'est ça que par Polylogue elle a voulu dire ? (Seminário L'Insu que Sait de l'Une Bévüe s'Aile à Mourre, Lição 17/05/1977) (grifo nosso).

quatrêsse: QUATre + TRÊSSE

*[...] je me suis épuisé pendant quarante huit heures, à faire ce que j'appellerais, contrairement à ce qu'il en est de la tresse, je me suis épuisé pendant quarante huit heures, à faire ce que j'appellerais une " **quatresse** ". (Seminário L'Insu que Sait de l'Une Bévüe s'Aile à Mourre, Lição 18/01/1977) (grifo nosso).*

réti-sens: RÉTicense + SENS

*[...] ce signifiant dont il n'y a pas de signifié, et qui, quant au sens, en symbolise l'échec. C'est le mi-sens, l'indé-sens par excellence, ou si vous voulez encore, le **réti-sens**. (Seminário Encore, Lição 13/03/1973) (grifo nosso).*

sépartition: SÉparation + PARTITION

*La **sépartition** fondamentale, non pas séparation, mais partition à l'intérieur, voilà ce qui se trouve, dès l'origine et dès le niveau de la pulsion orale, inscrit dans ce qui sera structuration du désir. (Seminário L'Angoïsse, Lição 15/05/1963) (grifo nosso).*

sexuïlatence: SEXUIsemblance + LATENCE

*Les ambiguïtés dans la langue de la fonction du genre de ce que quelqu'un comme Pichon, qui croyait un peu trop à la pensée pour ne pas avoir de singuliers flottements dans sa façon d'analyser les phénomènes et les mots, avait appelé la **sexuïsemblance**⁴¹ Je veux bien. J'aimerais mieux la **sexuïlatence**, car le fait que le fauteuil s'appelle " le fauteuil ", la chaise " la chaise ", n'a de **sexuïsemblance** que pour les imaginatifs. Mais la présence du genre comme simplement corrélative de l'opposition signifiante est pour nous, en nous soulignant justement la distinction du genre et du sexe, faite*

⁴¹ O neologismo *sexuïsemblance*, que dá origem a *sexuïlatence*, foi criado por Damourette & Pichon : "Un outil, caractérisé indépendant, devient un être presque semblable à un animal auquel il est tout naturel de donner une *sexuïsemblance*. Ce sera tantôt le masculin et tantôt le féminin : un comptoir, une théière, un battoir, une passoire, un moteur, une balayeuse [...]. Il existe des cas dans lesquels nous arrivons à percevoir consciemment ce symbolisme métaphorique." (DAMOURETTE ET PICHON. *Des mots à la pensée: essai de grammaire de la langue française*. Slatkine, Genève Paris, 1930-195 Disponível em: <www.avecegalite.com/Nouvel-article>

pour nous rappeler que dans ce qui fonde l'opposition dyadique [...] n'a comme fondement radical que l'opposition du sexe, sur laquelle nous ne savons rien. (Seminário Problèmes Cruciaux pour la Psychanalyse, Lição 12/05/1965) (grifo nosso).

4.2.3 Aférese simples

Em que o primeiro elemento permanece intacto.

Çade: ÇA + Sade

Vous écririez Sade comme vous voudrez -soit avec une majuscule, pour rendre un hommage à ce pauvre idiot qui nous a donné là-dessus d'interminables écrits - soit avec une minuscule, puisque c'est en fin de compte sa façon à elle d'être agréable, et qu'en vieux français, c'est ce que ça veut dire - soit, mieux, çade, pour dire que la moralité, il faut tout de même bien dire que ça se termine au niveau du ça, et que c'est assez court. (Seminário Le Sinthome, Lição 18/11/1975) (grifo nosso).

corps-de: CORPS + corDE

*Il y a, pour ce nœud, corde. La corde, c'est aussi le **corps-de**. Ce **corps-de**, est parasité par le signifiant; car le signifiant, s'il fait partie du Réel, si c'est bien là que j'ai raison de situer le Symbolique, il faut penser à ceci, c'est que cette **corps-de**, nous pourrions bien n'y avoir affaire que dans le noir. (Seminário L'Insu que Sait de l'Une Bévée s'Aile à Mourre, Lição 15/02/1977) (grifo nosso).*

corps-sistance: CORPS + subSISTANCE

Le matériel se présente à nous comme corps-sistance, je veux dire sous la subsistance du corps, c'est-à-dire de ce qui est consistant [...]. (Seminário L'Insu que Sait de l'Une Bévée s'Aile à Mourre, Lição 14/12/1976) (grifo nosso).

dieu-lire: DIEU + déLIRE

*Or tout ce qui s'énonce, jusqu'à présent, comme science, est suspendu à l'idée de Dieu. La science et la religion vont très bien ensemble. C'est un **Dieu-lire!** Mais ça ne présume aucun réveil. Heureusement, y a-t-il un trou. Entre le délire, social, et l'idée de Dieu, il n'y a pas de commune mesure. (Seminário L'Insu que Sait de l'Une Bévée s'Aile à Mourre, Lição 17/05/1977) (grifo nosso).*

dit-mension: DIT + dimension

*C'est la **dit-mension** dont vous savez qu'elle me permet, [...] celle donc, dont j'instaure le sujet dans ce que je vais appeler aujourd'hui encore, puisque je fais de la littérature et que je suis gai, vous allez le reconnaître, je l'avais écrit sous une forme, ces derniers temps, celle-ci le **Hun-en-peluce**. (Seminário D'un Discours qui ne serait pas du semblant, Lição 12/05/1977) (grifo nosso).*

lacanalyste: LACAN + anALYSTE

*La seule chose qui fait que je persévère [...] c'est qu'il y a quelque chose que je crois avoir saisi (je peux même pas dire avec mes mains), avec mes pieds. C'est l'entrée en jeu de cette trace que dessine, ce qui bien apparemment n'est pas aisément supporté, notamment par des analystes, [c'est] l'expérience analytique. De sorte que s'il y a un phénomène, ce ne peut être que le phénomène **lacanalyste** ou bien lac-à-pas-d'analyste. (Seminário RSI, Lição 10/12/1974) (grifo nosso).*

muroir: MUR + miROIR

*[...] mes élèves, on peut pas dire qu'ils se privent de se réfléchir. Le mur, ça peut toujours faire "**muroir**". C'est sans doute pour ça que je suis revenu raconter des trucs à Ste Anne. C'est pas à proprement parler pour délirer, mais quand même, que ces murs, j'en gardais quelque chose sur le cœur. (Seminário Le Savoir du Psychanalyste, Lição 06/01/1972) (grifo nosso).*

trivision: TRI + diVISION

*Mais qu'il s'agisse de trois consistances et que ce soit d'elles que dépend toute représentation, est là quelque chose de bien fait pour nous suggérer qu'il y a plus dans l'expérience qui nécessite cette, je dirais, **trivision**, cette division en trois, de consistances diverses : que c'est de là, sans que nous puissions en trancher, qu'est supposable que la conséquence*

soit notre représentation de l'espace tel qu'il est, soit à trois dimensions. (Seminário RSI, Lição 21/01/1975) (grifo nosso).

troumatisme: TROU + TrauMATISME

*Mais nous savons tous parce que tous, nous inventons un truc pour combler le trou dans le Réel. Là où il n'y a pas de rapport sexuel, ça fait " **troumatisme** ". On invente. (Seminário Les Non-Dupes Errent, Lição 19/02/1974) (grifo nosso).*

osbjet: OS + oBJET

*La seule introduction de ces nœuds, de l'idée qu'ils supportent un os, en somme, un os qui suggère, si je puis dire, suffisamment quelque chose que j'appellerai, dans cette occasion, **osbjet**, qui est bien ce qui, ce qui caractérise la lettre dont je l'accompagne, cet **osbjet**, la lettre petit a. (Seminário Le Sinthome, Lição 11/05/1976) (grifo nosso).*

adjjet: AD (forma presa) + obJET

*Nous pouvons par exemple distinguer à côté de la fonction d'injet, celle d'**adjjet**. Le terme désigne l'appartenance imaginaire de quelque chose qui, au niveau imaginaire, lui est donné ou ne lui est pas donné, qu'elle a la permission de désirer comme tel, qui lui manque. (Seminário Les Formations de l'Inconscient, Lição 29/01/1958) (grifo nosso).*

4.2.4 Síncope e apócope

Processo em que há supressão no meio do primeiro elemento e no final do segundo. Tal combinação não está prevista no modelo proposto por Clas.

condansation: CONdensation + DANse

*[...] c'est la danse. Ça permettrait d'écrire un peu différemment le terme de **condansation**. (Seminário Le Sinthome, Lição 11/05/1976) (grifo nosso).*

aphliger: AffLIGER + Phallus

*C'est le complément bien inutile du fait que c'est le signifiant un et sans trou, sans trou dont il soit permis de se servir dans le nœud borroméen, qui, à un corps d'homme asexué par soi (Freud le souligne), donne le partenaire qui lui manque. Qui lui manque comment? Du fait qu'il est, si je puis dire, **aphligé** (aphligé à écrire comme ça) **aphligé** réellement d'un phallus qui est ce qui lui barre la jouissance du corps de l'Autre. (Seminário RSI, Lição 11/03/1975) (grifo nosso).*

Para criar as setenta e seis criações neológicas acima, formadas pela aglutinação de dois elementos, Lacan recorre a quatro processos formais diferentes: apócope e aférese, apócope simples, aférese simples e síncope e, por fim, apócope. Vale ressaltar que nenhuma dessas palavras-valise escapa à regra básica de formação quanto ao número de constituintes, conforme nos ensina Grésillon (1984, p. 15): “dois constituintes de base são em geral necessários e suficientes. O limite superior de constituintes não é definitivamente atribuível” (tradução nossa). Além disso, em todos esses novos itens lexicais, Lacan mostra-nos direta ou indiretamente a trajetória da criação, ou seja, ele indica ao ouvinte o ponto de partida e o encaminhamento da criação do neologismo.

“Os parâmetros formais [das palavras-valise] fornecem as condições de formação”, ensina-nos Grésillon (1984, p. 26), mas desvela-se igualmente a existência de uma relação semântica entre seus constituintes, mais evidente em alguns casos do que em outros.

Encontramos seis tipos de relações: a) de sinonímia; b) de antonímia; c) de homonímia, identidade fonética e/ou gráfica de palavras com significados diferentes; d) de paronímia; e) de analogia; e f) de proximidade de campo semântico.

a) Sinonímia, palavras com significados próximos:

anificiel/orificiel

b) Antonímia, palavras com significados opostos:

extime: extériorité/intime
extimité: extérité/intimité
hainamoration : haine/amour

c) Homonímia, paravras semelhantes gráfica e/ou foneticamente:

âmoralité/amoralité
âmoureux/amoureux
anthropie/entropie
aphliger/affliger
çade/Sade
condansation/condensation
corps-de/corde
dit-mension/dimension
é-pater/épater
étourdit/étourdi
hontologie/ontologie
hystorique/historique
parêtre/paraître
photeuil/fauteuil
raie-sonner/résonner
réti-sens/réticense

d) Paronímia, palavras semelhantes na forma e diferentes no significado:

archéophélie/archéologie
merdeuil/merteil
muroir/miroir
poubellication/publication
poubellique/publique
rhétifer/rectifier
rhétification/rectification

e) Analogia, palavras criadas a partir de um modelo preexistente:

autron/palavras formadas pelo sufixo -on da Física

circulature/quadrature
corps-sistance/consistance
cosmétiqueuse/méticuleuse
déjet/déchet
dis-corps/discours
élangue/élation
é-pater/épater
étourdit/étourdi
hainamoration/énomoration
horsexe/horla
lalanglaise/lalangue
polylinguisterie/linguisterie
raie-sonner/résonner
sexuilatence/sexuisemblance

Note-se, ainda, que *polylinguisterie* e *lalanglaise* se formam a partir de criações neológicas do próprio Lacan.

f) Proximidade de campo semântico: neste caso, as palavras não pertencem ao mesmo campo semântico, mas há uma interseção de sentidos. Com efeito, o substantivo *mirage* refere-se a um fenômeno óptico ou a uma aparência enganosa, que leva a uma ilusão; o adjetivo *imaginaire* refere-se a algo criado pela imaginação, que também pode levar a uma ilusão. Observe-se, também que *miraginaire* pode ter sido criado em analogia com o adjetivo *miragineux*, *-euse* referente a *mirage*, considerado raro e literário.

miraginaire : *mirage/imaginaire*

Ressaltemos que algumas palavras-valise podem encerrar mais de uma relação semântica. É o caso de *raie-sonner* (homonímia e analogia), *hainamoration* (antonímia e analogia), *épater* (homonímia e analogia), *étourdit* (homonímia e analogia).

4.2.5 Dévalisés

Segundo Grésillon (1984, p. 26), os neologismos *dévalisés* são aqueles que repousam na assimilação aproximada de uma palavra usual, C, de suas duas partes A e B, também usuais e resultando de uma cisão falaciosa de C. Apresentam alguns traços das palavras-valise – reunião estranha de duas palavras usuais, nem derivação, nem composição, o processo de reunião-cisão se sustenta também na homofonia –, mas diferem em outros: “o produto não é uma palavra totalmente nova, pois se assemelha como um irmão gêmeo a uma palavra usual [...]; a (quase-homofonia) não opera entre A e B como no caso da palavra-valise, mas entre a reunião de (A + B) de um lado e de C, de outro.”

C'es: ça + c'est

*La meilleure façon que je trouve de l'indiquer - je l'ai déjà plusieurs fois suggéré quelque part - c'est de **restituer** à sa vraie forme la cédille du "ça" en français. Ce n'est pas une cédille, c'est une apostrophe, c'est, dans l'apostrophe du "c'est", la première personne de l'inconscient et vous pouvez même barrer le t de la fin: "c'es" voilà une façon d'écrire le sujet au niveau de l'inconscient, le sujet du fantasme. (Seminário Le Transfert, Lição 28/06/1961) (grifo nosso).*

lituraterre: LITURA + littérature

*Ce mot, **lituraterre**, que j'ai inventé, se légitime de l'Ernout et Meillet, comme il y en a peut-être qui ici savent ce que c'est; c'est un dictionnaire dit étymologique du latin. Cherchez à lino, litura, et puis liturarius. Il est bien précisé que ça n'a rien à faire avec littera, la lettre. Que ça n'ait rien à faire, moi je m'en fous. Je ne me soumets pas forcément à l'étymologie quand je me laisse aller à ce jeu de mots dont on fait à l'occasion le mot d'esprit, le contrepét, en l'occasion évident, m'en revenant aux lèvres et le renversement à l'oreille. (Seminário D'un Discours qui ne serait pas du semblant, Lição 12/05/1971) (grifo nosso).*

lituraterrir: LITURATERRE + -ir

*Ce à quoi semble prétendre une littérature en son ambition, c'est ce que j'épinglé de **lituraterrir**, c'est de s'ordonner d'un mouvement qu'elle appelle scientifique. (Seminário D'un Discours qui ne serait pas du semblant, Lição 12/05/1971) (grifo nosso).*

4.3 Composição

Segundo Alves (1994), o processo de composição implica a justaposição de bases autônomas ou não-autônomas, revelando um caráter sintático, coordenativo ou subordinativo.

A composição coordenativa se manifesta pela justaposição de substantivos, adjetivos ou membros de outra classe gramatical, como em 'outono-inverno', e 'rítmico-harmônicas' (ALVES, 1994, p. 44-45).

Na composição subordinativa (ALVES, 1994, p. 41), há a "transposição, para o nível lexical, de outros fenômenos da sintaxe frasal". Uma palavra exerce o papel de determinado e a outra, o de determinante, ou seja, "a base determinada constitui um elemento genérico, ao qual o determinante acresce uma especificação". A autora cita os exemplos de 'enredos-denúncias', 'político-galã', 'empurra-êmbolo', 'boca-de-urna', entre outros. Segundo Cunha (1978, p. 77), a ordem mais usual é o determinado seguido do determinante, mas o contrário também é possível nos compostos que se formaram pelo modelo da composição latina.

Bechara (2001, p. 353-354) retoma uma definição de Benveniste, que explicita essa relação sintática estabelecida entre os elementos de uma palavra composta.

Os compostos representam a transformação de certas orações típicas, simples ou complexas, em signos nominais. Não se pode, portanto, explicar a criação dos compostos pela simples junção imediata de dois signos anteriores.
[...] No momento em que a oração é transformada em composto e que os termos da oração se tornam membros do composto, a

predicação é colocada em suspenso, e o enunciado atual torna-se virtual.

Assim se define então a função do composto: transferir para o virtual a relação atual de predicação enunciada pela oração de base. É justamente a essa função que correspondem também as características formais dos compostos.

A complexidade da estrutura dos compostos lacanianos não nos permitiu estabelecer, com precisão e certeza, a distinção entre os compostos coordenados e os compostos subordinados. Um desdobramento do trabalho que ora desenvolvemos poderia debruçar-se exclusivamente sobre essa questão que, a nosso ver, é bastante intrincada. Por essa razão, aqui apenas elencamos os compostos, salientando as relações semânticas que estabelecem entre si os elementos das palavras compostas.

4.3.1 Subordinativa e coordenativa

acause: (objet) a + cause

*[...] que nous donne justement le jeu, le jeu du langage dans sa forme matérielle, appelons-le comme je l'ai déjà appelé plus d'une fois au tableau l'a-cause ; aussi bien en français cela ne sonnera-t-il pas de façon détonante pour la raison qu'il existe l'expression "à cause de". En a-t-on bien vu toujours les résonances ? "A cause de", est-ce que ça constitue l'aveu que cet "à cause de" n'est qu'une **acause**. Chaque langue là-dessus a son prix. Et l'espagnol dit "por l'amor". On pourrait en tirer aisément le même effet. (Seminário D'un Autre à l'autre, Lição 15/01/1969) (grifo nosso).*

achose: (objet) a + chose

*Or, c'est assez dire que la chose ne puisse s'écrire que l'**achose**, comme je viens de l'écrire au tableau, ce qui veut dire qu'elle est absente là où elle tient sa place, ou plus exactement, que l'objet a qui tient cette place, ôté - ôté, cet objet a - n'y laisse, à cette place, n'y laisse que l'acte sexuel tel que je l'accentue, c'est-à-dire la castration. (Seminário D'un Discours qui ne serait pas du semblant, Lição 10/03/1971) (grifo nosso).*

auteur-stop: *auteur + stop*

Il ne faudrait pas que Platon ne soit pour vous que ce qu'il est, un auteur. Vous êtes formés depuis votre enfance à faire de l' "auteur-stop". (Seminário ... ou pire, Lição 15/03/72) (grifo nosso).

désirpas: *(dés) + désir + pas*

*Le désir inconscient, s'il est inconscient, nous dit-on, c'est que, dans le discours qui le supporte, on a fait sauter un chaînon pour que le désir de l'Autre... soit quoi ?... méconnaissable ! C'est le truc le meilleur qu'on a trouvé, pour stopper cette mécanique : il y a un pas, eh bien, nous créons, en deçà de ce pas, non pas le non-désir, mais le **désir-pas**. La définition du désir inconscient : c'est ça - que nous permettent d'exprimer les subtilités de la négation, en français - à savoir ce point de chute que nous désigne le « pas », le point, dont j'ai fait déjà usage sur le sujet du pas-de-sens.*

*Ce **désir-pas**, j'irai même - si vous me laissez un tout petit peu la bride sur le cou - jusqu'à en faire un nom écrit d'une seule tenue et ce dés-, qui le commande, de lui donner le même accent que désespoir, ou que desêtre, et dire que le désir inconscient du **désirpas**, c'est quelque chose qui déchoit par rapport à je ne sais quel irpas. Irpas qui désigne très précisément le désir de l'Autre, par rapport à quoi l'interpréter se verbaliserait assez bien d'un irpassé. (Seminário La Logique du Fantasma, Lição 14/06/1967) (grifo nosso).*

entre-deux-morts: *entre + deux + morts*

*[...] que c'est au sein de ce que certains d'entre vous ont baptisé l'**entre-deux-morts** (terme très exact pour désigner le champ où s'articule expressément comme tel tout ce qui arrive dans l'univers propre dessiné par Sophocle et pas seulement dans l'aventure d'Oedipe Roi), que se situe le phénomène dont je crois pouvoir dire que nous avons introduit un repérage dans la tradition éthique, dans la réflexion sur es motifs et les motivations du bien. (Seminário Le Transfert, Lição 16/11/1960) (grifo nosso).*

entredit: *entre + dit*

Car il y a bien sûr tout un monde du non-dit, de l'interdit, puisque c'est même là la forme sous laquelle se présente essentiellement la Verdrängt qui est l'inconscience. Mais, si on peut dire, la Verneinung n'est que la pointe la plus affirmée

de ce que je pourrais appeler l'entredit, comme on dit l'entrevu. (Seminário L'Éthique de la Psychanalyse, Lição 16/12/1959) (grifo nosso).

entre-je: *entre + je*

Dès qu'il y a sujet et usage du signifiant, il y a usage possible de l'entre-je; c'est-à-dire du sujet interposé. Cette immixtion des sujets, dont vous savez que c'est l'un des éléments les plus manifestes du rêve de l'injection d'Irma, à savoir les trois praticiens appelés à la queue leu leu par Freud, qui veut savoir ce qu'il y a dans la gorge d'Irma. (Seminário Les Psychoses, Lição 02/05/1956) (grifo nosso).

êtrepenser: *être + penser*

Il [Descartes] arrive à faire tenir, je dis dans son texte, non pas une fois que le professeur de philosophie en aura pêché le signifiant, et trop facilement montrera l'artifice qui résulte de formuler qu'ainsi pensant, je puis me dire une chose qui pense, c'est trop facilement réfutable, mais qui ne retire rien de la force de progrès du texte, à ceci près qu'il nous faut bien interroger cet être pensant, nous demander si ce n'est pas le participe d'un êtrepenser, à écrire à l'infinitif et en un seul mot: J'êtrepense, comme on dit j'outrecuide, comme nos habitudes d'analystes nous font dire je compense, voire je décompense, je sur-compense. C'est le même terme, et aussi légitime dans sa composition. (Seminário L'identification, Lição 22/11/1961) (grifo nosso).

pense-être: *penser + être*

Se poser: ego, je pense comme pur pense-être, comme subsistant d'être le je d'un ne suis pas local ; qui veut dire : Je ne suis qu'à ce que ta question de l'être soit élidée, je me passe d'être, je ... ne suis pas, sauf là où - nécessairement - je suis, de pouvoir le dire. (Seminário La Logique du Fantasma, Lição 11/01/1967) (grifo nosso).

lalangue

Ce que j'avançais, en écrivant lalangue en un seul mot, c'était bien ce par quoi je me distingue du structuralisme, pour autant qu'il intégrerait le langage à la sémiologie - et ça me paraît être une des nombreuses lumières qu'a projetées Jean-Claude Milner. (Seminário Encore Lição 10/04/1973) (grifo nosso).

*Mais quand on a lancé les responsifs dont je parlais tout à l'heure sur le "Vocabulaire de la Psychanalyse", c'est évidemment parce que j'avais mis à l'ordre du jour ce terme saussurien : "**lalangue**", que, je le répète, j'écrirai désormais en un seul mot. Et je justifierai pourquoi. Eh bien, **lalangue** n'a rien à faire avec le dictionnaire, quel qu'il soit. Le dictionnaire a affaire avec la diction, c'est-à-dire avec la poésie et avec la rhétorique par exemple. (Seminário Le Savoir du Psychanalyste, Lição 04/11/1971) (grifo nosso).*

nom-du-père

*En effet, ce qui autorise le texte de la loi se suffit d'être lui-même au niveau du signifiant. C'est ce que j'appelle le **Nom-du-Père**, c'est-à-dire le père symbolique. C'est un terme qui subsiste au niveau du signifiant, qui dans l'Autre, en tant qu'il est le siège de la loi, représente l'Autre. (Seminário Les Formations de l'Inconscient, Lição 12/02/1958) (grifo nosso).*

passibête: pas + si + bête

*On peut même dire que le verbe se définit d'être un signifiant pas si bête - il faut écrire cela en un mot - **passibête** que les autres sans doute, qui fait le passage d'un sujet à sa propre division dans la jouissance, et il l'est encore moins quand cette division, il la détermine en disjonction, et qu'il devient signe. (Seminário Encore, Lição 19/12/1972) (grifo nosso).*

pas-je: pas + je

*Ce **pas-je** essentiel à articuler pour être ainsi dans son essence, c'est ce que Freud nous apporte au niveau du second pas de sa pensée et ce qu'on appelle "la seconde topique", comme étant le ça. (Seminário La Logique du Fantasma, Lição 11/01/1967) (grifo nosso).*

pas-tout: pas + tout

*Toutes les femmes", comme on dit, mais moi je dis aussi que les femmes sont **pas-toutes** alors, ça fait un peu objection, n'est-ce pas! mais La femme, c'est disons que c'est " toutes les femmes ", mais alors c'est un ensemble vide, parce que cette théorie des ensembles, c'est quand même quelque chose qui permet de mettre un peu de sérieux dans l'usage du terme "tout". (Seminário RSI, Lição 21/01/1975) (grifo nosso).*

pas-sans: pas + sans

*C'est ensuite ceci qui entrera plus loin et plus maniable que ça l'est dans l'écriture logique - ce à quoi j'ai fait allusion tout à l'heure dans l'implication - pour autant qu'à la régler dans l'apparition de ces négations tout à fait opaques dans leur retournement, on peut l'appeler dans l'implication elle-même : le **pas-sans** - dans l'implication, telle qu'elle est définie par la tradition stoïcienne, telle qu'elle ne peut être évitée quels que soient ses paradoxes. (Seminário La Logique du Fantasma, Lição 07/12/1966) (grifo nosso).*

pas-de-sens

*Disons-nous qu'il authentifie ce qu'il y a là-dedans de non-sens? Là aussi j'insiste - je ne crois pas qu'il faille maintenir ce terme de non-sens, qui n'a de sens que dans la perspective de la raison, de la critique, c'est-à-dire de ce qui est précisément évité dans ce circuit. Je vous propose la formule du **pas-de-sens** - comme on dit le pas-de-vis, le pas-de-quatre, le Pas-de-Suse, le Pas-de-Calais. (Seminário Les Formations de l'Inconscient, Lição 04/12/1957) (grifo nosso).*

Podemos interrogar-nos se, em todos esses neologismos antecidos pela forma negativa *pas* – *passibête*, *pas-je*, *pas-tout*, *pas-sans*, *pas-de-sens* – não estaria havendo uma convergência entre derivação e composição. Alves (1994, p. 48-49) trata dessa questão, salientando que, na imprensa brasileira contemporânea, esse tipo de composição é bastante produtivo:

um substantivo, em função determinante, repete-se com tanta frequência nessa segunda posição que seu emprego não é mais sentido como eventual, chegando a perder parte de seu significado e a adquirir valor sufixal.

Em *pas-je*, há igualmente referência ao substantivo *pas* [passo, etapa], o que possibilitaria duas leituras concomitantes.

pense-choses: penser + choses

*Le « je » du « je ne pense pas » s'inverse, s'aliène lui aussi en quelque chose qui est un **pense-choses**. C'est ceci qui donne son véritable sens à ce que Freud dit de l'inconscient, qu'il est constitué par les représentations de choses, Sachevorstellungen. (Seminário La Logique du Fantasma, Lição 11/01/1967) (grifo nosso).*

père-vers: père + vers

père-versement: père-vers + -ment

père-version: père + version

*Dieu est père, tiret, vers (**père-vers**), c'est un fait rendu patent par le juif lui-même. Mais on finira bien par, - enfin! je peux pas dire que je l'espère! je dis - à remonter ce courant, on finira bien par inventer quelque chose de moins stéréotypé que la perversion. C'est même la seule raison pourquoi je m'intéresse à la psychanalyse [...]. (Seminário RSI, Lição 08/04/1975) (grifo nosso).*

*Un père n'a droit au respect, sinon à l'amour, que si le dit, le dit amour, le dit respect, est, vous n'allez pas en croire vos oreilles, **père-versement** orienté, c'est-à-dire fait d'une femme, objet petit a qui cause son désir. (Seminário RSI, Lição 21/01/1975) (grifo nosso).*

*L'imagination d'être le rédempteur, dans notre tradition au moins, est le prototype de ce que, ce n'est pas pour rien que je l'écrive: la **père-version**. C'est dans la mesure où il y a rapport de fils à père, et ceci depuis très longtemps, que a surgi cette idée loufoque du rédempteur. (Seminário Le Sinthome, Lição 10/02/1976) (grifo nosso).*

plus-de-jouir

*C'est à partir de là que nous pouvons concevoir qu'il y a quelque chose là aussi qui, en tant que payé à son vrai prix de savoir selon les normes qui se constituent du marché de la science, est pourtant obtenu pour rien. C'est ce que j'ai appelé le **plus-de-jouir**. (Seminário D'un Autre à l'autre, Lição 13/11/1968) (grifo nosso).*

suis-pensée: suis + pensée

*[...] à savoir celui qui limite l'instauration de l'être comme tel à celui du je suis qu'implique le pur fonctionnement du sujet du je pense comme tel, pour autant qu'il donne cette apparence - car ce n'est qu'une apparence - d'être transparent à lui-même, d'être ce que nous pourrions appeler une **suis-pensée**. Permettez-moi, avec ce néologisme, de traduire ou de supporter caricaturalement ce qui d'habitude est appelé "conscience de soi", terme qui résonne mal et insuffisamment auprès de l'usage qu'en permet la composition germanique de : Selbstbewusstsein. (Seminário La Logique du Fantôme, Lição 18/01/1967) (grifo nosso).*

Un-en-moins: un + en moins

*Car il est clair que l'Autre ne s'additionne pas à l'Un. L'Autre seulement s'en différencie. S'il y a quelque chose par quoi il participe à l'Un, ce n'est pas de s'additionner. Car l'Autre - comme je l'ai dit déjà, mais il n'est pas sûr que vous l'ayez entendu - c'est l'**Un-en-moins**. (Seminário Encore, Lição 15/05/1973) (grifo nosso).*

Un-en-plus⁴²

*Si le statut moderne du sujet n'est pas donné dans Platon, c'est pour autant que s'y dérobe, que n'y est pas articulée la tension qu'il y a de cet Autre à l'Un, et qui, cet Autre, nous permettrait de le fonder comme ce que j'appelle l'**un-en-plus**, cet **un-en-plus** que vous ne voyez émerger dans la théorie des nombres qu'au niveau de Frege, autrement dit, cette conception du singulier comme essentiellement du manque. (Seminário Problèmes Cruciaux pour la Psychanalyse, Lição 12/05/1965) (grifo nosso).*

Un en peluce: un + en + peluce

*Cette notion de l'au-moins-un, c'est là-dessus, mon Dieu, que je termine, parce que l'heure m'indique la limite; vous verrez que j'aurai par la suite, bien sûr, à la mettre en fonction avec ce que déjà bien sûr vous voyez là, déjà articulé, à savoir celle de l'**un en peluce**, qui n'est pas ailleurs qu'ici, n'est-ce pas, tel que je l'ai écrit la dernière fois: **un-en-peluce**. Ce n'est pas pour rien que je l'ai écrit ainsi, je pense que ça peut tout de même pour certains soulever certains échos. L'au-moins-un comme fonction essentielle du rapport en tant qu'il situe la femme par rapport au point ternaire clé de la fonction phallique, nous l'écrirons de cette façon parce qu'elle est inaugurale, inaugurale d'une dimension qui est très précisément celle sur laquelle j'ai insisté pour un discours qui ne serait pas du semblant, l'hommoinsin. (Seminário D'un Discours qui ne serait pas du semblant, Lição 19/05/1971) (grifo nosso).*

dit-mansion: dit + mansion

⁴² A tradutora Vera Ribeiro, de *Outros Escritos* (2003: 21), propõe a tradução Hum-de-Plus para este neologismo e explica: “O ‘h’ mudo utilizado por Lacan em diversas de suas criações (cf. p. ex. *hénade*) remete ao ‘hen’ grego (um) e ao mesmo tempo presentifica o vazio através da letra não pronunciada. Importante ainda ressaltar a homofonia com ‘Um de pelúcia’ (*Un en peluche*)”. Essa questão será retomada no próximo capítulo.

Ça prend du sens, mais le propre du sens, c'est qu'on y nomme quelque chose. Et ceci fait surgir la dit-mansion, la dit-mansion justement de cette chose vague qu'on appelle les choses, et qui ne prennent leur assise que du Réel, c'est-à-dire d'un des trois termes dont j'ai fait quelque chose qu'on pourrait appeler l'émergence du sens. [...] et que c'est même en quoi le monde est plus futile, je veux dire qui fuit, est plus futile que le Réel, ce Réel que j'essaie de vous suggérer, dans sa dit-mansion, dit di-t, mansion, demeure du dit, que j'essaie de vous faire saisir par ce dit qui est le mien, à savoir par mon dire. (Seminário RSI, Lição 15/04/1975) (grifo nosso).

dire-secours *dire + secourt*

Il ne faut pas pousser cette porte trop vite, parce qu'il faut rester au niveau où j'ai placé ce que j'ai en somme appelé les discours; les dits, c'est le " dire qui secourt ". Il faut quand même bien profiter de ce que nous offre d'équivoque la langue dans laquelle nous parlons. Qu'est-ce qui secourt, est-ce que c'est le dire ou est-ce que c'est le dit? Dans l'hypothèse analytique, c'est le dire; c'est le dire, c'est-à-dire l'énonciation, l'énonciation de ce que j'ai appelé tout à l'heure la vérité. Et dans ces " dire-secours ", [...] j'en avais comme ça distingué en gros 4... (Seminário L'Insu Que Sait de l'Une Bévüe s'Aile à Mourre, Lição 11/01/1977) (grifo nosso).

sensu: *sens + su*

Alors, en disant ça, je mets le Réel - je le situe, justement, je le mets à sa place, d'un sens, ne l'oublions pas, d'un sens en tant que su : le sens se sait. C'en est même au point qu'on est étonné, hein, qu'on ait, qu'on ait pataugé : le sensé, le sensible, tout ce qu'on veut, mais que ça n'ait pas fini par se cristalliser : le sensu. Faut croire que ça avait des échos qui nous plaisaient guère. (Seminário Les Non-Dupes Errent, Lição 23/04/1974) (grifo nosso).

Devemos ressaltar que, embora essa classificação dos compostos lacanianos se baseie em suas propriedades formais, em um número bastante significativo de formações neológicas compostas, há uma relação semântica manifesta de analogia:

acause/à cause de

auteur-sto/auto-stop

dit-mansion/dimension

entredit/entrevu
êtrepenser/ outreneider
foliesophie/philosophie.
inter-dit/interdit
lalangue/lallation
[juste] mi-Dieu/[juste] milieu
père-vers/pervers
père-version/perversion
père-versement perversement
s'Autreposer/s'entreposer
*sui-pensée/suicide*⁴³

Na composição sintagmática, “os elementos de um segmento frasal encontram-se numa íntima relação sintática, tanto morfológica quanto semanticamente, de forma a constituírem uma única unidade léxica.” (ALVES, 1994, p. 50). A autora lembra, também, que a característica desse tipo de composição é a determinação de uma ordem constante em seus elementos, ou seja, a base determinante segue a base determinada, com ou sem preposição, como em ‘produção independente’ e ‘condomínio fechado’. Em geral não recebe hífen, pois ainda se encontra em vias de lexicalização.

Encontramos um caso de composição sintagmática, o termo *sujet supposé savoir*, que registra cento e oitenta ocorrências nos *Seminários* e que foi assumido por seus seguidores tanto na exegese da obra lacaniana quanto em textos psicanalíticos abordando outras questões. Pélissier (2002, p. 89) registra uma ocorrência desse neologismo, escrita pelo próprio Lacan e grafada sem hífen, e salienta: “No entanto, esses três termos reunidos funcionam como um sintagma”.

sujet supposé savoir

⁴³ Yan Pélissier (2002, p. 88), sustenta que, se trata, nesse caso, de uma construção paralela àquela da palavra suicídio.

*C'est qu'il n'a jamais été, dans la lignée philosophique qui s'est développée à partir des investigations cartésiennes dites du cogito, qu'il n'a jamais été qu'un seul sujet que j'épinglerai, pour terminer, sous cette forme, le **sujet supposé savoir** (Seminário L'Identification, Lição 15/11/1961) (grifo nosso).*

Nas palavras de Saint-Drôme (1994, p. 191-192), ao criar esse termo, Lacan dá

um golpe fatal na imagem prevalente e tranquilizante do psicanalista que folheia diretamente, como um livro aberto, a psique de seu cliente. Ele (Lacan) traz ao conhecimento universal que o saber inconsciente do analisante não sai pronto do cérebro do psicanalista, mas se revela pouco a pouco (e com muita dificuldade) nas palavras que escapam da boca do próprio paciente. O psicanalista não é mais um Sabe-tudo, mas um sujeito que supostamente sabe. (tradução nossa)

4.3.2 Entre bases não-autônomas

No que tange à composição entre bases não-autônomas, ALVES (1994) explicita que ela pode se manifestar de três modos:

a) através da junção de duas bases não-autônomas:

phallophanie: *phallus-* + *-phanie*

*[...] nous pourrons aller plus loin dans quelque chose que j'appellerai les instants où l'objet par quelque voie (et la voie majeure étant celle du deuil) disparaissant, s'évanouissant au petit pas, fait pour un temps - un temps qui ne saurait subsister que dans l'éclair d'un instant - se manifester la vraie nature de ce qui lui correspond dans le sujet, à savoir ce que j'appellerai les apparitions du phallus, les **phallophanies**. (Seminário Le Désir et son Interprétation, Lição 29/04/1959) (grifo nosso).*

hylophagie: *hylo-* + *-phagie*

Or, il est manifeste dans l'observation que le malade a été empêché par l'accoucheur d'assister à l'issue de son rejeton

*hors des portes maternelles et que c'est l'émoi d'être impuissant à surmonter un nouvel empêchement qui le menace, de cet ordre, qui le précipite à jeter les gardiens de l'ordre dans l'angoisse par la revendication écrite du droit du père à ce que j'appellerai l'**hylophagie**, pour préciser la notion qui est la pour représenter l'image de la dévoration de Saturne, car, enfin, il est écrit, dans cette observation, que ce monsieur se présente au commissariat pour dire que rien dans la loi ne l'empêche de manger son bébé qui vient de mourir. (Seminário L'Angoisse, Lição 20/03/1963) (grifo nosso).*

psychosphère: psycho + -sphère

*Seulement c'est ça d'où dépend que l'on puisse appeler le sujet à rentrer chez soi dans l'inconscient. Il est quand même important de savoir qui on appelle. Ça n'est pas l'âme de toujours, ni mortelle ni immortelle, ni ombre ni double, ni fantôme, ni même " **psychosphère** ", prétendue carapace, lieu des défenses et autres schématismes qu'il importe justement de mettre en cette occasion à leur place. (Seminário Les Quatre Concepts Fondamentaux de la Psychanalyse, Lição 05/02/1964) (grifo nosso).*

b) de uma base autônoma e uma base não-autônoma:

jecratie: je + -cratie

*De tout énoncé universitaire d'une philosophie quelconque, fût-ce celle qu'à la rigueur on pourrait épingler comme lui étant la plus opposée, à savoir, si c'était de la philosophie, le discours de Lacan - irréductiblement surgit la **jecratie**. (Seminário L'Envers de la Psychanalyse, Lição 05/02/1964) (grifo nosso).*

mortiforme: mort + i + -forme

*Freud en a désigné le support quand il parle du Ça dans la pulsion de mort elle-même, en tant qu'il a désigné le caractère **mortiforme** de l'automatisme de répétition. La mort (ceci est là articulé par Freud comme tendance vers la mort, comme désir où un impensable sujet se présente dans le vivant chez qui ça parle) 'est responsable' précisément de ce dont il s'agit, à savoir de cette position excentrique du désir chez l'homme qui depuis toujours est le paradoxe de l'éthique [...]. (Seminário Le Transfert, Lição 11/01/1961) (grifo nosso).*

foliesophie: folie + -sophie

*En essayant, en essayant de faire une **foliesophie**, si je puis dire, moins sinistre. Moins sinistre que ce qu'est le Livre, dit de la Sagesse, dans la Bible. (Seminário Le Sinthome, Lição 16/03/1976) (grifo nosso).*

egomimie: **ego** + **mimie/mime(o)**-

*Au premier abord, il s'agit d'une simple pénétration psychologique, d'une sorte d'**egomimie**. Le sujet adopte une position en miroir qui lui permet de deviner le comportement de son adversaire. (Seminário Le Moi dans la Théorie de Freud et dans la Technique Psychanalytique, Lição 23/03/1955) (grifo nosso).*

c) de uma base não-autônoma e uma base autônoma:

inter-dit: inter + dit

*Il y a du rapport d'être qui ne peut pas se savoir. C'est lui dont, dans mon enseignement, j'interroge la structure, en tant que ce savoir - je viens de le dire - impossible est par là interdit. C'est ici que je joue de l'équivoque - ce savoir impossible est censuré, défendu, mais il ne l'est pas si vous écrivez convenablement l'**inter-dit**, il est dit entre les mots, entre les lignes. Il s'agit de dénoncer à quelle sorte de réel il nous permet l'accès. (Seminário Encore, Lição 15/05/1973) (grifo nosso).*

mi-Dieu: mi + Dieu

*[...] ce dont elle [la femme] s'occupe, c'est d'autres objets a qui sont les enfants auprès de qui le père pourtant intervient, exceptionnellement dans le bon cas, pour maintenir dans la répression, dans le juste **mi-Dieu** si vous me permettez, la version qui lui est propre de sa perversion, seule garantie de sa fonction de père [...]. (Seminário RSI, Lição 21/01/1975) (grifo nosso).*

Segundo Alves (1994), Rocha (1998) e Basílio (2004), esse tipo de formação é bastante recorrente nas línguas de especialidade, haja vista a necessidade constante de denominação, o que indica a predominância da função denominativa.

Registra-se, ainda, a composição por siglas ou acronímica, que resulta da redução do sintagma e apresenta várias possibilidades de formação. Neste tipo de composição, “o sintagma é reduzido de modo a tornar-se mais simples e mais eficaz no processo da comunicação” (ALVES, 1994, p. 56), como nos exemplos ‘Exército Revolucionário do Povo (ERP)’ e ‘Partido Comunista do Brasil (PC do B)’. Não tendo encontrado neologismos assim formados em nosso *corpus*, não nos deteremos nesse tipo de composição.

4.4 Criação por associação

Nos *Seminários*, encontramos um número bastante significativo de criações por associação: 33 neologismos. Isso não é de surpreender quando se conhece a produtividade neológica de Lacan. O que surpreende, em contrapartida, é o fato de que – em que pese a dificuldade de decodificação do neologismo por associação devido à sua novidade formal – algumas dessas criações superaram a etapa de uso específico em determinado momento e lugar e se transformaram em termos lacanianos consagrados e assumidos como herança dessa teoria. Pensamos, por exemplo, nos termos *a(u)moinzin/hommoinzin* e *m’êtrise*.

O que parece predominante nesse tipo de criações é a função analógica. Vejamos em detalhe essas criações.

O neologismo *âme-à-tiers* (que aparece no texto antecedido pelo artigo definido feminino singular, *l’âme-à-tiers*) é homófono de *la matière*, sendo retomado 24 vezes por Lacan. Mas nele também se lê alma e terceiro. Lacan fala deste

terceiro-lugar povoado de Falo como *l’âme-à-tiers* (a matéria) no *Seminário l’Une bévüe*, por onde o amor nos vem do terceiro para a passagem do não-ser ao ser, do nada à significação, para realizar no imaginário do corpo, o falo simbólico dos pais. (GILSON, 1998). (tradução nossa)

âme-à-tiers

Et je dirai que - c'est une réflexion comme ça que m'a inspiré le fait que, pour ce qui est du Réel, on veut l'identifier à la matière - je proposerai plutôt de l'écrire comme ça, "l'âme-à-tiers". (Seminário L'Insu que Sait de l'Une Bévüe S'aile à Mourre, Lição 11/01/1977) (grifo nosso).

A partir das noções filosóficas *en soi* e *pour-soi*, Lacan cria as variações *anse-oie* e *en-soie*, com um intuito lúdico, afirmando que fazer isso “*C'est extraordinairement amusant*” (cf. *Seminário D'un Autre à l'autre*, Lição 15/01/69). Lembremos que, a partir de *pour-soi* igualmente, foi criado o verbo *poursoir*, visto na derivação.

anse-oie/en-soie

*[...] c'est elle qui, à notre existence de sujet, poursoit. C'est un mot nouveau, qui m'est sorti comme ça, le verbe poursoir. Je ne vois pas pourquoi, depuis le temps qu'on parle de l'en-soi et du pour-soi, on ne pourrait pas faire des variations. C'est extraordinairement amusant. Par exemple vous pourriez écrire l'en-soi comme ça, **anse-oie** ou bien **en-soie**. (Seminário D'un Autre à l'autre, Lição 15/01/1969) (grifo nosso).*

O neologismo *hommoinzin*, também grafado como *a(u)moinzin* – aqui, a letra *u* é tomada como sinal lógico da união, além de Lacan fazer referência ao objeto *a* –, parte de *au moins un* e condensa *homme moins un*, numa referência ao pai da horda primitiva, que é *l'au moins un*.

hommoinzin

*L'au-moins-un [...] nous l'écrirons de cette façon parce qu'elle est inaugurale, inaugurale d'une dimension qui est très précisément celle sur laquelle j'ai insisté pour un discours qui ne serait pas du semblant, l'**hommoinzin**. (Seminário RSI, Lição 08/04/1975) (grifo nosso).*

O adjetivo *apèritif*, que registra 22 ocorrências nos *Seminários*, parte da palavra-valise *père-version*, que sofre um processo de transformação e se

torna *version apèritive*. Essa retomada, parece-nos, indica um neologismo em vias de terminologização.

apèritif

De même que le plus-de-jouir provient de la père-version, de la version apèritive du jouir. (Seminário D'un Discours qui ne serait pas du semblant, Lição 19/05/71) (grifo nosso).

Algumas dessas criações partem de estruturas mais complexas, como frases inteiras que se transformam em uma única palavra, em geral um verbo ou substantivo.

Assim, o verbo *gniakavoir*, criado a partir da redução da frase *il n'y a qu'avoir* para *nyaquavoir*, que se transforma, por correspondência fonética, em *gniakavoir*. A partir daí, abre-se a possibilidade de o verbo ser conjugado como qualquer outro da língua francesa.

gniakavoir

[...] après tout, je n'ai pas de raison de vous refuser l'anecdote, cette forme empruntée au langage d'un petit garçon qui était très intelligent puisque c'était mon frère - il "gniakavait", me dit-il, conjuguant ainsi bizarrement un verbe dont le radical serait "gniaka". Eh bien, un registre du "gniaka" est absolument essentiel : ceci par quoi un état présent est supposé dériver de quelque chose qui fait qu'il est amputé de quelque chose. Ceci est la forme la plus radicale par quoi s'introduit toute une catégorie où nous aurons, justement, à nous orienter quant aux instaurations proprement symboliques de la négation. Car "gniaka", ça va très loin, ça peut être un manque, ça peut être aussi un point de départ : "gniaka" prendre un point de départ, on appelle cela le zéro, élément neutre. (Seminário L'objet de la psychanalyse, Lição 08/06/1966) (grifo nosso).

O verbo *jouljouer* é criado a partir da frase *je joue le jeu*, transformada em *jouljeu*, que dá origem ao verbo *jouljouer*. No entanto, como observa Péliissier (2002, p. 51), esse verbo deveria conjugar-se como o verbo *jouer* (*je jouljoue, tu jouljoues*, etc.), e não como Lacan propõe – *je jouljeux, il jouljeut*) –, o que indica que ele leva a associação até as últimas

conseqüências, assimilando esse verbo também ao verbo *vouloir* (*je veux, tu veux*).

jouljouer

Alors, si je n'erre pas, et j'ai pas l'air, comment joue le jeu qui me guide ? Ça fait un verbe, ça, hein: " jouljeu ", tu jouljeux, ça continue, ça tient le coup à " il jouljeut ". Et puis après ça flotte. Nous " jouljouons ", ou le verbe jouljouer, ça ne peut pas tenir. Ça prouve qu'on ne jouljeut qu'au singulier. Au pluriel, c'est douteux, ça ne se " conjeugue " pas au pluriel, le jouljeu. (Seminário Les Non-Dupes Errent, Lição 19/02/1974) (grifo nosso).

O verbo *hycroire* provém da estrutura *croire à quelque chose*, que demanda o pronome *y* na substituição pronominal, *y croire*; recebe o *h* aspirado como conclusão da transformação⁴⁴.

hycroire

La science est une futilité qui n'a de poids dans la vie d'aucun, bien qu'elle ait des effets, la télévision par exemple. Mais ses effets ne tiennent à rien qu'au fantasme qui, écrirai-je comme ça, qui hycroit. (Seminário Le Moment de Conclure, Lição 20/12/1977) (grifo nosso).

O verbo *diffâmer* é criado a partir da aglutinação de *on la dit femme*, na qual está igualmente presente a palavra *âme*, formando uma estrutura homófona ao verbo *diffamer*. Em outras palavras, neste verbo pode-se ler *femme* [mulher], *âme* [alma], *diffamer* [difamar], *différencier* [diferenciar], estabelecendo-se uma relação de associação direta entre *femme* e *infamie*.

diffâmer

Pour que l'âme trouve à être, on l'en différencie, elle, la femme, et ça d'origine. On la dit-femme, on la diffâme. Ce qui de plus fameux dans l'histoire est resté des femmes, c'est à proprement, parler ce qu'on peut en dire d'infamant. (Seminário Encore, Lição 13/03/1973) (grifo nosso).

⁴⁴ Segundo Yan Péliissier (2002, p. 44-45), Lacan joga muito, no período de 1971-1972, com o *h* aspirado para marcar a cesura.

O mesmo se dá com os substantivos *hachose* (*l'achose*), *hautre*, *hun*, *hune* e *hiarien*. Este último se origina na frase *il n'y a rien*, reduzida para *y a rien* (a supressão da partícula negativa *ne* e do pronome *il* é uma característica da língua falada), depois aglutinada em *yarien*, para finalmente receber o *h* aspirado, marca da cesura: *hiarien*.

hachose

*[...] l'achoppement, tout est là ; tout en sort. C'est ce que j'appelle l'**hachose** - j'ai mis un H devant pour que vous voyez qu'il y a une apostrophe, mais justement je ne devrais pas en mettre, ça devrait s'appeler la hachose, bref l'objet a. (Seminário Le Savoir du Psychanalyste, Lição 02/12/1971) (grifo nosso).*

hautre

*Ce rapport, pour préciser, rendre l'Autre absolument étranger à ce qui pourrait être ici purement et simplement secondant, est ce qui peut-être, ce soir, me forcera d'accentuer le A dont je marque cet Autre comme vide, de quelque chose de supplémentaire, un "H" , le "**Hautre**" qui ne serait pas une si mauvaise manière de faire entendre la dimension de "Hun" qui peut ici entrer en jeu [...]. (Seminário Le Savoir du Psychanalyste, Lição 03/03/1972) (grifo nosso).*

hun

*[...] ce n'est pas du rapport sexuel que se caractérise au moins l'un des deux termes et très précisément celui auquel s'attache ici ce mot, l'**Hun**, non pas que sa position d'**Hun** serait réductible à ce quelque chose qu'on appelle du terme "mâle" [...]. (Seminário Le Savoir du Psychanalyste, Lição 03/03/1972) (grifo nosso).*

hune

*Les Noms-du-père hein! Les Ânon du Père, quel troupeau j'en aurais préparé pour lui faire, ou leur faire, rentrer dans la gorge leur braiment si j'avais fait mon séminaire. J'aurais (h) uni, mot qui vient de **hune** femme, quelque ânerie nouvelle. (Seminário RSI, Lição 11/03/1975) (grifo nosso).*

hiarien

Quoiqu'il en soit l'écrire de cette orthographe baroque, qui est celle dont je ne fais rien qu'une occasion de le mémoriser comme instrument transitoire, j'ai appelé cela : le "hiarien", écrit comme vous le voyez là. (Seminário L'Objet de la Psychanalyse, Lição 08/06/1966) (grifo nosso).

A construção frasal *c'est ce que c'est* dá lugar à aglutinação *cesquecest*, formada por semelhança fonética que, por homofonia, passa a *seskecé*.

seskecé

[...] il suffirait peut-être d'avancer que, quand on dit de quoi que ce soit que c'est ce que c'est, rien n'oblige d'aucune façon à isoler le verbe être. Ça se prononce c'est ce que c'est, et ça pourrait aussi bien s'écrire seskecé. (Seminário Encore, Lição 09/01/1973) (grifo nosso).

Do mesmo modo, *laisser seuls* e *les seuls* se transformam em *laisseuls*; *cette affaire-là*, em *cetaffairlà* e, posteriormente, em *staferla*.

laisseuls

*[...] ils rêvent de n'être pas les seuls, - ça, ça leur tient aux boyaux! Écrivez **laisseuls**, si vous voulez, l-a-i-s-s-e-u-l-s, pour évoquer le " laissés seuls " dans ce langage. (Seminário RSI, Lição 11/03/1975) (grifo nosso).*

staferla

*C'est justement parce qu'ils n'ont rien à voir que le psychanalyste a quelque chose à voir dans cette affaire là, (écrivons-le au tableau), **STAFERLA**. (Il faut aussi savoir user d'une certaine façon de l'écriture). (Seminário L'Acte Psychanalytique, Lição 11/03/1975) (grifo nosso).*

A construção *tout être humain* dá origem a *tétrume-un* que, por sua vez, sofre um processo de redução fonológica e origina *trumains*, para se referir aos seres humanos no plural.

trumains

*Ce point d'interrogation, viens-je de dire, a sa réponse pour tout tétrume un. J'écrirai ça l'amort. Ce qu'il y a de bizarre dans les - parce que pourquoi ne pas l'écrire aussi comme ça : les **trumains**; là, je les mets au pluriel - ce qu'il y a de bizarre dans les **trumains** - pourquoi ne pas écrire ça comme ça aussi, puisque aussi bien se servir de cette orthographe en français est justifié par le fait que les, signe du pluriel, vaut bien d'être substitué à l'être qui n'est comme on dit qu'une copule, c'est-à-dire ne vaut pas cher. (Seminário Le Moment de Conclure, Lição 17/01/1978) (grifo nosso).*

A criação *y a d'l'un* parte, por sua vez, da frase *il y a de l'un*, que sofre um processo de redução:

***y a d'l'un* (il y a de l'un)**

*[...] c'est pour ça qu'avec vous l'analyste, il voudrait être le seul pour que ça fasse deux, et qu'il ne sait pas que ce dont il s'agit c'est justement qu'il s'aperçoive que " deux " c'est cet UN qu'il se croit et où il s'agit qu'il se divise. Alors donc il y a de l'UN. Il faudrait écrire ça – aujourd'hui je suis pas très porté à écrire, mais enfin pourquoi pas – : **y a d'l'un**. Pourquoi pas l'écrire comme ça ? L'écrire comme ça, vous allez le voir, ça a un certain intérêt, qui n'est pas sans justifier le choix de cet UNIEN tout à l'heure, c'est qu'« **y a d'l'un** », écrit comme ça, ça met en valeur une chose propice de la langue française, et dont je ne sais pas si on peut tirer le même avantage du " There is " ou du « Es Gibt ». (Seminário ... ou pire, Lição 14/01/1975) (grifo nosso).*

Já o processo por que passa o verbo *s'emblar* e o substantivo derivado *s'emblant* é diferente: trata-se, na verdade, do verbo *sembler*, transformado em verbo pronominal com o acréscimo de um apóstrofo.

s'emblar/s'emblant

*C'est un semblant de métalangage et comme je m'en sers dans le texte, je me sers de cette écriture, **s'emblar**, **s'emblant** au métalangage. En faire un verbe réfléchi de ce *s'emblar*, le détache de l'affruiation qu'est l'être, et comme je l'écris, il parest, parest veut dire un *s'emblant* d'être. (Seminário L'Insu*

Que Sait de l'Une Bévüe s'Aile à Mourre, Lição 08/03/1977)
(grifo nosso).

Processo semelhante ocorre com o substantivo *tentrisme*: parte da preposição *entre* transformada no verbo regular **t'entrer, je t'entre*, que, por sua vez, passa por um processo de derivação, recebendo o sufixo *-isme*, indicador de doutrina.

tentrisme: *entre/*t'entrer + -isme*

En un certain sens, je dirai qu'il y a quelque chose de nouveau, à ce qu'on s'intéresse à des mots, à des termes comme celui par exemple de la mésologie - qu'est-ce qu'il y a entre, entre quoi et quoi ? Il s'agit de définir qu'est-ce que c'est, " entre ". Ouais ! je t'entre, c'est mon tentrisme à moi. (Seminário RSI, Lição 14/01/1975) (grifo nosso).

Outro verbo pronominal é *s'apparoler*, criado a partir de *parole* e da associação com o verbo *s'appareiller*:

s'apparoler⁴⁵

Cela a peu à faire avec sa parole. Cela a à faire avec la structure, laquelle s'appareille. L'être humain, qu'on appelle ainsi sans doute parce qu'il n'est que l'humus du langage, n'a qu'à s'apparoler à cet appareil-là. (Seminário L'envers de la psychanalyse, Lição 14/01/1970) (grifo nosso)

Já em *m'être* e *m'êtrise*, a colocação do apóstrofo marca a cesura para indicar a presença do verbo *être*, criando uma associação com *maître* e *maîtrise*, a partir da homofonia das estruturas, e com a frase *Je suis maître de moi comme de l'Univers*, extraída da tragédia *Cinna*, de Pierre Corneille (PÉLISSIER, 2002, p. 59).

m'être: *me + être (maître)*

45 O tradutor do *Seminário O Averso da Psicanálise* oferece a seguinte tradução para este neologismo: “o ser humano [...] só tem que se emparelhar, digo, se apalavrar com esse aparelho.” Em nota de tradução, ele explicita: “No original, ‘n’a qu’à s’apparoler à cet appareil-là’. No jogo de palavras, intraduzível, Lacan condensa *s'appareiller* (preparar-se, mas também se emparelhar ou se acasalar) e *parole* (palavra, no sentido de fala).”

m'êtrise: m'être (maîtrise)

*Le développement se confond avec le développement de la maîtrise. C'est là qu'il faut avoir un peu d'oreille, comme pour la musique - je suis **m'être**, je progresse dans la **m'êtrise**, je suis m'être de moi comme de l'univers. (Seminário Encore, Lição 13/02/1973) (grifo nosso).*

Lacan ainda recorre ao apóstrofo na criação dos três verbos a seguir. Em cada um deles, esse sinal marca uma cesura e leva o leitor/ouvinte a distinguir as duas palavras que intervêm na nova formação: *soupirer/ou pire*, *nommer/homme* e *publier/oublier*.

s'oupirer: s' + ou pire + -er

*L'année dernière, j'ai intitulé ce que je croyais pouvoir vous dire - ... ou pire, puis - Ça **s'oupire**. Ça n'a rien à faire avec je ou tu - je ne **t'oupire** pas, ni tu ne **m'oupires**. Notre chemin, celui du discours analytique, ne progresse que de cette limite étroite, de ce tranchant du couteau, qui fait qu'ailleurs ça ne peut que **s'oupirer**. (Seminário Encore, Lição 21/11/1972) (grifo nosso).*

n'hommer: n' + homme + -er

*Tout homme est un animal, sauf à ce qu'il se **n'homme**. (Seminário L'Acte Psychanalytique, Lição 20/03/1968) (grifo nosso).*

p'oublier: p' + oublier

*[...] l'issue me déplaît que j'ai qualifiée de poubellication. Mais qu'on **p'oublie** ce que je dis au point d'y mettre le tour universitaire, vaut bien que j'en marque ici l'incompatibilité. (posfácio do Seminário Les Quatre Concepts Fondamentaux de la Psychanalyse, 01/01/1973) (grifo nosso).*

Em *s'autreposer*, Lacan cria um novo verbo, inserindo a figura do *Autre* no lugar da locução *se poser entre*. Ao fazê-lo, convoca simultaneamente os dois significados, ou seja, *c'est l'Autre qui se pose entre*, *c'est l'Autre qui s'entrepose*.

s'Autreposer: autre + se poser entre

L'Autre, entendez-le bien, l'Autre, entendez-le bien, c'est donc un ENTRE, l' « entre » dont il s'agirait dans le rapport sexuel, mais déplacé, et justement de s' « autre-poser ». De s'«autreposer», il est curieux qu'à poser cet Autre, ce que j'ai eu à avancer aujourd'hui ne concerne que la femme. Et c'est bien elle qui, de cette figure de l'Autre, nous donne l'illustration à notre portée, d'être comme l'a écrit un poète, entre centre et absence », entre le sens qu'elle prend dans ce que j'ai appelé cet « au-moins-un » où elle ne le trouve qu'à l'état de ce que je vous ai annoncé – annoncé pas plus – de n'être que pure existence. (Seminário ... ou pire, Lição 08/03/1972) (grifo nosso).

É também a associação que leva à criação da forma *astudé*, que surge a partir do participio passado *étudié*, do verbo *étudier*, e coloca em cena o objeto *a*:

*astudé*⁴⁶

*Celui qui est à cette place, dans le discours du maître c'est l'esclave, dans le discours de la science c'est le a étudiant. On pourrait jouer avec ce mot, peut-être cela renouvellerait-il un peu la question. Tout à l'heure, nous le voyions astreint à continuer à savoir sur le plan de la science physique. Sur le plan des sciences humaines, nous voyons quelque chose pour lequel il faudrait faire un mot. Je ne sais pas encore si celui-là est le bon, mais moi, comme ça, d'approche, d'instinct, de sonorité, je dirais *astudé*.*

Na criação neológica a seguir, Lacan faz intervir a homofonia em vários níveis: joga, primeiramente, com a homofonia de *maître/mètre* e, seguindo a mesma linha, com *centimètre*. Podemos levantar a hipótese de que aqui se trata de uma alusão ao julgamento proferido pelo rei Salomão, cuja decisão mais célebre foi dividir – por isso a referência a unidades de medida – uma criança no meio para saber qual sua verdadeira mãe. Esse episódio se tornou emblemático da noção de justiça. Também se pode ouvir a frase *sans t'y mettre*. Contudo, sendo difícil estabelecer, nesse caso, o alcance dessa referência, mais vale evitar inferências que não podem ser comprovadas.

⁴⁶ No mesmo *Seminário*, este tradutor fornece a seguinte explicação para *astudé*: "No original, *astudé*. O termo remete foneticamente ao verbo *étudier* (estudar), que tem no participio a forma *étudié* (estudado). A troca operada na vogal inicial evoca o a estudante mencionado mais acima."

sentí-maître: *maître/mètre/centimètre/sans t'y mettre*

[...] lisez Salomon, c'est le maître des maîtres, c'est le ***sentí-maître***, un type dans mon genre. (Seminário Encore, Lição 08/05/1973) (grifo nosso).

O substantivo *madaquinisme* é resultado de um complexo processo de transformação: parte de *saint Thomas d'Aquin* que, por assimilação com o também neologismo *sinthome*, passa a *sinthomadaquin*; este, por sua vez, sofre uma redução e recebe o sufixo *-isme*, aqui indicador de pertencimento a uma doutrina, transformando-se no substantivo.

madaquinisme: *saint thomas d'aquin/sinthomadaquin*

*Il y a pour l'instant, pour l'instance de la lettre telle qu'elle s'est ébauchée à présent - et n'espérez pas mieux, comme je l'ai dit, ce qui en sera plus efficace ne fera pas mieux que de déplacer le sinthome, voire de le multiplier - pour l'instance, donc, présente, il y a le sinthome madaquin, que j'écris comme vous voudrez, m a d a q u i n après sinthome. [...] Et c'est bien en quoi Joyce fait déchoir le sinthome de son ***madaquinisme***. (Seminário Le Sinthome, Lição 18/11/1975) (grifo nosso).*

A criação por associação *irpas* é uma truncação do neologismo composto *désirpas*, em que o *dés-* é considerado um prefixo de negação.

irpas: *désIR + PAS*

[...] le désir inconscient du *désirpas*, c'est quelque chose qui déchoit par rapport à je ne sais quel ***irpas***. *Irpas* qui désigne très précisément le désir de l'Autre ; par rapport à quoi l'interpréter se verbaliserait assez - bien - d'un *irpassé*. (Seminário La Logique du Fantasma, Lição 14/06/1967) (grifo nosso).

4.5 Empréstimo

A neologia por empréstimo não é um processo de formação de palavras muito fecundo em Lacan. Isso é curioso, quando se considera que ele faz referências constantes a línguas estrangeiras, sobretudo ao alemão e ao grego. Encontramos apenas cinco empréstimos externos e um empréstimo interno. Ele recorre a outros sistemas lingüísticos e ao acervo da língua francesa para criar novas palavras, mas, ao invés de tomar simplesmente a palavra estrangeira e empregá-la como na língua original, aplica-lhe os processos de formação de palavras da língua francesa, como em *récessus*, *kalimeros*, *splitter*, *striger*, *triber*. Vejamos esses casos mais detalhadamente.

4.5.1 Externo

Neste tipo de empréstimo, apela-se para outros sistemas lingüísticos, antigos ou atuais. É o caso, por exemplo, do substantivo latino *recessus*, afrancesado através do acento:

récessus: latim

[...] en quoi est-ce que Mélanie Klein a fait quoi que ce soit qui manifeste, qui signifie une appréhension quelconque de je ne sais quel récessus qui serait, dans le sujet, son inconscient ? (Seminário Les Écrits Techniques de Freud, Lição 24/02/1954) (grifo nosso).

Nos outros quatro neologismos, Lacan opera em cada uma das palavras estrangeiras uma transformação através de um processo de derivação de acordo com as regras francesas. O verbo *splitter* se origina na palavra inglesa *split*, que significa lasca, pedaço; a palavra original recebe o sufixo verbal francês *-er* e passa a significar dividir, separar:

*[...] c'est que le rapport essentiel de ce quelque chose que nous cherchons comme étant le sujet avant qu'il se nomme à l'usage qu'il peut faire de son nom tout simplement pour être le signifiant de ce qu'il y a à signifier, c'est-à-dire de la question du signifié justement de cette addition de lui-même à son propre nom, c'est immédiatement de **splitter**, de diviser en*

deux, de faire qu'il ne reste qu'une moitié de, littéralement de ce qu'il y avait en présence. (Seminário L'Identification, Lição 10/01/1962) (grifo nosso).

O verbo *striger* deriva do latim *striga* [estria, sulco] e, ao receber o sufixo verbal *-er* passa a significar *sulcar*:

Comment [...] cette coupure vient-elle serrer, striger, sectionner la portée ? (Seminário Problèmes Cruciaux pour la Psychanalyse, Lição 09/12/1964) (grifo nosso).

Em *trieber*, Lacan toma a palavra alemã para impulso [*Trieb*] e a transforma igualmente em um verbo, que significa fazer um impulso da morte, como ele mesmo explicita, criticando a tradução francesa existente:

Ce que Freud souligne de cette mort, si je puis m'exprimer ainsi, la trieber ; d'en faire un Trieb. Ce qu'on a traduit en français par, je ne sais pas pourquoi, la pulsion ou la pulsion de mort, on n'a pas trouvé une meilleure traduction alors qu'il y avait le mot dérivé. (Seminário Le Sinthome, Lição 16/03/1976) (grifo nosso).

Já em *kalimeros*, o processo é outro: Lacan estabelece uma associação entre a palavra *kalèmera* [bom-dia] do grego moderno e a expressão *kalos himeros*, do grego antigo, conforme nos informam os autores do estabelecimento do *Seminário Le Transfert*, à nota 23. Vejamos a explicação, seguida do contexto de ocorrência do neologismo:

De fato, é dito em Crátilo 418 c, d, que a palavra *himera* (desejada) para nomear o dia (*himera* ou *hemera* tornou-se depois *hèmera*) foi criada porque os seres humanos ficavam felizes em ver a luz sair da escuridão e a desejavam. Lacan diz: *kalèmera*: bom-dia, em grego moderno. Depois, forja um chiste sobre esse modelo se fiando na etimologia de Crátilo e fazendo de */kalos himeros/* belo desejo (em grego antigo) um *kalimeros* que rima [...] bom-dia em grego moderno que se ouve *kalimèra*. Assim, ele diz em uma única palavra bom-dia e belo desejo. (Observe-se que o especialista em Platão consultado contesta essa etimologia platônica da palavra dia.) (tradução nossa)

C'est tous les jours la naissance d'Aphrodite et, pour reprendre à Platon lui-même une équivoque qui, je crois, est une véritable étymologie, je conclurai ce discours par ces

mots : kalèmera, bonjour, kalimeros, bonjour et beau-désir ! (Seminário Le Transfert, Lição 08/02/1961) (grifo nosso).

4.5.2 Interno

O único empréstimo interno repertoriado nos *Seminários* é o termo *sinthome*, que se tornou um dos conceitos centrais na teoria lacaniana. Ele próprio explica sua origem em uma conferência sobre Joyce e no *Seminário Le Sinthome*:

Référez-vous au Bloch et von Warburg, dictionnaire étymologique, qui est d'une assiette solide, vous y lisez que le symptôme s'est d'abord écrit sinthome. Joyce le sinthome fait homophonie avec la sainteté. (Conferência Joyce le Symptôme, 16/06/1975, Paris)⁴⁷

*J'ai annoncé sur l'affiche LE **SINTHOME**. C'est une façon ancienne d'écrire ce qui a été, ultérieurement, écrit 'symptôme'. [...] La faute dont c'est l'avantage de mon **sinthome** de commencer par là. Sin, en anglais, veut dire ça, le péché, la première faute. (Seminário Le Sinthome, Lição 18/11/1975) (grifo nosso).*

Roudinesco (1994, p. 372) aprofunda essa explicação:

Essa referência à etimologia permitia a Lacan fabricar uma palavra-valise nos moldes de Finnegans Wake para definir a idéia joyciana de uma redenção pela escrita. A palavra incluía vários termos que eram de algum modo os “significantes” do universo joyciano segundo Lacan: *sin* (o pecado), *homme* ou *home* [...] e, enfim, *saint Thomas* [são Tomás de Aquino]. Assim também *sinthome* podia escrever-se *sinthome rule* ou *sinthomadaquin*.

4.6 Decalque

Há dois tipos de decalques em Lacan. Primeiramente, aquele descrito na literatura: “a versão literal do item léxico estrangeiro para a língua receptora”

⁴⁷ Extraído de www.ecole-lacanienne.net/documents.

(ALVES, 1994, p. 79). A esse decalque chamaremos de lexical para distingui-lo daquele que, partindo igualmente de outro sistema lingüístico, produz uma nova palavra – que segue as regras de formação da língua de chegada – calcada no som da palavra original. Nós o denominamos decalque fonológico.

4.6.1 Lexical

Para formar o neologismo *quintéité*, em língua francesa, Lacan recorre à palavra alemã *Fünfheit* [qualidade de cinco] e a traduz literalmente, através da união do elemento latino *quintus* [quinto] e do sufixo *-éité*, indicativo de qualidade.

quintéité: fünfheit

*Comment donc est nécessité ce quelque chose qui - aux trois termes choisis par Platon pour nous montrer ce quelque chose qu'il faut que nous admettions, que nous concevions comme s'exerçant dans un mouvement, dans une action, dans une passion, au niveau même des Idées - comment, au-delà de ces trois termes, deux autres nous seront nécessaires qui sont le même et l'autre et le terme d'une **quintéité**, une *Fünfheit* primitive assez ici avancée. (Seminário Problèmes Cruciaux pour la Psychanalyse, Lição 09/06/1965) (grifo nosso).*

Baseando-se na associação com *he-man* [homem corajoso em língua inglesa], Lacan cria *she-man* e, a partir dessa palavra, cria o decalque

hommelle: she-man

*[...] si j'ai introduit tout à l'heure, pour vous, le he-man, me voilà... - et d'ailleurs, d'une façon très conforme au génie de la langue anglaise, qui appelle la femme woman et Dieu sait si la littérature a fait des gorges chaudes sur ce wo, qui n'indique rien de bon (rises) - je l'appellerai: she-man, ou encore, en langue française, de ce mot - qui va prêter, à partir du moment où je l'introduis, à quelque gorges chaudes et, je suppose, à énormément de malentendus: l'homme-elle. J'introduis ici **l'hommelle**. (Seminário La Logique du Fantôme, Lição 12/04/1967) (grifo nosso).*

O decalque *oddité* parte do substantivo inglês *odddity*, que significa singularidade, esquisitice.

oddité: oddity

*C'est bien pour cela d'ailleurs que cette leçon, cet exposé a pour véritable titre, le sujet de la science, mais comme il doit être mis en vente, la loi d'un objet vendable c'est que l'étiquette couvre, ce que j'appellerai la marchandise et comme il s'agit de la science et de la vérité, à condition que vous mettiez le " et " dans la parenthèse qu'il mérite, à savoir que c'est un terme qui n'a pas du tout un sens univoque, qu'il peut aussi bien inclure la dissymétrie, l'**oddité** dont je parlais tout à l'heure [...]. (Seminário L'Objet de la Psychanalyse, Lição 08/12/1965) (grifo nosso).*

4.6.2 Fonológico

O decalque fonológico parte igualmente de uma palavra oriunda de outro sistema lingüístico, mas, ao invés de propor sua tradução literal, produz uma “tradução” calcada no som da palavra original. É o caso de *couinée*: oriunda da palavra grega *koinè*, significa a língua comum falada e escrita pelos gregos antigos. Lacan cria, assim, uma homofonia entre essa palavra e o verbo *couiner* que, em francês, significa guinchar (no caso dos animais), gritar.

Couinée: koinè

*Ce langage, déjà les Anciens, les Grecs, l'avaient appelé dans leur langue la koïnè. On peut tout de suite traduire ça en français - la **couinée**. Ça couine. Je ne méprise pas du tout la koïnè. Simplement, je crois qu'elle n'est pas défavorable à ce qu'on y produise quelques effets de précipitation, à introduire justement le discours le plus abrupt qu'il soit. (Seminário L'Envers de la Psychanalyse, Lição 09/04/1970) (grifo nosso).*

4.7 Semânticos

Encontramos dois neologismos semânticos em nosso *corpus*. Em ambos, palavras da língua geral assumem um novo significado. No caso do adjetivo *secondé*, Lacan parte do verbo virtual **seconder*, criado a partir da palavra *second* [segundo]. Trata-se de um verbo virtual porque o verbo *seconder* existente na língua francesa não se refere à palavra *segundo*, unidade de medida de tempo, mas significa auxiliar, assistir alguém.

secondé: **seconder/second*

Si ce n'est pas de là qu'on était parti pour ce qui revient toujours à la même place, définition que je donne du Réel, nous n'aurions aujourd'hui ni montre ni télévision ni toutes ces choses charmantes grâce à quoi vous êtes non seulement minutés, mais si j'ose dire, " secondés ". Vous êtes tellement bien secondés que vous n'avez même plus la place de vivre. (Seminário Les Non-Dupes Errent, Lição 23/04/1974) (grifo nosso).

Do mesmo modo, já existe na língua francesa o verbo *panser*, que pode significar tratar alguém com curativos, acalmar, aliviar, mas também alimentar fartamente. Aqui, Lacan estabelece uma associação com o verbo *penser* [pensar] e com o substantivo *panse* [pança]:

panser: *penser/panse*

*[...] même chez les animaux, le corps ne s'évapore pas. Il est consistant. Et c'est ce qui lui est, à la mentalité, antipathique. Uniquement parce que elle, elle y croit d'avoir un corps à adorer. C'est la racine de l'Imaginaire. Je le **panse** -p-a-n-s-e, c'est-à-dire je le fais **panse**, donc je l'essuie. (Seminário Le Sinthome, Lição 13/01/1976) (grifo nosso).*

4.8 Lexicalização de nome próprio

Na única ocorrência de lexicalização de nome próprio que encontramos, percebe-se que Lacan, bastante incomodado com uma correspondência que recebera do diretor da *École Normale*⁴⁸, onde ministrava seu *Seminário* há cinco anos, cria este neologismo para produzir um efeito de sentido depreciativo em relação a essa pessoa. Em outras palavras, ao tornar comum esse nome próprio, estabelecendo, além disso, uma associação com a palavra *flatulence* [flatulência], Lacan põe em ação sua teoria sobre o significante: “Eu sempre ensinei a vocês que são os significantes que criam os significados”.

Robert Flacelière → La flacelière

*Ce qui serait bien, voyez-vous, c'est que vous donniez à ça le seul sort que ça puisse avoir véritablement digne de ce que c'est, un sort signifiant. Vous allez trouver un sens à ce mot, la **Flacelière**. Moi, je mets ça au féminin, comme ça; je ne dirai pas que c'est un penchant, mais enfin ça sonne plutôt féminin, la cordelière, ou la flatulencelière ! Si ça passait dans l'usage courant, "est-ce que tu me prends pour une **flacelière** ?" (Rires).*

*Ça peut servir par les temps qui courent ! Ne tire pas trop sur la **flacelière** ! Je vous laisse à trouver ça. (Seminário D'un Autre à l'autre, Lição 25/06/1969) (grifo nosso).*

4.9 Neologismos dicionarizados

Por fim, entre os neologismos repertoriados no *corpus* inicial, encontramos 7 já dicionarizados no *corpus* de exclusão⁴⁹: o dicionário Grand Robert registra *laïusser* e *s'originer* e o dicionário ATILF registra as palavras

⁴⁸ Ao final da última sessão do *Seminário D'un Autre à l'autre*, Lacan lê uma carta do diretor da *École Normale Supérieure*, Robert Flacelière, informando-o de que, por razões administrativas, ele não poderia mais usar nenhuma sala da *École* para ministrar seu *Seminário* (PÉLISSIER, 2002, p. 42).

⁴⁹ Como *corpus* de exclusão, consideramos as seguintes obras: *Grand Robert. Dictionnaire Alphabétique et Analogique de la Langue Française* e *Trésor de la langue française informatisé/ ATILF*.

doctriner, s'historier e se colloquer, como entradas, e clocherie e discordantiel dentro de outros verbetes.

laiüsser: Discourir, pérorer, faire des laiüs. Laiüsser pendant plus d'une heure. 1. Allocution, discours. Faire un laiüs à la fin d'un banquet. Speech. Un grand laiüs. 2. Manière de parler, d'écrire, vague et emphatique. Ce n'est que du laiüs. - Bla-bla. Du nom de Laiüs, père d'Oedipe.

s'originer: Avoir son origine (en, dans qqch.).

clocherie: Pour les dér. (formés à partir d'un verbe) [clocher] apparus en m. fr., Baldinger 1950, p. 44-45, cite : babillerie, cajolerie, caqueterie, causerie, clocherie, criailerie, crierie, croquetterie, écorniflerie, engorgerie, ergoterie, flânerie, gaubergerie, giberie, grognerie, gronderie, japperie, jaserie, joncherie, juperie, maugreerie, minauderie, picoterie, taquinerie.

discordantiel: M. Stéfanini, en 1953, dans Remarques sur la syntaxe d'après que en fr. mod. : En se faisant suivre du subjonctif, après que conserve, dans toute la mesure du possible, sa symétrie avec avant que qui, grâce au discordantiel pouvait déjà établir entre deux faits un lieu non seulement temporel, mais idéal.⁵⁰

doctriner: A.— Doctriner qqn. Endoctriner, instruire quelqu'un. Les meilleurs philosophes dissertaient devant l'adolescent. Lui, il écoutait, à peu près comme ferait un jeune lion qu'on doctrinerait et qui laisserait dire en bâillant. B.— Doctriner qqc. Ériger en doctrine quelque chose; soutenir la thèse de...

⁵⁰ Observemos que, já em 1927, Damourette & Pichon empregam o termo *discordantiel*, quando abordam a negação em língua francesa, na obra *Des mots à la pensée*. O próprio Lacan faz referência a esses autores na lição de 13/06/1956, do *Seminário Les psychoses*.

s'historier: Vieilli. [À propos d'un récit oral ou écrit]. 1. [Le suj. désigne une pers.] Dire, raconter (quelque chose) avec des détails; enjoliver (quelque chose).⁵¹

se colloquer: 1. Colloquer qqn ou qqc. Placer. a) Se colloquer. S'asseoir.
b) Appliquer.

O verbo *aborner* aparece registrado na 8ª edição do *Dictionnaire de l'Académie Française*, com o significado de delimitar um terreno. Lacan o pronominaliza, mas não o cria, assim como ocorreu com o verbo *s'historier*.

Disons que l'Autre au lieu d'être ce champ inerte où l'on récupère quelque chose à savoir ce sein qui est l'objet idéal, toujours manquant, qu'essaye dans toutes sortes d'appareillage de reproduire la machinerie humaine, en fin de compte que ce soit celui qui fait de la nage sous-marine ou qui s'envole dans les " cosmos ", comme on dit maintenant, c'est toujours d'un petit appareil nourricier avec lui et formant circuit fermé qu'il s'aborne (Seminário L'Objet de la Psychanalyse, Lição 08/06/1966) (grifo nosso).

Quanto a *Evie*, tampouco se trata de uma criação lacaniana: esse nome próprio se origina na palavra hebraica *havvah*, mãe dos seres vivos, e é uma variante de Ève.

[...] qu'Adam était, selon le joke qu'en fait Joyce justement, qu'Adam était bien entendu une madame. Et qu'il n'a nommé les bestiaux que dans la langue de celle-ci, il faut bien le supposer, puisque celle que j'appellerai l'Évie, e v i e, l'évie que j'ai bien le droit d'appeler ainsi puisque c'est ce que ça veut dire en hébreu si tant est que l'hébreu soit une langue - la mère des vivants, eh! bien l'Évie l'avait tout de suite et bien pendue cette langue, puisque après le supposé du nommer par Adam, la première personne qui s'en sert c'est bien elle, pour parler au serpent. (Seminário Le Sinthome, Lição 18/11/1975) (grifo nosso).

⁵¹ No *corpus* inicial, a obra 789 *Néologismes de Jacques Lacan*, os autores observam que, embora o verbo *historier* exista, o verbo *s'historier* não se encontra dicionarizado. Acreditamos que não se pode considerar esse caso como um neologismo, considerando que não se trata de uma criação, mas de uma mudança de regime.

4.10 Formação anômala

Para dar a noção de qualidade de *tu*, ou seja, de segunda pessoa, Lacan cria o substantivo *tutoité* transgredindo as regras de formação da língua: acrescenta o sufixo *-ité* [indicativo de qualidade] ao pronome pessoal *tu*, mas o faz acrescentando também a letra *o*. Pode-se levantar a hipótese de que essa criação estabelece uma associação com o verbo *tutoyer* [tytwaje]. Enquanto o substantivo dicionarizado *tutoiement* significa a ação ou o hábito de dirigir-se a alguém empregando o pronome de segunda pessoa do singular, esta nova palavra faz menção à qualidade desta segunda pessoa.

tutoité: **tu + ? + -ité**

Ceci veut dire que dans toute l'identification imaginaire le " tu es " aboutit à la destruction de l'autre, et qu'inversement parce que cette destruction est là simplement en forme de transfert, se dérobe dans ce que nous appellerons la tutoité. (Seminário Les Psychoses, Lição 27/06/1956) (grifo nosso).

4.11 Conclusões

Da análise dos 298 neologismos acima, podem extrair-se algumas conclusões, que apontam para uma certa regularidade nas criações neológicas e para a predominância de determinadas funções em detrimento de outras.

No que tange aos aspectos formais dos neologismos lacanianos, a primeira constatação é o predomínio dos processos de derivação e de composição (consideramos, aqui, as palavras-valise como um tipo de composição). Esses dois processos respondem por quase 70% das criações. Dos 124 neologismos criados por derivação, apenas um não responde aos padrões regulares de formação de palavras por afixos. Quanto à composição – 76 palavras-valise e 38 palavras compostas –, raramente intervêm mais de dois elementos.

A derivação e a composição são seguidas pelas 33 criações por associação. Como já vimos, não se trata de novidades formais absolutas, visto que partem de locuções ou frases já existentes na língua. Nesse processo, Lacan vale-se do recurso de escrever com base na fonologia para criar “palavras fonológicas”. Contudo, essas criações só poderão ser perfeitamente decodificadas se o receptor perceber as associações em jogo. É o que se vê no verbo *diffâmer*, por exemplo, no qual se imbricam nada menos do que cinco significados: *femme* [mulher], *âme* [alma], *diffamer* [difamar], *différencier* [diferenciar] e *infamie* [infâmia]⁵².

Os outros processos – seis empréstimos, quatro decalques, dois neologismos semânticos e uma lexicalização de nome próprio – são pouco produtivos em relação ao conjunto dessas criações, somando menos de 10% do total de neologismos. No que tange aos empréstimos, cabe observar que, embora Lacan ilustre abundantemente seus *Seminários* com palavras do latim, italiano, inglês e, sobretudo, do alemão e do grego, o que se poderia em sentido amplo considerar como empréstimos, ele o faz sem adotá-las efetivamente, visto que servem apenas a uma necessidade pontual de ilustração e talvez, por que não dizer, a uma demonstração de erudição. Sobre isso, Saint-Drôme (1994, p. 164-182) lembra que o psicanalista francês recheia a menor declaração com exemplos tirados das melhores fontes literárias e nas línguas de origem, ao que se acrescentam as alusões a obras-primas da cultura universal.

Restam ainda sete neologismos dicionarizados, que se encontram registrados no *corpus* de exclusão, os dicionários *Le Grand Robert* e *Trésor de la Langue Française Informatisé*. Embora o verbo *s’aborner* e o substantivo *Evie* não constem desse *corpus*, não os consideramos como neologismos, posto que encontramos registros dessas palavras em textos não lacanianos. Registramos um único neologismo com formação anômala: *tutoité*. Nesta palavra, que se refere à qualidade de ‘segunda pessoa’, resgatamos apenas parcialmente seu processo de formação: origina-se no pronome pessoal

⁵² A tradução do *Seminário 20*, realizada por M.D. Magno, propõe ainda outras duas possibilidades – ‘amar’ e ‘fama’ –, conforme se vê a seguir: “A gente a *dif...ama*, a gente a *diz fama*” (p. 114).

tu, que recebe o sufixo *-ité*. No entanto, foi-nos impossível justificar a presença da vogal *o* nesse processo.

Quanto às funções dos itens neológicos repertoriados, a análise indica que prevalecem nesse processo as funções denominativa e estilística. Ao propor outros vieses de leitura para a obra freudiana, Lacan cria novos conceitos/significados, que demandam novas palavras/significantes, que nascem, portanto, de uma necessidade de denominação. Todavia, convém observar que a grande maioria dos neologismos criados não é retomada nem mesmo pelo próprio Lacan, restringindo-se a uma única ocorrência. Considerando a produtividade neológica de Lacan, poucas criações⁵³, não mais do que vinte, sobreviverão aos *Seminários* e se perpetuarão no discurso de seus discípulos.

Quer nos parecer, entretanto, que o psicanalista não se entrega à inovação lexical apenas para satisfazer uma lacuna denominativa. Ele também o faz, e talvez, antes de tudo, para causar uma impressão no receptor, levando-o a reagir a inusitados efeitos de língua. Por essa razão, acreditamos poder afirmar que se trata também de uma neologia lúdica. Pode-se, portanto, dizer que a função estilística perpassa todo o processo de criação de neologismos. Em alguns casos, isso é mais evidente, como na lexicalização do nome próprio Flacelière; em outros, essa intenção estética permanece em filigrana. Lacan cria, através dos neologismos e de uma estrutura sintática diferenciada, uma nova maneira de dizer a psicanálise.

Na busca de adequação sintática, percebe-se igualmente nessa produção uma observância dos padrões de regularidade. Com efeito, os onze neologismos em que prevalece a função de adequação são criados para se adaptar ao contexto frasal e obedecem às regras usuais de formação da língua francesa.

⁵³ Entre estas, elencamos as mais frequentes nos *Seminários* e numa pesquisa de ocorrências no motor de busca Google respectivamente: *sinthome* (85/47.600), *nom-du-père* (216/35.300), *sujet supposé savoir* (180/13.900), *lalangue* (107/11.200), *psychanalysant* (77/1.130), *unaire* (169/850), *plus-de-jouir* (104/793), *parlêtre* (32/309), *mathème* (17/1.150) e *linguisterie* (8/272).

Isso significa que, ao contrário do que geralmente se pensa e afirma, Lacan não subverte, mas respeita, *a priori*, as regularidades da língua francesa no que toca à criação lexical, não se entregando a um jogo totalmente arbitrário com o significante. Nessa busca de inovação, orienta implícita ou explicitamente o receptor, de modo que os constituintes de suas criações neológicas sejam identificados. Em alguns desses neologismos, por exemplo, somente o registro escrito de língua – soletrado ou escrito no quadro-negro na maioria das vezes, como se viu no capítulo 1 – permite a perfeita decodificação do jogo de linguagem. É o caso das criações em que intervém a homonímia, como em *failure/fêlure* ou *hontologie/ontologie*. Em outras palavras, ele busca causar um efeito sobre seu interlocutor, mas não abre mão de propiciar-lhe as condições de decodificação de suas inovações lexicais, explicitando os passos da criação.

Por fim, podemos igualmente afirmar, haja vista o número significativo de itens lexicais neológicos que recorre à analogia, independentemente de suas propriedades formais, que também este processo de criação de um neologismo a partir de um modelo preexistente na língua – palavra, termo ou expressão – subjaz a toda a prática neológica lacaniana. Tal tipo de criação, que não deixa de lembrar, guardadas as diferenças, o método de associação livre, constitutivo da psicanálise⁵⁴, vai-se revelar uma das grandes dificuldades do trabalho de tradução. Com efeito, além de responder às questões formais e funcionais levantadas por cada um dos itens neológicos, caberá ao tradutor a tarefa de buscar um equivalente em que estejam presentes todas essas relações.

Essa questão será retomada no próximo capítulo, o qual deverá estabelecer os princípios da neologia tradutória lacaniana, à luz da análise aqui empreendida, do modelo das modalidades tradutórias de Aubert (1998),

⁵⁴ Segundo o método da associação livre, preconizado e adotado por Freud, o paciente deve expressar, durante o tratamento, tudo o que lhe vem à mente sem nenhuma discriminação. É considerado o meio privilegiado de investigação do inconsciente. As “associações podem ser induzidas por uma palavra, um elemento de sonho ou por qualquer objeto de pensamento espontâneo.” (tradução nossa) (CHEMAMA, VANDERMESCH, 1998, p. 32).

ampliado por Bastianetto (2002) e, finalmente, da neologia tradutória de Hermans, Vansteelandt (1999).

5 A TRADUÇÃO DE NEOLOGISMOS

*Le langage est pour celui qui sait en déchiffrer les images
un merveilleux miroir des profondeurs de l'inconscient.
Damourette et Pichon, Des mots à la pensée.*

A análise dos neologismos lacanianos dos *Seminários*, empreendida no capítulo anterior, permitiu determinar os processos que nortearam sua criação, bem como estabelecer suas funções predominantes. Essa compreensão, aliada às informações extraídas da análise das traduções publicadas, fornecerá subsídios para orientar nossa proposta de tradução.

Concluída a primeira parte deste trabalho, ou seja, a classificação dos neologismos quanto a seus aspectos formais e funcionais, cabe, então, acrescentar outros elementos para elaborar uma proposta de equivalência para tais criações neológicas. Na busca de embasar nossos conhecimentos, recorreremos, primeiramente, ao modelo das modalidades tradutórias de Aubert (1998) e à aplicação deste modelo ao neologismo literário (BASTIANETTO, 2002), ressaltando, mais uma vez que, embora não possa ser classificado como literário, o texto laciano guarda algumas características que o aproximam da literatura.

A partir desses estudos e da análise empreendida, discutiremos os princípios da neologia tradutória, propostos por Hermans e Vansteelandt (1999), com vistas à elaboração de princípios específicos e aplicáveis, de modo constante e coerente, à totalidade da neologia laciana.

5.1 Modalidades de tradução: o modelo de Francis Henrik Aubert

No final dos anos 1990, Aubert (1998) adaptou o modelo dos procedimentos técnicos de tradução, proposto por Vinay e Darbelnet em 1958, aos objetivos de um projeto da disciplina de Teoria da Tradução do curso de especialização em tradução da USP. Tal projeto – denominado ‘Modalidades de tradução’ – visava à descrição do ‘grau de diferenciação’ entre um texto e suas traduções. Nele, Aubert criou uma escala de diferenciação representada pelas modalidades, estendendo-se sobre 13 pontos:

a) Omissão: um segmento textual do texto fonte e a informação nele contida não constam no texto alvo; as razões disso podem ser diversas: falta de espaço, evitação da dificuldade, informação julgada irrelevante.

b) Transcrição: transposição dos segmentos textuais que pertencem ao acervo de ambas as línguas envolvidas, como algarismos e fórmulas, ou a uma terceira língua, como as frases latinas.

c) Empréstimo: reprodução de um segmento textual do texto fonte com ou sem marcadores específicos de empréstimo (aspas, itálico, negrito, etc), como nomes próprios, termos e expressões culturalmente específicos.

d) Decalque: palavra ou expressão tomada da língua fonte e submetida a alterações gráficas e/ou morfológicas para se adaptar à língua alvo. O autor cita o exemplo da palavra ‘corporativo’ no sentido de societário, empresarial.

e) Tradução literal: a tradução conserva o mesmo número de palavras, na mesma ordem sintática do original, emprega as mesmas categorias gramaticais e contém as opções lexicais que podem ser consideradas como sinônimos interlingüísticos, como em ‘Seu nome é Maria’ para *Her name is Mary*.

f) Transposição: diz respeito aos rearranjos morfossintáticos, que podem manifestar-se de várias maneiras: uma ou mais palavras fundidas em uma única ('Visitei' para *I visited*); uma única palavra desdobrada ('Jardim de Infância' para *Kindergarten*); ordem alterada ('ação saneadora' para *remedial action*); alteração de classe gramatical ('se ele chegar atrasado' para *should he arrive late*);

g) Explicitação/implicação: informações implícitas do texto fonte são explicitadas no texto alvo, por meio de notas de rodapé, apostos, notas, paráfrases, etc., e informações explícitas no texto fonte e identificáveis com determinado segmento textual tornam-se implícitas, como, por exemplo, a supressão de um aposto em um texto em língua estrangeira, explicando que Brasília é a capital do país.

h) Modulação: a tradução de um segmento textual impõe "um deslocamento perceptível na estrutura semântica de superfície, embora retenha o mesmo efeito geral de sentido no contexto e no co-texto específicos". Em termos genéricos, o sentido é o mesmo, mas os significados são parcial ou totalmente distintos, como em 'Não é nada fácil' para *It's very difficult*, ou 'Contrato social' para *Articles of Association*.

i) Adaptação: nesta modalidade, há "equivalência parcial de sentido, tida por suficiente para os fins do ato tradutório em questão, mediante uma intersecção de traços pertinentes de sentido". É o caso dos falsos cognatos culturais como 'Mestrado em Letras' para *MA in Linguistics*.

j) Tradução intersemiótica: imagens – figuras, ilustrações, logomarcas, selos, brasões e similares – são transformados em material textual no texto alvo, como acontece, por exemplo, na tradução juramentada.

k) Erro: são os casos em que a informação contida no texto alvo não é a mesma do texto fonte, como "[...] 20% seulement des écoles conduisent leurs élèves au succès" para "[...] only twenty percent from the schools make the grade".

l) Correção: nesta modalidade, o tradutor corrige erros factuais e/ou lingüísticos do texto fonte.

m) Acréscimo: é a modalidade em que o tradutor inclui um segmento textual no texto alvo que não é motivado por qualquer conteúdo explícito ou implícito do texto original. Por exemplo, em um texto atual sobre a Cortina de Ferro, o tradutor inclui alguma informação para indicar as mudanças ocorridas desde o término da Guerra Fria.

O autor salienta que essas modalidades podem ocorrer em estado puro ou combinadas:

Com certa freqüência, um empréstimo virá acompanhado de uma explicitação (p. ex., como nota de rodapé); um segmento textual inteiro (p. ex., um sintagma adverbial) pode vir *transposto* em bloco para um outro ponto ao interior da estrutura oracional mas retendo, internamente, as características de tradução literal; observa-se, ainda, a combinação de *transposições* e *modulação* no mesmo segmento textual, ou seja, quando ocorre desvio aos quatro critérios que definem a tradução literal. (AUBERT, 1998, p. 110)

O modelo de análise de produtos proposto por Aubert não faz referência explícita à tradução de neologismos; acreditamos, porém, que as modalidades tradutórias podem ser empregadas na investigação das traduções dos neologismos lacanianos dos *Seminários* em língua portuguesa, pois a opção por determinadas modalidades em detrimento de outras pode indicar certas regularidades.

Partindo de Aubert (1998), Bastianetto (2002) analisa a tradução dos neologismos literários de Guimarães Rosa para o italiano “pela modalidade tradutória da tradução literal com a criação de nova formação lexical, que respeite as características formais da Língua de Tradução (LT).” (BASTIANETTO, 2002, p. 100). Para esta autora, três pontos da definição proposta por Aubert (*cf* item e acima) para a tradução literal podem ser aplicados à tradução dos neologismos literários: mesma ordem sintática,

emprego das mesmas categorias gramaticais e escolha por opções tradutórias tidas como sinônimos interlingüísticos.

Ainda que não sejam literários, os neologismos lacanianos apresentam alto valor expressivo e indicam o sentimento estético de seu criador. Como nos lembra Guilbert (1975, p. 43), “[a criação neológica estilística] tange à função poética da linguagem definida por Jakobson e que consiste em *enfatizar a forma lingüística considerada por si mesma como fonte de um certo jogo*” (grifo nosso)⁵⁵.

5.2 Neologia tradutória

Em sua prática profissional, os tradutores se deparam cotidianamente com os problemas relativos à neologia. De fato, entre o aparecimento de um termo e seu registro nos dicionários ou mesmo nos bancos de dados, há um lapso de tempo relativamente grande. No entanto, em que pese essa assincronia, o tradutor, sempre premido pelo tempo e pelas circunstâncias de sua atividade profissional, é obrigado a oferecer, na língua de chegada, um equivalente para o neologismo encontrado na língua de partida. De acordo com pesquisas feitas por Hermans; Vansteelandt (1999), esse profissional recorre, então, nessas situações, a duas estratégias principais: traduzir o neologismo por meio de um sintagma ou dar primazia ao significante da língua de partida em detrimento do significado.

Segundo esses autores, para criar bons neologismos, o tradutor deve afastar-se da maneira como a noção é expressa na língua de partida, considerar todos os aspectos e todas as dimensões da noção ou do referente, e usar o aspecto ou a dimensão que melhor convir ao discurso, aos hábitos lingüísticos e terminológicos da língua de chegada. Desse modo, recorrerá menos aos decalques e encontrará melhores soluções que as paráfrases. Mas,

⁵⁵ Tradução nossa.

para atingir esse grau de aperfeiçoamento, deverá atender aos três princípios da neologia tradutória. Voltaremos a isso, mas, antes, vamos retomar a definição de neologia tradutória.

Para Hermans; Vansteelandt (1999), há dois tipos de neologia: neologia primária e neologia tradutória. Cada vez que um novo termo é criado em determinada língua e acompanhado da formação de um novo conceito, estamos diante da neologia primária⁵⁶. A esse processo, inúmeros estudos têm sido dedicados nas últimas décadas, como vimos no capítulo 2, Quadro Teórico-metodológico, dedicado aos estudos neológicos.

A neologia tradutória, em contrapartida, refere-se à formação e à introdução de termos que já têm um precedente lingüístico em outra língua, e seu contexto clássico é a tradução. Ainda que existam, em alguns países, instâncias encarregadas de propor equivalentes para novos termos e palavras⁵⁷, são os tradutores os que primeiramente se confrontam com as criações neológicas. Esses autores afirmam que

embora um tradutor isolado não crie diariamente neologismos e só se ocupe de uma parte da neologia, ou seja, a neologia terminológica ou denominativa, o mundo da tradução desenvolve uma atividade neográfica variada e múltipla, sobretudo nas áreas em que a neologia primária é também abundante. De fato, os tradutores devem produzir na língua de chegada um texto com as mesmas funcionalidades que o texto da língua de partida. O valor ligado ao neologismo, freqüentemente assinalado no microcontexto da língua de partida, isto é, no conjunto das informações veiculadas pela frase ou pelo parágrafo, requer freqüentemente um neologismo paralelo na língua

⁵⁶ Como vimos na análise dos neologismos lacanianos, nem sempre a criação de um termo laciano é acompanhada de um novo conceito. Nesse sentido, segundo entendemos, a neologia primária se refere também à criação de uma nova palavra e/ou termo, acompanhados ou não de um novo conceito.

⁵⁷ Na França e no Canadá, por exemplo, essas instituições são muito ativas e promovem uma discussão constante sobre a criação lexical, estudando e sugerindo novas palavras. Sobre isso, Le Bars (2007) salienta as múltiplas dificuldades encontradas pelos tradutores e lembra que “uma neologia proposta por terminólogos ou por neólogos que não são forçosamente os usuários potenciais, não terá a mesma pertinência que a criação espontânea proposta pelo inventor do conceito ou do objeto, que ele nomeia e batiza ao mesmo tempo que cria. [...] O ideal é, evidentemente, o trabalho em equipe do terminólogo e do especialista.”

de chegada. Uma perífrase faria desaparecer a funcionalidade do neologismo. (tradução nossa)

Embora essas afirmações restrinjam a neologia tradutória apenas aos aspectos terminológicos ou denominativos, sabemos que também o tradutor que se dedica a textos de caráter geral, jornalísticos e literários, entre outros, defronta-se com os problemas engendrados pela neologia. Relembremos, de passagem, as dificuldades encontradas pelos tradutores de diversas línguas das obras literárias de Guimarães Rosa ou de James Joyce. O que dizer, então, da obra de Jacques Lacan: discurso com alto teor de cientificidade e, simultaneamente, com marcas de oralidade e neologia estilística abundante?

Sobre essa distinção entre discurso científico e literário, Rio Teixeira (2005), ressalta, com muita propriedade, que o texto científico situa-se num registro que coloca em primeiro plano a

necessidade de transmitir uma determinada informação e o apagamento do sujeito que o discurso científico preconiza. Já o texto psicanalítico, como não podia deixar de ser, herda da Psicanálise um estatuto mais complexo; se por um lado ele tem em comum com o texto científico a transmissão de uma informação e a busca da exatidão teórica, ele deve contar sempre com a irrupção do sujeito e com a equivocidade do significante - o que, por outro lado, o aproximaria do texto literário.

Baseados, então, nessa distinção entre neologia primária e tradutória, os autores belgas estabelecem os três princípios da neologia tradutória.

O primeiro princípio lembra que “não se traduz de uma língua para outra. O tradutor não busca sistematicamente equivalentes para todos os termos do texto a ser traduzido (nunca traduz palavra por palavra)” (HERMANS; VANSTEELANDT, 1999, p. 38). Considerando que a primeira obrigação do tradutor não é a equivalência dos termos, mas a da mensagem, esse princípio estabelece que este profissional apenas criará termos se estes forem úteis para a transmissão correta dessa mensagem. Assim,

o neologismo passa então pelo prisma do sistema nocional antes de passar pelo prisma do sistema da língua. No caso da

tradução por equivalência dos termos, que desempenham um papel mais importante na tradução especializada do que na tradução de textos literários, o tradutor não busca, de saída, traduzir o termo. Identifica a noção expressa pelo termo do texto de partida e reexpressa a seguir no texto traduzido. (tradução nossa)

Observe-se que os autores reiteram a distinção entre textos científicos e literários. Embora não questionemos as especificidades de cada um desses textos, acreditamos que, no que tange à criação de neologismos, ambos os tipos podem engendrar dificuldades ao tradutor e que não se poderia falar de “papel mais importante na tradução especializada”. Partindo, por exemplo, dos neologismos que analisamos neste trabalho, em que neônimos – vinculados, portanto, a um novo conceito – convivem com neologismos que cumprem apenas uma função estilística, não vemos critérios concretos para estabelecer essa distinção.

O segundo princípio é de ordem terminológica e diz respeito às tradições que presidem a criação dos termos na especialidade considerada. Como cada disciplina tem seu sistema nocional e suas matrizes terminogênicas que a fazem privilegiar certas leis de construção dos termos, caberá ao tradutor respeitar esse sistema e criar neologismos a partir das mesmas matrizes. Na psicanálise, por exemplo, há uma tendência à criação de novos substantivos a partir da substantivação do *participe présent*, em francês, que termina por *-ant*: *analysant* e não *analysé*, *psychanalysant* e não *psychanalysé*, para marcar claramente o papel ativo daquele que se engaja em uma análise. O tradutor que optar por ‘paciente’, ‘analisado’ ou ‘psicanalisado’ demonstrará desconhecimento das matrizes terminogênicas dessa área de conhecimento e da diferença de conceito que sufixos diferentes criam.

O terceiro e último princípio estabelecido pelos estudiosos belgas determina o respeito à coerência da língua de chegada. Para eles, o tradutor deverá ser conservador e seguir as vias traçadas pela língua. Além disso, os neologismos devem oferecer a possibilidade de engendrar derivados em sua categoria lexical ou em outras categorias lexicais.

À luz das propostas de Aubert (1998) e de Bastianetto (2002), empreenderemos, no próximo capítulo, uma análise das traduções dos neologismos presentes nos *Seminários* lacanianos publicados no Brasil, procurando, mais uma vez, na experiência dos tradutores que enfrentaram esse complexo trabalho, averiguar a existência de padrões tradutórios. Tal análise, conjugada às informações extraídas da análise da formação dos neologismos, efetuada no capítulo 4, fornecerá elementos para o estabelecimento de princípios da neologia tradutória lacianiana, a partir dos estudos de Hermans; Vansteelandt (1999).

6 ANÁLISE DAS TRADUÇÕES DE NEOLOGISMOS

Traduzir quer dizer entender o sistema interno de uma língua, a estrutura de um texto dado nessa língua e construir um duplo do sistema textual que, submetido a uma certa descrição, possa produzir efeitos análogos no leitor, tanto no plano semântico e sintático, quanto no plano estilístico, métrico, fono-simbólico, e quanto aos efeitos passionais para os quais tendia o texto fonte.

Umberto Eco, *Quase a mesma Coisa*, 2007.

A partir das propostas de Aubert (1998) e de Bastianetto (2002), bem como do estudo empreendido no capítulo 4, analisamos as soluções oferecidas para os neologismos que constam de nosso *corpus* e das traduções publicadas dos *Seminários*, acrescentando os *Escritos* e *Outros Escritos*. Embora estas duas obras não façam parte de nosso *corpus* principal, composto essencialmente pelos *Seminários*, julgamos que seu aparato de notas, assim como as explicações dos neologismos e as justificativas para as proposições, também podem ser úteis para o estabelecimento de um quadro comparativo de soluções tradutórias.

Tal análise, que toma a prática tradutória como um parâmetro, visa não somente levantar as soluções propostas e as modalidades tradutórias empregadas pelos tradutores, mas também buscar suas possíveis regularidades. Frisemos, contudo, que não se trata de uma avaliação da qualidade do trabalho de tradução já empreendido, mas tão-somente de uma compilação das opções privilegiadas pelos tradutores, de modo a subsidiar posteriormente nossa própria escolha de critérios.

Observemos, de passagem, que a maioria dos tradutores dos *Seminários* – Betty Milan, Dulce Duque Estrada, Marie Christine Laznik Penot, Aluísio Pereira de Menezes, Antonio Quinet e M.D. Magno – tem como atividade profissional principal a prática da psicanálise e não a tradução. Porém, foram eles os pioneiros no enfrentamento das dificuldades de tradução dos textos lacanianos, como nos conta Santana Dias (2007):

Na segunda metade dos anos 70 começaram a aparecer as edições brasileiras da obra de Lacan. A primeira delas foi uma antologia de dez textos dos "Escritos" [...], lançada em 1976 e traduzida por Inês Oseki-Depré. "A Inês foi aluna do Jakobson, e Jakobson disse a Lacan que ela seria uma excelente tradutora de sua obra para o português. Mas Inês se negava a fazer o trabalho, porque era lingüista, e não psicanalista. Lacan adorou isso e a convidou para um jantar suntuoso. A partir daí ela aceitou traduzir apenas dez textos, que foram publicados em 1976", relata o psicanalista Antonio Quinet, que recentemente coordenou a edição integral dos "Escritos" [...]. "Quando saiu a tradução da Inês, publiquei um artigo ponderando que havia alguns problemas no texto", lembra Leyla Perrone-Moisés. "Uma única pessoa, de um único campo do saber, encontrava necessariamente muitas dificuldades naquela tarefa. Na Alemanha, por exemplo, foi formada uma equipe de tradução para os "Escritos"." Nos anos seguintes, Betty Milan e M.D. Magno começaram a "passar" os "Seminários" para o português. "Tive a sorte", comentou Milan, "de poder apresentar a Lacan os problemas que surgiam, à medida que eu avançava. Hoje, quando considero a tradução, me digo que ela tem as qualidades e os defeitos de um trabalho pioneiro."

Esse pioneirismo resultou, como vimos no primeiro capítulo, na tradução de todas as obras lacanianas estabelecidas e publicadas em língua francesa, ou seja, de dez dos vinte e seis *Seminários* de Jacques Lacan – 1, 2, 3, 4, 5, 7, 8, 11, 17, 20 –, além dos *Escritos* e *Outros Escritos*. A editora Jorge Zahar, reconhecida por suas publicações em psicanálise⁵⁸, é a responsável por todas essas publicações.

6.1 O Seminário: livro 1: Os escritos técnicos de Freud (1953-1954). Tradução de Betty Milan, 1986

Neste *Seminário*, o neologismo *surgence*, formado por derivação a partir do verbo *surgir*, foi *omitido* pela psicanalista e tradutora, assim como toda a frase em que ele se insere:

⁵⁸ Além desses, circulam, em algumas associações e escolas brasileiras de psicanálise, outros *Seminários* em português, mas apenas internamente. O Cartel de Tradução da América Latina, ligado à Associação Lacaniana Internacional (ALI), em Paris, está preparando, por exemplo, a tradução do *Seminário* 10, *L'Objet de la Psychanalyse*, cuja revisão está a cargo desta autora.

Exactement, alors qu'il est bien certain que s'il y a une donnée pour nous fondamentale avant même toute émergence du registre de la conscience malheureuse, en donnant comme tout à l'heure la première surgence, c'est dans cette distinction de notre conscience et de notre corps, (Seminário Les écrits techniques de Freud, Lição 07/04/54) (grifo nosso).

[...] quando é certo que, se há para nós um dado fundamental, antes mesmo de toda emergência do registro da consciência infeliz, é a distinção da nossa consciência e de nosso corpo. (LACAN, 1986, p. 173)

6.2 O Seminário: livro 2: o eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise (1954-1955). Tradução de Marie Christine Laznik Penot com colaboração de Antonio Luiz Quinet de Andrade, 1985

Para o neologismo *miraginaire*, palavra-valise formada por *mirage* e *imaginaire*, a tradutora optou pela criação de um novo item lexical, dentro da modalidade de *tradução literal*: “alguém que é miraginário e provido de um eu.” (LACAN, 1985, p. 336)

6.3 O Seminário: livro 3: As psicoses (1955-1956). Tradução de Aluísio Pereira de Menezes, 1985

Nos cinco casos de derivação abaixo, o tradutor, partindo das regras de derivação em língua portuguesa e servindo-se da *tradução literal*, criou neologismos tal qual Lacan:

Personnaison (derivação): “poderemos na próxima vez examinar o papel da *personação* do sujeito...” (LACAN, 1985, p. 304)

Tutoité (derivação)⁵⁹: “porque essa destruição [...] se oculta no que chamaremos de tutealidade.” (LACAN, 1985, p. 341)

Hameçonnage (derivação): “O *tu* é a anzoleagem do outro na onda da significação.” (LACAN, 1985, p. 337)

Séglassien (derivação): “a pequena revolução séglassiana está longe de nos ter trazido a palavra do enigma, Séglas ficou na exploração fenomênica da alucinação...” (LACAN, 1985, p. 34)

Plagiarisme/plagiariste (derivação): “Para uma analista, abordar a questão do plágio no registro simbólico deve ser em primeiro lugar centrado na idéia de que o plágio não existe.” (LACAN, 1985, p. 96)

Contudo, após ter criado um substantivo derivado de plágio, o tradutor *omitiu* a frase em que aparece o adjetivo *plagiariste*:

l'aborder à l'intérieur du registre symbolique pour un analyste dans une occasion comme celle du plagiariste, doit être centré sur l'idée que d'abord le plagiat n'existe pas, à savoir qu'il n'y a pas de propriété symbolique, que le symbole est à tous... (grifo nosso)

No trecho abaixo, em que aparece o adjetivo *daltoniste*, composto por derivação, ainda que seja difícil estabelecer a intenção que norteou a estrutura do texto traduzido, verifica-se que a frase “um senhor que se chama de *daltonista*” (tradução nossa) foi *omitida* e, juntamente com ela, a criação neológica lacanianiana:

Or, ce dont il s'agit chez le psychotique, supposez quelqu'un qui vraiment ne croit pas au Père Noël, c'est-à-dire quelqu'un pour l'instant d'impensable pour nous, quelqu'un qui vraiment a pu se réaliser, par une suffisante méditation dans notre temps, un Monsieur que l'on appelle daltoniste, si tant est que cela ait jamais existé; ne croyez pas que j'accorde

⁵⁹ Embora se trate de um caso evidente de derivação, consideramos esse neologismo uma formação anômala, pois ele infringe as regras de formação da língua francesa (ver p. 91, capítulo 4). Não sei se será na mesma página.

aucune importance à ces racontars, à ces ouï-dire. (grifo nosso)

Suponham alguém impensável para nós, um desses senhores de que nos contam – se é verdade que isso tenha algum dia existido, não creiam que eu não dê importância alguma a esses rumores – que eles eram capazes de disciplinar-se até não crer no Papai Noel, e convencer-se de que tudo o que se faz de bem acarreta um mal equivalente, e que, por conseguinte, não é preciso fazê-lo.

No trecho em que se encontra o neologismo *empersonner*, criado por derivação, o tradutor modificou a estrutura do parágrafo original e *omitiu* toda a frase em que a nova palavra se encontra:

Ce n'est pas pareil nous le voyons bien, quand il s'agit de faire accorder les verbes, ou plus exactement de les personnifier, de les empersonner. " Tu es celui qui m'a suivi " au passé, ou " tu es celui qui m'as suivi ", est évidemment quelque chose qui présente une sorte de diversité analogue [...] (Seminário *Les psychoses*, Lição 20/06/1956) (grifo nosso)

Se nos abstratificamos, a predição torna-se outra coisa. *Tu és aquele que me seguiste e tu és aquele que me seguiu* apresentam uma diversidade análoga. (LACAN, 1985, p. 322)

No único caso de composição registrado neste *Seminário*, o tradutor também tomou optou pela criação lexical em língua portuguesa, a partir da *tradução literal*. Cabe observar que em apenas uma das criações há um marcador gráfico – o itálico – para indicar um novo item lexical.

Entre-je (composição): “há uso possível do entre-eu, isto é, do sujeito interposto.” (LACAN, 1985, p. 221)

Nos casos de derivação, no entanto, ao mesmo tempo em que parece permitir-se a criação de cinco neologismos, este tradutor *omite* outros três: *plagiariste*, *daltoniste* e *empersonner*. A hipótese para essa variação de critérios é a existência, em português, de palavras relativas a essas noções: plagiador, daltônico e daltoniano, personalizar e personificar. Contudo, em nossa opinião, essas palavras não encerram todos os traços desejados por

Lacan. Resta a pergunta: o que teria impedido o tradutor de criar plagiarista, tendo criado plagiarismo?

6.4 O Seminário: livro 4: A relação de objeto (1956-1957). Tradução de Dulce Duque Estrada, 1995

Nos dois neologismos encontrados neste *Seminário*, a opção da tradutora foi pela *tradução literal* no processo de criação.

Patrocêntrico (derivação): “Essa maior simplicidade não deve evidentemente nos espantar, na medida em que o Édipo é essencialmente androcêntrico ou patrocêntrico.” (LACAN, 1995, p. 207)

Deslibininação (derivação): “Devo dizer que aí está algo de muito difícil de conceber: uma deslibidinação da libido, uma desagressivação da agressividade.” (LACAN, 1995, p. 442)

6.5 O Seminário: livro 5: As formações do inconsciente (1957-1958). Tradução de Vera Ribeiro, 1999

Na derivação abaixo, a tradutora optou pela criação de um neologismo, recorrendo a um sufixo de mesmo teor semântico. No entanto, vale observar, em língua portuguesa também se ouve “erógeno” nesta *tradução literal*, ao passo que o mesmo não acontecia em francês.

Plaisirogène (derivação): “uma espécie de gerador de prazer, de prazerógeno”. (LACAN, 1999, p. 112)

Nesta segunda ocorrência, registramos a ocorrência de uma *transposição*, pois a tradutora substituiu o neologismo francês por um sintagma nominal em português:

Stricitude (derivação): “essas observações levam-me a me perguntar como definir com estrito rigor esse desejo [...]” (LACAN, 1999, p. 393)

Relembremos que o neologismo *famillionnairement* foi cunhado por Heinrich Heine, sendo posteriormente citado por Freud⁶⁰. Foi *traduzido literalmente* pela tradutora, através de um equivalente igualmente neológico em português, criado a partir do sufixo *-mente*, marca dos advérbios de modo.

Famillionnairement (derivação): “de modo totalmente familionário, muito familionariamente” (LACAN, 1999, p. 30)

Através da modalidade de *tradução literal*, a tradutora dedicou o mesmo tratamento a três das quatro palavras-valise registradas, ou seja, criou igualmente palavras-valise em língua portuguesa, seguindo exatamente os passos de Lacan: *circulatura*, *injet* e *adjet*.

Circulature (palavra-valise): “de problema não da quadratura do círculo, mas da circulatura das metonímias...”. (LACAN, 1999, p. 139)

Injet (palavra-valise): “É o injeto, se assim posso me exprimir”. (LACAN, 1999, p. 213)

Adjet (palavra-valise): *adjet* (LACAN, 1999, p. 204)

Já em *désidération*, há duas modalidades combinadas de tradução: *adaptação* e *explicitação*. A palavra-valise é traduzida por um substantivo que encerra um dos traços semânticos do neologismo e é acompanhado da palavra francesa entre colchetes, além de uma nota de edição que explica a etimologia do termo crido por Lacan:

ele cai da desconsideração para o rebaixamento [désidération]... (LACAN, 1999, p. 356)
(N.E.) O termo empregado por Lacan, *désidération*, tem etimologia que inclui os verbos *desiderare* (sentir falta de,

⁶⁰ Ver p. 30, capítulo 4.

lamentar a ausência ou a perda de, desejar, procurar) e *desidere* (abater, vir abaixo, afundar-se, enfraquecer-se, degenerar-se).

No caso da palavra composta *pas-de-sens*, a opção desta tradutora foi privilegiar, na criação neológica em português, um dos sentidos, o que configura uma combinação das modalidades tradutórias de *tradução literal* e *adaptação*. Todavia, uma nota de edição – não pudemos estabelecer sua origem, pois não há indicação se provém da tradução ou da edição –, alerta para a outra leitura possível, o que coloca igualmente em jogo a modalidade de *explicitação*. Já o tradutor do *Seminário 17* optou por colocar lado a lado, dentro do próprio texto, as duas possibilidades: “o passo-de-sentido, o sentido algum”.

Proponho-lhes a forma do passo-do-sentido – da maneira como se diz a volta do parafuso, o *pas-de-quatre*, o Passo de Susa, o Pas de Calais. (LACAN, 1999, p. 103)

(N.E.) No original, *le peu-de-sens et le pas-de-sens*. Este último, com sua evidente dubiedade, teria sua acepção primeira de “passagem do sentido”, mas também “nenhum sentido”, ou “o sem-sentido”. A opção aqui adotada segue a explicitação dessa idéia pelo próprio Lacan.

6.6 O Seminário: livro 7: A ética da psicanálise (1959-1960). Tradução de Antonio Quinet, 1988

Nos cinco casos de derivação encontrados neste *Seminário*, observa-se que Antonio Quinet – várias vezes solicitado a traduzir os textos lacanianos ou revisar suas traduções – optou apenas duas vezes pela modalidade de *tradução literal*: germanógeno e eroticista. Para *élidement*, a escolha foi por um sintagma nominal. No caso do substantivo *vivotage*, criado em francês a partir de *vivoter*, verbo sem equivalente natural em português e que significa viver a duras penas, uma locução verbal na forma gerundiva foi a solução encontrada para dar essa noção de dificuldade no viver. Ambos os casos configuram a *transposição* como modalidade de tradução.

Germanogène (derivação): “pois, afinal, não sou germanógeno e quis aproveitar o intervalo...” (LACAN, 1988, p. 82)

Éroticien (derivação): “não lhes falarei de Sade enquanto o eroticista, pois é um eroticista bem pobre”. (LACAN, 1988, p. 230)

Élidement (derivação): “a reação típica do organismo enquanto regulado pelo aparelho neurônico é o processo de elisão.” (LACAN, 1988, p. 83)

Vivotage (derivação): “ou seja, de se ir vivendo no meio da floresta dos desejos”. (LACAN, 1988, p. 132)

Por fim, a palavra *rançonnage*, que indica a ação de *rançonner* (propor libertar alguém sob custódia mediante pagamento), foi traduzida por ‘rapina’ que, em português, se refere a roubo ou subtração praticado com violência. Aqui, o tradutor parece ter abdicado da equivalência “perfeita” (AUBERT, 1998, p. 108), propondo uma *adaptação*, pois um dos traços semânticos da palavra original não está presente no equivalente sugerido.

Rançonnage (derivação): “vemo-lo comportar-se segundo as normas da mais cínica rapina”. (LACAN, 1988, p. 184)

Na palavra-valise *extimité* – “essa exterioridade íntima, essa extimidade” (LACAN, 1988, p. 173) –, assim como na palavra composta *entredit* – “eu poderia chamar de entredito, como se diz – entrevista” (LACAN, 1988, p. 84) –, o tradutor valeu-se da modalidade de *tradução literal*.

6.7 O Seminário: livro 8: A transferência (1960-1961). Tradução de Dulce Duque Estrada, 1992

Neste *Seminário*, registramos dois casos de criações neológicas compostas, dez casos de derivação, um empréstimo, uma palavra-valise e uma

palavra *dévalisé*. O tradutor optou, em quase todas as situações, pela modalidade de *tradução literal*. Em apenas duas derivações, não houve criação, e o neologismo foi traduzido por uma palavra existente em língua portuguesa: *intactitude* e *dialectiquer*. Sobre este último, cabe ressaltar, no entanto, que o verbo dialetizar significa criar ou usar um dialeto; essa solução não corresponde, portanto, ao sentido almejado por Lacan, ou seja, um verbo que partisse da noção de dialética. Para *kalimeros* e *c'es*, a solução dada foi o *empréstimo*.

Dialectiquer (derivação): “Ninguém, no entanto, precisa dialogar, dialetizar, *dialektikeuestai*, sobre o amor – basta que esteja nele, basta amar, para ser presa desta hiância, dessa discórdia.” (LACAN, 1992, p. 46)

Intactitude (derivação): “Se a intatibilidade, a intocabilidade dessa imagem não fosse cuidadosamente preservada, o que surgiria seria simplesmente a angústia.” (LACAN, 1992, p. 352)

Sadianiste (derivação): “esforcei-me no ano passado para lhes mostrar a convergência com a aspiração sadiana.” (LACAN, 1992, p. 18)

Unitivement (derivação): “Eros pelo qual os corpos se unem, para Platão, numa só alma, para Freud, sem alma nenhuma, mas mesmo assim num só – Eros enquanto une unitivamente.” (LACAN, 1992, p. 18)

Isologier (derivação): “a isologia é realmente uma técnica. Vou poupá-los de tudo o que já se pôde gastar em engenhosidade para descobrir de que sábio se trata. Seria Pródico? Não seria antes Isócrates? Em Isócrates há *iso*, e seria particularmente *iso* isologar Isócrates.” (LACAN, 1992, p. 66)

Agatonesque (derivação): “O método socrático sugere [...] um desenvolvimento que irá constituir um progresso. Mas o alcance do discurso agatonesco, no entanto, não é por ele aniquilado.” (LACAN, 1992, p. 118)

Intra-sexuel (derivação): “E da mesma forma, no plano intra-sexual, por exemplo, por que, em si, o movimento do amor ou do ódio seria excluído? Por que isso desqualificaria o analista em sua função?” (LACAN, 1992, p. 186)

Michelangelesque (derivação): “A figura é de criança, mas o corpo tem algo de miguelangesco. É um corpo musculoso, que começa, quase, a se marcar, para não dizer afrouxar, sem falar nas asas.” (LACAN, 1992, p. 229)

Interversement (derivação): “Se é no nível da relação especular que se regula a comunicação, o entornamento, o escoamento, ou o intervazamento que tem lugar entre o objeto narcísico e o outro objeto, não devemos dar provas de um pouco de imaginação e dar importância ao que resulta disso?” (LACAN, 1992, p. 367)

Orificiel, anificiel (derivação): Foi apenas por isso que visei, há pouco, ao fazer aquele breve percurso do objeto desde suas formas arcaicas até seu horizonte de destruição – do objeto artificial⁶¹, ou *anificiel*, se ousar expressar-me assim...” (LACAN, 1992, p. 377)

Entre-deux-morts (composição): “É no seio daquilo que alguns de vocês batizaram de entre-duas-mortes – termo muito exato para designar o campo onde se articula como tal tudo o que acontece no universo traçado por Sófocles, e não apenas na aventura do *Édipo rei* [...]” (LACAN, 1992, p. 15)

Mortiforme (composição): “Freud designou seu suporte quando falou do *isso*, na própria pulsão da morte, na medida em que acentuou o caráter mortiforme do automatismo de repetição.” (LACAN, 1992, p. 101)

Kalimeros (empréstimo): Todos os dias nasce Afrodite, e para retomar no próprio Platão um equívoco que é, acredito, uma verdadeira etimologia, vou concluir esse discurso com as palavras – *kalemera*, bom-dia, *kalimeros*, bom-dia e belo desejo...” (LACAN, 1992, p. 165)

⁶¹ Note-se que o texto original refere-se a *objet orificiel* e não *artificiel*.

Autron (palavra-valise): “O Outro impessoal, o *Outron* – eu diria, para fazer rimar nossas designações com aquelas que são familiares na Física.” (LACAN, 1992, p. 201).

C'es (dévalisé): “A melhor maneira que encontrei para indicar isso [...] é restituir o sujeito à sua verdadeira forma. A cedilha de *ça* em francês não é uma cedilha, é uma apóstrofe, é a apóstrofe do *c'est*, a primeira pessoa do inconsciente. Vocês podem mesmo barrar o *t* do fim – *c'es*, eis uma maneira de escrever o sujeito no nível do inconsciente.” (LACAN, 1992, p. 376)

6.8 O Seminário: livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Tradução de M.D. Magno, 1979

Neste *Seminário*, foram encontrados quatro casos de derivação. Em três deles, o tradutor optou pela *tradução literal*, seguindo as normas de derivação da língua portuguesa. Em *voyure*, julgou ainda necessário, *explicitar*, na seção de “Notas da versão brasileira”, a criação lacaniana e sua origem.

Pilatique (derivação): “Freud fez de bom grado o gesto pilático de lavar as mãos...” (LACAN, 1979, p. 27)

Tychique (derivação): “Por que a pretendida maturação dos pseudo-instintos é transfilada, transvazada, transfixada de *tíquico*, eu diria – do termo *tique*?” (LACAN, 1992, p. 71)

Voyure (derivação): “surjo como um olho, ganhando, de algum modo, emergência por aquilo que eu poderia chamar a função da *voyura*.”

(Notas da versão brasileira) *Voyure*, criação momentânea de Lacan que, no contexto, remete ao voyeur, termo que não se traduz, já assimilado ao nosso léxico. A *voyura* seria a ação do voyeur, sua olhada, sua espiada. (LACAN, 1992, p. 82)

Neste caso de *omissão*, para o qual não encontramos uma justificativa plausível, toda a frase em que aparece o substantivo *pliation* foi omitida pelo tradutor:

C'est ce qu'on prend au dehors quand on n'a rien compris (il faut dire que les psychanalystes ne s'expliquent pas très bien), ce qu'on prend pour la pliation à tout sens de l'interprétation. Elle n'est pas pliable à tout sens. (Seminário Les quatre concepts fondamentaux de la psychanalyse, Lição 27/05/64). (grifo nosso)

é preciso dizer que os psicanalistas não se explicam muito bem. A interpretação não se dobra a todos os sentidos. (LACAN, 1992, p. 198)

No caso da palavra-valise *stécriture*, a opção do tradutor também foi pela criação: “Vocês não compreendem *stescrita*.” (p. 265). Convém salientar, entretanto, que há duas possibilidades de criação para este: *STÉnographie* e *éCRITURE*, ou *STénographie* e *ÉCRITURE*, conforme vimos anteriormente. A opção por *stescrita* parece, pois, descartar o primeiro elemento da palavra-valise, estenografia, ou seja, nesta *adaptação*, essa palavra e seu sentido parecem ter sido ignorados.

Já para o neologismo *psychosphère*, formado por composição, o tradutor buscou as bases não-autônomas correspondentes em português, valendo-se da *tradução literal*: “nem sombra nem duplo, nem fantasma, nem mesmo psicofera em pretensa carapaça...” (p. 50)

6.9 O Seminário: livro 17: o avesso da psicanálise (1969-1970). Tradução de Ary Roitman; consultor, Antonio Quinet, 1992

Neste *Seminário*, para as duas palavras-valise registradas, o tradutor criou equivalentes em língua portuguesa, que resgatam os dois elementos da palavra original. O tradutor forneceu igualmente ao leitor explicitações, em forma de notas de rodapé, sobre a origem das criações, o que configura uma combinação das modalidades de *tradução literal* e *explicitação* :

Hontologie (palavra-valise): “É uma vergonha, como dizem, que deveria produzir uma vergontologia, ortografado enfim corretamente.”

N.T. No original, *hontologie*, condensação neológica de *honte* (Vergonha) e *ontologie* (ontologia). (LACAN, 1992, p. 172)

Opercevoir (palavra-valise): “que podemos achar o lugar onde vem se edificar, no *opercebe*, a ciência”. (LACAN, 1992)

N.T. No original – *operçoit* – condensação das formais verbais *opère* e *perçoit*, opera e percebe, respectivamente.

O mesmo procedimento será adotado para os quatro casos de composição. Seguindo de perto a gênese das criações lacanianas, o tradutor criou os neologismos mais-de-gozar, eucracia e passo-de-sentido, mas tomou o cuidado neste último de acompanhar sua criação de uma expressão que complementasse o sentido, configurando uma *explicitação*. Vejamos as frases em que eles aparecem:

Plus-de-jouir: “eu o tenha chamado, no ano passado, de *mais-de-gozar*. (LACAN, 1992, p. 17)

Jecratie: “ascensão do sujeito-senhor em uma verdade que se afirma por sua igualdade a si mesma, por essa *Eucracia* de que falei certa vez...” (LACAN, 1992, p. 75)

Pas-de-sens: “foi por essa via, em todo caso, que se transpôs o passo-de-sentido, o sentido algum...” (LACAN, 1992, p. 53)

Sujet supposé savoir: “seja ele colocado na função do sujeito suposto saber”. (LACAN, 1992, p. 35)

A solução encontrada pelo tradutor para o decalque fonológico, palavra criada a partir de um empréstimo do grego [*koiné*] e assimilada foneticamente a uma palavra francesa [*couinée*], foi manter a presença desta última, acompanhando-a de sua tradução, ou seja, trata-se de um *empréstimo* seguido de sua *tradução literal*: “Pode-se imediatamente traduzir isso em francês – é couinée, o guincho. Isso guincha”. (LACAN, 1992, p. 124)

6.10 O Seminário: livro 20: mais, ainda. Versão brasileira de M. D. Magno, 1985

Neste *Seminário*, que registra o maior número de neologismos, elencamos cinco itens lexicais formados por derivação. Em todos eles, o tradutor, que já se deparara com o texto lacaniano quando da tradução do *Seminário 11*, optou pela modalidade de *tradução literal*.

Linguisterie (derivação) : “Chamarei a isso de lingüisteria.” (LACAN, 1985, p. 24)

Inexteilhardement (derivação): “todos sabem que creio neles inextrilhavelmente, e mesmo inexteilhardamente” (LACAN, 1985, p. 32)⁶²

Dé-supposition (derivação): “é justamente numa des-suposição do meu saber.” (LACAN, 1985, p. 92)

Pathique (derivação): “Desse imperativo, de que nada que é da ordem do pático deve dirigir o testemunho...” (LACAN, 1985, p. 124)

Mathème (derivação): “signos que chamamos de matemáticos, matemas”. (LACAN, 1985, p. 150)

⁶² Ver p. 39, capítulo 4.

Para as palavras-valise, predomina a *tradução literal*, seguida da palavra original ou de um desmembramento do sentido, ou seja, o tradutor acrescenta uma *explicitação*.

Dit-mension (palavra-valise): “essa dimensão que seria preciso escrever *diz-mensão*... (LACAN, 1985, p. 33)

Hainamoration (palavra-valise): “enamoração feita de ódio (*haine*) e de amor, um amódio” (LACAN, 1985, p.122)

Jalouissance (palavra-valise): “gozume, o gozo do ciúme” (LACAN, 1985, p.135)

Já na palavra-valise *çade*, a opção é pelo *empréstimo*, antecedido por uma *tradução literal* do primeiro elemento da criação, *ça*: “em francês antigo, é o que *ça*, *isso*, quer dizer – ou seja, melhor, *çade*...” (LACAN, 1985, p. 117)

Nas seis criações por composição, apenas numa delas opta pela *transposição – mi-dire –*, enquanto nas outras recorre à *tradução literal*.

Passibête (composição): “o verbo se define por ser um significante não tão besta – temos que escrever numa palavra – *nantambesta*”. (LACAN, 1985, p. 37).

Lalangue (composição): “Nosso recurso é, na alíngua, o que a fratura.” (LACAN, 1985, p. 61)

Mi-dire (composição): “É o que só se pode dizer com a condição de não levá-la até o fim, de só se fazer semi dizê-la” (LACAN, 1985, p. 124)

Inter-dit (composição): “se vocês escreverem convenientemente o *inter-dito*, ele é dito entre palavras, entre linhas.” (LACAN, 1985, p. 162)

Un-en-mois (composição): “Pois o Outro [...] é o Um-a-menos.” (LACAN, 1985, p. 174)

Y a d'l'un (composição): “significante Um, para o qual, ano passado, abri a via para dizer – *Há um!*” (LACAN, 1985, p.34)

Três das criações analógicas recorrem à modalidade de *transposição*:

M'être (criação por associação): “Não se veria senão fogo se um discurso, que é o discurso do Senhor, para *sê-lo*, não pusesse o acento no verbo *ser*.” (LACAN, 1985, p. 44)

M'êtrise (criação por associação): “É aí que é preciso ter um pouco de ouvido, como para a música – quando, o selo do dono, do mestre, eu vou tê-lo, quando se trata de, eu, *sê-lo*, eu *sê-lo*: senhor de mim como do universo.” (LACAN, 1985, p. 77)

Diffâme (criação por associação): “A gente a *dif...ama*, a gente a *diz fama*” (p. 114)

Na criação por associação *seskecé*, o tradutor se vale da *tradução literal*: “Isso se pronuncia *é o que é*, e poderia muito bem escrever-se *éoque*.” (LACAN, 1985, p. 44)

Por fim, em *senti-mâitre*, duas modalidades se combinam: *modulação* (de centímetro para metro) e *explicitação*: “leiam Salomão, é o mestre dos mestres, é o *metro* dos mestres.” (LACAN, 1985, p. 156)

6.11 Escritos. Tradução de Vera Ribeiro. 1998

Não encontramos, nos *Escritos*, neologismos que constem de nosso *corpus* de análise, mas julgamos interessante retomar alguns trechos da *Nota à edição brasileira* (p. 935), que busca esclarecer para o leitor a estratégia geral adotada para a tradução da obra:

Nesta versão em português, tentou-se ficar o máximo possível próximo do sentido original, sem negligenciar no entanto certo grau de “ilegibilidade” assumido posteriormente pelo próprio autor.

Traduzir resultou, por vezes, em decidir por um sentido em detrimento de outros⁶³. Ao se admitir aquilo que é impossível de ser traduzido, foram utilizados recursos que, longe de tentar negá-lo, tentam mapear seu campo semântico relativo ao contexto correspondente. Nessa perspectiva, foram deixadas algumas palavras e expressões em francês no próprio texto em português, acompanhadas de notas explicativas⁶⁴; em outros, foram utilizadas duas palavras em português para traduzir uma palavra-chave em francês⁶⁵ [...]”

Conforme nosso entendimento a partir da leitura das notas a que se refere a *Nota à edição*, essa tradução privilegiou o significado ao invés do significante, pois nela predominam modalidades tradutórias de *explicitação* e de *adaptação*.

6.12 Outros Escritos. Tradução de Vera Ribeiro. 2003

Cinco anos depois da publicação dos *Escritos*, a mesma tradutora, Vera Ribeiro, publica *Outros Escritos*, com versão final dos psicanalistas Angelina Harari e Marcus André Vieira.

O *Inventário de notas* (p. 602-607) indica, a nosso ver, uma mudança radical de estratégia, pois se afirma uma opção “pela simplicidade e força do literal em detrimento da abundância da significação”. Podemos levantar a

⁶³ O que configura a modalidade de *adaptação* (cf. AUBERT, 1998).

⁶⁴ Apelo à combinação de *empréstimos* e *explicitações* (cf. AUBERT, 1998).

⁶⁵ Acreditamos poder considerar esse tipo de solução como uma *explicitação*, ou seja, uma informação implícita no original aparece de forma explícita na tradução (cf. AUBERT, 1998).

hipótese de que essa primazia do significante se deve à intervenção dos psicanalistas na versão final:

Dessa forma, na aposta de dar passagem ao estilo de Lacan, repelimos a tentação dos comentários e explicações e visamos sempre a que o texto falasse por si. Esperamos que o resultado final tenha o traço requerido por Lacan – o de que sua letra dê ao leitor uma única saída: a entrada.

Observamos, dessa forma, um recurso mais sistemático à modalidade de *tradução literal*, muitas vezes acompanhada de *explicitações* e do registro da palavra original, ou seja, de um *empréstimo*. Vejamos alguns exemplos:

Dé-sens (derivação): des-senso.

N.E.: Vale lembrar que o *dé-sens* lacaniano é também homônimo de *décence* (decência), termo que veremos empregado logo adiante. (LACAN, 2003, p .459)

Omnitude (derivação): se a gente [on] a omnitude.... (LACAN, 2003, p. 335)

Dit-mansion (composição): diz-mansão

N.E.: Lacan retoma aqui o termo *dit-mension*, alterando-lhe a grafia para *dit-mansion*, em que acrescenta-se à dimensão do dito a idéia de “morada”. (LACAN, 2003, p. 21)

**Papeludun*⁶⁶ (criação por associação): nãomaisium (LACAN, 2003, p. 21)

Hun-en-plus (composição): Hum-de-Plus.

⁶⁶ Não tivemos acesso aos *Écrits*, em francês, para analisar o contexto dessa criação, mas acreditamos que se trata de uma criação por associação com a locução *pas plus d'un*. O asterisco indica os neologismos que não constam de nosso *corpus*.

N.E. O “h” mudo utilizado por Lacan em diversas de suas criações (cf. p. ex. *hénade*) remete ao “hen” grego (um) e ao mesmo tempo presentifica o vazio através da letra não pronunciada. Importante ainda ressaltar a homofonia com “Um de pelúcia (*un en peluche*). (LACAN, 2003, p. 21)

Lalangue (composição): lalíngua.

N.E. Seguindo a proposta de Haroldo de Campos, adotou-se nesta edição a forma “lalíngua” para traduzir *lalangue*, em lugar de “alíngua”, uma vez que neste termo o “a” tende a adquirir função de prefixo de negação – o oposto da idéia de Lacan. Por outro lado, o “la” mantém algum uso em português (La Diva, La Garbo) e permite evocar “lalação”, uma das tônicas do termo *lalangue*. (Cf. “O afreudisiaco na galáxia da lalíngua”, *Exu*, Fundação Casa de Jorge Amado, Salvador, 1990; reimp. Em *Correio*, n. 18-19, Belo Horizonte, janeiro de 1998). (p. 510)

Messe-haine (composição): missaodio.

N.E. No orig., *messe-haine*, que soa como *mécène* (mecenas). (LACAN, 2003, p. 15)

**Mi-dire* (composição): meio-dizer.

N.E. No orig. *mi-dire*. Diante dos inconvenientes de sua tradução por “semi-dizer” (que evoca um todo possível do qual se diria apenas a metade), optamos por “meio-dizer” (a despeito de seu caráter semineológico) sobretudo pelo uso freqüente do *mi-dit*, por parte de Lacan com relação ao meio-dia. (LACAN, 2003, p. 390)

*-*nade/hénade*: -nada/hénada Precisemos: a mônada [*monade*], portanto, é o Um que se sabe sozinho, ponto-de-real da relação vazia; a nada [*nade*] é a relação vazia insistente, que permanece como a hénada [*hénade*] inacessível, o da série dos números inteiros pelo qual o dois que a inaugura simboliza, na língua, o sujeito suposto do saber. (LACAN, 2003, p. 547)

**Père-sévère* (palavra-valise): pai severo/persevero

N.E. No orig., apenas “*Si je père-sévère*”, que grafa o primeiro sentido e soa como o segundo. (LACAN, 2003, p. 320)

Signifiant m’être (criação por associação): significante m’estre.

N.E. O significante *m’être*, homônimo do *signifiant maître* (significante mestre), poderia traduzir-se por “significante ser mim”. (LACAN, 2003, p. 465)

Poubelliciation (palavra-valise): publicação. (LACAN, 2003, p. 12)

Essa mesma estratégia – privilégio conferido ao significante e, conseqüentemente, à modalidade de *tradução literal* – foi adotada pelo grupo de psicanalistas e tradutores do Cartel de Tradução da América Latina da *Association Lacanienne Internationale*, que publicou *A Terceira*⁶⁷ em língua portuguesa, apostando em “trazer para o português a virulência significante do texto original, ou seja, uma tradução que levasse em conta a própria teoria lacaniana da linguagem.”

Para este grupo, a concepção lacaniana da linguagem determina seu estilo, e a tradução deve acompanhar o texto original, e não simplificá-lo, em nome de uma suposta legibilidade:

A tradução aqui não se pretende uma hermenêutica do texto lacaniano mas, antes de tudo, vem testemunhar a prevalência da letra e do jogo do significante. Esta seria nossa única fidelidade, aceitando o risco de tornar o texto estranho em português, mas não estrangeiro à língua. Isto não quer dizer que seja uma tradução "ao pé da letra", mas antes uma tradução que pretende não escamotear o real da letra como impossível. Trazer para o interior mesmo da tradução do texto de Lacan o impossível como categoria lógica afasta-nos de uma certa linha de tradução que, face ao real da letra, trabalha

⁶⁷ Intervenção de Jacques Lacan no Congresso da *Ecole Freudienne de Paris*, em Roma, no ano de 1974.

no luto ou na impotência. [...] Preferimos também, tanto quanto foi possível, não carregar o texto com notas de tradução. **Ao invés de explicar em nota o significado de um neologismo, buscamos criar, a partir das leituras possíveis e com os recursos de nossa língua, um termo neológico.**[...] Tentamos, pois, laborar nossa língua para fabricar um texto em que os rastros deste trabalho de Lacan com a linguagem não fossem apagados. (grifo nosso)

Podemos concluir, pela análise das soluções dadas pelos diferentes tradutores aos neologismos lacanianos, pela predominância da modalidade de *tradução literal* para as criações neológicas. Em cerca de 65% das ocorrências, os tradutores optaram pela criação lexical, com o acréscimo de *explicitações* em alguns casos. Essa opção parece indicar a existência de um princípio subjacente à tradução do texto laciano, ou seja, o de que o significante não pode ser ignorado.

Porém, as *explicitações* que acompanham algumas dessas criações também demonstram que os tradutores experimentam a necessidade de fundamentar sua escolha e de esclarecer o leitor sobre os sentidos possíveis de cada neologismo. Na via contrária, a ausência de *explicitações* sobre determinado neologismo parece indicar a convicção do tradutor e/ou do editor de que se trata de um texto endereçado ao especialista que, como tal, não carece de explicações.

Esse princípio não pode, contudo, ser generalizado, visto que há variações nas estratégias escolhidas. De fato, alguns tradutores optaram, às vezes, por modalidades tradutórias distintas para um mesmo tipo de neologismo. Por exemplo, um tradutor decidiu pela criação lexical através da modalidade de *tradução literal* em determinada circunstância e, em outro trecho, em que há um neologismo com as mesmas especificidades, *omitiu* a palavra ou frase, ou optou por outra modalidade, como a *transposição*. Tal situação, ocorrida no *Seminário 3*, levanta a questão: o que teria levado o tradutor a criar um equivalente para *tutoité* – que, como vimos no capítulo anterior⁶⁸, apresenta uma formação anômala – e a omitir o neologismo *plagiariste*? Podemos levantar a hipótese de que essas variações se devem, em

⁶⁸ Ver p. 91, capítulo 4.

alguns casos, à incerteza quanto à formação ou quanto ao sentido do neologismo. Além disso, para criar uma nova palavra na língua materna, é preciso que aquele que traduz tenha um conhecimento aprofundado da formação de palavras na língua-fonte e na língua-alvo, pois tal conhecimento embasará suas escolhas, permitindo-lhe ousar nas criações.

A par da *tradução literal* e da *explicitação*, outras modalidades foram igualmente empregadas, porém em menor número. Vale ressaltar, ainda, que registramos oito casos de *omissão* e uma ocorrência de *erro*: o neologismo *orificiel*, formado a partir de *orifice* e do sufixo *-el*, conforme vimos no capítulo 4⁶⁹, foi traduzido pelo adjetivo ‘artificial’, o que escapa completamente ao sentido da criação de Lacan.

Por fim, em relação aos recursos tipográficos empregados, observamos que quase nenhuma das traduções analisadas utiliza algum marcador – itálico, aspas, negrito ou outro – para indicar ao leitor que se trata de uma criação lexical recente. Embora não possamos estabelecer se, nesses casos, a decisão de empregar esses recursos emanou do próprio tradutor ou do editor, julgamos que, nessas circunstâncias, a ausência de um marcador pode impedir que o leitor perceba esse aspecto criativo do texto original e, com isso, a proposta lacaniana de mimese do inconsciente. Além do mais, o trabalho do tradutor também passará despercebido.

6.13 Neologia tradutória lacaniana: princípios

Inspirando-nos nos princípios da neologia tradutória, propostos por Hermans; Vansteelandt (1999), e nos estudos que aqui empreendemos sobre os neologismos lacanianos, apresentamos a seguir os princípios da neologia tradutória lacaniana, doravante denominada NTL.

⁶⁹ Ver p. 29, capítulo 4.

Para estabelecer tais princípios, devemos retomar, primeiramente, a concepção lacaniana da linguagem, a qual dá autonomia ao significante, como têm explicitado e reafirmado todos aqueles que se debruçam sobre a obra lacaniana. Sobre esta questão, diz Teixeira (1986, p. 25):

o significante é autônomo em relação ao significado e é por esse motivo que a língua tem a possibilidade de significar outra coisa além do que diz; é na cadeia significante, que se exprime por presenças e por ausências, que o sentido insiste; o que aparece na fala são os termos que vêm substituir os significantes enigmáticos que nos escondem de nós mesmos e dos outros, se bem que, em nos escondendo, nos revelam.

Também Saint-Drôme (1994, p. 183) vai na mesma direção e salienta, além disso, o papel da escansão e seu efeito no discurso:

onde se crê que ele fala para dizer algo conscientemente, o ser humano emite um material sonoro de uma riqueza inconsciente que o surpreenderia e espantaria se aceitasse se ouvir um bocadinho. Não somente uma mesma palavra pode significar algo completamente diferente [...], mas também a arbitrariedade do corte sonoro provoca, às vezes, algumas surpresas.

Assim, quando formula o célebre aforismo “o inconsciente é estruturado como uma linguagem”, Lacan indica que não devemos deter-nos no significado, enviado sob a barra, mas no significante, que faz cadeia e remete sempre a um outro significante. É esta concepção da linguagem que fará com que ele procure fazer de sua elocução, em seus *Seminários*, artigos, conferências, entrevistas à rádio e à televisão, um equivalente mimético da linguagem do inconsciente.

O próprio Lacan, como nos ensina Hanns (2002), levou as questões de tradução para o grande público leitor, ao apontar para a necessidade de os analistas se familiarizarem com as questões de tradução e mostrar como decisões terminológicas podem alterar a concepção teórica e clínica de um texto psicanalítico.

Peraldi (1982, p. 22), cujas palavras adotamos, lembra que, se o tradutor quiser levar a sério a concepção psicanalítica da fala, deverá,

no mínimo, além do significado (para o qual é treinado a responder com um outro significante), do valor (para o qual deve ler várias vezes os textos antes de traduzi-los) e da conotação (para a qual deve restabelecer os parâmetros situacionais da mensagem), [colocar-se] igualmente à escuta do significante e, de uma maneira ou outra, [conseguir] fazê-lo efetuar esta travessia que se chama tradução.

Essas considerações levam à formulação do **primeiro princípio** da NTL: ao significante deve ser atribuída uma importância equivalente à do significado. Por conseguinte, o tradutor deverá não apenas restituir o significado – se a tradução incidir apenas sobre a cadeia significante, “perderá sua substância e se transformará numa transmutação surrealista”, lembra-nos Muni Toke (2004) –, mas também produzir um significante que considere a forma e a função do neologismo original. Para atingir tal objetivo, deverá buscar recursos nas modalidades tradutórias à sua disposição, dando preferência àquelas que possam responder melhor a essa exigência, como, por exemplo, a tradução literal e a explicitação.

Essa idéia também é defendida por Jesuíno-Ferretto (2001), que afirma:

Se a transmissão da psicanálise coloca a questão da transmissão do saber inconsciente, **como traduzir Lacan sem fazer valer o saber da língua? Forçar a nossa língua? Sim. Mas fazendo com que intervenha o seu saber.** Lacan forçou sua língua. Nós temos que forçar a nossa se quisermos traduzi-lo, e não enchê-la de galicismos ou pior “lacanizá-la”. (grifo nosso)

Haroldo de Campos (2001, p. 118) também compartilha dessa opinião e declara que “sem prejuízo da necessária glosa explicativa, importa restituir, na língua do tradutor, o estranhamento fono-semântico do calembur original, o efeito de anfigúri”. Isso é exatamente o que ele faz, quando sugere para o título do *Seminário L'insu que sait de l'une bévue s'aile à mourre* a seguinte

tradução: *O in-sabido-a-sabendas do um-tresvisto (e de como in-sub-cessa), álealiás sabei-lo: é amorlúdio*. Resta saber, em semelhante caso, se o leitor conseguirá resgatar, a partir dessa tradução, a intenção do original. Em que pese a pertinência e o interesse de tal discussão, ela ultrapassa o âmbito deste trabalho.

O **segundo princípio** da NTL complementa o primeiro e estabelece: a busca dessa equivalência que leva em conta também o significante não pode ignorar a importância do significado. Em outras palavras, sem nunca perder de vista o primeiro princípio, o tradutor deverá buscar um equivalente que conserve o(s) significado(s) do original. Por exemplo, em se tratando de um neologismo em que co-ocorrem dois ou mais significados e no qual se percebem relações semânticas divergentes – como o substantivo *hainamoration*⁷⁰ –, tais significados deverão emergir através do recurso às modalidades tradutórias, como a explicitação. Mas importa dizer que não é possível determinar, de antemão, a que modalidades se deve recorrer, pois somente a análise detalhada de cada criação lexical poderá indicar o melhor caminho.

O **terceiro princípio** da NTL, que recupera um dos princípios da neologia tradutória de Hermans e Vansteelandt (1999), é o que prega o respeito às matrizes terminogênicas da psicanálise lacaniana. Por exemplo, quando Lacan busca terminologizar uma palavra da língua geral, como *chose*, recorre ao sufixo *-ique*, empregado sobretudo em termos técnico-científicos. O tradutor deverá, então, atentar para as escolhas feitas pelo autor, as quais o orientarão na busca de matrizes equivalentes em sua língua.

Por fim, um **quarto princípio** da NTL, referente à sintaxe do texto lacaniano, sobre a qual discorreremos brevemente no primeiro capítulo, poderia ainda ser estabelecido. Entretanto, esse aspecto escapa ao estudo que ora estamos fazendo, centrado no léxico. Pressupomos, porém, que um estudo

⁷⁰ Ver p. 45 e 58, capítulo 4.

aprofundado do tecido textual lacaniano poderia recuperar as regularidades dessa construção de modo a orientar os tradutores.

Exemplifiquemos os três primeiros princípios com neologismos extraídos de nosso *corpus*.

Nos casos de derivação sufixal, sabemos que a escolha de determinado sufixo em detrimento de outro não é aleatória e pode cumprir, além da função denominativa, muitas outras funções.

Sejam os dois neologismos *savanterie* e *psychiaterrie*⁷¹, criados a partir de palavras existentes na língua geral, *savant* e *psychiatrie*: a escolha do sufixo *-erie* parece indicar, neste contexto específico, que o autor da criação neológica busca produzir um efeito no seu ouvinte, marcando uma outra faceta do conhecimento – mais acientífica, menos rigorosa e até um tanto jocosa. Para dar conta dessa nova forma e dessa função, o tradutor deverá produzir um neologismo que faça uso dos equivalentes de sua língua que julgar mais próximos daqueles da língua de partida, ‘sábio’ e ‘psiquiatria’, por exemplo, acrescentando-lhes o sufixo que permitir uma leitura semelhante.

A língua portuguesa possui os sufixos concorrentes *-aria* e *-eria* e o sufixo *-ice*. A partir de uma análise das palavras terminadas por cada um desses sufixos em língua portuguesa – análise necessária, já que os dicionários e as gramáticas apenas indicam os sentidos principais de cada sufixo –, acreditamos que os sufixos *-ice* e *-aria*, por conterem também um traço depreciativo, adaptam-se melhor do que o sufixo *-eria* a essa feição jocosa do neologismo criado por Lacan. Portanto, teríamos

psychiatrie + *-erie* = *psychiaterrie*

→ *psiquiatria* + *-aria* = *psiquiatriaria*

→ *psiquiatria* + *-ice* = *psiquiatrice*

⁷¹ Para a análise detalhada de cada um dos exemplos trabalhados neste capítulo, reportar-se ao capítulo 4, Análise dos Neologismos.

savant + *-erie* = *savanterie*

→ sábio + *-aria* = *sabiaria*

→ sábio + *-ice* = *sabice*

Tomemos, agora, alguns exemplos de palavras-valise. Em *dieu-lire*, embora o primeiro elemento permaneça intacto, acentuando a palavra *dieu*, a homofonia quase perfeita nos leva à leitura da palavra *délire* sem maiores dificuldades (auxiliados que somos, evidentemente, também pelo contexto). Ao tradutor caberá unir duas bases em sua língua pelo mesmo processo, buscando o mesmo efeito de sentido e recorrendo, por exemplo, à modalidade de tradução literal. Assim,

Dieu + délire = Dieu-lire

→ Deus + delírio = *Deuslório*

Pode-se levantar imediatamente a pergunta: por que a ausência do hífen no neologismo criado em língua portuguesa? A isso responderíamos que o corte provocado por um hífen levaria o leitor também à palavra ‘lório’, não prevista no original. De resto, esta é uma crítica que se faz com frequência às traduções de textos lacanianos: seus discípulos e tradutores recheiam os textos de novos sentidos.

Já a palavra-valise *hainamoration* apresenta uma complexidade bem maior, requerendo do tradutor uma atenção redobrada para poder atender aos princípios da NTL. Composto pelos substantivos *haine* e *amour*, este neologismo coloca em jogo tanto uma relação semântica de oposição quanto uma relação de analogia com *énamoration/énamourement*. Em outras palavras, a criação precisa preservar os sentidos opostos de ódio e amor, mas também o sentido de ato ou resultado de se enamorar. A solução já consagrada em língua portuguesa dá conta da união desses dois sentidos opostos – *amódio*. Contudo, a analogia não é contemplada e um dos significados do original se perde nesta travessia. Como transpor, então, esse significante e esses significados simultaneamente? Na impossibilidade de fazê-lo por meio de um

único significante, o tradutor deve recorrer, em nossa opinião, a uma combinação de modalidades. A informação ausente poderá ser transmitida através de uma explicitação, tal como uma inclusão no texto ou uma nota de rodapé. Salientemos que não se trata de discutir, aqui, qual a *melhor* modalidade, mas de propor soluções que atendam aos princípios anteriormente estabelecidos. Alguns tradutores, por exemplo, repudiariam tal proposta por considerar a nota de rodapé uma declaração de impotência⁷², posição de que não compartilhamos. Assim, por exemplo,

Je ne pense pas, malgré tout ce qu'on a pu raconter par exemple de Lénine, que la haine ni l'amour, que l'hainamoration, en ait vraiment étouffé aucun. (Seminário Encore, Lição 20/03/1973)

Não acho, apesar de tudo o que se contou, por exemplo, de Lênin, que o ódio ou o amor, que o *amódio*, enamoramento que abriga tais sentimentos, tenha realmente abafado algum deles.

Ou então:

Não acho, apesar de tudo o que se contou, por exemplo, de Lênin, que o ódio ou o amor, que o *amódio** tenha realmente abafado algum deles.

* N.T. Em francês, a palavra-valise *hainamoration*, além de unir ódio (*haine*) e amor (*amour*), faz também referência ao ato de se enamorar, a *énamoration* ou *énamourment*. A *hainamoration* seria, pois, o ato de amar e odiar simultaneamente.

Uma terceira possibilidade seria a criação de um novo significante, uma palavra-valise, que retomasse a noção de enamoramento e que compreendesse em si as palavras ódio e amor. Talvez *enamodiamento*? Não parece eufônico. Mas quem disse que precisa sê-lo?

As palavras compostas não parecem, à primeira vista, causar maiores problemas. Se tomarmos, por exemplo, o composto entre bases não-autônomas *hylophagie*, que encerra os formantes gregos *hylo* [pouco, quase nada] e

⁷² Lembremos, sobre isso, Oséki-Depré (2004), para quem a nota de rodapé é a “vergonha do tradutor”. Ver p. 10, capítulo 1.

phagie [comer], percebemos a criação de uma nova denominação para um novo conceito que agrega os dois significados. Para a criação em sua língua, o tradutor poderá recorrer aos mesmos formantes: significado e significante terão sido contemplados. Em contrapartida, basta ler/ouvir *foliesophie*, união de uma base autônoma [*folie*] e de uma base não-autônoma [*-sophie*], para perceber a “presença” de outra palavra, *philosophie*, ou seja, o neologismo provoca um deslizamento que vai de ‘amor à ciência’ a ‘ciência da loucura’. Em língua portuguesa, a união desses dois significados não permite o significado concomitante de filosofia, como comprovam as tentativas abaixo:

Folie + *-sophie* = *foliesophie* ↔ *philosophie*
 Loucura/insanidade/insânia/demência, etc. + *-sofia* =
 → *loucurasofia*
 → *insanidadesofia*
 → *disturbiosofia*
 → *insaniasofia*
 → *demenciasofia*, etc.

Mais uma vez, somente a combinação de duas modalidades permitirá a promoção do significado subjacente: um novo significante acompanhado de uma explicitação.

Essa aparente facilidade é logo desmentida se tomarmos um exemplo mais complexo de composto: a trilogia composta pelos substantivos *père-version* e *père-vers* e pelo advérbio *père-versement*. A palavra subjacente nas três criações é *perversion*. Mas ainda jazem, em *père-vers* e *père-version*, *vers*, o verme, e *version*, a versão. Como transmitir esses significados concomitantes, salientando simultaneamente a palavra *père*?

père + *vers* = *père-vers* ↔ *pervers*
père-vers + *-ment* = *père-versement* ↔ *perversement*
père + *version* = *père-version* ↔ *perversion*

Imediatamente se percebe a impossibilidade, em língua portuguesa, de uma criação neológica que consiga fazer co-ocorrer todos esses sentidos. As

soluções normalmente dadas – o neologismo ‘paiversão’ ou o empréstimo acompanhado de uma explicitação – não levam em conta todos os sentidos. Vejamos, em português, as palavras em jogo :

Pai/pater + verme = ? ↔ perverso

? + -mente = ?mente ↔ perversamente

pai + versão = *paiversão* ↔ perversão

Em semelhante situação, diante da impossibilidade de fazer concorrerem todos os significados em uma única palavra, acreditamos que somente o recurso à combinação de modalidades – tradução literal e explicitação – pode auxiliar o leitor a perceber todos os jogos de sentidos presentes.

E a solução dada ao neologismo *père-version*, matriz em francês do adjetivo *apèritif*⁷³, também norteará a escolha de um equivalente para esta criação por associação. Ou seja, da coerência nas escolhas do tradutor dependerá a coerência do texto em sua totalidade.

Assim, em cada uma das criações analógicas, perceberemos vários significados concomitantes, que deverão ser retomados, seja sob a forma de um único significante que englobe todos os outros, seja sob a forma de um novo significante acompanhado de uma explicitação. Por exemplo, no neologismo *s’oupirer*, em que intervêm o verbo *soupirer*, a locução *ou pire*, acrescidos do sufixo verbal *-er*, os três significados se encaixam à perfeição. Ademais, o apóstrofo tem precisamente a função de marcar a cesura e levar o leitor a “perceber” todos os significados presentes. Temos, então:

soupirer + ou pire + -er, tendo como ponto de partida *soupirer*

Acreditamos ser possível, também em língua portuguesa, a criação de um neologismo através de um encaixe das palavras presentes, sem a

⁷³ Ver p. 74, capítulo 4.

necessidade de apelar para uma explicitação a fim de complementar o sentido. Assim, de suspirar + ou pior + -ar, teremos *suspiorar*, neologismo no qual são visíveis as palavras subjacentes.

Quanto aos empréstimos externos – a partir do latim, *récessus* e *striger*, do inglês *splitter*, e do alemão, *trieber* –, ressaltemos que, em francês nem todas as criações são transparentes para o leitor. Além disso, Lacan não toma simplesmente palavras estrangeiras e as emprega tais quais; elas passam por um processo de afrancesamento. Deste modo, acreditamos que o tradutor também poderá criar neologismos na língua alvo, servindo-se da modalidade de tradução literal; caberá ao leitor valer-se do contexto para recuperar o significado original. Por exemplo, a partir da palavra alemão *Trieb*, o tradutor criará um verbo em língua portuguesa, servindo-se do processo de derivação, ou seja, adicionando o sufixo verbal -ar : *triebar*.

O único caso de empréstimo interno – *sinthome* – é bastante complexo, pois comporta em si, como já vimos no capítulo de análise⁷⁴, uma grande quantidade de palavras: *sin* [pecado], *homme* ou *home*, *saint Thomas*, além da antiga maneira de escrever *symptôme*. Rio Teixeira (2005) refere-se a este tipo de criação como uma “subcategoria” e afirma que

Sua característica principal é produzir homofonias perfeitas em relação a outros termos, dos quais (sic) são impossíveis de serem distinguidas pela escuta. Essas expressões só podem ser percebidas, só podem "surgir" a partir da leitura. Elas foram criadas portanto preferencialmente para a escrita, em vez da fala. Sem forçar muito a memória, me ocorrem dois exemplos: *sinthome* e *hommossexuel*, cujos pares homófonos, é claro, são *symptôme* e *homossexuel*. A minha opinião é que, tratando-se de palavras que só se distinguem na escrita, sua tradução deveria privilegiar igualmente o jogo da escritura e da letra, ao invés de buscar uma diferença pela sonoridade. É por isso que para traduzir *sinthome* me parece mais justo acrescentar simplesmente a letra "h" (*sinthoma*), abandonando alternativas mais complicadas como *sinthomem*, que privilegiam o significado e não o significante.

⁷⁴ Ver p. 84, capítulo 4.

Tal afirmação pode evidentemente ser contestada. Em primeiro lugar, a homofonia entre *symptôme* e *sinthome* e entre *homossexuel* e *hommosexuel* não é perfeita, mas aproximada. Além disso, a solução proposta deixa opacos os outros significados presentes, pois o que se pode ler/ouvir em *sinthoma* senão sintoma? Onde estão ‘homem’, ‘home’, ‘São Tomas’, ‘santo homem’?

symptôme → *sinthome* = *sin* + *homme* + *home* + *saint thomas* + *saint homme*

Respeitando os princípios da NTL, acreditamos que o novo significante deve fazer intervir pelo menos dois dos significados presentes, o restante sendo complementado através de uma explicitação. É o que faz o psicanalista Roberto Harari, na obra *Como se chama James Joyce?*, ao propor em espanhol o neologismo *sinthombre*, conforme nos informa Aurélio Sousa, no Prefácio à Edição Brasileira:

A tradução *sinthomem*, adotada neste volume, mantém a opção do autor por *sinthombre*, embora não corresponda às opções comumente utilizadas pelos editores brasileiros. A Cia de Freud prefere manter o conceito no original; Ágalma utiliza nas suas traduções *sinthoma*. [...] Logo no início de seu livro Roberto Harari revela uma intimidade com nossa língua. Ele o faz, justificando a transliteração para o castelhano “*sinthombre*”, do significante “*sinthomem*”, que corresponde a uma das traduções sugeridas aqui no Brasil para “*sinthome*”.

Por fim, no caso dos decalques, lexicais ou fonológicos, acreditamos na possibilidade de criação de um novo significante, a partir do mesmo jogo produzido por Lacan. O decalque fonológico *couinée*, do grego *koinè* – superposição do nome dado à língua falada pelos gregos nos períodos helenístico e romano e do som produzido por certos animais –, pode originar o *coicho* ou *cuincho*, substantivos que retomam o sentido de grunhido animal, mas que lembram parcialmente o som da palavra grega. Um decalque lexical como *hommelle*, do inglês *she-man*, pode dar lugar, por exemplo, a *homela/elhomem*, conjugação de ‘homem’ e ‘ela’. O decalque *oddité*, do inglês *oddity*, origina *odidade*, raiz formada pela palavra inglesa e por um sufixo da língua portuguesa.

Ainda que os princípios da neologia tradutória lacaniana que ora propomos não tenham sido testados em todos os neologismos de nosso *corpus* de análise, visto que esta tese não busca a exaustividade, acreditamos que a primazia dada ao significante, sem descurar do significado – respeitando a concepção lacaniana da linguagem –, aliada ao emprego, independente ou combinado, das modalidades tradutórias propicia ao tradutor recursos confiáveis e sustentáveis para propor equivalentes para as criações neológicas lacanianas. Ademais, tais princípios permitem que as soluções oferecidas apresentem um nível de coerência global, ou seja, para problemas semelhantes, soluções semelhantes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A retomada dos autores de maior destaque que discorreram sobre a neologia e os capítulos de análise permitiram algumas conclusões em relação à constituição dos neologismos nos *Seminários* de Jacques Lacan, que expomos agora.

As informações coletadas sobre o processo de elaboração do ensino oral de Jacques Lacan e sua transcrição, assim como a abordagem da noção de inconsciente e do conceito lacaniano de significante, desenvolvidas no capítulo um, *A obra e a Linguagem de Jacques Lacan*, tornaram possível vislumbrar as implicações dessa visão em seu processo de criação neológica. Por considerar que o significante pode assumir uma função diferente daquela de significar, posto que autônomo em relação à significação, Lacan lhe dá primazia, que vai manifestar-se na liberdade de criar novas palavras.

Algumas dessas criações adquirem o status de termo, ao ser-lhes atribuído um novo conceito, e acabam por se tornar consagradas entre seus discípulos e exegetas, tais como *lalangue* e *parlêtre*. Acreditamos que, nestas, Lacan buscou mais o conceito do que o efeito. Outras colorem apenas momentaneamente a enunciação como um pequeno elo – que depende dos outros – na cadeia significante, embora sua criação “fortuita” tenha uma meta precisa: provocar uma reação no ouvinte. Nesse sentido, podemos afirmar que a criação neológica lacaniana responde perfeitamente aos três tipos de criação lexical previstos por Guilbert (1975), conforme descrevemos no capítulo dois, *Pressupostos Teóricos da Neologia*: neologia denominativa, neologia estilística e neologia de língua.

A retomada dos estudos mais relevantes em neologia propiciou o reconhecimento de que há um consenso entre os estudiosos de diferentes

línguas e filiações que se debruçam sobre o fenômeno neológico, ainda que as classificações propostas apresentem diferenças entre si. Isso deve-se, sem dúvida, ao fato de que a utilização de *corpora* distintos revela diferentes tipos de neologismos. Em nosso caso, não propusemos uma nova classificação para os itens que estudamos, posto que a experiência desses estudiosos serviu de base e orientação para nosso trabalho. Cabe ressaltar que novas categorias foram propostas apenas quando a literatura à que tivemos acesso não as tinha previsto.

A *Análise dos Neologismos Lacanianos*, levada a cabo no capítulo quatro, foi o que permitiu visualizar os processos de criação neológica de Jacques Lacan, que testemunham sua criatividade na inovação da linguagem. Elencamos 298 criações neológicas, assim distribuídas: 124 palavras derivadas, 38 palavras compostas, 76 palavras-valise, 33 criações por associação, seis empréstimos, quatro decalques, dois neologismos semânticos e uma lexicalização de nome próprio. Tais criações dividem-se em dois conjuntos: aquele das palavras cunhadas para atender à necessidade de designação de um novo conceito, que se consolidarão ou não posteriormente, e aquele das palavras criadas como resposta a uma necessidade pontual de adequação ou como um recurso estilístico para provocar uma reação no ouvinte/leitor.

Cabe ressaltar que descartamos nove dos neologismos repertoriados inicialmente como sendo criações lacanianas. Alguns já se encontram dicionarizados, como o verbo *laiüsser*, que tem sua origem atestada em 1894, ou como o adjetivo *discordantiel*, criado e empregado largamente por Damourette e Pichon já no início do século XX. Outros, caso de *Evie* e de *s'aborner*, por exemplo, são apenas variantes de palavras existentes.

Pensamos que tais avaliações apressadas, que tomam por neologismo uma palavra não usual na língua e cuja autoria atribuem a Lacan, devem-se precisamente à percepção reinante de uma relação estreita entre este psicanalista e a neologia.

No que tange aos processos formais de criação neológica, concluímos que Lacan inova, mas, na maioria das vezes, seguindo os padrões regulares de formação de palavras da língua francesa e recorrendo aos dois processos mais produtivos nas línguas em geral, a derivação e a composição que, juntas, perfazem 238 criações. Até mesmo nas palavras-valise – que representam 25% do *corpus* –, consideradas em sentido amplo como palavras compostas, ele parece “respeitar” a regra implícita de associar apenas dois elementos, pois raros são os casos em que isso não ocorre. O que chama a atenção neste último grupo, em contrapartida, é a criatividade e sua capacidade de estabelecer analogias entre palavras que, aparentemente, não se correlacionam, tais como *messe-haine* e *hainamoration*.

Dessa forma, diferentemente do que se costuma supor, a linguagem lacaniana não é intangível, o que permite sua compreensão e tradução. Evidentemente, não se pode ignorar o fato de que se exige do leitor dos textos lacanianos não somente conhecimento dos processos de formação de palavras, mas também de outros campos do saber com os quais Lacan estabelece correlações.

A nosso ver, a verdadeira inovação de Lacan está na criação das criações por associação que, mesmo não sendo novidades formais absolutas, visto que partem de locuções ou frases já existentes na língua, subvertem o paradigma de formação de palavras. Contudo, vale lembrar que poucas serão retomadas – tais como *hommoizn*, *Yad'l'un* e *m'être* –, o que indica que a maioria não cumpre uma função cognitiva essencial em seu aparato teórico, além de serem de difícil apreensão, aproximando-se nisso dos neologismos fonológicos referidos por Alves (1994, p. 11).

Quanto à razão de ser dessa abundância neológica, parece-nos que, para além da necessidade de preencher lacunas denominativas, o que subjaz a toda essa produtividade é a intenção de provocar um forte efeito no ouvinte/leitor. O que Lacan busca é demonstrar e provar, através dessas inovações, que o significante, ao qual ele atribuiu um papel primordial, representa a irrupção do inconsciente na linguagem. destaca o grande papel atribuído ao

significante Ou seja, este significante neológico que brota, muitas vezes inesperadamente, vem materializar a teoria lacaniana.

Após a investigação dos processos de formação dos neologismos lacanianos, partimos em busca de elementos suscetíveis de responder à pergunta que norteia este trabalho, ou seja, que tratamento dar na língua portuguesa a tais inovações? Essa busca levou-nos, no capítulo *A Tradução de Neologismos*, às propostas de Aubert (1998) e seu modelo sobre as modalidades tradutórias, e de Bastianetto (2002), que aplica esse modelo ao neologismo literário, estreitando a relação entre tradução e neologia. Essa mesma relação será descrita no modelo de neologia tradutória de Hermans; Vansteelandt (1999).

Embasada nessa relação entre neologia e tradução proposta por esses estudiosos, buscamos averiguar, através da análise de traduções de neologismos presentes nos *Seminários* e *Escritos* publicados em português, promovida no último capítulo, como se materializam as escolhas dos tradutores que se dedicaram ao difícil trabalho de traduzir a obra de Jacques Lacan. Ainda que nossa intenção não fosse fazer uma avaliação da qualidade dessas traduções, percebemos, na maioria dos casos, uma indefinição de critérios. Em outras palavras, não parece ter havido, por parte de todos os tradutores, uma reflexão anterior à tradução dessas obras, com efeito, algumas vezes, na mesma obra, o tradutor dá um tratamento diferente a formações neológicas semelhantes, como se cada uma delas pertencesse a uma categoria única, tal como ocorre com os neologismos *plagiarisme* e *plagiariste*: ao primeiro é atribuído um equivalente, ao passo que o segundo, no mesmo parágrafo, é omitido, conforme vimos no capítulo seis. Em outras, há uma mudança radical de estratégia de tradução, a exemplo da ocorrida nos *Escritos* e *Outros Escritos*, cujo tradutor é o mesmo.

A soma desses fatores – a compreensão dos processos de formação dos neologismos lacanianos possibilitada pela análise formal e funcional, o entendimento da relação entre neologia e tradução e os dados obtidos da experiência dos tradutores – fundamentou e orientou a proposta de princípios

da neologia tradutória lacaniana que aqui propusemos. O percurso deste trabalho consolidou nossa convicção de que, dentre as competências exigidas do tradutor, a proficiência na língua de partida e na língua de chegada de que deve dar provas este profissional não pode prescindir do conhecimento da evolução e das regras de formação do léxico de suas línguas de trabalho.

REFERÊNCIAS

ALLOUCH. Lacan censuré. Traduction de Freud, Transcription de Lacan. *Littoral*, Paris, n. 13, p. 109-120, juin. 1984.

ALVES, Ieda Maria. Aspectos criativos da linguagem: a neologia lexical. In: VALENTE, André (Org.) *Aulas de Português: perspectivas inovadoras*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999. p. 159-167.

ALVES, Ieda Maria (Org.) *A Constituição da Normalização Terminológica no Brasil*. São Paulo: FFLCH/CITRAT, 1996. (Cadernos de Terminologia, 1).

ALVES, Ieda Maria *et al.* Estrangeirismos no Português Brasileiro: do Mito à Realidade. *Estudos Lingüísticos*, n. 33, p. 116-123, 2004.

_____. Neologia e Níveis de Análise Lingüística. *As Ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*, v. 3, p. 77-91, 2007.

_____. Neologia na língua falada. In: PRETI, Dino (Org.) *Léxico na língua oral e escrita*. São Paulo, Humanitas, 2003. p. 261-277.

_____. *Neologismo. Criação lexical*. São Paulo: Ática, 1994.

_____. A Observação Sistemática da Neologia Lexical: Subsídios para o Estudo do Léxico. *Revista Alfa*, São Paulo, v. 50, n. 2, p. 131-144, 2006.

_____. Terminologia e Neologia. *TradTerm*, n. 7, p. 53-70, 2001.

ARNOUX, Danièle. Sur la transcription. Traduction de Freud, Transcription de Lacan, *Littoral*, Paris, n. 13, p. 79-85, juin. 1984.

ARRIVÉ, Michel. *Linguagem e psicanálise, lingüística e inconsciente: Freud, Saussure, Pichon, Lacan*. Tradução Lucy Guimarães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

*AUBERT, Francis H. *Introdução à metodologia da pesquisa terminológica bilíngüe*. São Paulo: Humanitas, FLCH/USP, 1992.

_____. Modalidades de Tradução. *Tradterm 5.1* 1º semestre de 1998. São Paulo: Humanitas, FLCH/USP.

* O asterisco indica obra consultada, mas não citada.

BARBOSA, Maria Aparecida. *Língua Portuguesa em Debate: conhecimento e ensino*. In: AZEVEDO, José Carlos de (Org.) *Dos Processos de Engendramento e Manifestação do Neologismo nos Discursos Essencialmente Figurativos*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. p. 176-191.

BASÍLIO, Margarida. *Estruturas lexicais do português: uma abordagem gerativa*. Petrópolis: Vozes, 1980.

_____. *Teoria Lexical*. São Paulo: Ática, 2004.

BASTIANETTO, Patrizia C. Reflexões Acerca de uma Composição de Modalidades Tradutórias para Verter Neologismos: Literalidade com Criação Lexical. *TradTerm*, 8, p. 99-120, 2002.

_____. *A tradução dos neologismos rosianos na versão italiana de “Grande Sertão: veredas”, de João Guimarães Rosa*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 1998.

BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*. 37 ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Lucerna, 2001.

*BERMAN, Antoine. *L'épreuve de l'étranger*. Paris: Gallimard, 1984.

BORDIER, Julien. *Foultitude de mots-valises*. Disponível em: <livres.lexpress.fr/critique.asp/idC> Acesso em: 19 jul. 2007.

BOULANGER, J.-C. Compte-rendu. Traduction et enseignement. *META*, v. 48, n. 3, sept. 2003. Disponível em: <<http://www.erudit.org/revue/meta/2003/v48/n3/007612ar.html>>

_____. La création lexicale et la modernité. *Le Langage et l'Homme*, v. 25, n. 4, p.233-240, 1990.

_____. Néologie et terminologie. *Néologie em Marche*, v. 4, 1979.

CABRÉ, M. T. La clasificación de neologismos: una tarea compleja. *Revista Alfa*, São Paulo, v. 50, 2, p. 229-250, 2006.

*CABRÉ, M.T. et al. És la Terminologia un Simple Instrument d'Ajuda a la Traducció? In: CONGRESO INTERNACIONAL DE TRADUCCIÓN ESPECIALIZADA, 2000, Barcelona. *Actas...*

*_____. *La terminología: representación y comunicación*. Barcelona: IULA, 1999.

*_____. *La terminologie: théorie, méthode et applications*. Ottawa: Les Presses de l'Université d'Ottawa/Armand Colin, 1998.

CAMPOS, Haroldo de. O afreudisiaco Lacan na galáxia de lalíngua (Freud, Lacan e a escritura). In: CESCROTTO, César (Org.). *Idéias de Lacan*. São Paulo: Iluminuras, 1995.

_____. O poeta e o psicanalista: algumas invenções lingüísticas de Lacan. In: SOUSA, Edson Luiz André de; TESSLER Elida; SLAVUTZKY Abrão (Orgs.). *A invenção da vida: arte e psicanálise*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2001.

CARDOSO, Elis de Almeida. A Criação Neológica Estilística. *MATRAGA: Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras/Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Caetés*, v. 11, n. 16, 2004.

CARVALHO, Nelly. Neologismos, Informação e Criatividade. In AZEVEDO, José Carlos de (Org.) *Língua Portuguesa em Debate: conhecimento e ensino*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. p. 192-199.

*CASTILLO, Rodolfo A. *¿Cómo hacer un diccionario científico técnico?* Buenos Aires: Memphis, 1997.

CHEMAMA, Rolando; VANDERMERSCH, Bernard. *Dictionnaire de la psychanalyse*. Paris: Larousse-Bordas, 1998.

CLAS, André. De la formation des mots nouveaux. *META*, v. 25, n. 3, p. 345-347, sept. 1980.

_____. Une matrice terminologique universelle: la brachygraphie gigogne. *META*, v. 32, n. 3, p. 347-355, 1987.

CLÉRO, Jean-Pierre. *Le vocabulaire de Lacan*. Paris: Ellipses, 2002.

CORREIA, Margarita *et al.* O Observatório de Neologia do Português – ONP: criação e apresentação. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE LINGÜÍSTICA, 20., 2004, Lisboa. Lisboa: APL, 2004. p. 471-482.

CUNHA, Celso. *Gramática do Português Contemporâneo*. 7. ed. Belo Horizonte: Bernardo Álvares, 1978.

DAMOURETTE ET PICHON. Des mots à la pensée. Essai de grammaire de la langue française. Paris, 1930-195. v. 1-7 Disponível em: <<http://www.avecegalite.com/Nouvel-article>>

DICTIONNAIRE Grand Robert: dictionnaire alphabétique et analogique de la langue française LE ROBERT (CD-ROM)

DUBOIS, Jean et al. *Dicionário de lingüística*. São Paulo: Cultrix, 1972.

DUBUC, Robert. *Manuel pratique de terminologie*. Montreal: Linguatéc, 1985.

_____. *Manuel pratique de terminologie*. Montreal: Linguatéc, 1992.

*ESTOPÀ, Rosa. Eficiencia en la extracción automática de terminología. *Perspectives: Studies in Translatology*. v. 7:2, 1999.

_____. *Observando neologismos: experiência do Observatório de Neologia do IULA*, Barcelona, 2000.

*ESTOPÀ, Rosa; CABRÉ, M.T. Formar en terminología: una nueva experiencia docente (I parte). *Tradterm*, 4, 1997.

*FREUD, Sigmund. *Introduction à la psychanalyse*. Paris: Payot e Rivages, 2001.

*_____. *Psychopathologie de la vie quotidienne*. Paris: Payot e Rivages, 2001.

GILSON, Jean-Paul. *Do resto ao Rebento*. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA PSICANÁLISE E SUAS CONEXÕES, Rio de Janeiro, 1998.

Disponível em: <http://www.ecolelacanienne.org/m-publications/textes/Gilson-do_resto_ao_rebento.htm>

GRÉSILLON, Almuth. *La règle et le monstre: le mot-valise: interrogations sur la langue, à partir d'un corpus de Heinrich Heine*. Tübingen: Niemeyer, 1984.

GRÉVISSE, Maurice. *Le bon usage. Grammaire française avec des remarques sur la langue française d'aujourd'hui*. 7^e éd. Gembloux/Paris: Duculot/Paul Geuthner, 1959.

GUILBERT, Louis. *La créativité lexicale*. Paris: Larousse, 1975.

_____. La spécificité du terme scientifique et technique. *Langue Française*, n. 17, p. 5-17, 1973.

_____. Les archives du français contemporain. *Langue Française*, Le lexique. Paris: Larousse, 1969. p. 56-72.

HANNS, L. A. *Existe uma língua freudiana?* (2002) Disponível em <<http://www.uol.com.br/percurso/main/pcs22/HannsSouza.htm>> Acesso em: 14 maio 2006.

HARARI, Roberto. *Como se chama James Joyce?* Ágalma, 2003.

HERMANS, Adrien; VANSTEELANDT, Andrée. Néologie traductive, *Nouveaux outils pour la néologie: Terminologies Nouvelles*, Bruxelles, n. 20, p. 37-43, déc. 1999.

JAKOBSON, Roman. *Lingüística e Comunicação*. São Paulo: Cultrix, 1969.

JESUINO-FERRETTO, Ângela. 2001. *Lacan deve falar português?*
Disponível em: <<http://www.freud-lacan.com/brasil/traducao.php>> Acesso em: 20 dez. 2001.

KRIEGER, Maria da Graça; FINATTO, Maria José Bocorny. *Introdução à Terminologia: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2004.

LACAN, Jacques. *L'acte Psychanalytique: 1967-1968*. Publication hors commerce. Document interne à l'Association freudienne internationale et destiné à ses membres.

_____. *L'angoisse Séminaire 1962-1963*. Troisième édition corrigée
Publication hors commerce. Document interne à l'Association freudienne internationale et destiné à ses membres.

_____. *D'un Autre à L'autre 1968-1969*. Publication hors commerce.
Document interne à l'Association Freudienne et destiné à ses membres.

_____. *D'un Discours Qui Ne Serait Pas Du Semblant, 1971*. Version AFI.
Encore: 1972-1973. Seuil.

_____. *D'un discours qui ne serait pas du semblant*. Paris: Association
Freudienne Internationale (document interne), 1996.

_____. *Le Désir et Son Interprétation: Séminaire 1958-1959*. Publication
hors commerce Document interne de l'Association freudienne internationale et
destiné à ses membres.

_____. *Écrits*. Seuil: Paris, 1966.

_____. *Écrits Techniques: Séminaire 1953-1954*. Publication hors commerce.
Document interne à l'Association freudienne internationale et destiné à ses
membres.

_____. *L'envers de la Psychanalyse: 1969-1970*. Texte Établi par Jacques-
Alain Miller. Éditions Du Seuil, 1991.

_____. *Escritos*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

_____. *L'ethique de la Psychanalyse: Séminaire 1959-1960*. Publication hors
commerce. Document interne à l'Association freudienne internationale et
destiné à ses membres.

_____. *Les Formations Inconscient: Séminaire 1956-1957 SEUIL, 1998*.

_____. *L'identification: Séminaire 1961-1962*. Publication hors commerce
Document interne à l'Association freudienne internationale et destiné à ses
membres.

_____. *L'insu que Sait de l'une-Bévue S'aile a Mourre*: Séminaire 1976-1977. Publication hors commerce. Document interne à l'Association freudienne internationale et destiné à ses membres.

_____. *La Logique Du Fantasma*: 1966-1967. Polycopié, version d'origine non identifiée.

_____. *Le Moi dans La Théorie de Freud et dans sa Technique Psychanalytique*. Séminaire 1954-1955. Texte Établi par Jacques-Alain Miller. Éditions Du Seuil.

_____. *Le Moment de Conclure*: Séminaire 1977-1978 Publication hors commerce. Document interne a l'Association freudienne internationale et destiné à ses membres.

_____. *Les Non-Dupes Errent*: Séminaire 1973-1974. Editions de l'Association Freudienne Internationale: Publication hors commerce.

_____. *L'objet De La Psychanalyse*: Séminaire 1965-1966. Publication hors commerce. Document interne à l'Association freudienne internationale et destiné à ses membres.

_____. *Les Problèmes Cruciaux pour la Psychanalyse*: Séminaire 1964-1965. Publication hors commerce. Document interne à l'Association freudienne internationale et destiné à ses membres.

_____. *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

_____. *Les quatre concepts fondamentaux de la psychanalyse*. Paris: Seuil, 1973.

_____. *Les quatre concepts fondamentaux de la psychanalyse*: 1964. AFI.

_____. *La Relation d'objet 1956-1957*: Les Structures Freudiennes. Publication hors commerce. Document interne à l'Association Freudienne et destiné à ses membres.

_____. *R S I*: Séminaire 1974-1975. Version AFI.

_____. *Le Savoir du Psychanalyste*: Entretiens de Sainte Anne. 1971-1972. Version polycopiée, identique à la version AFI.

_____. *O Seminário*: livro 1: Os escritos técnicos de Freud (1953-1954). Tradução de Betty Milan. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986.

_____. *O Seminário*: livro 2: O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise (1954-1955). Tradução de Marie Christine Laznik Penot com colaboração de Antonio Luiz Quinet de Andrade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

_____. *O Seminário: livro 3: As psicoses (1955-1956)*. Tradução de Aluísio Pereira de Menezes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

_____. *O Seminário: livro 4: A relação de objeto (1956-1957)*. Tradução de Dulce Duque Estrada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

_____. *O Seminário: livro 5: As formações do inconsciente (1957-1958)*. Tradução de Vera Ribeiro; revisão de Marcus André Vieira. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

_____. *O Seminário: livro 7: A ética da psicanálise (1959-1960)*. Tradução de Antonio Quinet. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

_____. *O Seminário: livro 8: A transferência (1960-1961)*. Tradução de Dulce Duque Estrada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

_____. *O Seminário: livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Tradução de M.D. Magno. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

_____. *O Seminário: livro 17: o avesso da psicanálise (1969-1970)*. Tradução de Ary Roitman; consultor, Antonio Quinet. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

_____. *O Seminário: livro 20: Mais, ainda / Jacques Lacan; texto estabelecido por Jacques-Alain Miller; versão brasileira de M. D. Magno*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

_____. *Le Sinthome: 1975 – 1976*. Publication hors commerce. Document interne à l'Association Freudienne et destiné à ses membres.

_____. *Les Structures Freudiennes Des Psychoses: Séminaire 1955-1956*. Publication interne de l'Association freudienne internationale.

_____. *Televisão*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

_____. A Terceira. *Cadernos Lacan*, Porto Alegre, v 2, p. 61, 2001.

_____. *Le Transfert: 1960-1961*. Stécriture Version "Stecriture" Ecole Lacanienne de psychanalyse.

LADMIRAL, Jean-René. *Traduire: théorèmes pour la traduction*. Paris: Gallimard, [s.d.]

LE BARS, Armelle. La Néologie. *Cours de terminologie: Master 2, Recherche en Sciences du Langage*. Paris, Université de Paris III – Sorbonne Nouvelle, 2007.

LE PETIT ROBERT. dictionnaire alphabétique et analogique de la langue française, 2002.

LEMINSKI, Paulo; POE, Edgar Allan. *O corvo*. São Paulo: Expressão, 1986. (apêndice).

*LERAT, Pierre. *Les langues spécialisées*. Paris: PUF, 1995.

*MACIEL, A.M.B. Pertinência pragmática e nomenclatura de um dicionário terminológico. *Revista Internacional de Língua Portuguesa*. Lisboa, p. 69-76, jul. 1996.

MARTINS, Evandro Silva. A neologia na literatura: a criação milloriana. In: ISQUIERDO, Aparecida Negri; KRIEGER, Maria da Graça (Org.) *As Ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Campo Grande, MS: Ed UFMS, 2004. v. 3. p. 53-64.

_____. A Neologia na Literatura: a Criação Milloriana. In: ISQUIERDO, Aparecida Negri; KRIEGER, Maria da Graça (Org.) *As Ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Campo Grande, MS: Ed UFMS, 2004. v. 3. p. 53-64.

MEJRI, S.; SABLAYROLLES, J.-F. *Accueil et présentation de la journée Conscila "Néologie": problématiques actuelles de la néologie*. Paris: ENES, 16 mars 2007.

MELMAN, Charles. *Séminaire XV du 14 mars 2002*. Document interne. Association lacanienne internationale.

MENDES, Eliana A. de M. Neologismos em Guimarães Rosa: problemas de tradução. In: ENCONTRO NACIONAL DE TRADUTORES, 3., 1987, Porto Alegre. Porto Alegre: UFRGS, 1989.p 249-256.

*MESCHONNIC, Henri. *De la langue française*. Paris: Hachette, 1997.

*_____. *Poétique du traduire*. Paris:Verdier, 1999.

*MOUNIN, Georges. *Les problèmes théoriques de la traduction*. Paris: Gallimard, 1963.

MUNI TOKE, Valelia. Traduire l'inconscient dans la langue: signifiant et intentionnalité. L'exemple de l'*umheimlich* freudien. *Marges linguistiques*. n. 8, nov. 2004.

NASIO, J.-D. *Cinq leçons sur la théorie de Jacques Lacan*. Paris: Payot e Rivages, 2001.

OSÉKI-DEPRÉ, Inès. La traduction portugaise des *Écrits* de Jacques Lacan. *Marges linguistiques*, n. 8, nov. 2004.

PÉLISSIER, Yan et al. *789 Néologismes de Jacques Lacan*. Paris: EPEL, 2002.

PERALDI, François. Psychanalyse et traduction. *META*, Montréal, v. 27, n. 1, mars. 1982.

PILLA, Éda Heloísa. *Os Neologismos do Português e a Face Social da Língua*. Porto Alegre: AGE, 2002. 104 p.

PRUVOST, Jean; SABLAYROLLES, Jean-François. *Les Néologismes*. Paris: PUF, 2003.

*REY, Alain. *La terminologie: noms et notions*. Paris: PUF, 1992.

RIO TEIXEIRA, Marcus do. *Elogio da tradução*. Freud-Lacan. Association Lacanienne Internationale, Paris, 2005. Disponível em: <<http://www.freud-lacan.com/brasil/traducao.php>> Acesso em: 2 ago. 2007.

RIO TORTO, Graça. Caminhos de renovação Lexical: fronteiras do possível. *As Ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*, V. 3, p. 23-40, 2007.

ROCHA, Luiz Carlos de Assis. *Estruturas Morfológicas do Português*. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

ROUDINESCO, Elisabeth. *Jacques Lacan: esboço de uma vida, história de um sistema de pensamento*. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. *Dicionário de psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

SABLAYROLLES, Jean-François. *La néologie en français contemporain: examen du concept et analyse des productions néologiques récentes*. Paris: Honoré Champion, 2000.

SAINT-DRÔME, Oreste. *Dictionnaire inespéré de 55 termes visités par Jacques Lacan*. Paris: Seuil, 1994.

SANDMANN, Antonio José. *Formação de Palavras no Português Brasileiro contemporâneo*. Curitiba: Scientia et Labor/Ícone, 1998.

_____. *Morfologia Geral*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 1993.

_____. *Morfologia Lexical*. São Paulo: Contexto, 1992.

SANTANA DIAS, Maurício. A construção do mito Lacan. Disponível em: psiconet.com.ar/brasil/odisseia/folha.htm Acesso 18 ago. 2007.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Lingüística Geral*. São Paulo: Cultrix, 1995.

TEIXEIRA, Terezinha Marlene Lopes. *A lei do homem é a lei da linguagem*. Porto Alegre, 1986 (trabalho monográfico).

TRÉSOR de la langue française informatisé. Disponível em: www.atilf.atilf.fr

VALENTE, André. A produtividade Lexical em Diferentes Linguagens. In: AZEVEDO, José Carlos de (Org.) *Língua Portuguesa em Debate: conhecimento e ensino*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

VANIER, Alain. *Éléments d'introduction à la psychanalyse*. Paris: Nathan, 1996.

_____. *Lacan*. Paris: Les Belles Lettres, 2000.

*WÜSTER, Eugen. *Introducción a la Teoría General de la Terminología y a la Lexicografía Terminológica*. Barcelona: IULA/Universitat Pompeu Fabra, 1998.

ÍNDICE DE AUTORES CITADOS

ALLOUCH, Jean 1984
ALVES, Ieda Maria 1994, 1996, 1999, 2001, 2003, 2004 2006, 2007
ARNOUX, Danièle 1984
AUBERT, Francis H. 1992, 1998
ARRIVÉ, Michel 1999
ASSIS ROCHA, Luis Carlos de 1998
BARBOSA, Maria Aparecida 2000
BASÍLIO, Margarida 1980, 2001, 2004
BASTIANETTO, Patrizia 1998, 2002
BOULANGER, Jean-Claude 1979, 1990, 2003
CABRÉ, Maria Teresa 2006
CAMPOS, Haroldo de 1995, 2001
CARDOSO, Elis de Almeida 2004
CARVALHO 2000
CHEMAMA, Roland 1998
CLAS, André 1987 META XXV
CLÉRO, Jean-Pierre 2002
CORREIA, Margarita 2004
CUNHA, Celso 1978
DAMOURETTE E PICHON 1930
DUBOIS APUD GUILBERT 1969, 1973
DUBUC, Jean 1992
ESTOPÁ, Rosa 2000
FERRETTO, Ângela Jesuíno 2001
FINATTO, Maria José B. 2004
FREUD, Sigmund

GÉRARD, Grocy APUD BORDIER 2004
GRÉVISSE 1959
GRÉSILLON, Almath 1984
GUILBERT, Louis 1973, 1969, 1975
HANNES, L.A. 2002
HARARI, Roberto 2003
HERMANS E VANSTEELANDT, 1999
JACKOBSON, Roman MCMLXIX
KRIEGER, Maria da Graça 2004
LACAN, Jacques (em português) 1979, 1985, 1986, 1988, 1992, 1998, 1999, 2001, 2003
LACAN, Jacques (em francês) 1996, 1999
LE BARS, Armelle 2007
LEMINSKI, Paulo 1986
MARTINS, Evandro Silva 2004, 2007
MENDES, Eliana Amarante APUD BASTIANETTO 1998, 1987
MILLER, Jacques-Alain
MOUNIN, Georges
MINI TOKE, Valelia 2004
NASIO, J.D. 2001
OSÉKI-DEPRÉ, Inès 2004
PÉLISSIER, Yan 2002.
PÉRALDI, François 1982
PILLA, Éda 2002
PRUVOST & SABLAYROLLES 2003
REY, Alain 1976
REY-DEBOVE, Josette
RIO TEIXEIRA, Marcus 2005
RONDEAU 1984, APUD ALVES, 1999
ROUDINESCO, Elisabeth 1994, 1998
SABLAYROLLES, Jean-François 2000
SABLAYROLLES & MEJRI 2007
SAINT-DRÔME, Oreste 1994
SANDMANN 1988, 1992, 1993

SANTANA DIAS 2007

SAUSSURE, Ferdinand de 1995

TEIXEIRA, Marcus do Rio 2005

VALENTE, André 2000

VANIER, Alain 1998, 2000